

REVISTA
— DO —
INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO
DA BAHIA

Fundado em 1894, reconhecido de utilidade publica pela Lei n. 110 de 13 de Agosto de 1895

*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In præsens, validusque inveniens stimulus.*

1919 -- (1.º E 2.º SEMESTRES)

ANNO XXVI

N 45 - 46



BAHIA
IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO
Rua da Misericórdia, n. 1

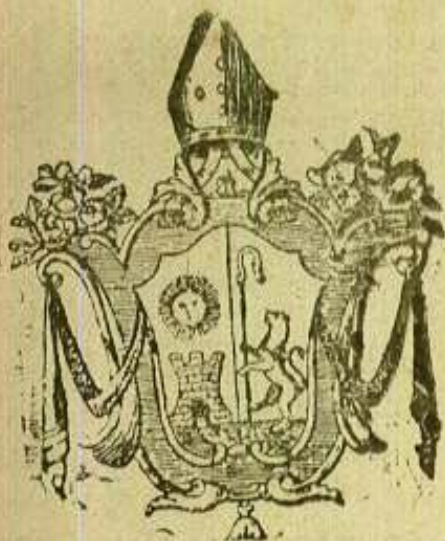
1919

O BRAZIL RELIGIOSO

Trabalho do Revm. Padre Fernando Pinto de Macedo, S. J.

(Vide «Revista do Instituto», n. 44)

Ordem Monastica de S. Bento



“Por mais esforçada que fosse, diz o saudoso Padre Julio Maria, na Memoria sobre a Religião, opulenta contribuição para o Livro do Centenario do Descobrimiento do Brazil, a Ordem de Santo Ignacio na evangelização e civilização do Brazil, mui grande era a seara, muito vasto o campo de batalha offerecido á Fé nas terras de Santa

Cruz. Eis porque, providencialmente, novas ordens religiosas appareceram e vieram concorrer com o Jesuita na conversão dos gentios, na construcção de igrejas, de hospícios, de collegios, de instituições pias e beneficentes. As principaes ordens religiosas que, depois dos Jesuitas, se estabeleceram no Brazil, foram a dos Benedictinos, a dos Franciscanos Capuchos de S. Francisco e dos Carmelitas Observantes. Todas tres se estabeleceram na epoca da colonização da Parahyba e sob o governo de Manoel Telles Barreto”.

Vamo-nos occupar agora da ORDEM BENEDICTINA, que nesta resenha reivindica o terceiro lugar.

O glorioso Patriarcha S. Bento, que deu seu nome a

esta insigne Ordem, nasceu em Nursia, cidade de Italia, no anno de 480. Retirou-se, na florescente idade de treze annos, de Roma para o deserto do monte Subiaco a fazer asperrima penitencia, lançando os alicerces ali a doze mosteiros.

Segundo se crê, foi durante o tempo que se demorou nesse monte que elle esboçou o primeiro plano da Regra, por que se rege a Ordem, e aggregou a si como discipulos os santos Mauro e Placido, sendo ainda meninos. Afastando-se dali para a solidão do monte Cassino, iniciou a instituição da vida monastica na idade de 49 annos. Nesse lugar, segregado do mundo e visinho a Deus pela celebração de seus louvores, findou seus dias o santo Patriarcha, aos 21 de Março de 543.

A Regra traçada pelo santo fundador foi approvada pelo Papa S. Gregorio Magno, o primeiro Soberano Pontifice saído dessa Ordem religiosa, no concilio celebrado em Roma em 595.

S. Francisco de Assis escolhia para sitio dos seus conventos valles umbrosos; S. Bento procurava o de airozas collinas e de largos horizontes.

Abrange esta Ordem muitas outras Congregações autonomas, como sejam os Cistercienses reformados ou Trappistas, e os Camaldulenses, dois dos quaes assistem em Parateca, no Estado da Bahia, 19 leguas distante do rio São Francisco. A Congregação Cassinense, que é a mais numerosa de todas, conta um total de 1.177 religiosos. Destinam-se os seus Monges ao ensino das sciencias ecclesiasticas e recebem o grão de bacharel, licenceado e doutor no Collegio de Santo Anselmo, em Roma, aonde reside o Abbade Primaz.

Com respeito a Portugal, a Ordem Benedictina foi uma das primeiras que houve naquelle paiz, e talvez a mais notavel de todas. Havia já seis seculos que este paiz era cultivado pelos filhos de S. Bento, diz Pedro Diniz, antes que Affonso I fosse proclamado nos campos de Ourique rei de Portugal. Eram designados ali pelo nome de monges negros, itrado da côr de sua cugula.

Quanto ao Brazil, que forma uma Congregação independente, installou-se no Mosteiro da Bahia, segundo reza o calendario adoptado na Ordem, no anno de 1582, proclamou-se Congregação separada em 1827, sendo restaurada no anno de 1895.

Esta Congregação tem brazão proprio, que encima o titulo do capitulo, sendo o timbre, que o explica, o commum da Ordem: *Ut in omnibus glorificetur Deus*—que vale o mesmo que dizer: Para que Deus seja glorificado em todas as cousas.

Introducção da Congregação Benedictina no Brazil—
 “A bôa estreia que houveram os Jesuitas em sua missão apostolica nas colonias de S. Vicente, diz o Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, illustre progenitor do Sr. Dr. Brazilio Machado, no *Quadro Historico da Provincia de S. Paulo*, induziu a outras confrarias cenobitas a virem ahi estabelecer-se. Foi assim que, em 1580, fundou-se em Santos o primeiro convento dos Carmelitas, sob a direcção de Frei Domingos Freire e com auctorização do governador geral Veiga, e no seguinte anno o dos Benedictinos, vindos de Portugal em companhia de Frei Antonio Ventura; e porque a crença religiosa da epoca se não satisfizesse com isso, novos conventos foram edificadas em Piratininga: o dos Carmelitas em 1596, e o dos Benedictinos dahi a dois annos, sendo-lhes annexa grande extensão de terras dentro e fóra dos povoados”.

Já desde esta primeira citação podem os leitores notar a falta de precisão e a variedade das datas, que se encontram nos diversos auctores, cujo intento não era tratar de proposito da epoca exacta da introducção das Ordens religiosas no paiz.

Esta mesma incerteza se acha tambem neste passo do notavel trabalho do Senhor Dr. Nelson de Senna—*A Contribuição Ethnographica dos Padres da Companhia de Jesus e dos Chronistas Leigos dos Primeiros Seculos*, redigido nestes termos: “As principaes dessas Ordens religiosas, concorrentes dos Jesuitas no serviço da catechese indigena, eram os Benedictinos, estabelecidos em 1581, na Bahia; os Carmelitas descalços, vindos em 1580 (1º. convento em Santos); os Carmelitas observantes, primeiramente installados em Olinda, 1585; os Frades Capuchos de Santo Antonio, tambem em Pernambuco, em 1584; os frades de S. Bento, com uma segunda Abbadia, em 1596, no Rio de Janeiro; os Capuchinhos, fundando novos conventos, no Sul e no Norte do paiz; e, sobretudo, operando na catechese dos indios amazonicos do valle do Rio Negro, os incansaveis frades Carmelitas”.

Neste *mare-magnum* de informações tão pouco pre-

cisas entre os auctores, que não chegaram a declarar as éras com exactidão, não podemos nós ter a presumpção de levar copiosa luz a certos recessos obscuros dos tempos que nos apparecem por vezes confusos.

Resta-nos o expediente de nos soccorrermos aos abalissados chronistas desses institutos, que ventilaram essas questões, e aos escriptores de bôa fé, que narraram os acontecimentos. Para mais facil solução de alguma duvida, em que vá topar o nosso empenho de aclarar com satisfação as epocas adduzidas pelos auctores talvez possa contribuir a justa ponderação, que põe em nota á pagina 7 o sabio auctor do opusculo, já por nós acima citado, *Os Franciscanos em S. Paulo*: "Era o costume dos Religiosos de, antes de fazerem o convento definitivo, construir uma residencia provisoria. Assim aconteceu com os Benedictinos de S. Paulo. A Abbadia data de 1598. Mas dois annos antes tinha chegado Frei Mauro Teixeira, que fundou uma ermida e o primeiro mosteirozinho". E' o que me parece ter-se tambem dado a respeito da fundação do mosteiro benedictino do Rio de Janeiro. Os monges benedictinos acharam-se ali provisoriamente, como commissarios (é o termo do Dr. Vicente Vianna), antes de se fundar o convento na cidade da Bahia, e só mais tarde é que aquella grandiosa cidade foi dotada com semelhante fundação. E' o que se deduz do que deixou escripto na sua importantissima "Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil e das Entradas das Religiões, e suas fundações, etc." o douto D. Frei Gaspar da Madre de Deus. Ouçamos dissertar sobre a sua Ordem ao historiador emerito das éras pauistas: "Em segundo ogar (isto é, *depois dos Socios da Companhia de Jesus*) vieram os Monges Benedictinos. Se eu déra attenção ás relações manuscriptas existentes no Mosteiro do Rio de Janeiro, havia de dizer que os Monges de S. Bento se estabeleceram no Brazil antes de 1580, porque a minha Ordem primeiro fundou os seus Mosteiros da Bahia e Olinda do que edificasse o do Rio de Janeiro, ao qual suppõem as memorias citadas nascido em 1580; julgo porém errada esta epoca e verdadeira a de 1581, supposto que existiram varios Missionarios Benedictinos em differentes tempos mais antigos em algumas partes brazilicas; e na cidade do Rio de Janeiro se acharam em 1565, como consta de uma escriptura de meia legua de terra no Iguassú, doada aos Padres

de S. Bento por Marqueza Ferreira, aos 7 de Dezembro do dicto anno; comtudo elles não permaneceram neste Estado até o anno de 1581.

O povo da cidade da Bahia requereu ao Capitulo Geral, celebrado em Lisbôa no anno de 1581, que se mandasse fundar um convento na dicta cidade, e o Padre Geral, frei Placido de Villasbôas, enviou, no mesmo anno, a este effeito o Padre Frei Antonio Ventura, com outros Monges. Em elles chegando á Bahia logo se deu principio ao Mosteiro que ali temos, o qual se uniu á Congregação de Portugal no Capitulo celebrado em Pombeiro em 1584; onde saiu eleito para Dom Abbade da Bahia seu fundador, o Padre Frei Antonio Ventura.

Em segundo lugar fundou-se o Mosteiro de Olinda, não sei quando, e o do Rio de Janeiro em 3 do mez de Outubro, em algum dos annos que correram entre 1581 e 1587 ou 1588, quando muito tarde, e não em 1589, como diz outra memoria do seu Archivo."

Era em Santos, a 3 de Julho de 1784, que dava esta informação ou compunha esta noticia D. Frei Gaspar da Madre de Deus. O Dr. Francisco Vicente Vianna, escrevendo sua obra *Estado da Bahia* no anno de 1893, repetia o que dissera aquelle historiador.

Passamos agora a citar o que deixou escripto Ignacio Accioli, nas *Memorias Historicas da Provincia da Bahia*, para vermos como elle combina com ambos os dois:

"Do Mosteiro de S. Martinho de Tibães, que depois formou a cabeça da Congregação dos Benedictinos em Portugal, saíram alguns em 1565 para o Rio de Janeiro em qualidade de missionarios, e o seu comportamento naquella cidade despertou os habitantes desta (*Bahia*) a pedirem ao Capitulo Geral, celebrado em Lisbôa em 1581, a fundação de um convento de religiosos desta Ordem, sendo então Geral Frei Placido Villasbôas, que no mesmo anno fez partir dali varios monges sob a presidencia de Frei Antonio Ventura, o qual depois de obter, em 15 de Abril do mesmo anno, a licença do governador Lourenço da Veiga, do bispo e da camara pela fundação do seu mosteiro, conseguiu do condestavel Francisco Affonso a maior parte do terreno que ora constitue o assento desse mosteiro... e, reunida a Congregação de Portugal em Capitulo Geral em 1584, foi o referido Frei Antonio Ventura eleito

abbade do novo mosteiro, que assim ficou desse anno até hoje regularmente estabelecido.”

Testimunho maior de toda a excepção nos offerece o Senhor Dr. Benjamin Franklin Ramires Galvão, nos *Apontamentos Historicos sobre a Ordem Benedictina*, que appareceram no tomo XXXV dos *Annaes do Instituto Historico Geographico Brasileiro*, Anno de 1872. E’ de notar que o Senhor Barão Ramiz Galvão, eleito socio do Instituto a 16 de Agosto de 1872, havia já, a 3 de Dezembro de 1868, proferido seu primeiro discurso como orador dos doutorandos de medicina, prefazendo-se no proximo passado Dezembro 50 annos exactos depois que encetou solememente a brilhante carreira da oratoria, data solemne pela qual nos congratulamos com S. Exa. Mas passemos á citação annunciada:

“Foi certamente em 1581 que, ao celebrar-se o 3º. Capitulo Geral da Congregação Benedictina lusitana, decidiu-se a vinda de religiosos desta Ordem para o Brazil: são accordes em o affirmar o auctor da *Bendictina lusitana*, Sebastião da Rocha Pitta na *Historia da America Portuguesa*, Roberto Southey em sua *Historia do Brazil* (t. 1º., cap. X) e o *Dietario* do mosteiro de N. Senhora de Monserrate do Rio de Janeiro da Ordem de S. Bento, precioso manuscripto que temos entre mãos. Succedeu que, estando os monges beneditinos em Tibães para capitulo, chegou-lhes uma representação dos moradores da Bahia de Todos os Santos, então séde do governo e principal colonia portugueza em America, pedindo aos padres capitulares houvessem de mandar-lhes religiosos de sua nova reformação; promettiam os piedosos colonos “fornecimento de todo o necessario para mantença destes religiosos, pois não lhes faltariam a elles com suas esmolas, dadivas e offertas, assim como não faltavam aos padres da Companhia, que já em grande numero e desde 1549 se achavam estabelecidos na cidade com collegio”. Veio o padre Frei Antonio Ventura com alguns monges, e, sob a protecção do bispo e moradores da terra, que os receberam com alegria e gasalhado, começaram a fazer seu mosteiro na ermida da igreja de S. Sebastião, que lhes foi doada, sendo governador do Estado Diogo Lourenço da Veiga.”

Esta uniformidade de pareceres, que os auctores proferem sobre este ponto particular, levou Roberto Southey a sair nestas veridicas palavras na sua *Historia do Brazil*,

posta em linguagem pelo Dr. L. J. de Oliveira e Castro: "Muitas ordens religiosas havia em Portugal, como a dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, Trinos, Paulistas, Dominicanos que nunca se fixaram no Brazil. Entretanto a Benedictina, a Carmelitana Calçada, Franciscanos Capuchos da Seraphica Reforma ou observantissimos foram, depois da Companhia de Jesus, os primeiros que aqui estabeleceram casas, segundo dissemos."

Progresso da Ordem no Brazil—Sobre a data da fundação de outros mosteiros ha differença entre os auctores, como veremos já succeder a respeito da fundação do mosteiro do Rio. D. Frei Gaspar da Madre de Deus designa a data de 3 de Outubro dentre os annos que decorreram entre 1581 e 1587 ou 1588, quando muito tarde. Segundo uma certa opinião, que parece bem fundada, no anno de 1586 foram mandados pelo Abbade da Bahia, Frei Antonio Ventura, o Prior Frei Pedro Ferraz e Frei João Porcalho ao Rio, a promover essa fundação.

O Senhor Dr. Ramiz Galvão affirma que os monges benedictinos vieram para a cidade do Rio de Janeiro, a pedido della, no anno de 1589, que o primeiro Abbade do mosteiro benedictino foi Frei Ruperto de Jesus, e que mudaram o titulo do orago da Conceição pelo de Monserrate.

Por sua parte o Sr. José Francisco da Rocha Pombo, diz, na sua notavel e recente *Historia do Brazil*, que "a fundação do mosteiro de Monserrate do Rio começou em 1590 ou 91, vindo effectual-a da Bahia dois padres: Frei Pedro Ferraz e Frei João Porcalho, os quaes foram muito bem recebidos pelo velho Salvador Corrêa e agasalhados numa ermida de N. Senhora do O', que existia no lugar, onde mais tarde levantaram os Carmelitas o seu convento, donde se mudaram para os dois outeiros actuaes de S. Bento e da Conceição."

Foi o Marquez das Minas, D. Francisco de Souza, pela muita devoção que consagrava á Virgem de Monserrate, quem insinuou aos religiosos Monjes que a tomassem por padroeira da nova igreja, que levantaram, abolido o titulo da Conceição da primitiva ermida. (Fr. Agostinho de Santa Maria—*Santuário Mariano*, T. X).

Pela renuncia que fez D. Gerardo van Caloen do cargo de Archiabbade da Congregação benedictina no Brazil e de Abbade do Mosteiro de S. Bento do Rio, foi eleito, por unanimidade de votos, para occupar o lugar de Archiabbade

D. José de Santa Escolastica Faria, brasileiro de nascimento, natural de Paranaguá, que conta 68 annos de idade. D. José fez o noviciado em Roma, para onde foi enviado com mais dois companheiros, pelo então Abbade do Mosteiro do Rio, D. José da Purificação Franco. Permaneceu em Portugal, no Mosteiro de Cucuiães, até o anno de 1910, em que regressou ao Rio de Janeiro. Depois de chegado, foi D. José nomeado, pelo seu Abbade, Superior do Mosteirozinho de S. Gerardo do Alto da Boa Vista, na Tijuca, e encarregado por Sua Eminencia, o Sr. Cardeal D. Joaquim de Arcoverde Cavalcanti, da pastoreação daquella povoação. Foi empossado no cargo a 1.º de Janeiro de 1919.

Muito é de esperar para o bem do Brazil e da Religião do governo do venerando benedictino, altamente recommendado pelas eximias virtudes e pelos dotes oratorios que o exornam.

A capella da Graça, fundada por Catharina Alvares Paraguassú, foi, no dizer do Dr. Vicente Vianna, doada com os terrenos circumjacentes por escriptura passada, aos 16 dias do mez de Julho de 1586, aos freires de S. Bento e que estes levantaram ali um mosteiro, e que mais tarde o Abbade D. Frei Ignacio da Piedade Pinto, como se lê em uma lapide á porta da igreja, reedificou a capella, começando a obra em 11 de Outubro de 1770. Foi aquella escriptura feita pelo tabellião, como nella se diz, na povoação do Pereira, limite da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, partes do Brazil, estando elle na dicta povoação, nas pousadas e moradas de Catharina Alvares Caramurú, e bem assim os Reverendos Padre Luiz da Gran, da Companhia de Jesus, e o Padre Abbade Frei Antonio Ventura, da Ordem do bemaventurado S. Bento. Serviram de interpretes na feitura della por parte de D. Catharina o Padre Luiz da Gran e o Irmão João Alvares da dicta Companhia... A fundadora jaz sepultada na capella mór da igreja da Graça, em campa rasa, em cuja pedra tumular, lavrada com brazão de nobreza relevado, se lê aberto ao buril este epitaphio: *Seputura de D. Catharina Alvares Paraguassú, Senhora que foi desta Capitania da Bahia, a qual ella e seu marido Diogo Alvares Corrêa, natural de Vianna, deram aos Senhores Reis de Portugal. Edificou esta Capella de Nossa Senhora da Graça, e a deu*

com as terras annexas ao Patriarcha S. Bento, em o anno de 1582.

Já Jaboatam faz notar, no seu *Orbe Seraphico Brasileiro*, que “este anno de 1582 se acha emendado no seu algarismo em o livro do tombo do mosteiro de S. Bento da mesma cidade (Bahia), declarando que fôra feita esta doação a 16 de Julho de 1586”.

O mosteiro da cidade de Olinda, se damos credito a uma Relação inserta nos Annaes da Bibliotheca Nacional, foi fundado no anno de 1592. Frei Gaspar da Madre de Deus diz que, em 1592, viviam os Monges de Olinda debaixo da obediencia do seu Prelado Frei Bento do Rio Douro.

A 8 de Novembro de 1656 o Mestre de Campo D. Francisco Barretto de Menezes, Governador então da Capitania de Pernambuco, fazia doação aos religiosos do Patriarcha S. Bento do mosteiro da villa de Olinda da capella dos Guararapes, da invocação de N. Senhora dos Prazeres, por elle instituida em commemoração das batalhas ali ganhas contra os hollandezes, em 1648 e 1649.

O mosteiro de S. Paulo foi começado, segundo os informes, que temos, a 13 de Setembro de 1598, data em que se lançou a primeira pedra á ermida de N. Senhora da Conceição. Para tal effeito veio da Bahia a S. Paulo, enviado pelo seu Abbade geral, Frei Mauro Teixeira, natural da ilha de S. Vicente, e Frei Matheus da Ascensão, designado Prior do futuro Mosteiro, trazendo por companheiros a Frei Antonio da Assumpção e a Frei Bento da Purificação.

Vieram todos estes monjes na comitiva do Governador Geral, D. Francisco de Souza, empenhado nessa conjunctura em descobrir as minas de oiro e prata, para o que se fez acompanhar de um engenheiro e de um mineiro, ambos allemães. Abbade benedictino em S. Paulo é actualmente D. Miguel Kruse.

Dependente do Mosteiro de Olinda era o Mosteiro de Monserrate na Parahyba do Norte. O Senhor Dr. Ramiz Galvão narra-nos que Frei Damião da Fonseca, Dom Abbade do mosteiro de Olinda, se dirigiu em 1595 á Parahyba para tratar de uma fundação ali; que o terreno para o novo mosteiro foi comprado a 11 de Agosto de 1600; e que no anno de 1660 fôra o mosteiro restaurado por D. Frei Paulo do Espirito Santo, por achar-se

damnificado em consequencia da guerra contra os holandeses.

O Mosteiro de S. Bento de Parnahyba teve principio em 1643 com a doação, que fez de uma capella, o capitão André Fernandes, fundador da mesma villa, como consta do testamento deste paulista.

O Mosteiro de S. Bento, em Santos, foi fundado em 1650, com auctorização da Provincia da Bahia, em terrenos doados por Bartholomeu Fernandes Mourão, por escriptura do mesmo anno, comprehendendo a capella da Senhora do Desterro nelles existente. O edificio, que hoje perdura, foi começado em Dezembro de 1725, sendo Presidente D. Frei Pedro de S. Caetano.

O mosteiro de S. Bento em Sorocaba foi fundado pelo capitão Balthazar Fernandes, fundador da dicta villa, a 21 de Abril do anno de 1660. Este, por publico instrumento de escriptura, fez doação perante o reverendo padre Presidente do mosteiro da villa de Parnahyba, D. Frei Thomé Baptista, e bem assim do reverendo padre D. Frei Anselmo da Annunciação, da igreja de N. Senhora da Ponte com toda sua fabrica, sita na passagem chamada Sorocaba, aos reverendos padres do Patriarcha S. Bento, do mosteiro de Parnahyba. Para dotação da dicta igreja, apropriou-lhes e doou-lhes terras e pertences.

O Mosteiro de S. Bento de Jundahy foi fundado por Estacio Ferreira e Dr. Frei Francisco da Visitação, que para isso obtiveram uma sesmaria de terras a 26 de Janeiro de 1668, concedida pelo capitão-mór Agostinho de Figueiredo, loco-tenente do donatario da capitania de S. Vicente.

As noticias que damos destes mosteiros, acham-se exaradas nos *Apontamentos da Provincia de S. Paulo* por M. E. de Araujo Marques.

Na Colonia Helvetica, na linha de Ytú a Campinas, ha uma capella consagrada a S. José, que é servida pelos monges beneditinos.

A cargo do Mosteiro de S. Bento, da Bahia, está o curato da visinha capella de N. Senhora de Monserrate, a qual, edificada entre os annos 1608-1614, veio a pertencer-lhe em virtude do testamento do bahiano Garcia d'Avila.

Resumindo todo o exposto, contava a Ordem bene-

dictina em 22 de Junho de 1833 cincoenta e dois religiosos em todo o paiz, distribuidos por 11 mosteiros, em cujo numero entravam sete abbadias, a saber: a de S. Sebastião da cidade da Bahia, a de S. Bento de Olinda em Pernambuco, a de N. Senhora de Monserrate no Rio de Janeiro, a da mesma invocação na Parahyba do Norte, a de N. Senhora da Assumpção na cidade de S. Paulo, a de N. Senhora da Graça no suburbio da cidade da Bahia, a de N. Senhora de Brotas, no termo da Villa de S. Francisco, na cidade de Santo Amaro, e quatro Presidencias, a primeira das quaes na villa de Santos, a segunda em Sorocaba, a terceira em Parnahyba e a quarta em Jundiaby, no Estado de S. Paulo.

Acresce aos mosteiros já apontados o novo Mosteiro de Queixadá, Ceará, edificado por diligencias de D. Gerardo van Caloen, Abbade então do Mosteiro de Olinda, com o fim de servir de casa de estudos para os clerigos da Ordem, onde a mocidade pudesse entregar-se tranquillamente ao exercicio dos estudos, sem se ver continuamente exposta ao perigo de ser dizimada pela febre amarella, como succedia com frequencia quando assistia no Mosteiro de Olinda. O terreno, em que se fundou, foi doado pelo Conego Lucio Ferreira, Vigario de Queixadá, fallecido no anno de 1914, sendo obtidos por compra, na maior parte, os terrenos que constituem o patrimonio.

Desembaraçada já dos entraves, em que se prende com a pesquisa intrincada de datas obscuras, procede já mais corrente, egual e desafoçada esta narrativa.

Duas datas notaveis se deram na vida da Congregação Benedictina brasileira: primeira, a erecção em Congregação independente, separada de sua irman primogenita de Portugal, auctorizada por Bulla do Papa Leão XII *Inter gravissimas curas*, dada ao 1.º de Julho de 1827, tendo sido solicitada por D. Frei Antonio do Carmo, Provincial pelo tempo da Ordem de S. Bento. Destacaremos dessa Bulla a seguinte importante passagem, trasladada do latim, a qual conduz para a historia: "Tomando os esclarecidos exemplos dos seus maiores e applicando-se com summa diligencia ao estudo das disciplinas humanas e divinas, procurem instruir a mocidade dum modo especial nas asgradas doutrinas, tendo além disso em vista que as escolas do mosteiro se franqueiem tambem aos moços externos, de sorte que tambem a elles seja dado poderem

com facilidade frequentar os mosteiros existentes no Imperio do Brazil, para se formarem nas materias philosophicas e theologicas, como sempre, com utilidade da republica, tiveram por costume fazel-o, em muitas regiões da Europa, os filhos da Familia Benedictina”.

A outra data memoravel foi a do primeiro Capitulo Geral, celebrado a 17 de Junho de 1829 pela Congregação Benedictina no Mosteiro da Bahia, depois de separada da obediencia que a ligava á casa-matriz de Portugal, Saiu nella eleito Dom Abbade Geral da Congregação brasileira D. Frei José de Santa Escolastica.

E pois, incidentemente, nos leva o discurso ao Mosteiro de S. Bento da Bahia, que foi por tantos annos cabeça da Ordem no Brazil, tomamos a liberdade de fazer aqui uma ligeira digressão sobre a sua bella igreja, consagrada ao martyr S. Sebastião, a qual é uma magnifica joia de architectura, um verdadeiro primor artistico, que sobre modo enaltece a nossa terra.

Dizem que veio para ella do reino toda a cantaria lavrada, polida e já afeiçãoada para ser assente neste local. Além de constituir um bello ornamento da cidade, é também um centro aonde afflue a élite da sociedade bahiana, por concorrer nesse excelso templo tudo o que pode accendrar a piedade dos fieis. A excellencia e primor do culto divino, a magnificencia e o esmero das ceremonias, a audição da musica sacra, a ornamentação aprimorada, sobria e esthetica dos altares possuem naquelle sagrado recinto o condão especial de arrebatrar o espirito e de inflamar as almas no amor de Deus. Descobre-se daquelle ponto uma surprehendente vista do mar, que lhe envia suas fagueiras brisas; a posição, que occupa no alto da cidade, faz que, com os primeiros sorrisos da alvorada, receba as fervidas saudações dos crentes, que pressurosos correm á casa da oração a dedicar ao sempre desvelado Sol as primicias de cada dia, o qual os cobre de suas benções e os favorece com seus resplendores.

Não parece senão que estava bem alegre e influido em Deus o espirito do architecto, que concebeu o plano e delineou a planta de um assim grandioso templo, e que o habil artista envidou todos os esforços da sua arte em armar uma tal machina e em a decorar com todos os primores do seu cinzel.

Não pode a cidade em peso deixar de estremecer este

precioso relicario da sua piedade nem de acatar esta memoria veneranda dos seus antepassados, cujas cinzas religiosamente guarda encerradas em urnas de alabastro ou em humildes jazigos.

O seu primeiro Prior D. Frei Antonio Ventura dorme dentro do Mosteiro em sepultura rasa, o somno dos justos, á entrada da sala do Capitulo, sobre cuja lousa se divisa inscripta a data de 1591.

Informava o bem redigido *Democrata*, do dia 20 de Junho de 1916, que os ultimos Piores brasileiros, todos sem excepção bahianos, da Ordem benedictina do Mosteiro da Bahia, foram os seguintes monges: Joaquim da Purificação Araujo, Jesuino da Conceição Mattos, Lourenço de Santa Cecilia, Manoel do Espirito Santo Moutinho, Joviniano de Santa Delfina Barauna, o qual occupou tambem o cargo de Abbade do mosteiro de Sorocaba, Domingos da Transfiguração Machado, Manoel da Conceição Monte, Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, Antonio da Conceição Gomes Amorim, e Antonio da Conceição de Maria Gomes. Interinamente se acha no governo do Mosteiro da Bahia o Abbade do Mosteiro do Ceará, D. Ruperto Rudolf.

Ultimamente os Superiores da Ordem benedictina no Brazil, obtemperando á vontade expressa de Sua Santidade, o Papa Bento XV, que deseja summamente que se organizem com o maximo empenho os estudos superiores da mocidade monastica, tomaram a decisão de reunir todos os jovens professos na *Casa de Estudos*, que funciona no Mosteiro de Sorocaba. Em consequencia desta medida, seguiram do Ceará levando caminho dessa cidade os neo-professos do Mosteiro de Santa Cruz na serra de Santo Estevam perto de Queixadá, a fim de se adextrarem no mister de professores do curso gymnasial que ali mantêm. Ficou no Mosteiro Cearense apenas o Prior, D. Vanderrillo, com mais dois sacerdotes e dois irmãos leigos, administrando o patrimonio, acudindo aos pobres da serra de Santo Estevam e olhando pelo futuro da casa benedictina do Ceará. Assim informava a "Gazeta do Povo" de S. Paulo.

Louvaveis esforços e resultados.—Foi a Ordem de S. Bento que introduziu a vida monastica no Occidente. Dos monges de S. Bento diz o eximio estylista dominicano, Luiz de Souza, que *são gente que vive em notavel*

observancia. Consagram-se ao ensino, ao exercicio da caridade e á pratica da virtude. Quanto ao zelo de conservar e dilatar a fé, tem esta antiquissima Religião por escopo melhorar, corrigir, santificar as multidões no povoado, e tirar das trevas do gentilismo, nos sertões brasileiros, os indios que se acham mergulhados nas trevas da superstição. Ella estabeleceu, no seculo XVII, um aldeamento nos campos dos Goytacazes.

Dirigem os beneditinos no Rio de Janeiro, já de longa data e com satisfactorios resultados, o Gymnasio de S. Bento. Foi este conceituado Gymnasio fundado pelo monge beneditino, Bispo mais tarde do Maranhão, Mgr. D. Luiz da Conceição Saraiva, no anno de 1858, o qual vem a ser talvez, excepção feita do seminario de Olinda fundado em 1798, o mais antigo dentre os estabelecimentos de ensino organizados no Brazil, depois de encerrados os que abriram os Jesuitas. A 22 de Dezembro de 1915 divulgava pela imprensa o dignissimo Reitor deste Gymnasio, D. Pedro Eggerath, a seguinte declaração:

"Hoje temos o prazer de annunciar que o nosso Gymnasio, completando-se, vae ser augmentado, com um internato moldado pelo que ha longos annos funciona na Abbadia de S. Bento, de S. Paulo. Começaremos com cem internos. Com o volver do tempo esse numero irá em crescimento".

Na Abbadia de N. Senhora de Monserrate, de S. Paulo sustentam os Benedictinos outro Gymnasio; e tambem um Collegio na Abbadia de S. Bento de Olinda. Abriram tambem ali ultimamente uma Escola Agricola e Veterinaria, bella e fecunda iniciativa da Ordem benedictina, que honra o passado glorioso dos filhos de S. Bento, e que vem preencher um claro existente no ensino profissional do Estado de Pernambuco.

Annexo e dependente do Mosteiro de Monserrate, em Parahyba, floresce o orfanato de D. Ulrico, benemérito beneditino, a cuja abençoada memoria se vae erguer uma estatua diante desse instituto.

Conforma-se isto com o espirito da Ordem no Brazil, a qual, desde 1855, criava aulas gratuitas com tres cursos: primario, secundario e superior ou theologico.

O zelo da salvação das almas tanto retem em commodos mosteiros aos Benedictinos consagrados aos altos estudos da theologia, archeologia e sacra lithurgia, como os leva

ás incultas brenhas do longinquo sertão a entregarem-se ás arduas fadigas do apostolado. Assim é que na circumscripção da Metropole do Pará cultivam as missões entre os silvicolos do Rio Branco, sob a Prelazia Apostolica de D. Gerardo van Caloen.

A Ordem Benedictina impulsionou desinteressadamente o movimento em favor da redempção dos escravos, quer alforriando, a 29 de Setembro de 1871, a todos os seus escravos em numero superior a 4.000, quer admittindo-os como foreiros de suas fazendas, e prestando ao Governo Imperial todo o apoio.

* * *

Entre os muitos nomes de Benedictinos celebres, que illustraram os fastos da sua benemerita Ordem por actos de sublime abnegação em beneficio do proximo, brilha o de um notavel religioso, que obteve no gremio da sua Ordem o nome de D. Mauricio, e que no seculo era chamado Adalberto Prichzi. Os Annaes do Instituto do Ceará, Anno de 1907, pag. 415, consagraram á sua memoria uma honrada noticia que, pelos muitos feitos que encerra em breves linhas, se lhe podia por na lousa sepuchral. Passamos a archival-a, reduzida a poucos termos, por nella se reunirem os acontecimentos principaes da historia benedictina da nossa idade.

A's 21 horas do dia 13 de Janeiro de 1907 chamava Deus para si no novo mosteiro do Ceará a bella alma de D. Frei Mauricio Prichzi, o qual por ter servido, em 1899, de enfermeiro dos amarelentos nos hospitaes de Pernambuco, ao lado dos seus irmãos de habito, já se julgava indemne ao mal, pelo qual veio a ser victimado. Por outra parte elle conhecia de sobejo estar já fechado o prazo de quinze annos, que pedira a S. José lhe concedesse de vida quando, sendo ainda postulante, em 1891, retirado a um logar da Abbadia de Emaús, em Praga, se vira ameaçado pelos funestos symptomas da tuberculose.

No prazo destes quinze annos, dispensados por S. José, que passou sobre a terra, foi sua vida um verdadeiro prodigio de actividade. Empregou-os todos a estudar, a preparar-se para receber as ordens sacerdotaes, e a trabalhar em proveito do proximo. Concluido o curso dos estudos no espaço de tres annos, que de ordinario abrange sete, entrou para o noviciado da Ordem benedi-

ctina no mez de Abril de 1895. A 26 de Abril do seguinte anno emittia os votos de professo.

Deu-se logo a aproveitar todo o tempo, que lhe restava de vida, certo de que lhe estava de ante-mão taxado.

Veio, em 1898, destinado ao Mosteiro de Olinda, onde havia de ser um dos obreiros da reforma da Ordem, effectuada em 1903, como o foi aqui na Bahia o insigne Abbade Geral D. Domingos da Transfiguração Machado, fallecido na Bahia ao 1º. de Julho, com 84 annos de idade, 61 de sacerdocio e 67 de profissão.

Ficou indelevelmente assignalada a sua entrada naquelle mosteiro, dum modo especial, pelo que diz respeito á parte financeira e administrativa delle. Reclama, porém, o Ceará para si a honra de ter sido o campo fertil de seus labores. Acompanhou a D. Gerardo van Caloen, na viagem que empreendeu ao Ceará, na determinação de achar um local apropriado para uma casa de estudos. Emquanto D. Gerardo ficava na cidade da Cachoeira tratando-se dos inconvenientes e molestias que causa uma jornada a cavallo, proseguiu D. Mauricio sósinho a viagem até ao Crato, donde só regressou no mez de Outubro, com a saude combalida, nervoso e falho de forças, para Olinda. Recolheu-se dali para o seu velho Mosteiro de Emaús, residiu em Beuron e ascendeu ao sacerdocio a 15 de Julho de 1900.

Instantes pedidos do seu venerando Superior fizeram-no volver de novo ao Ceará, ainda que mais lhe sorrisse o remanso do Mosteiro da Bahia. Em Maio de 1901, apenas lá chegado, entrou a exercer o cargo de Prior em substituição de D. Majolo de Caigny, o illustrado philosopho e scientista bem conhecido entre nós.

A partir de então, pelas horas da sua vida se contaram os serviços prestados ao esplendor do culto, á direcção das consciencias, ás obras do novo mosteiro iniciadas em 1902 e concluidas a 25 de Dezembro, epoca em que começou a ser habitado, á construcção do Collegio de S. José, que lhe absorveu todo o cuidado, cuja inauguração foi em 1903, á assistencia lucida, zelosa e paternal prestada a essa brilhante pleiade de moços, que têm ido haurir naquelle estabelecimento os seus conhecimentos scientificos e literarios e um vasto preparo moral e religioso.

Sob sua sabia inspecção tudo medrava a olhos vistos, a todos abraçava a sua solicitude que provia a tudo.

Foi para elle nocivo e critico o anno de 1906. Sentindo faltarem-lhe as forças, retirou-se á serra de Baturité levando em vista recobrar-se das fadigas passadas. Quando della se despediu foi com presentimento de que não mais a tornaria a ver. Foram estas suas ultimas palavras pronounciadas nos paroxysmos da morte: "Meu Deus, meu Deus", ao qual desde ha muito offerecêra a vida sem reserva para a empregar toda em sua gloria. Cortou-lhe a morte a flôr da vida aos 36 annos de idade, tendo nascido a 16 de Abril de 1870.

Não podemos deixar de celebrar aqui a insigne memoria de D. Frei Gaspar da Madre de Deus, *varão de tão grandes letras como de preclaras virtudes*, na phrase auctorizada do Sr. Barão Ramiz Galvão.

Nasceu Frei Gaspar, o segundo de seis irmãos, a 9 de Fevereiro de 1715 na fazenda de Sant'Anna, situada na Villa de S. Vicente. O facto de registo do seu baptismo haver sido feito em Santos induziu muitos a crer que o historiador nascêra nesta cidade. Admittido á Ordem de S. Bento pelo Abbade Provincial do Brazil, D. Frei Antonio da Trindade, seguiu em sua companhia para a Abbadia Geral da Bahia, de que era então prelado seu tio avô, D. Frei João Baptista da Cruz. A 4 de Agosto de 1731 entrou no noviciado, e a 15 de Agosto de 1732 "recebia, diz Pedro Taques, seu parente, a illustre cogula do seu Santo Patriarcha, fazendo profissão com o nome de Frei Gaspar da Madre de Deus". Teve por mestre de noviciado a D. Frei Antonio de S. Bernardo, verdadeira illustração da Provincia Benedictina Brazileira. Em Agosto de 1740 concluiu Frei Gaspar os seus estudos com exames finaes, em que obteve o diploma de substituto e auxiliar do curso dos seus mestres, conferido por estes e pelo Abbade Benedictino. A 28 de Dezembro de 1752 saiu eleito no Capitulo Geral da sua Ordem Abbade do Mosteiro de S. Paulo, cargo que declinou. A 2 de Outubro de 1763 assumia o governo da Abbadia Fluminense. Em 1769 voltava Frei Gaspar, depois de eleito Provincial da sua Ordem, para Santos. Em 1784 redigia a *Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil, etc.*, publicada, posthuma, por indicação do Cons. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. Em principios do anno 1798 recebia os

3

primeiros volumes da sua obra principal: *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*. Veio a fallecer, em S. Paulo, a 28 de Janeiro de 1800, na idade de 85 annos, cheios da merecimentos.

Coroemos este capitulo com a breve menção do insigne monge benedictino D. Domingos de Loreto Couto, que nos deixou em tempos idos a importante obra: *Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*, dedicada em 26 de Março de 1757 a El-rei D. José I.

Mereceu por esta producção historica e literaria firmar seu nome entre os insignes escriptores, que enriqueceram os Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, em cujos Tomos XXIV e XXV se acha incluída sendo tambem depois tirada em volume á parte.

MONJAS BENEDICTINAS

A Ordem benedictina femenina é contemporanea da dos monges dessa Ordem, e foi fundada por Santa Escolastica, irman de S. Bento, proclamada sua primeira Abbadessa. Possui o Brazil o Mosteiro de Santa Maria, em S. Paulo, que é a primeira abbadia de monjas benedictinas, neste paiz, composta de trinta religiosas, todas de nacionalidade brasileira. Já antes fôra chamada de Inglaterra a Monja Prioreza Domitilla Tolhurst, de Stanbrook, para vir presidir á fundação brasileira. Mas a morte veio-a colher em pleno mar, a 15 de Outubro de 1911, na idade de 51 annos, fazendo mallograr-se esse intento.

Recebeu ultimamente esta Abbadia instituição canonica na occasião de ser sagrada Abbadessa, a 8 de Abril de 1918, a Exma. D. Abiab da Silva Prado, que adoptou na Religião o nome de Gertrudes. Esse solemne acto, a que presidiu, como sagrante, o Exmo. D. Duarte Leopoldo, Arcebispo de S. Paulo, foi auctorizado por Breve do Santo Padre Bento XV. D. Gertrudes Cecilia da Silva Prado fez o seu noviciado em Stanbrook, Inglaterra, donde voltou para o Brazil em 1911, indo occupar o novo Mosteiro de Santa Maria, por ella fundado e ainda por concluir. Ha Benedictinas terceiras na cidade de Sorocaba, aonde regem no Collegio de Santa Escolastica os cursos primario e secundario, e tambem assistem na cidade de Olinda.

Ordem Carmelitana



Memoria historica escripta por Frei Manoel Baranera Serra, Superior Provincial do Convento do Carmo da Bahia.

Conforme diz Baena (*), citado pelo jesuita Padre Raphael Maria Galanti—*Historia do Brazil*, vol. III, pag. 118: “Os Religiosos Carmelitas fazem amanhecer a luz do Evangelho em as numerosas variedades de rudes silvicolas do Rio Negro...

No que certamente operam grande serviço não só a Deus e á Igreja, sinão tambem ao Estado, porque, arrancando aquelles homens naturaes da selvaticueza e nullidade em que vivem, augmentam o numero dos habitantes activos, que podem com seu trabalho possivel dar existencia á maior somma de productos necessarios, uteis e agradaveis”.

Mas, foi sómente entre os rudes silvicolas do Rio Negro que os Carmelitas prestaram relevantes serviços á Religião e ao Estado no Brazil? Não, a sua actividade apostolica foi muito mais além; o raio da sua benefica e sempre crescente acção desde bem cedo se dilatou do norte ao sul do vastissimo territorio brasileiro, espalhando uma extensa e travada rede de conventos, hospicios e casas de missão que, como luminosos focos de instrucção religiosa, devem ter contribuido poderosamente para promover a obra civilizadora da catechese entre os indios, e facilitar a prégação da palavra divina e a administração dos soccorros espirituaes entre os europeós, que vieram para aqui habitar.

Para que mais facilmente resalte a verdade do que levamos dicto, tomamos a cargo expor, ainda que de relance e sem entrar em pormenores e minudencias, que

(*)—Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha (Visconde de Sanches da Baena) nasceu na freguezia de Vairão, Concelho de Villa do Conde, em 1822. Seguiu o partido de D. Miguel. Embarcou para o Brazil e formou-se em medicina. Voltou em 1867 para Portugal. Homem de letras muito notavel, os seus trabalhos de investigação occupam um lugar muito distincto na literatura portugueza.

a indole deste trabalho não comporta, qual tenha sido a origem e o desenvolvimento com que se radicou esta illustre Corporação Religiosa no Brazil.

Do rapido estudo que fizemos sobre esta materia, compulsando diversos auctores e documentos, que della tratam, conseguimos apurar e formular o que nesta despretenciosa Memoria offerecemos á illustrada consideração dos nossos leitores, afastada toda a idéa de provocar polemicas, levando apenas o intento de prestar o nosso concurso, ainda que insignificante, aos alevantados intuitos dos cultores da Historia das Ordens Religiosas no Brazil.

Assim pois, dando principio a este modesto trabalho, dizemos, com o notavel historiador Frei Manoel de Sá, que, havendo resolvido o Serenissimo Cardeal — Rei D. Henrique se fundasse a cidade da Parahyba, mandou equipar para esse effeito uma poderosa armada, confiando o commando della a Fructuoso Barbosa, fidalgo da casa real, em quem concorriam não só os titulos de nobreza de sangue, como tambem os dotes de um experimentado navegante, e, visto como o principal intento do monarcha era a dilatação da fé catholica e a salvação das almas dos seus vassallos, ordenou ao dicto Fructuoso Barbosa que trouxesse consigo naquella expedição alguns religiosos da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, por intender ser isso muito do agrado de Deus, pelo bom serviço que lhe prestariam, particularmente na conversão dos infieis.

Governava a esse tempo a Provincia Carmelitana de Portugal, com séde no Convento de Lisbôa, o Muito Reverendo Padre Mestre Frei João Cayado como Vigario Provincial, e este, de accordo com os Definidores Frei Pedro Brandão, depois consagrado em Bispo de Cabo Verde, Frei Rodrigo de Souza e Frei Antonio Caldeirão, resolveu ser muito conveniente tanto ao credito da Religião como ao serviço de Deus deferir á vontade de sua Majestade, pelo que elegeu para aquella empresa a quatro religiosos sacerdotes professos de provadas virtudes, além de excellentes prégadores, cujos nomes, transmittidos pela historia, são Frei Alberto de Santa Maria, Frei Bernardo Pimentel, Frei Antonio Pinheiro e Frei Domingos Freire, o qual nessa occasião foi nomeado como Superior dos seus companheiros, conforme consta da patente que, ao

partirem, lhes foi entregue pelo dicto Vigario Provincial, datada e assignada em Lisbôa, a 26 de Janeiro de 1580.

Munidos, portanto, desta patente, que muito os recommendava, e acreditava dum modo especial, perante o Bispo da Bahia e seus Vigarios e Curas, partiram os quatro mencionados religiosos Carmelitas de Lisbôa, ordenados ao Brazil, no fim do mesmo mez de Janeiro de 1580, compondo a expedição conduzida pelo referido Fructuoso Barbosa e, chegados felizmente a Pernambuco, foram logo muito bem accollhidos e acceitos, quer pelo clero, quer pelo povo daquella Capitania, occupando a Sé Episcopal de todo o Brazil o Illm.^o D. Frei Antonio Barreiros. Tendo, porém, ficado em Pernambuco a expedição de que faziam parte os Carmelitas recém-vindos, ali começaram a entregar-se, como zelosos missionarios, não sómente á conversão dos gentios mas tambem á melhora dos costumes dos novamente convertidos. Nesta occupação de missionarios passaram os Carmelitas o primeiro bem augurado periodo da sua entrada no Brazil, recolhendo entretanto copioso fructo espiritual, mui particularmente, dos moradores da cidade de Olinda e da sua Camara, cujos officiaes, inspirando-se nos sentimentos de sympathia e benevolencia, com que o povo se declarava em favor dos Carmelitas, cederam por doação uma extensa porção de terreno com a capella de Santo Antonio, para os dictos Carmelitas se estabelecerem junto da cidade, fundando ali seu primeiro convento nestas hospitaleiras plagas do Brazil.

Pelo que o Capitulo Provincial, reunido na cidade de Beja a 30 de Abril de 1583, auctorizou, na expansão do mais sincero jubilo, a projectada fundação do Convento de Olinda, para cuja realisação foi, no anno seguinte, concedida a competente licença por Jeronymo de Albuquerque Coelho, Capitão e Senhor ao tempo da Capitania de Pernambuco.

Pomos, pois, como verdade provada: 1.^o que os religiosos Carmelitas vieram para o Brazil em 1580, a convite do Serenissimo Cardeal-Rei D. Henrique e em companhia de Fructuoso Barbosa; 2.^o que a sua primeira fundação nesta abençoada terra brasileira foi a do Convento de Olinda, no anno de 1584, em terreno doado pelos officiaes da Camara daquella pittoresca e antiga cidade e 3.^o que os fundadores desse Convento de Olinda foram os quatro referidos religiosos sacerdotes: Frei Alberto de

Santa Maria, Frei Bernardo Pimentel, Frei Antonio Pimheiro e Frei Domingos Freire, que de todos era o Superior. (Vide Frei Manoel de Sá *Memorias Historicas dos Arcebispos, Bispos e Escriptores Portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, pags. 32 a 36).

Exposta assim a *origem*, vejamos agora, acostando-nos ainda principalmente á citada obra de Frei Manoel de Sá, qual foi o *progresso* alcançado pelos religiosos Carmelitas no Brazil.

Ficaram por ventura todos estacionarios no Convento de Olinda, que lhes serviu de berço neste novo-mundo? Não: muito pelo contrario, logo que cresceram em numero com os que sobrevieram em novas expedições procedentes de Portugal, bem depressa lançaram suas vistas de preferencia para o sul do paiz, e, destacando-se daquelle nucleo primitivo e abalando daquelle recente ninho os religiosos sacerdotes Frei Alberto de Santa Maria, Frei Belchior do Espirito Santo, Frei Bento da Visitação e Frei Damião Cordeiro, que chefiava a expedição como Superior, embarcaram com destino a esta cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, capital então de todo o Brazil, e, chegados aqui em 1586, deram principio á fundação do actual Convento do Carmo, em chãos e casas situados no monte Calvario, arrabalde da cidade, que para esse effeito lhes foram doados por Antonio Dias Calafate e sua mulher Dona Domingas Gonçalves, ficando-lhes perto para os actos do culto divino uma capella de Nossa Senhora da Piedade que, por escriptura publica de 24 de Março de 1592, lhes foi assim mesmo doada com uma grande porção de terreno annexo pelo seu proprietario, o fidalgo portuguez, Christovam de Aguiar Daltro e sua mulher Dona Isabel de Figueira. Neste entremeio Frei Pedro Vianna, transpondo com outros Carmelitas os diversos portos, que demoravam ao norte, surgira já no da villa de Santos, antiga Capitania de S. Vicente, dentro do actual territorio do Estado de S. Paulo, apropriando-se ali do terreno que, para fundar convento ou casa de missão, lhes doára o generoso Braz Cubas por escriptura de 31 de Agosto de 1589, como affirma o Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira. Consta outrosim por escriptura inserida na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. VIII, Anno 1903, que já a 24 de Abril de 1589, fôra feita doação da capella da Graça, da então

Villa de Santos, por José Adorno e sua mulher Catharina Monteiro ao Vigario e Commissario da Ordem do Carmo, Frei Pedro Vianna.

No anno seguinte, que vem a ser o de 1590, aportaram alguns Carmelitas á cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, hoje em dia Capital Federal, e no terreno com capella de Nossa Senhora do Ó, que lhes traspassaram por doação os officiaes da Camara, construíram um novo Convento, que foi, mais tarde, convertido em Paço da Cidade e depois no Instituto Historico e Geographico, assim como a respectiva igreja, que primeiro foi transformada em Capella Real (*), depois Imperial e, por ultimo em bella e esplendida Cathedral, ficando os Carmelitas desde o começo dessas transformações, compensados com o actual Convento, que era o antigo Seminario de Nossa Senhora da Lapa do Desterro, que havendo começado a construir-se a 20 de Fevereiro de 1751, pelo Padre Angelo de Siqueira, lhes foi dado em troca, nos principios do seculo passado. (**)

(*)—A 8 de Março de 1808 chegava toda a côrte portugueza ao Rio de Janeiro, data em que foi occupado o convento do Carmo e transformada a igreja do Convento do Carmo em capella real. (Vide *Brazil Historico* pelo Dr. Mello Moraes). O Alvará com força de lei promulgado a 15 de Julho de 1808, veio depois confirmar a occupação. O Dr. José Vieira Fazenda, ha pouco fallecido, escreveu sobre a *Posse do antigo Convento do Carmo*, uma interessante memoria.

(**)—Innocencio da Silva no *Diccionario Bibliographico*, occupa-se longamente da personalidade do Padre Angelo de Siqueira. Transcrevemos aqui alguma parte do que escreve, completando o que falta com o que d'elle referem outros auctores. O Padre Angelo Ribeiro de Siqueira, Presbytero do habito de S. Pedro, e natural da cidade de S. Paulo, (outros dizem ser da villa de Parnahyba), nasceu no Brazil pelos principios do seculo XVIII. Consta que pertencera a uma familia nobre e alliada á dos Camargos. Feitos com os padres Jesuitas os seus primeiros estudos, applicou-se depois ao Direito e exerceu na sua patria e com grande credito a profissão de advogado. Sendo um dia esbofeteado na rua por um individuo, contra o qual fôra advogado em uma causa importante, tirou deste successo documentos de desengano para abandonar o mundo e consagrar-se unicamente a Deus.

Vendeu todos os bens, cujo producto repartiu pelos pobres e igrejas, e, descendo a serra a pé, com o breviario sobraçado e sem outra matalotagem, chegou a Santos e embarcou-se para Portugal. Aqui solicitou e obteve cartas de Missionario Apostolico, e, com ellas, percorreu por alguns annos as provincias do reino e parte de Hespanha. Parece que finalmente voltára para o Bra-

Estes quatro Conventos de Olinda, Bahia, Santos e Rio de Janeiro foram o resultado animador do primeiro ensaio de expansão dos religiosos Carmelitas no Brazil, e como para o conseguir tiveram os Carmelitas de superar obstaculos e franquear difficuldades, que nunca faltam quando se emprehe uma grande obra, em 5 de Abril de 1591 o Capitulo Provincial congregado em Lisbôa e presidido por Frei Miguel de Carrança, Commissario Geral e Vigario Apostolico dos Carmelitas de Hespanha e Portugal, tratou já de que Frei João Seixas e Frei Damião Cordeiro, que fôra o primeiro Superior do Convento da Bahia, fossem apresentados e propostos para o grão de Mestres, em agradecimento e modesta recompensa das fadigas empregadas na fundação dos conventos do Brazil, e, a 15 de Janeiro de 1595, o Capitulo Provincial reunido de novo em Lisbôa e presidido por Frei João Estevam Chizzola, Prior Geral e Delegado Apostolico de toda a Ordem Carmelitana, sobre confirmar a Frei Bartholomeu de Evora no cargo de Prior do Convento de Olinda e de eleger a Frei Jeronymo de Carvalho para Prior do Convento da Bahia, a Frei Pedro Vianna para Prior do de Rio de Janeiro e a Frei Antonio de Alfama para Prior do da Villa de Santos, resolveu: 1.º que os conventos da

zil, e fundára no Rio de Janeiro o Seminario de Nossa Senhora da Lapa, fallecendo em opinião de grande virtude, em anno que se ignora.

Camillo Castello Branco escreveu no *Mosaico e Silva de Curiosidades Historicas Litterarias e Biographicas*, que um missionario apostolico, filho do Brazil, chamado Angelo de Siqueira, devoto ferventissimo de Nossa Senhora da Lapa, edificou uma capella á Senhora da Lapa no lugar de Santo Ovidio (na cidade do Porto), á raiz de um monte, entre as duas estradas que vinham de Braga e Guimarães. Este magnifico templo, principiado a 7 de Janeiro de 1755, ainda hoje perdura e é uma das freguezias da cidade. Trata-se certamente do nosso Missionario Apostolico, e comprova isto mesmo o titulo duma sua obra, publicada em Lisbôa, em 1754, *Botica preciosa e thesouro precioso da Lapa, em que como em botica e thesouro se acham os remedios para o corpo, para a alma e para a vida. E uma receita da vocação dos Santos para remedio de todas as enfermidades, e varios remedios e milagres de Nossa Senhora da Lapa, e muitas novenas e devoções e avisos importantes para os pais de familia*.

Escreveu mais outras duas obras espirituaes, editadas em Lisbôa. Dellas diz Innocencio que, "consideradas sob o ponto puramente literario e ainda sob o bibliographico, são tidas em pouca estimação". Foram, porém, de grande merecimento as suas empresas, em serviço de Deus.

Ordem no Brazil constituissem uma Vigararia governada por um Vigario Provincial, eleito nos Capitulos pelo Definitorio da Provincia de Portugal e subordinado ao Prior Provincial da mesma Provincia, sem poder entretanto, ser removido do cargo sem culpa julgada pelo mencionado Definitorio; 2.^o que este Vigario Provincial teria voto e logar nos Capitulos Provinciaes, logo a seguir aos Definidores, e, 3.^o que, si o Vigario Provincial viesse a fallecer, fosse immediatamente substituido pelo Prior do Convento de Olinda, até que pelo Definitorio fosse preenchida a vaga. Tomadas estas resoluções, ficou eleito, no mesmo Capitulo de 15 de Janeiro de 1595, o Reverendo Padre Frei João Seixas por primeiro Vigario Provincial do Brazil. (V. o citado livro de Frei Manoel de Sá, pags. 36 a 38).

Criada por esta fórma a Vigararia Carmelitana no Brazil e eleito o seu primeiro Vigario Provincial para governal-a e olhar de perto pelo seu desenvolvimento, satisfeitos e animados os religiosos della por verem que as suas diligencias anteriores foram devidamente apreciadas e tomadas em consideração, tiraram deste successo brios para darem novo impulso ás suas fundações, quer melhorando as já existentes, como a de Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro, que, começada em 1593 com o titulo de Hospicio ou casa de Missão, se foi rapidamente elevando á categoria de Convento; quer fundando outras de novo na Villa de S. Paulo, em 1596; em S. Christovam de Sergipe d'El-Rei, pelos annos de 1600; na villa de Mogy das Cruzes, no Estado de S. Paulo, em 1603; na cidade da Parahyba do Norte, em 1608; em São Luiz do Maranhão, em 1616; na cidade de Belém do Pará, em 1624; na Villa de Recife de Pernambuco, em 1631; na Villa de Goyana, Estado de Pernambuco, em 1636, na Villa de Alcantara, no Maranhão, em 1647. E', porém, de notar que os dois conventos do Maranhão com o Hospicio do Bomfim, situado em frente da Capital (*), bem como o Convento de Belém do Pará, com as numerosas casas de Missão, destinadas á catechese dos indios nas margens dos rios Negro, Madeira e Solimões, nos ultimos sertões do Amazonas, formaram desde a sua fundação uma Viga-

(*)—O Almanack do Maranhão designa a data de 1718, para a fundação do Hospicio do Bomfim.

raria separada, sendo seu primeiro Vigario Provincial o Padre Mestre Frei Francisco da Purificação, em 1624, não obstante terem sido seus iniciadores os Padres Frei Cosme da Annunciação e Frei André da Natividade, quando, em 1615, partiram de Pernambuco investidos no cargo de capellães na expedição de Alexandre de Moura, o qual, com a sua gente, auxiliou poderosamente a Jeronymo de Albuquerque na reconquista do Maranhão do poder dos francezes, que se haviam fortificado na ilha de S. Luiz, donde foram definitivamente sacudidos a 4 de Novembro de 1615.

Estando já tão ampliado o numero das fundações Carmelitanas, no Brazil, não é de admirar que, em 1648, pensasse Frei Francisco do Rosario, em que a Vigararia do Maranhão e a outra Vigararia do Brazil fossem elevadas á categoria de Provincias independentes da Provincia de Portugal; mas, tendo sido contrariado este projecto pelo Ministro portuguez em Roma, desistiu-se por então deste empenho.

Não sabemos si por este ou por outro qualquer motivo, quem sabe se para mais consolidar as fundações já existentes, deu-se então entre os Carmelitas do Brazil um movimento de concentração espiritual que, lavrando e tomando proporções dia a dia na quieta e pacifica aspiração individual de alguns religiosos mais timoratos, veio afinal depois de seria e madura reflexão, a declarar-se forte e decidido entre certo numero delles que, levados do zelo de maior perfeição e dirigidos neste salutar ideal pelo virtuoso Frei João de S. José, pediram em 1677 e alcançaram do Vigario Provincial, Frei Francisco Vidal, a competente licença para adoptarem e seguirem no Convento de Goyana a Reforma Carmelita, não a de Santa Thereza de Jesus, introduzida na Hespanha, em 1562, mas a que, com a annuencia dos Superiores da Ordem e da Santa Sé Apostolica, se iniciára em França, no anno de 1636, entre os Carmelitas da Provincia Turonia ou Turonense, donde derivou a denominação de Reforma Turonense á que, em 1677, abraçou o Convento de Goyana pela forma explicada.

Esta Reforma Carmelitana de Goyana foi, no 1.º de Julho de 1679, plenamente auctorizada pelo Definitorio da Vigararia, presidido pelo novo Vigario Provincial Frei Manoel da Assumpção, reunido no Convento da Bahia;

no mez de Junho de 1680, foi confirmada pelo Capitulo Geral celebrado em Roma ao 1.º do referido mez e anno, e, a 7 de Dezembro do mesmo anno de 1680, passou-se-lhe a necessaria licença para abrir noviciado no proprio Convento de Goyana; em 6 de Maio de 1683 tambem lhe foi concedido que tivesse um Commissario com certas attribuições para dirigil-a e governal-a, o qual seria nomeado cada triennio pelo Reverendissimo Prior Geral da Ordem, emquanto a dicta Reforma não possuisse tres conventos, e que, quando já os contasse, poderia ella mesma eleger o seu Commissario e os Priores locaes, ficando suas eleições, entretanto, dependentes da confirmação do Vigario Provincial da Vigararia, o qual deveria manifestar-se a respeito *infra duos menses computandos a notificatione*; e, em 12 de Dezembro do mesmo anno de 1683, foi Frei João de S. José, iniciador da Reforma e Prior do Convento da Goyana, nomeado primeiro Commissario da mencionada Reforma, com subordinação ao Vigario Provincial da Vigararia, cuja séde passou, em 1630, do Convento de Olinda para o da Bahia.

Em 22 de Outubro de 1684 foi o referido Commissario auctorizado pelo Vigario Provincial, Frei João Paes, a tomar conta do Convento da Parahyba com obrigação de nelle introduzir a Reforma principiada no de Goyana, pelo que, a 6 de Novembro do mesmo anno, tomou posse do Convento da Parahyba, e, a 22 de Dezembro de 1686, ordenou o Provincial da Provincia de Portugal, Frei Francisco da Natividade, que tambem o Hospicio do Recife de Pernambuco fosse entregue ao supra indicado Commissario, o qual, tomada posse deste Hospicio, conseguiu que a sua Reforma perfizesse o numero dos tres conventos ou casas de que precisava para ella mesma poder eleger o seu Commissario e os Priores locaes, se bem que com dependencia do Vigario Provincial assistente na Bahia, o qual continuou a exercer sobre os reformados os direitos de visita canonica, nomeação de lentes e apresentação dos religiosos *ad sacros ordines recipiendos et exercendos* (Frei Manoel de Sá, pags. 41 a 43 e Livro do Tombo do Convento do Recife, fls. 3 a 12).

Em 1685 os religiosos da Vigararia Carmelitana do Brazil, com séde na Bahia, intentaram a divisão della em duas Vigararias, allegando, com foros de verdade, em favor desse projecto que os conventos, que a compunham,

estavam postos em logares muito distantes uns dos outros, e que, por esta razão, além de grandes difficuldades e riscos do mar, com que se emprehendiam as viagens entre logares tão longinquos, não podia um só Vigario Provincial visital-os com facilidade, nem mudar os sujeitos de um convento para outro com a promptidão que ás vezes reclamavam os interesses da Ordem. Foi então que o Reverendissimo Padre Prior Geral, Frei Angelo Monsignani, tomando na devida consideração as allegações apresentadas e procedendo de harmonia com o Prior Provincial da Provincia de Portugal, dividiu, a 22 de Setembro do mesmo anno 1685, a dicta Vigararia em duas, a saber: a do Rio de Janeiro com os seis conventos de Santos, Angra dos Reis, São Paulo, Mogy das Cruzes, Rio de Janeiro e Victoria, que acabava de se fundar então, e a da Bahia e Pernambuco com os sete conventos de Olinda, S. Christovam, Sergipe, Parahyba, Recife, Goyana, Bahia e a Missão ou Hospicio do Rio Real, o qual recebera o nome de convento apezar de estar bem longe ainda da sua perfeição. Por esta divisão, confirmada a 8 de Fevereiro de 1686, pelo Papa Innocencio XI, ambas as Vigararias ficaram independentes entre si, cabendo a cada uma o seu respectivo Vigario Provincial. O primeiro religioso investido nesse cargo na do Rio de Janeiro foi o Padre Mestre Frei Bento Garcez, e na da Bahia e Pernambuco o Padre Mestre Frei Manoel d'Assumpção.

A partir desse tempo os Carmelitas, a começar pelos da Bahia e Pernambuco, indo sempre em progressivo crescimento, realizaram novas fundações, entre as quaes convem registrar a do Hospicio de Nazareth no Cabo de Santo Agostinho, Estado de Pernambuco, em terrenos com capella dados por Pedro Dias da Fonseca, D. Francisca Cavalcante e D. Mecia Rolim de Moura, em 1687; a do Convento da Cachoeira do Paraguassú, no Estado da Bahia, em terreno doado pelo Capitão João Rodrigues Adorno e sua mulher D. Ursula de Azevedo, em 14 de Março de 1688; a do Hospicio do Pilar, na cidade da Bahia, em terreno de marinhas, que, cedido primeiro em 31 de Janeiro de 1686 por sesmaria do Governador D. Antonio Luiz Telles de Menezes, Marquez das Minas, ao Rev. Padre Paschoal Durão de Carvalho, este por sua vez o passou aos religiosos Carmelitas, por escriptura de

21 de Junho de 1691; a do Hospicio do Rio Real, no Estado de Sergipe, em terrenos com capella doados pelo Capitão-mór Belchior da Fonseca Saraiva Dias Moreira e sua mulher, Dona Antonia de Góes, por escriptura de 4 de Julho de 1692, sendo para notar que o dicto Hospicio já antes fôra começado pelos annos de 1680, e que, em 1683, fôra declarado convento, e que, depois de abandonado, tornára a ser acceito pela referida escriptura; a da Missão de Japarutuba, ainda nesse mesmo Estado, pelos annos de 1700; a da Missão de Siry, no Estado de Pernambuco, pelos annos de 1720, e a do Hospicio de Santo Amaro de Brotas, no mencionado Estado de Sergipe, em terrenos com capella doados pelo fidalgo Pedro Barbosa Leal e sua mulher Dona Mariana Espinoza, por escriptura de 29 de Abril de 1721.

Eram estas as fundações Carmelitanas quando aqui chegou o Breve do Papa Clemente XI, dado em Roma a 20 de Abril de 1720, em virtude do qual as Vigararias do Rio de Janeiro, da Bahia e Pernambuco foram elevadas á categoria de Provincias independentes e completamente desligadas da Provincia de Portugal, sendo o primeiro Prior Provincial da Bahia e Pernambuco o Padre Mestre Frei Ignacio de Santa Ignez, o qual foi solemnemente empossado a 18 de Abril de 1722 pelo então Vigario Provincial Frei Aleixo da Soledade.

Ainda mesmo depois da sua erecção, cada qual destas Provincias estendeu o cuidado a maiores empresas e dilatou o ambito do seu zelo evangelico por regiões de mais dilatados horizontes, pois a do Rio de Janeiro fundou a Missão da aldeia de Marviry, no Estado de S. Paulo e, ainda no mesmo Estado, o Hospicio de Ytú (*), e a da Bahia fundou a Missão de Serinhaem, no Estado de Pernambuco pelos annos de 1729, e o Hospicio de Alagôas, no Estado deste nome, em terrenos com capella doados pelo Coronel Francisco de Barros Pimentel, em 1732, cujo primeiro Superior foi o Padre Frei Francisco Pegas, por nomeação do Padre Mestre Provincial Frei Ludovico da Purificação.

Voltando agora atraz sobre os passos dados, vamos:

(*)—Fundado em 1719, pelo Commissario Frei João Baptista de Jesus, por auctorização de D. João V, a pedido das Camaras de Ytú e Sorocaba. Tanto o convento como a igreja foram reconstruidos em 1765. (Apontamentos Historicos, Geographicos, etc., colligidos por M. E. de Azevedo Marques).

novamente occupar-nos da Reforma Carmelitana iniciada, em 1677, no Convento de Goyana, pelo virtuoso Frei João de S. José, a qual desde o seu começo vinha funcionando subordinada ao Superior Provincial da Bahia, obtendo apenas, desde 12 de Dezembro de 1683, um Commissario investido de certas attribuições para a sua immediata direcção.

Essa dicta Reforma no intuito de eximir-se a essa subordinação e dependencia acudiu, em 1714, á Santa Sé Apostolica rogando a graça de ter um Vigario Provincial independente da Bahia, pedido que foi passageiramente despachado por decisão da S. Congregação dos Bispos e Regulares, datada de Roma a 25 de Setembro de 1716. Mas, tendo sido esta decisão fortemente impugnada e combatida com efficazes razões, ficou sem effeito ainda mesmo antes de entrar em vigor, visto como a 11 de Dezembro do mencionado anno, a referida Sagrada Congregação *censuit Decedendum esse a decisio sub die 25 Septembris ejusdem anni 1716*.

Havendo, porém, insistido de novo a Reforma no deferimento da mencionada graça, respondeu a mesma Sagrada Congregação, a 22 de Janeiro de 1717, = *Nihil de nova audientia et ad Patrem Generalem juxta mentem*. Volvidos annos, em 16 de Dezembro de 1724, o Reverendissimo Padre Geral da Ordem, Frei Gaspar Pizzolanti, decidiu a prejudicada pretensão da Reforma, não lhe concedendo a suspirada independencia, mas elevando-a á categoria de Vigararia e nomeando para seu primeiro Vigario Provincial a Frei Miguel da Assumpção, e para Definidores a Frei José da Natividade, Frei Vicente dos Remedios, Frei José da Madre de Deus e Frei José de Santo Elias, sendo todas estas resoluções confirmadas em seguida pelo Papa Bento XIII, a 12 de Janeiro de 1725.

Criada assim esta nova Vigararia e composta dos tres conventos de Goyana, Parahyba e Recife, não tardou em fundar um Hospicio Carmelita na cidade de Lisbôa, em que residisse o seu Procurador Geral para tratar das suas dependencias perante a Côrte e a Nunciatura Apostolica de Portugal, e, cobrando com isso novo alento, tomou logo a peito o seu particular augmento executando novas fundações, dentre as quaes devemos destacar a do Hospicio de Nossa Senhora da Luz em Goyana, a do Hospicio de Nossa Senhora da Guia, nos suburbios da cidade

da Parahyba do Norte, a do Hospicio do Carmo, no arraial do Coronel, freguezia de Nossa Senhora da Matta, perto de Olinda, a do Hospicio de Nossa Senhora da Piedade, no littoral deste nome, visinho da cidade do Recife, em terrenos com capella adquiridos por disposição testamentaria de Francisco Gomes Salgueiro a 14 de Junho de 1741, e a do Hospicio de Nossa Senhora de Guadalupe, na barra do rio de Camaragibe, termo da villa de Porto Calvo, no Estado de Alagôas, começado em 1741 e ampliado depois em terrenos e capella doados por Antonio Rodrigues Fontes, por escriptura passada a 3 de Março de 1745.

Entrados assim na posse dos tres conventos e seis hospicios, que vimos de mencionar, recorreram os religiosos da Reforma de Pernambuco a Roma, allegando que da dependencia e subordinação em que estavam ao Provincial da Bahia nasciam desintelligencias e contrariedades, que desejavam evitar, solicitando a graça de constituirem com os tres conventos e hospicios erguidos uma Provincia sobre si, totalmente separada da Provincia da Bahia. Nestas circumstancias o Reverendissimo Padre Prior Geral da Ordem, Frei Luiz Laghius, olhando a importancia dos motivos propostos e plenamente auctorizado por Breve do Papa Bento XIV, de 20 de Março de 1744, criou por Decreto de 28 do mesmo mez e anno, a Provincia reformada de Pernambuco, nomeando para seu primeiro Prior Provincial a Frei Luiz de S. Jeronymo e, em sua vaga, a Frei José de Santa Thereza, e para Definidores a Frei Vicente dos Remedios, Frei José da Madre de Deus, Frei Paulo de Santa Thereza e Frei José de Santo Elias, pondo por condição, porém, que os Hospicios se constituissem em conventos.

Transcorreram annos depois disto sem que, nesse meio tempo, conseguissem os religiosos da Reforma, assim alçada a Provincia, preencher a imposta obrigação do seu indispensavel augmento; pelo que o referido Padre Prior Geral da Ordem, novamente auctorizado pela Santa Sé Apostolica, declarou, por Decreto dado a 25 de Março de 1749, que, não obstante essa deficiencia, podia a Reforma conservar o seu logar de Provincia, e que desde logo concedia licença para que os seus membros assentassem tres Missões de indios, uma na Bahia da Traição, no Estado da Parahyba, outra na Bahia da Preguiça, no mesmo Estado, e a terceira no logar denominado Gramació,

no Estado do Rio Grande do Norte. (V. Livro do Tombo do Convento do Recife, fls. 20 a 30).

Do que fica dicto deduz-se claramente que a referida Reforma se não deve confundir com a de Santa Thereza ou dos Carmelitas Descalços, a qual, tendo-se iniciado em Hespanha, em 1562, ficou ao diante completamente emancipada da primitiva Ordem Carmelitana, em 1593, e foi transplantada de Portugal para o Brazil pelo virtuoso Padre Frei José do Espirito Santo e seus companheiros, os quaes, auctorizados por Carta Regia de 25 de Junho de 1665, fundaram na Bahia o Convento de Santa Thereza, convertido ao presente, desde 1837, em Seminario Diocesano. Do simples e despretencioso quadro, que acabamos de bosquejar, salientam-se ao menos os traços principaes da origem dos religiosos Carmelitas no Brazil, bem como do gráo de desenvolvimento que attingiram, abrangendo na esphera da sua acção todo o littoral brasileiro desde Santos, no Estado de S. Paulo, até Belém do Pará, a qual desde bem cedo penetrou os incultos sertões do Amazonas, levando a doutrina salvadora de Christo e a luz civilizadora do Evangelho aos indios de incognitas aldeias e aos rudes silvicolas das margens dos rios Negro, Madeira e Solimões, ao passo que, entre os povos já christãos, sustentavam conventos e igrejas, quer em pequenas villas, quer nas grandes cidades desta abençoada terra de Santa Cruz, onde, desde 1580 até 1750 criaram as tres Provincias Carmelitanas do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, além da Vigararia do Maranhão.

As tres supra mencionadas Provincias, se bem que desfalcadas no seu pessoal religioso, existem todavia ainda hoje com a sua independencia e personalidade juridica para todos os effeitos, sendo actualmente Superior Procial da primeira Frei Cyrillo Thewes; da segunda o auctor deste resumido trabalho, e da terceira Frei André Maria Prat.

Chegados a este ponto da historia, pomos termo á narração que vimos fazendo da entrada e successão dos factos da Ordem Carmelitana no Brazil, aguardando oportunidade em que a Providencia divina nos faculte o modo, com mais proficiencia, podermos proseguir a tarefa apenas delineada nesta summaria Memoria.

Convento do Carmo da Bahia, 20 de Junho de 1916.

Agradecendo agora muito penhorado ao Reverendissimo Frei Manoel Baranera Serra, dignissimo Superior Provincial que foi da Bahia, cargo em que foi substituido pelo Reverendissimo Frei Miguel Cuevas, a valiosa e brilhante collaboração, com que coadjuvou a ardua empresa que nos propuzemos, pedimos a sua Reverendissima a permissão de que ponhamos a corôa á esplendida Memoria historica, com que nos obsequiou, illucidando um ponto importante, que elle por modestia não quiz tocar,— a benemerencia de que o Brazil se confessa obrigado aos Religiosos Carmelitas, e dedicando algumas linhas a historiar a vida dalguns Carmelitas celebres, que, ainda depois de mortos, semearam a terra brasileira com a santidade dos seus corpos.

Refere La Condamine, ousado explorador francez, que partindo de Quito prolongou a sua viagem scientifica até Belém do Pará, na sua *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale, en descendant la rivière des Amazones*. (Paris, 1745), que “em 1730 inaugurou um carmelita no Pará o uso da vaccinação, a respeito da qual encontrará alguma noticia em uma gazeta européa. Salvou deste modo um bom numero de indios atacados das bexigas, doença que nesse tempo ali grassava como epidemica”. Citando as suas palavras, tornadas do francez em portuguez, commenta-as desta sorte o Padre Galanti, na *Historia do Brazil*, (T. III, pag. 193, 2. edição): Estatuas mereciam taes homens... e nem os nomes lhes conservou La Condamine”.

Dos Padres Frei Cosme da Annunciação e Frei André da Natividade, carmelitas acima mencionados, celebra a digna memoria o beneditino D. Domingos de Loreto Couto da pag. 355 da sua apreciada obra: “No convento de Nossa Senhora do Carmo da cidade de Olinda, tomaram o habito e professaram os Padres Frei Cosme da Annunciação e Frei André da Natividade. Com zelo da Religião acompanharam no anno de 1615 a Alexandre de Moura na viagem que fez ao Maranhão, onde fundaram convento da sua Ordem, de que foi o Padre Frei André primeiro Prior. Trabalharam na vinha do Senhor com grande fervor e colheram copiosos fructos. Cheios de annos e de boas obras falleceu um no convento do Pará, e outro no do Maranhão, deixando das suas virtudes gloriosa fama”.

Frei Innocencio do Monte Carmelo Sena, nascido a 28 de Julho de 1828 na cidade de Santo Amaro, bem mereceu da sua patria, o Brazil, e da religião da Ordem Carmelitana, que abraçou. Prestou obediencia em Roma ao Reverendissimo Padre Prior Geral da Ordem; foi Superior Provincial da sua Ordem no Brazil e livrou a sua religião no Brazil da decadencia, que a vinha ameaçando. Finou-se em sua terra natal, contando 81 annos de idade, a 25 de Junho de 1909.

Foram seus restos mortaes trasladados da cidade de Santo Amaro para as catacumbas do Convento da Bahia, por iniciativa do então Superior Provincial da Bahia, o Reverendissimo Padre Manoel Baranera Serra.

A 14 de Abril de 1915 entregava a sua pura alma a Deus no convento da Ordem Carmelitana, no Rio de Janeiro, o Padre Frei Serapião de Lange, carmelita hollandez, naturalizado brasileiro, que residiu no Rio por mais de dez annos, contando já uma larga folha de serviços. Nascêra em Hoogezand, em 1874, professára em 1899, fôra por espaço de muitos annos Vigario e Prior do Convento de Angra dos Reis, procurador da sua Ordem e finalmente, em 1913, elevado ás funcções de Vigario Provincial, cargo em que o veio ceifar a morte. De Frei Leandro do Sacramento, pertencente á Reforma de Pernambuco, nascido no Recife em 1778, e fallecido no Rio, em 1829, fala com elogio o Padre Galanti nas *Biographias de Brasileiros Illustres*.

Foram ultimamente ordenados presbyteros em Roma os religiosos Carmelitas brasileiros Frei Luiz Gonzaga da Purificação e Frei João Moreira, aquelle natural do Ceará, e este do Rio de Janeiro.

Os Carmelitas Calçados entraram em Portugal no reinado de D. Sancho II. Fundaram o seu primeiro convento nesse paiz, na villa de Moura, donde vieram fixar-se em Lisbôa. O seu brazão, acompanhado do timbre *zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum*, vae no alto deste capitulo. O timbre é commum para os Calçados e Descalços, e o brazão destes só differe do dos Calçados na cruz, que corôa um monte, que designa o Carmelo.

Carmelitas Descalços ou Descalcez



A Regra, que Santo Alberto deu aos Religiosos do Carmelo, foi renovada em Avila, no anno de 1562, pela mystica doutora Santa Thereza de Jesus.

Esta santa, em 1581, um anno antes da sua morte, enviou a Portugal alguns religiosos da sua Ordem, os quaes edificaram no sitio da Pampulha, arrabalde de

Lisbôa, um hospicio dedicado a São Felippe. Os frades enviados a Portugal foram Frei Ambrosio Marianno, Frei Gaspar de S. Pedro e outros mais, cujos nomes não lembra a historia. Daquelle primeiro filho espiritual de Santa Thereza, Frei Ambrosio Marianno, ficou aos Carmelitas, em Lisbôa, o nome de *Mariannos*.

No anno de 1593 o Papa Clemente VIII, separou os filhos da reforma de Santa Thereza dos Carmelitas Calçados, constituindo-os em Ordem com seu Superior Geral proprio.

O Padre Frei José do Espirito Santo, acompanhado de Frei Manoel, Frei Innocencio de Santo Alberto, Frei João das Chagas e do frade leigo Francisco da Trindade, veio estabelecer residencia na Bahia, no anno de 1665, edificando um pequeno hospicio, que se converteu mais tarde em um grande convento, no sitio chamado Preguiça. Inaugurou-se a sua nova igreja na Bahia no anno de 1697, em dia consagrado a Santa Thereza. Prégou na festa da inauguração o beneditino D. Frei Ruperto de Jesus um sermão, que se tirou á luz publica. Incumbiram-se estes religiosos de uma missão de indios á margem do rio Suabuma.

Edificaram os Therezios segundo convento em Pernambuco, na cidade de Olinda, no anno de 1686. A igreja de Nossa Senhora do Desterro, que lhe fica annexa, fôra edificada pelo Governador João Fernandes Vieira depois

da restauração, a qual teve por fundador ao grande heróe da guerra Pernambucana, assim como a igreja de Iambé o teve na pessoa de André Vidal de Negreiros. (Dr. Mendes de Almeida, *Direito Ecclesiastico Brasileiro* T. III).

Foi extinto este convento por lei dada em 1831.

A lei promulgada a 2 de Junho de 1840, extinguiu na Bahia a Ordem Carmelitana Descalça. Resurgiu ella, porém, flammante das suas cinzas, depois de proclamada a Republica. Hoje em dia assistem os Religiosos de Santa Thereza na cidade do Rio, em Petropolis, em S. Bento do Sapucahy, Estado de S. Paulo, aonde presentemente se dão a fundar um convento da sua Ordem.

IRMANS CARMELITAS

Existem em Hespanha as Carmelitas Calçadas e Descalças, que trazem sua origem dos prophetas Elias e Eliseu e da reforma de Santa Thereza, de instituição papal.

As religiosas denominadas Carmelitas existentes no Brazil são de jurisdição episcopal e sujeitas á auctoridade diocesana.

O Mosteiro de Santa Thereza do Rio de Janeiro, conta por sua fundadora a Prioriza Jácinta de S. José, nascida nesta cidade a 15 de Outubro de 1716. Vencidas gravissimas difficuldades e sujeitando-se aos maiores sacrificios levou a termo essa fundação, juntamente com Francisca de Jesus e Maria, sua irman mais nova. A 15 de Março de 1748 reunia-se ás suas duas irmans Rosa de Jesus e Maria, a quem seguiram no mesmo teor de vida outras donzellas. Francisca a segunda irman, falleceu a 13 de Julho de 1748. O que aqui dizemos é tirado da obra: *Biographias de Brasileiros Illustres*, pelo Padre Raphael Galanti, pag. 32. Foi matriculado este mosteiro no Arcebisado do Rio, a 24 de Junho de 1750.

Falava do Mosteiro das Carmelitas Descalças, estabelecidas em S. Paulo um periodico catholico nestes termos: "Realizou-se a 4 de Fevereiro de 1916 a primeira cerimonia de vestidura de habito e imposição do véu ás Irmans Ignez de S. Sebastião e Leopoldina de Santa Thereza. São as primeiras profissões, que se realizam neste mosteiro, o qual até ha poucos annos era um simples recolhimento. E' capellão do mosteiro Mgr. Dr. Silveira Barradas".

Parece que tambem assistem semelhantes religiosas em Petropolis. As Irmans Carmelitas da Divina Providencia inauguraram, em Fevereiro de 1912, o Collegio de Nossa Senhora do Carmo na cidade de Cataguazes, no Estado de Minas Geraes.

Ordem Terceira do Carmo



Diremos pouco desta piedosa instituição, que começou a florescer em Portugal, no anno de 1629. A Ordem 3^a. do Carmo foi implantada na cidade da Bahia a 19 de Outubro de 1636. Foi seu fundador nesta cidade o negociante desta praça Pedro Alves Botelho, sendo seu primeiro prior nessa éra o Governador Pedro da Silva.

Em 1644 pediram os Terceiros licença ao Convento para levantar uma capella, cotizando-se entre si os irmãos para levarem a effeito este projecto.

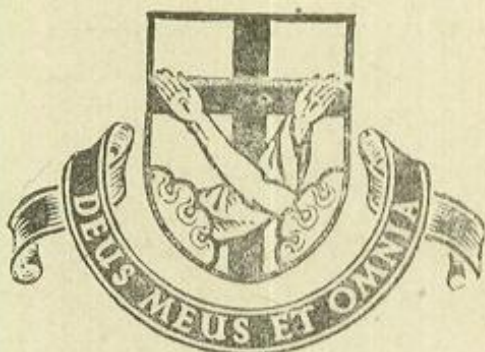
O templo que hoje existe, foi mandado construir pelo então prior da Ordem Terceira, o negociante Innócentio José da Costa, ficando concluido em 1884.

Os estatutos e compromissos, pelos quaes se rege actualmente a Ordem, receberam approvação geral ecclesiastica do Prior Geral, delegado, visitador apostolico de todas as ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo, Frei Pedro Maria Meyer. Foram elles reformados e approvados novamente em sessão da mesa e junta de 24 de Novembro de 1912. A approvação ecclesiastica foi feita pelo então commissario da Ordem Frei Manoel Baranera. O registro fez-se no cartorio do tabellião Augusto Góes, em 17 de Janeiro de 1912.

Actual commissario ecclesiastico da Ordem é Frei Miguel Cuevas, carmelita. E' prior della actualmente o Sr. Coronel Isidro de Queiroz Monteiro, conceituado negociante, que introduziu nella muitos e valiosos melhoramentos, como o do salão do Pantheon, e que tem prestado á Ordem relevantes serviços.

Saiu á luz publica na Bahia, no anno de 1878 *A Regra da Ordem Terceira da Mãe Santissima e soberana Senhora do Monte do Carmo, extrahida da primitiva Regra e exposta por Frei Miguel de Azevedo, Religioso Carmelita da antiga Observancia.*

Frades Menores Capuchinhos



A Ordem nomeada Capuchinha é um ramo nascido, a 18 de Maio de 1526, do tronco de que descende a observante Família franciscana. O primeiro titulo de existencia canonica data da Bulla *Religiosus zelus*, promulgada pelo Papa Clemente VII a 31 de Julho de 1528. Deve a

sua origem aos tres frades denominados Luiz e Raphael Fossombrone e Matheus de Bassi, franciscanos, do Convento de Monte Falco, na Marca de Ancona. Estes tres religiosos, seguidores da mais austera observancia da Regra, determinaram conformar-se em tudo ás praxes do Seraphico Patriarcha S. Francisco até ao ponto de adoptarem um habito exactamente egual ao de que elle usára, rematado em comprido e pontudo capuz, do qual proveio á nova instituição o nome que tem, e que, recebido primeiro pelo povo, confirmou em acta official o Pontifice Paulo III em 1536. No Capitulo celebrado em Albacina, em Abril de 1529, foi proclamado Superior de toda a Reforma Frei Matheus de Bassi.

Durante o seculo XVI contava já a Italia 20 Provincias. Gregorio XIII permittiu, em 1574, que a Ordem transpuzesse os confins da Italia, e o Cardeal de Lorena, na volta do Concilio de Trento, dotou com este Instituto a França, aonde se constituíram desde logo antes de terminar aquelle seculo as seis Provincias: Parisiense, Turo-nense, Lugdunense, Provençal, Burdigalense e Tolosana.

Esta Ordem mendicante, diz um notavel escriptor, foi popular desde a sua fundação: durante a invasão da reforma protestante produziu um bem incalculavel em favor das classes pobres, sobre as quaes alcançou maior prestigio que o obtido pelas demais Ordens. O despren-dimento e a abnegação desses religiosos fizeram-nos valiosos auxiliares do clero parochial; não se tornando menos proveitosos nas missões estrangeiras, ás quaes se dedica-ram com ardor desde que formaram um corpo monastico.

No espaço de cem annos de existencia contavam os Capuchinhos mais de 59 Provincias, cerca de 600 con-ventos, habitados por 25 mil professores, sem entrarem nesta

conta os missionarios espalhados no Oriente, em Africa e nas duas Americas. A estatistica official de 1914, publicada nos Annaes da Ordem, apresenta a cifra de 54 provincias, 575 conventos, 200 hospicios, 62 noviciados e 10.104 religiosos. E' actualmente Ministro Geral da Ordem o Revmo. Padre Frei Venancio de Lislen-Rigault, da Provincia de Paris, eleito a 19 de Maio de 1914.

Estes venerandos Religiosos passaram a Portugal no anno de 1647, fundando o Convento da Porciuncula em Lisbôa no designio de se occuparem nas missões das conquistas.

O Brazil, porém, foi um dos primeiros paizes do Novo-Mundo que recebeu o benefico e civilizador influxo dos Menores Capuchinhos, que, segundo certo auctor, para aqui vieram nos alvares do seculo XVII no desempenho de suas funções apostolicas. Entraram de assistencia no Brazil os Capuchos Italianos durante o reinado de D. Pedro II de Portugal, como depois veremos. Eram os Capuchinhos conhecidos no nosso paiz pelo nome de Barboneos, "epitheto que, diz no seu dictionario Frei Domingos Vieira, dão no Brazil aos frades barbadinhos". A antiga denominação da actual Rua Evaristo da Veiga, no Rio de Janeiro, confirma plenamente andar o appellido de *Barboneos* e *Borbonos* muito em voga.

Com a appareição destes servos de Deus no seio da Igreja vimos reproduzirem-se os varões apostolicos dos primeiros seculos do christianismo, os quaes, do pó do desprezo proprio e da dedicação pelo proveito espiritual do proximo, surgiram altos heróes de consummada e exemplar virtude, columnas robustas e firmes onde assenta o edificio da Igreja Catholica.

Preludios do seu estabelecimento no Brazil.
—Quando á nobre nação franceza sorriu o doce sonho de ver illuminados e realçados os tres lizes do escudo nacional pelo brilho e esplendor do sol tropical, com a implantação no solo brasileiro de uma França antartica e equinocial, vieram seus naturaes estabelecer-se no cabo de S. Roque, fazendo d'elle centro de operações contra as armadas da India e ponto estrategico do commercio do pau brazil por todo o littoral, que desde ali se estende até á Bahia de Todos os Santos.

Aproaram a um ponto da costa brasileira no navio *L'Espoir*, e ergueram ahi, a 8 de Março de 1504, uma

grande cruz de madeira em signal de tomarem posse do paiz para a corôa de França. Foi arvorada essa cruz domingo de Pascoa sobre uma collina olhando para o mar, sendo transportada para esse local pelo capitão e officiaes da nau, todos descalços, auxiliados neste empenho pelo indigena Arasca, chefe da tribu dos Carijós, e pelos seus filhos, convidados pelos francezes a prestarem-se a isso *para ficarem benzidos*.

Relata D'Averac que, na face anversa da cruz, gravaram o nome do Papa Alexandre VI, que, ao fazerem-se á véla, presidia aos destinos da Igreja Universal, cuja morte e subsequente substituição por Pio III ignoravam, a quem succedeu Julio III na Sede Apostolica. Abriam nella a seguir o nome de Luiz XIII, rei de França, e o do seu almirante Luiz Mallet de Laville e mais o de toda a maruja do navio, começando pelo do capitão. A esta inscripção official accrescentou no reverso da cruz um distico latino Nicole de Februse, disposto em forma de chronogramma, no qual compunham as letras do nome do capitão Geneville a éra da erecção—1504.

Mais tarde, no anno de 1612, foi o Maranhão que por sua vez se quiz annexar ao dominio francez. Daniel de La Touche, senhor de la Revardiére, largando do porto de Concale, França, a 19 de Março desse anno, veio com obra de 500 mareantes aventureiros lançar os fundamentos á cidade de S. Luiz do Maranhão. A 12 de Agosto, dia de Santa Clara, disseram os Capuchinhos sua primeira missa no Maranhão. Aos 8 de Setembro desse anno foi erguida uma cruz grande, e ao 1.º de Novembro houve a solemne cerimonia da tomada de posse do paiz pelos francezes. Formou-se um imponente prestito de francezes e indios, que percorreu a esplanada, occupada hoje pela Avenida Maranhense. Congregados depois em volta da cruz previamente erguida, foi hasteado, depois da pratica religiosa feita pelo historiador Ivo d'Evreux, o estandarte offerecido expressamente pela Rainha Regente, viuva de Henrique IV e mãe de Luiz XIII, lavrado com as armas de França sobre fundo azul.

Discursou em seguida la Revardiére salientando o entusiasmo e a abnegação com que se identificava com a causa da nascente colonia, que acabava de estabelecer-se officialmente. Teceu por fim em resposta seu discurso intensamente vibrante de ufanía, nascida da opulencia

das suas florestas, o principal Japy-Assú, que se dirigiu ao Senhor de Rassili. Mas nós queremos referir apenas o que se obrou em utilidade da Religião.

Achavam-se com os francezes quatro frades Capuchinhos, que, inflammados do zelo de dilatar a fé, tinham vindo com la Revardiére, acceitando o lugar, que o Senhor de Rassili com a annuencia da Rainha, Maria de Medicis, lhes déra, em 1611, na expedição, que este cavalheiro organizou com la Revardiére para vir ao Maranhão. Embarcaram-se na armada os Padres Ivo d'Evreux, Superior, Arsenio de Paris, Ambrosio de Amiens e Claudio de Abbeville e, aportando todos áquella paragem em Julho de 1612, assentaram igreja, acabada a 24 de Dezembro de 1612, e convento, vindo reforçar este numero uma expedição de mais doze religiosos conduzida pelo Padre Archanjo de Pembroch, em 15 de Junho de 1614. A 19 de Novembro de 1614 foram as forças francezas derrotadas, em Guaxindiba, pelo Capitão-mór Jeronymo de Albuquerque, efficazmente auxiliado pelo Sargento-mór Diogo de Campos. Entraram no conflicto, animando os nossos soldados, os frades franciscanos Frei Manoel da Piedade e Frei Cosme de S. Damião, que tinham vindo de Pernambuco com o Capitão-mór Jeronymo de Albuquerque, "cada um com uma cruz em a mão", como se exprime Frei Vicente do Salvador na sua *Historia do Brazil*. Obtida que foi a victoria e enquanto duravam as treguas, chegou a frota de Alexandre de Moura, governador geral da armada e conquista, na qual, além dos Carmelitas Frei Cosme da Annunciação e Frei André da Natividade, já mencionados no capitulo sobre esta Ordem, acompanharam a Alexandre de Moura os padres jesuitas Manoel Gomes e Diogo Nunes, os quaes levavam consigo trezentos frecheiros das suas aldeias e mais setenta, que obtiveram no Ceará.

Veio Alexandre de Moura lançar ferro junto do porto de Guaxindiba, onde achou já fortificado a Jeronymo de Albuquerque. Concluiu elle a conquista do Maranhão tão bem encaminhada já por Albuquerque. Ouçamos o que diz o mesmo Alexandre de Moura no seu "Relatorio sobre a expedição á ilha do Maranhão e expulsão dos Francezes", endereçado a El-rei a 24 de Outubro de 1616. (*Annaes da Bibliotheca do Rio de Janeiro, Anno 1904*):

"Vendo eu sua pouca determinação e o tempo que queria (*Revardière*) metter em meio (como dantes fazia),

por se não resolver em nada, a terça feira fiz os apontamentos juntos para que quarta feira ao meio dia me dêsse a resposta, que lhe parecesse, dando-me por desobrigado de todo o trato: veio nelles obrigado de se ver, como estava, e por se temer de mór mal, segundo sua consciencia o accusava, tomei posse da fortaleza, que chamam São Luiz, e lhe puz nome de São Felippe, quarta feira 4 de Novembro de 1615, de que se fez o auto em que assignaram muitas pessoas". Entre os nomes firmados nesse auto lêem-se os dos seguintes religiosos: Padre Manoel Gomes, religioso da Companhia de Jesus, Padre Diogo Nunes da Companhia de Jesus, Frei Cosme da Annunciação de N. Senhora do Carmo, Frei Ornatus; cujas firmas auctorizam a verdade do que atraz deixamos escripto.

Concluidas as pazes, tiveram os Capuchinhos francezes, em numero de quinze, por ter antes fallecido o Padre Ambrosio d'Amiens, de abandonar o convento, que desde logo foi occupado pelos Religiosos Menores Frei Cosme de S. Damião e Frei Manoel da Piedade. Chegando a este ponto da historia diz Frei Vicente do Salvador: "tambem se foram logo os frades francezes, vendo o pouco fructo que faziam na doutrina dos gentios, por lhes não saberem a lingua, deixando aos dois da nossa Custodia, que a entendiam, e sabiam seus modos, e não foram pouco admirados de ver que nestas partes tão remotas houvesse Religiosos tão observantes da Regra de nosso Seraphico Padre S. Francisco". Os dois frades capuchos Frei Cosme de S. Damião e Frei Manoel da Piedade voltaram para Pernambuco.

O Padre Claudio de Abbeville tornou a França a primeira vez de passagem "para dizer a S. Majestade quanto haviam feito e aos nossos padres o bem que se offerecia ali a favor da Igreja", são palavras suas, vertidas do francez. Foi esta primeira viagem a 1 de Dezembro de 1612.

Voltou outra vez apoz o ajuste de pazes, e estampou em Paris, no anno de 1614, a obra illustrada com seis retratos de silvicolas maranhenses, á qual deu o seguinte originalissimo titulo: "Historia das missões dos padres capuchinhos da ilha do Maranhão e terras circumvisinhas onde se trata das singularidades admiraveis e dos costumes maravilhosos dos Indios habitantes deste paiz. Com as missivas e avisos que têm sido enviados de novo". Foi essa Historia traduzida e annotada pelo Dr. Cesar Augusto

Marques, e publicada no Maranhão, em 1874. O titulo foi traduzido por nós em grande parte.

Do Padre Ivo d'Evreux resta-nos tambem a descripção, que fez da sua viagem e fadigas apostolicas emprendidas entre os indios da ilha de S. Luiz do Maranhão, exposta num volume com o seguinte titulo, traduzido daquella lingua: "Viagem ao norte do Brazil, feita nos annos de 1613 a 1614, pelo Padre Ivo d'Evreux, religioso capuchinho, publicada conforme o exemplar unico, conservado na bibliotheca imperial de Paris. Com introdução e notas por Mr. Ferdinand Denis, conservador da bibliotheca de Santa Genoveva". Verteu-a do francez o Dr. Cesar Augusto Marques, que a publicou na cidade de S. Luiz do Maranhão, em 1874.

A cidade de S. Luiz do Maranhão celebrou, desde o dia 12 de Agosto de 1912 até ao 1.º de Novembro, o tricentenario da sua fundação, abrilhantado com exposição estadual. Presidiu ao encerramento do certame o Revmo. Dr. Justino Jansen, ladeado pelo Dr. Luiz Domingues, Governador do Estado, e pelo Senhor Bispo Diocesano, D. Francisco de Paula e Silva. A solemne celebração deste tricentenario accrescentou uma aurea pagina á Historia Maranhense, já tão bem trabalhada, em especial por João de Barros, Claudio d'Abbeville, Ivo d'Evreux, Diogo Moreno, Berredo, Gayoso, Gonçalves Dias, João Francisco Lisbôa, Henrique Leal, Cesar Marques, Candido Mendes, Vieira da Silva, José Ribeiro do Amaral e Barbosa de Godois.

* * *

Antes de entrarmos a relatar as actuaes prefeituras da Ordem Capuchinha nos diversos Estados do Brazil, cumpre advertir que os religiosos Capuchos do Maranhão e Pará não formavam uma Custodia ou Vigararia á parte, mas que dependiam dos seus respectivos superiores provinciaes de Portugal. Constituiam apenas uma Vice-Custodia composta de religiosos de differentes Provincias.

O convento fundado pela Ordem Capuchinha em S. Luiz do Maranhão, começou primeiro por Barbadinhos francezes, em 1612; foi depois occupado por Franciscanos portuguezes da Custodia do Brazil, chamados Menores Observantes Capuchos, e, em 1623, por Franciscanos Capuchos denominados Antoninhos, da Provincia da Con-

ceição da Beira e Minho, sendo por fim adaptado pelo Padre Luiz Figueira, durante o governo de Francisco Coelho de Carvalho, a Collegio e igreja de N. Senhora da Luz, acabado em o anno de 1692 pelo Padre Betendorf, Superior. E' o que se acha não bem pormenorizado na *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão*, pelo Padre José de Moraes. A igreja dos jesuitas assenta sobre as ruínas da capella dos Capuchos.

Quando se separaram as Provincias das diversas religiões do Brazil das suas congeneres em Portugal, e o paiz se tornou independente daquelle reino, ficaram as missões dos Capuchinhos directamente sujeitas á direcção da Congregação de *Propaganda Fide*, a qual se encarregava da manutenção e supprimento do seu pessoal, que ia buscar a qualquer das Provincias da Ordem indistinctamente. No anno, porém, de 1884 punha a Sagrada Congregação e entregava as missões da Ordem Capuchinha á immediata sujeição do Ministro Geral, o qual, por sua vez, as attribuia ás varias Provincias da Ordem. Data dessa epoca a distribuição seguinte das missões capuchinhas do Brazil pelas Provincias infra-mencionadas.

Vamos agora occupar-nos das prefeituras da Ordem Capuchinha estabelecidas no Brazil, começando em primeiro lugar pela prefeitura confiada á Provincia de Milão, a qual abrange os Estados do Pará, do Maranhão e do Ceará. Pelo que respeita á disposição dellas e distribuição do respectivo pessoal, forneceu-nos as noticias o abalisado órgão catholico *Osservatore Romano*, que disto se occupou no dia 2 de Setembro do anno de 1915.

Lembrados os soldados da armada de Jeronymo d'Albuquerque do zelo e fervor caritativo dos capuchinhos Frei Cosme e Frei Manoel da Piedade, pediram ao chefe que significasse a sua Majestade catholica o muito que convinha a esta provincia a presença destes religiosos. Em virtude desta representação foram mandados para o Maranhão Frei Antonio da Merciana com mais tres companheiros, Frei Christovam de S. José, Frei Sebastião do Rosario e Frei Felipe de S. Boaventura, que se dirigiram ao Pará, chegando a 22 de Julho de 1617 e lá ficaram. Erigiram em Agosto o Hospicio de Una tres quartos de legua distante da cidade.

Sendo porém, nomeado para primeiro governador

deste Estado, a 23 de Setembro de 1623 e despachado a 25 de Março de 1624, Francisco Coelho de Carvalho, largou immediatamente do Tejo trazendo em sua companhia a Frei Christovam de Lisboa, irmão do celebre antiquario Manoel Severim de Faria (1) Commissario de uma leva de religiosos da Provincia de Santo Antonio, primeiro Custodio da sua religião naquellas conquistas, Commissario do Santo Officio e Visitador Ecclesiastico. Vendo Frei Christovam que o Governador se havia de demorar muito em Pernambuco, seguiu logo para o Amazonas a 12 de Julho de 1624. Acompanhavam-no dezaseis missionarios da mesma Ordem, dois Carmelitas e algumas familias, que tinham vindo do reino. Deixando, a pedido de Martim Soares Moreno, dois dos seus religiosos no presidio do Ceará, proseguiu viagem, entrando na cidade de S. Luiz a 5 de Agosto de 1624.

Aqui chegado, deu principio ao convento de Santa Margarida, no lugar onde hoje existe, e teve o prazer de vê-lo acabado, no 1.º de Fevereiro de 1625. Partindo, em 1625, para o Pará, deixou por seu primeiro guardião a Frei Antonio da Trindade.

Sobreveio novo contingente de religiosos Capuchos da Provincia de Santo Antonio do reino para o Maranhão a 15 de Março de 1693, aportando ali a 7 de Maio do mesmo anno.

Eram quinze as aldeias de Tapuyas mansos, diz Berredo, missionadas pelos Capuchinhos das Provincias de Santo Antonio, Conceição, N. Senhora da Piedade, no Amazonas, em 1639. Os Capuchos de Santo Antonio evangelizavam ainda estas duas parochias nos affluentes do grande rio: Mondim, antiga aldeia de S. José, á margem esquerda do rio Paracary e Outeiro, antiga aldeia de Ubucuará, á margem esquerda do rio do mesmo nome.

Na "Palavra" de Belém do Pará dizia o Sr. R. C. Alves da Cunha: "Os Capuchos da Piedade, (isto é, da Provincia de N. Senhora da Piedade), fizeram surgir as cidades de Alemquer, Faro, Monte-Alegre, Obidos e Porto de Móz, as freguezias de Arrayollos e Villarinho do Monte,

(1)—Nasceu Manoel Severim de Faria na freguezia de Pombeiro, chamada antigamente Couto de Filgueira, falleceu em Madrid a 2 de Junho de 1649, contando 61 annos de idade. Seus ossos foram trasladados para Portugal por sua mulher e repousam em uma urna na sacristia da igreja de Santa Maria do Pombeiro, em cuja tampa está aberto em latim genuino o seu epitaphio.

assim como a povoação de Carrazedo; os Religiosos de Santo Antonio as cidades de Chaves e Soure, as villas de Monsarás e Monforte ou Joannes, a freguezia de Salvaterra e a povoação de Espozende; e os Padres de Santo Antonio da Provincia da Extremadura a povoação do Outeiro. Elles levantaram nesta capital bellissimas igrejas e conventos, os quaes estão ainda prestando relevantissimos serviços ao Governo Federal e Estadoal, bem como ao ensino popular. Por toda a parte estabeleceram cursos de instrucção primaria e secundaria. No interior construíram hospícios em diversos logares e a igreja de N. Senhora de Nazareth, (cuja primitiva construcção se deve aos Jesuitas), que é presentemente a matriz da cidade.

No porto de Joannes, na costa oriental da ilha Marajó, acossado constantemente de maretas, os Religiosos de Santo Antonio começaram a fazer um quebra-mar, a fim de proteger o desembarque; mas infelizmente não conseguiram concluir esse utilissimo melhoramento, que ali ainda era visto ha alguns annos.

O Padre Nicolino fez importantes explorações nas mattas da Goyana Brazileira, na parte pertencente ao territorio paraense.

Os Frades Capuchinhos Lombardos, aos quaes está entregue a cura espirital da colonia indigena de Santo Antonio do Prata, tornam este nucleo adeantado cada vez mais prospero. O edificio da sua residencia nesta capital e a igreja, que na mesma estão erguendo ao seu patrono, são provas inconcussas do intranhavel zelo que os anima pelas cousas da religião". Até aqui, com poucos addittamentos postos entre parenthesis, o Sr. R. C. Alves da Cunha.

Occupam os Capuchinhos do Norte do Brazil, além do Convento de Belém e o Convento do Carmo no Maranhão, os Conventos de S. Francisco, de Canindé, santuario de grande frequencia de fieis, o da Fortaleza no Ceará, a residencia de Santo Antonio do Prata e o Convento de Ourém, no Pará, ao qual esteve annexo um instituto de ensino, que, por falta de subsidio, se extinguiu. Causou justa admiracção a frequencia de mais de 300 alumnos, que affluíram dentro de poucos mezes a instruir-se em suas aulas durante o tempo que funccionou.

Vindo agora ao Ceará, chegavam a 31 de Julho de

1753 ao arraial de S. José da missão velha dos Cariris os primeiros missionarios Capuchinhos, em companhia do tenente Francisco Alvares de Pugas, por nisso se empenhar Jeronymo Mendes de Paz (*Notas para a Historia do Ceará*, pelo Sr. Dr. Guilherme Studart, pag. 41).

Eram em geral os povos os primeiros que requisitavam o estabelecimento de conventos de religiosos entre elles.

A 29 de Agosto de 1702 pediam os moradores da Capitania do Rio Grande do Norte um convento de frades, pedido que foi indeferido, por julgar o Rei que elles não tinham meios sufficientes para prover á sustentação dos religiosos.

A 7 de Outubro de 1764 dirigiam os Camaristas da Villa de S. José de Ribamar uma petição a El-rei D. José para que os Franciscanos substituíssem os Jesuitas no hospicio de Aquiraz, depois da expulsão dos mesmos religiosos dali e de todas as missões da serra de Ibiapaba, em Junho de 1759.

A 27 de Setembro de 1783 o Senado da Camara, vendo a penuria de sacerdotes existente na freguezia da Fortaleza, dirigiu uma representação á Rainha D. Maria I, rogando-lhe fosse servida conceder á villa um convento ou hospicio de religiosos da Ordem de S. Francisco ou Carmelitas da Reforma ou da invocação ou denominação, que S. Majestade desejasse escolher, a fim de que pudessem ser espiritualmente soccorridos os povos. O Sr. Dr. Guilherme Studart, depois de archivar tão preciosas noticias na sua obra *Notas para a Historia do Ceará*, acompanha-as desta sabia reflexão: "Como vê-se, era ordeiro, religioso o espirito do nosso povo; como ainda hoje, não se arreceava da sotaina, influencia inventada e combatida tão sómente pelos ignorantes das licções da historia Brasileira e pelos que se armam nos arsenaes da intolerancia contra a liberdade do pensamento dos que não commungam na taça de suas idéas, estreitas e pouco generosas". (Vide pag. 361 da citada obra).

Os religiosos Capuchinhos da presidencia do Maranhão receberam de Deus o penhor de lhe serem acceitos os trabalhos e suores levados no amanho desta porção da sua vinha. A impressão do seu sinete na obra, que vinham executando, foi a palma do martyrio, que ceifaram alguns

delles, tombando gloriosamente no campo da sua dedicação pelo bem do proximo.

No incidente a um tempo triste e consolador, que passamos a narrar succintamente, não foram os pobres indios mais que instrumentos passivos nas mãos de gente extranha, que pretendeu impedir germinasse a bôa semente da doutrina espalhada pelos genuinos filhos de S. Francisco, a qual promettia uma copiosa e risonha novidade. Foi este lamentavel acontecimento referido em um opusculo escripto em lingua italiana, pelo Revmo. Padre Bartolomeo da Monza, sob a epigraphe: *Massacro di Alto Allegre*.

Em 1870 o Padre Frei Guisepe Maria da Loro foi nomeado director dos selvagens em Barra de Corda, pouco distante do rio Mearim, no Estado do Maranhão. Passados cinco annos de residencia entre elles, foi obrigado a fugir dali, ameaçado de morte. No anno de 1896 comprava o Padre Carlos de São Martinho um terreno em Alto Allegre, nas cercanias da Barra de Corda, para ali implantar a colonia de S. José da Providencia, inaugurada ao 1.º de Junho de 1896.

Fundaram nella os Capuchinhos um Instituto de ensino para os meninos selvagens. O Padre Rinaldo, successor do Padre Carlos no cargo de Superior, dirigiu-se pessoalmente a Italia com o designio de conseguir da Madre Superiora das Terceiras Capuchinhas da Provincia de Genova algumas religiosas, que se encarregassem da educação das filhas dos selvagens. A Madre Gerala, Francisca de Jesus, passou por Montevidéo, donde, acompanhada de cinco religiosas e uma postulante brasileira, seguiu para o Norte do Brazil, levando o caminho de Alto Allegre. Eram estes os nomes das religiosas que a vinham acompanhando; Leonor de Santo Antonio, Ignez de São Carlos, Maria de S. Lourenço, Benedicta de Santa Luzia, Eufemia de S. João, Natalina de S. José, ás quaes se associou a jovem Maria Clara, brasileira, do convento de Santa Thereza, admittida Terceira Regular Capuchinha. Chegaram á Barra de Corda a 24 de Junho de 1899. Ao iniciar-se o anno lectivo de 1901 contavam-se no Instituto dos meninos 40, e 44 mocinhas no Instituto femenino de S. José da Providencia. João Caboré foi um dos primeiros que assentaram morada na missão de Alto Allegre com os selvagens seus subordinados. Era tido e tratado como da

familia. Indo o Padre Rinaldo á cidade do Maranhão, determinou leval-o comsigo a elle e a certo Manoel Justino, que foi ao depois o segundo promotor da cruel carnificina de Alto Allegre. Foram bem acolhidos pelo Governador do Estado, João Gualberto Torão da Costa, que os cumulou de honrarias, a ponto de investir a João Caboré no cargo de principal dos indios. Este, porém, desconhecendo dos beneficios recebidos, não correspondeu á confiança que nelle depositaram os Capuchinhos, e, vendo por elles desapprovada a união illicita, que contraíra com uma selvagem, sua concubina, jurou-lhes vingança. Instigou a Manoel Justino, o segundo maioral da tribu, a que fosse reclamar aos missionarios as mocinhas educandas em nome das mães dellas. Recebida a recusa, Caboré conchavou-se com elle, dando-lhe o alvitre de matar frades, monjas e christãos, antes que estes, dizia, os deitassem a perder a elles. Deu-se a mortandade na manhã do dia 13 de Março de 1901. Foram barbaramente trucidados os Padres Frei Zacharias de Malegno, de 40 annos, Frei Rinaldo de Paulo, de 37 annos, Frei Victor de Bergamo, de 29 annos, Frei Salvador d'Albino, irmão leigo de 29 annos de idade. Cairam assassinadas todas as religiosas supra mencionadas, as 80 educandas, com excepção apenas de uma, os domesticos Pedro de Paulo e Carlota Bizerra, mais de cincoenta pessoas da colonia e de duzentos christãos das circumvisinhanças. As almas das victimas innocentes voaram ao céo laureadas de gloria immarcescivel, chorou de dór a terra matizada do seu sangue por se ver privada do esmalte das suas virtudes. A estes campeões do christianismo appellidou Leão XIII, ao ouvir a noticia do massacre, *Martyres do seculo XX*. Restaurador do Convento de Belém e Superior da Missão dos Capuchinhos Lombardos, no Norte, foi Frei João Pedro do Sexto. Nasceu na Provincia de Milão, em 1868, e, abraçando o Instituto dos Capuchinhos aos dezaseis annos, veio depois para o Brazil em 1886. Chegou ao Pará no anno de 1903, aonde foi encontrar o campo abençoado do seu zelo. Applicado ao Convento de Belém, tomou sobre si o cuidado da construcção de um templo, que deixou quasi concluido. Aconteceu sua morte, no Ceará, a 5 de Dezembro de 1913.

Não podemos passar avante sem mencionar a *Prefeitura Apostolica do Alto Solimões*, que tem por metropole a Sé do Pará, confiada ao zelo do Prefeito Apostolico

Frei Evangelista de Cefalonia, da benemerita Ordem Capuchinha. Occupam-se nesta *Prefeitura* doze Capuchinhos, que têm a seu cargo duas residencias, curam duas igrejas e dirigem no espirital 190 irmãos da Ordem 3.^a, cultivando nos deveres da religião 13.000 catholicos. Foi criada no anno de 1909.

Compõe-se esta prefeitura da Provincia Lombarda de 38 religiosos ordenados ao serviço della e dependentes do Superior regular da Provincia de Milão, auxiliados no seu ministerio apostolico por 35 religiosas. Sustentam 7 residencias, administram 10 igrejas, 2 confrarias, 2 hospitaes, 3 escolas frequentadas por 1.059 alumnos, e leccionam em 7 collegios, entre os quaes sobresae o de Canindé, cuja media de frequencia é de 347 escolares. Montam a 1.521 os Irmãos Terceiros.

2.^o *Provincia de Pernambuco.* — Cidade posta á beira do Atlantico. Em primeiro logar consta-nos pelas Ephemerides Nacionaes, colligidas pelo Dr. J. A. Teixeira de Mello que, a 14 de Dezembro de 1606. Marcos André, proprietario da ilha deste nome, fez doação do terreno de seis braças de testada com a largura de praia a praia, aos padres Capuchinhos de S. Francisco para nelle fundarem o seu convento de Santo Antonio do Recife, capital de Pernambuco.

Vamos depois encontrar os Capuchinhos francezes no Recife. Vem extensamente narrada esta fundação na obra, já outra vez aqui citada: *Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco* de D. Domingos de Loreto Couto. Para explicar por que modo vieram ali ter, é necessario volver algumas linhas atraz na nossa narração.

Quando os Capuchinhos francezes foram obrigados pelas circumstancias a regressar a França, dois delles, ao que consta, foram-se refugiar em Porto Seguro, no Estado da Bahia. Não se terá dado o caso de vir algum delles para Pernambuco preparar o terreno, que depois haviam de cultivar os seus irmãos de habito? Não ficou relação dos nomes dos doze Capuchinhos, que vieram de França sob a obediencia do Padre Archanjo de Pembroch, pela qual possamos verificar quaes foram os que depois surgiram no Recife.

E' certo que foram os Barbadinhos francezes que fundaram nesta cidade o Convento de N. Senhora da Penha, no logar em que antes residiam, chamado fóra das portas

de Santo Antonio, em um pequeno oratorio. Tinham por nome estes religiosos Frei Cyrillo de Mans, Superior de todos, Frei Fabiano, Frei Jorge e Frei Antonio dos Martyres. Doaram-lhes, precedendo auctorização regia, Belchior Alves Camello e sua mulher Joanna Bezerra, a 15 de Abril de 1656, terreno para fundarem o seu convento e igreja sob a invocação do Espirito Santo. Na igreja, que logo passaram a construir, collocaram uma devotissima imagem da Rainha dos Anjos, á qual impuseram o titulo de N. Senhora da Penha de França, de bom pincel, em um grande quadro, a quem recorria a piedade dos moradores, com grande devoção e frequencia... Os milagres da Senhora da Penha deram o nome ao convento, obliterado o do Espirito Santo, sob cujos auspícios se fundou.

Em reforço desta Custodia chegaram em 1671 mais Capuchinhos francezes da Provincia de Bretanha, entre os quaes, a 3 de Agosto desse anno, o Padre Martim de Nantes, que se notabilizou na catechese dos indios, fundando e dirigindo varios aldeamentos nas margens do rio S. Francisco. Transferido das missões para o hospicio da Bahia, como Superior, deixou ao seu successor de apostolado entre o Cariris, o Padre Bernardo de Nantes, o dictionario que compuzera da lingua delles. Foi isto em 1682. Voltando para França em 1687 extenuado de fadigas, ordenou uma substanciosa relação de seus trabalhos de catechese entre os Cariris intitulada: "Relation succinte et sincère de la Mission du Padre Martin de Nantes, prédicateur capucin, missionnaire apostolique dans le Brésil parmi les indiens appelés Cariris", a qual se imprimiu em Guimper, em 1706.

Por sua parte Bernardo de Nantes, que lhe succedeu na missão do rio S. Francisco, deixou-nos o *Katecismo indico da lingua Kariris, accrescentado de varias praticas doutrinaes e moraes, adaptadas ao genio e capacidade dos Indios do Brazil*, impresso em Lisbôa, em 1709.

Tambem o Padre Luiz Vicencio, jesuita, divulgou pelo prelo a sua Arte de grammatica da lingua brazilica da nação "Kariri", que saiu á luz em Lisbôa, em 1699.

O Padre Martim de Nantes chegou a Saint-Malô, França, a 21 de Janeiro de 1688 com a saude bem deteriorada, fallecendo dentro em pouco. Já é tempo porém de nos occuparmos das *Missões* dos religiosos Capuchinhos. Diz com largo descortino o Sr. J. da Rocha Pombo, na sua

auctorizada *Historia do Brazil*. T.^o III, pag. 419. "A obra da evangelização da Parahyba, em que se emularam os Jesuitas e os Franciscanos, foi continuada pelos Capuchinhos. Chegaram estes a contar quatorze missões nas capitanias de Pernambuco e da Parahyba".

Cerca de 50 leguas da villa da Parahyba iniciou o Padre Martim de Nantes, junto com o Padre Theodoro de Lucé, suas missões entre os Cariris, pelos annos de 1671, em uma aldeia fundada pelo portuguez Antonio de Oliveira; logo, porém, se transferiu dahi para o rio S. Francisco a catechizar os filhos dessa mesma nação. De 1602 a 1607, durante o tempo do governo de Diogo Botelho, os frades Capuchinhos tomaram a seu cuidado evangelizar mais aldeias na Parahyba das que antes tinham, no que muito influuiu o mesmo Governador, que promoveu a catechese naquella região.

Entre os annos 1742-1746 missionava a Parahyba o capuchinho Frei Antonio Maria de Modena.

Mais tarde, em 1804, o capuchinho italiano Frei Vital Frescarolo, fundava as missões de Olho d'Agua da Gandeira e do Jacaré de indio gentio Pipipão, Vendê, Umão, Chocó, que divagava ao som da natureza pelos sertões da capitania e bispado de Pernambuco.

J. E. Wapaeus refere no *Brazil Geographico e Historico*, que os "Capuchinhos evangelizavam nas missões ao longo do rio S. Francisco os Obatuaras, que occupavam noutro tempo as ilhas desse rio, cujos descendentes vivem nas ilhas de Propriá e Maroim". Depois do anno 1660 estabeleceram-se elles nas aldeias do rio S. Francisco para trazerem ao christianismo os indios dessa região.

Na relação supra-mencionada refere Martim de Nantes que, além de uma na Parahyba e outra no Rio de Janeiro, sustentavam os Capuchinhos nessas paragens seis missões e vae apontando os nomes de algumas dellas e os dos padres que as dirigiam.

Eram ellas as de Ouracapé ou Varacapé e Cavallo, de indios Cariris, estabelecidas por elle; uma de Aramurús, vinte e sete leguas a montante da desembocadura do rio, a cuidado do Padre Anastacio de Audierne, o qual em 1671 o acompanhou da França, de cuja direcção foi por ultimo encarregado o Padre Boaventura de Bécherel; a de Rodellas, oito dias distante da precedente e longe vinte e duas leguas de Varapá, que tinha por director o Padre

Francisco de Domfront; a de Pambú, vinte e duas leguas acima desta, catechizada em 1685 por Frei Martim de Nantes e Frei Francisco de Domfront, para a qual veio em 1678 o Padre Theodoro de Lucé; uma que demorava a duas leguas acima destas, onde residia o Padre José Chateaugontier; outra em Poxim confiada ao Padre José de Ploermel.

No relatorio apresentado ás Camaras em 1870, a proposito de aldeamentos sustentados por Capuchinhos, observa o Secretario de Estado, que "por elles começaram muitas das nossas povoações". Assim da aldeia de Pambú saiu a parochia do Bom Concelho, da de S. Pedro e mais algumas a de Curral dos Bois, de outras a de Capim Grosso, conservando algumas dellas, nesta sua ascensão canonica, o primitivo nome.

Euclides da Cunha refere-se, no seu estylo diamantino, elogiosamente a estas missões dos Capuchinhos no rio S. Francisco: "De Itapicurú de cima, diz elle á pag. 101 dos *Sertões*, a Geremoabo e dahi acompanhando o S. Francisco até aos sertões de Rodellas e Cabrobó, avançaram logo as missões num lento caminhar que continuaria até o nosso tempo. Não tiveram um historiador.

A extraordinaria empresa apenas se retrata, hoje, em raros documentos, escassos demais para traçarem a sua continuidade. Os que existem, porém, são eloquentes para o caso especial que consideramos. Dizem de modo ininfludivel que, enquanto o negro se agitava na azafama do littoral, o indigena se fixava em aldeamentos que se tornaram cidades. A solicitude calculada do jesuita e a rara abnegação dos capuchinhos e franciscanos incorporavam as tribus á nossa vida nacional; e quando no alvorecer do seculo XVIII, os paulistas irromperam em Pambú e na Jacobina, deram de vistas, surpresos, nas parochias, que, ali, já centralizavam cabildas. O primeiro daquelles logares, vinte e duas leguas a montante de Paulo Affonso, desde 1682 se incorporára á administração da metropole. Um capuchinho dominava-o, desfazendo as dissensões tribaes e imperando, humillimo, sobre os moribichabas mansos. No segundo preponderava, igualmente exclusivo, o elemento indigena, da velhissima missão do Sahy". Desta missão, situada perto de Villa Nova, não restam mais vestigios alguns.

A prefeitura de Pernambuco comprehende, além deste Estado, os de Alagôas, Rio Grande do Norte e Parahyba.

Empregam-se no cultó divino nesta missão treze sacerdotes capuchinhos de Napoles, os quaes administram 3 residencias, 2 igrejas, 8 confrarias e dirigem no espirital 750 irmãos Terceiros, 2 escolas frequentadas por 80 alumnos, um collegio com 40 educandos, e um orfanatrophio, onde acham abrigo 60 orfãos.

Illustrou-se na Sé de Olinda, merecendo ser comparado a S. João Chrysostomo na de Constantinopla, D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, chamado no século Antonio Gonçalves de Oliveira Junior, da Sagrada Ordem capuchinha. Foi alvo de feroz perseguição por parte dos inimigos da Igreja, cujas prerogativas jamais cessou de defender. A sua extraordinaria eloquencia impol-o á admiração de todos.

Liberato Bittencourt traçou o perfil biographico deste grande Bispo, na sua obra—*Homens do Brazil—Parahybános Illustres*. Tambem delle se occupou, nas suas *Biographias*, o Padre Raphael Galanti. Com os dados colligidos destes e doutros auctores vamos compor-lhe o merecido elogio. Nasceu D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira no Engenho da Aurora, em Pedras de Fôgo, a 27 de Novembro de 1844. Seguindo para Olinda ahi começou os estudos no seminario, e recebeu ordens menores em 1860. Em 1863 recolheu-se ao convento dos Capuchinhos de Versalhes, onde, em 1864, fez a sua profissão religiosa. Foi em 1867 para o convento de Tolosa completar os seus estudos. Ascendeu ao sacerdocio a 2 de Agosto de 1868. Voltou esse anno para o Brazil, ensinou Theologia no Seminario de S. Paulo e foi, mais tarde, capellão no Collegio do Patrocinio, na cidade de Ytú. Em 1871 foi nomeado Bispo de Olinda, com dispensa de 3 annos de idade. Na data de 1874 consagrou, por Carta Pastoral, a sua Diocese ao S. Coração de Jesus. Na celebre Questão religiosa foi preso pelo Governo, sendo recolhido á Fortaleza de Santa Cruz. Saiu amnistiado em 1875, seguindo depois para a Europa a tratar da sua precaria saude, retirou-se para o convento dos Capuchinhos em Paris, vindo ahi a fallecer a 4 de Julho de 1878.

Liberato Bittencourt interpretou a opinião unanime de todos, dizendo que “Era um homem de superior intelligencia, de illustração vasta e de notaveis predicaes moraes”.

Prefeitura da cidade do Salvador da Bahia.—Quanto

à fundação do Convento destes Religiosos na Bahia, são os auctores concordes em affirmar que, em 1679, dois frades capuchinhos, João Romano e Thomaz de Sora, tendo embarcado em Lisboa com destino ás missões de S. Thomé e Angola, discorrendo o navio por causa de uma tormenta, perdido o rumo da navegação, veio a parar ao porto da Bahia. Entregando-se aqui logo ao exercicio dos seus ministerios, contentou-se delles o povo, satisfeito do seu zelo e dedicação, de modo que, desejoso de os ter consigo, lhes offereceu de prompto recursos pecuniarios e lhes assegurou meios para levantarem na cidade um pequeno hospicio, que lhes servisse de residencia. Certa senhora, afeiçoada á benemerita acção dos Capuchinhos italianos, offereceu-lhes uma capella, sita na praça conhecida pelo nome da Piedade.

Interveio tambem neste estabelecimento dos Capuchinhos na Bahia o favor d'El-rei D. Pedro II, o qual na data de 22 de Dezembro de 1694, escrevia ao seu Governador na Bahia, Dom João de Lencastro, a seguinte carta:

“Dom João de Lencastro Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. O Padre Frei Francisco de Monte Leão, Capucho Italiano, missionario assistente em São Thomé me escreveu Carta, cuja copia se vos envia, em que pede lhe conceda um Hospicio nessa cidade.

Ordeno-vos me informeis com o vosso parecer neste negocio do Hospicio que pedem os Religiosos Capuchos Italianos, ouvindo aos officiaes dessa cidade. Escripta em Lisboa.—Rei”.

Já antes de estarem aqui estabelecidos os Capuchinhos italianos vinham de vez em quando á Bahia os Capuchos francezes, da prefeitura de Pernambuco, que dirigiam as missões do rio de S. Francisco, a se proverem do necessario, a pedirem providencias ao Governo, a consultarem o Prelado aqui residente, em ordem ao bom andamento das missões. Hospedavam-se então, na falta de convento proprio, nos conventos religiosos de outras Ordens. Desde, porém, que os capuchinhos italianos os puderam acolher em casa propria, é natural que os seus irmãos de habito a procurassem de preferencia a outras, nella se alojassem e procurassem que ella se augmentasse em proveito de todos.

Era de nacionalidade franceza, quando o convento da Piedade surgiu, a rainha de Portugal, D. Maria Luiza

de Saboia, filha do Duque de Nemours. A' sombra do favor real, de que então gozavam na côrte, podiam facilmente os capuchinhos francezes obter licença para se installarem na Bahia, ao lado dos capuchinhos italianos, em beneficio commum dos religiosos de ambas as nacionalidades.

A Camara da cidade implorou, a 24 de Março de 1678, em favor dos capuchinhos francezes a protecção do Rei, o qual, por alvará de 11 de Dezembro de 1679, lhes permittiu fundarem hospicio, e logo em seguida os auctorizou a aproveitarem-se do que os capuchinhos italianos occupavam. Para se dar á execução o que determinava a carta regia, foi nomeado presidente do Hospicio capuchinho na Bahia, em 1682, o Padre Martim de Nantes, que então dirigia as missões do rio S. Francisco. Partiram de Lisbôa a trazer-lhe as precisas auctorizações e a auxiliar-o nessa empresa os Capuchinhos do Croizic: Basilio de Faouet, João Baptista e Luiz de Tissange, o qual, enviando Bernardo de Nantes a substituir o Padre Martim no aldeamento que estava á sua conta, esperou pela vinda deste para partir para o Rio de Janeiro.

Permaneceram os capuchinhos francezes na Bahia por espaço de 20 annos, entregues ás piedosas funções do seu ministerio. Não foi, porém, de dura tal estado de cousas. Pelo passamento da rainha D. Maria mudaram-se as boas disposições do Governo para com os capuchinhos francezes, o qual deu providencias para elles se incorporarem aos capuchinhos italianos. Ergueram então para sua residencia uma casa a par do convento dos capuchinhos italianos, podendo-se fixar como data precisa dessa edificação o anno de 1689, que se acha posto em uma lapide commemorativa achada nesse local, e que se conserva encravada na grossura da parede da portaria ao lado esquerdo de quem entra.

Afinal o Governo, offendido das presas feitas pelos armadores francezes nos navios portuguezes, envolveu tambem, não com sobrada justiça, os capuchinhos dessa nacionalidade na suspeição de conspiradores e contrarios. Chegados á precisão deste ponto, somos obrigados a nos declarar. Apezar do Veneravel Padre José de Anchieta ter deixado escripto, referindo-se em geral aos francezes no Brazil, que "Os seus projectos eram pousar ahi e fazerem-se senhores daquella terra e esperarem as naus da India, na altura do Cabo da Bôa Esperança ou da ilha

de Santa Helena”, devemos declarar que essas palavras não visavam os religiosos de qualquer Ordem monastica, e que os da nação franceza eram completamente extranhos a tudo quanto fosse atraioar os portuguezes para favorecer os designios de seus compatriotas. A severa disciplina, que reina entre os religiosos, não se compadece com semelhantes processos. O mesmo Frei Archanjo de Pernambuco declarou a Diogo de Campos, auctor da *Jornada do Maranhão* que, por occasião da batalha de Guaxindiba, “elle e os mais Religiosos fizeram grande diligencia para que os Francezes não fossem a fazer a guerra aos Portuguezes á outra parte, e que elle em pessoa estivera em Itapary tres dias para estorvar a Jornada; mas que não podendo mais, se tornára para o seu Convento tão desconsolado, que logo dissera aos Religiosos: *A nossa gente virá, ao que intendo, com a cabeça rota, pois commettem a quem os não busca, e não tomam o meu conselho.*”

Atemos agora o fio da narração. Banidos da Bahia os capuchinhos francezes, pelos annos de 1687-1700, narra o opusculo *Os Religiosos Capuchinhos da Bahia*, depois de um curto intervallo em que assumiram a administração das suas aldeias de indios os Carmelitas Descalços de Santa Thereza, ordenou o Governo portuguez, em 1709, fossem ellas entregues aos Capuchinhos italianos, o que se veio a effectuar canonicamente pelo decreto de 29 de Fevereiro de 1712 da Sagrada Congregação de *Propaganda Fide*, tomando posse da prefeitura então constituida Frei Miguel Angelo de Napoles.

Segundo Accioli, Silva Lisbôa e outros auctores, o Hospicio da Bahia administrou então as seguintes missões: *de indios Kariris* as de Irapú, que tinham como oragos Santo Antonio e S. Felix de Cantalicio; Varacapá, dedicada a S. Francisco, e Pambú a N. Senhora da Conceição; *dos Procazes*, a do Axará sob a invocação de N. Senhora de Belém e Rodellas, sob a invocação de S. João Baptista, a de Vargem, tendo como orago o Beato Seraphim do Monte Procaro; *da tribu Oromais*, a chamada de S. Pedro, sob os auspicios deste Santo; *da tribu Ciocó*, a de Pacatuba, com a igreja sob a invocação do Espirito Santo; *dos Grens ou Guerens*, a do rio de Contas, dedicada a N. Senhora dos Remedios. Outras chronicas e memorias mencionam ainda, como dessa epoca, as de Cavallo, Trapoá, S. Fidelis e Boldrima ou Taipú.

Apresentamos já aos benevolos leitores as elogiosas *referencias* do a todos os titulos grande escriptor Euclides da Cunha, aos serviços prestados pelos capuchinhos nas missões do rio S. Francisco. Rematemos essa transcrição com as palavras que se acham situadas á pagina 101, do mesmo livro "Sertões": "Com effeito ali, totalmente diversos na origem, os actuaes povoados sertanejos se formaram de velhas aldeias de indios, arrebatadas em 1758, do poder dos padres pela politica severa de Pombal... As fundações ulteriores á expulsão dos jesuitas, calcaram-se no mesmo methodo.

Do final do seculo XVIII ao nosso, em Pombal, no Cumbe, em Bom Conselho e Monte Santo, etc., perseverantes missionarios, de que é modelo bellissimo Apollonio de Todi, continuaram até os nossos dias o apostolado penoso". Segundo o notavel historiographo, data do anno 1702 a primeira missão dos franciscanos, que fixou no Sahy e em Geremoabo os Orizes convertidos.

Frei Apollonio de Todi chegou a Lisbôa no anno de 1779, aportou á Bahia no de 1780, dirigiu-se a Iguape no de 1781, em 1885 prégava em Geremoabo, vindo a fallecer em Monte Alegre da Bahia, em 1820.

Evangelizava por esta epoca de 1820 os Cumacans, pacificados pelo Coronel João Gonçalves da Costa, desde o anno de 1806, o venerando sacerdote capuchinho da Bahia Frei Ludovico de Liorne. Havendo-se avistado com elle, saíram-se nestas palavras von Spix e von Martius na obra *Através da Bahia*: "Se houvesse alguém capaz de conseguir converter aos sentimentos de mansidão e tornar susceptiveis á voz da religião esses irrequietos e incultos filhos da floresta deveria ser o digno ancião". Este trecho foi extrahido dessa obra vertida do allemão pelo Sr. Dr. Manoel A. Pirajá e pelo Dr. Paulo Wolf, ha pouco finado.

Passados trinta e um annos entre as hordas indigenas dos Cumacans e Boticudos achava-se Frei Ludovico, por volta do anno 1848, no Hospicio dos Capuchinhos do Rio. Contava por essa occasião o venerando capuchinho a pessoa fidedigna, um desses lances da mão de Deus, o passo interessante do baptismo dum pequeno Cumacan, que muito consolou o zeloso missionario e edificou aos irmãozinhos d'elle, que o foram desentranhar das brenhas. No mesmo dia, em que o baptizou o missinario por instincto do alto, entregava o menino Manoel a sua bella alma a Deus,

ao levantar da hostia, dealbada e esmaltada com a estola da graça baptismal. Vem este commovente caso narrado por essa testemunha, que o ouviu da bocca de Frei Ludovico, na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*. V. III, anno 1898, á pag. 293.

Frei Ludovico de Liorne falleceu na Bahia, no anno 1849.

O introductor da planta do café, cultivado na Bahia desde o anno de 1809, Manoel Fernandes Novinho, recebeu dos missonarios italianos Frei Marcello e Frei Pedro os grãos de café, que lhe sortiram grande e valiosa colheita. Assim o diz João Antonio de Sampaio Vianna, na sua *Breve Noticia da primeira planta de café que houve na Comarca de Caravellas, ao sul da Provincia da Bahia, divulgada em Junho de 1842*.

Tornemos, porém, ao Hospicio da Bahia. A pequena capella doada aos capuchinhos foi em 1809 demolida por Frei Ambrosio de Bocca, que em seu mesmo local ergueu um grande e artistico templo, auxiliado nesta empresa pelo illustre religioso Frei Archanjo de Ancona. Tendo ficado a fachada deste bello templo sem receber a ultima demão em 1871, concluiu-a, em 1909, Frei Gabriel de Cagli, actual Prefeito do hospicio, commemorando desta maneira o centenario da restauração com o acabamento da obra, a qual muito contribue para a belleza da Praça da Piedade.

O Hospicio, annexo á igreja, construido em 1679 recebeu diversos melhoramentos em 1687, e agora novamente, em 1914, apresenta seu frontispicio melhorado, graças ainda aos desvelos de Frei Gabriel de Cagli.

O grandioso templo da Piedade foi sempre muito frequentado pela população bahiana, sendo requisitados continuamente os ministros dos excellentes padres Capuchinhos. Residem no Hospicio nove dignos sacerdotes, os Reverendos Frei Gabriel de Cagli, Frei João Maria, Frei Caetano Curvello, Frei Fortunato, Frei Innocencio, Frei Domingos, Frei Agostinho, Frei Francisco, Frei Camillo e dois Irmãos leigos: Frei Nicoláo e Frei Boaventura.

Dependente do Hospicio da Bahia é o convento da Esplanada de Timbó. O seu formoso templo, decorado de grandiosa fachada, é obra do venerando Prefeito do Hospicio da Piedade, Frei Gabriel.

Começou a construcção no anno de 1904 e abriu-se, em 1908, ao culto publico, solemnizado pela presença do

Exmo. Revmo. Sr. D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil. Estão nelle de assistencia os Reverendos Frei Angelo, Frei José e o Irmão leigo Frei Domingos. Na Esplanada abriram as Irmans Franciscanas, em 1907, o Collegio N. S. de Pompeia para meninas.

Floresceu no Hospicio da Piedade em virtudes e exercicio de zelo o Padre Frei Venancio de Ferrara, o qual desde o dia 4 de Junho de 1889 até ao dia 26 de Novembro de 1906, em que se finou, exerceu, durante 17 annos continuos, o cargo de Prefeito dos Capuchinhos da Bahia.

Ferrou o porto do Rio de Janeiro a 4 de Novembro de 1854, na conjunctura critica em que na cidade reinava o flagello do cholera-morbus, aggravado pela febre amarella. Lançou-se logo com desprezo da vida a curar os empestados. Elle mesmo contrahiui a febre amarella, que o poz ás portas da morte. Passou, em 1869, para o norte do paiz encarregado da Prefeitura de Pernambuco. Tomou ahi a peito a construcção da sumptuosa igreja de N. Senhora da Penha, de cujo convento era Prefeito. Restaurou o Collegio de Bom Conselho, fundado em Papacaça para a educação de creanças desvalidas, sob a vigilancia das Irmans Terceiras franciscanas, ao qual deu novo regulamento e imprimiu nova forma directiva.

Na interessante *Memoria*, publicada não ha muito no Recife, sobre as missões dos Capuchinhos de Pernambuco, doze paginas cheias de louvores se consagram a Frei Venancio de Ferrara, enumerando e designando as principaes cidades, villas e freguezias por elle percorridas. Ahi se lêem os seguintes conceitos a seu respeito: "Espirito masculino, miraculoso e incansavel, transforma choupanas em igrejas, capellas em matrizes, e tira das balseiras uma povoação. Frei Venancio não deixou lugar no interior deste Estado sem uma pedrinha do seu trabalho, sem uma joia das suas virtudes, sem um lavor de seu delicado e beneficente coração". Da mesma arte que no Rio de Janeiro e Pernambuco, foi tambem na Bahia objecto dos seus assiduos cuidados a conservação e alindamento do templo, ao qual addicionou uma capella para as Irmans Terceiras franciscanas e um espaçoso coro para os religiosos, concertando de novo todo o tecto e guarneecendo o zimbório de zinco, retocando a pintura, adquirindo imagens em vulto para os altares, que as tinham só em painel, e obtendo

valioso donativo de piedosa senhora para a obra e collocação do artistico e primoroso nicho de prata, que se admira na capella-mór.

Conquistou igualmente na Bahia a confiança do Governo, o qual, empenhado em obter por meios brandos a cessação das hostilidades, com que o celebre Antonio Conselheiro arremettia contra o regimen republicano, procurou e conseguiu achar, entre os religiosos Capuchinhos, dedicados intermediarios para essa empresa de conciliação pacifica, a qual, se bem não sortiu o desejado effeito, recommenda sobre maneira o espirito conciliador dos religiosos, que para ella se offereceram.

Foram estes os dois Reverendos Capuchinhos Frei João Evangelista do Monte Marciano e Frei Caetano de S. Léo. Partiram da Bahia, a 26 de Abril, e chegaram ao povoado dos Canudos, freguezia do Cumbe, a 13 de Maio de 1895, em que começaram a missão, que continuou até o dia 20 em que foi suspensa. Mallograda totalmente a missão de paz, sobreveio a chamada guerra dos Canudos. Frei Venancio offereceu immediatamente então os prestimos dos Capuchinhos para assistirem nos hospitaes de sangue. Não podendo ir pessoalmente tratar aos feridos, por lho vedarem as funções de Prefeito do Hospicio, escolheu para esse ministerio a Frei Jeronymo de Montefiore, Major Honorario do exercito brasileiro, posto a que subiu por serviços prestados na campanha do Paraguay. Sua dedicação e solicitude no desempenho daquella difficil tarefa acham-se consignados no relatorio do Comité de Soccorros ás victimas dos Canudos, onde são louvados e enaltecidos.

Um varão que assim povoou o solo brasileiro de templos, de hospicios, de institutos de ensino, é benemérito da Patria que o adoptou e recebeu por filho, como os que mais o foram.

No Rio de Janeiro tornou-se o poderoso auxiliar, o *braço direito*, nome por que era designado, do inolvidavel Frei Caetano de Messina, e quem sob seu influxo mais trabalhou no augmento e decoração da igreja do Morro do Castello e na fundação do hospicio contiguo.

Em falta de outros encomios, que consagremos á sua abençoada memoria, fala bem alto e proclama o seu raro merito a brevissima inscripção posta na pedra tumular, que lhe cobre as cinzas, pelas Irmans Terceiras Francis-

canas, em preito de gratidão, no cemiterio do Campo Santo. E' a seguinte: *Aqui jazem os restos mortaes de Frei Venancio de Ferrara—Religioso Capuchinho. Nasceu a 11 de Setembro de 1822.—Missionou durante 52 annos no Brazil.—Morreu a 26 de Novembro de 1906.—Requiescat in pace.* O Convento da Piedade conta entre seus benemeritos Prefeitos a Frei Paulo Antonio de Casanova, lembrado ainda por muita gente bahiana, que o conheceu e admirou suas virtudes. Morreu de morte subita, como soldado que cæe com as armas na mão no campo de batalha, a 30 de Janeiro de 1891. Nascido na Italia a 1 de Dezembro de 1813 iniciou no Brazil, em 1844, a carreira de missionario que percorreu durante 47 annos, dos quaes empregou 11 no Estado do Espirito Santo, 13 no de Sergipe e 23 na Bahia. Seu nome ficou gravado nos annaes das missões destes tres Estados em caracteres de oiro.

A prefeitura da Cidade do Salvador da Bahia, compõe-se de dezaseis sacerdotes capuchinhos da Provincia Picena (Marca de Ancona), dependentes do proprio Superior Regular. Mantem tres estações missionarias, cuida de cinco igrejas, oito confrarias, e dirige 1.064 Irmãos Terceiros.

Prefeitura do Rio de Janeiro.—Havendo-se os religiosos Capuchinhos estabelecido no Morro da Conceição do Rio de Janeiro, obrigou-os o rei, diz o Padre Galanti na sua *Historia do Brazil*, T. III, pag. 57, em consequencia do receio de algum acommettimento por parte dos francezes, a sair daquella cidade, passando ao bispo a casa que habitavam. Foram em compensação substituidos, em 1705, pelos Capuchinhos italianos. Os primeiros religiosos desta nação, que vieram para o Rio, foram Frei Jeronymo e Frei Antonio de Perusia. Ha nesta cidade o Convento dos Barboneos de N. Senhora da Penha de França.

Dependente da prefeitura do Rio de Janeiro é a parochia de Santa Thereza, a cargo dos capuchinhos, importante nucleo colonial no interior do Estado do Espirito Santo, situado na ultima região visinha da serra dos Aymorés. Os colonos ali são allemães, polacos, italianos e brasileiros em numero de 12.000. Os religiosos sustentam ali uma escola de ler e escrever, annexa a um collegio.

A respeito da aquisição do pessoal desta inclita Ordem no Brazil, diz-nos o Dr. Candido Mendes de Al-

meida na importante obra *Direito Ecclesiastico Brasileiro*: “Em 1840 determinou o Governo que o nosso Ministro em Roma promovesse a vinda de Missionarios Capuchinhos para algumas Provincias do Brazil. Em 1842 dirigiu-se o Governo Imperial ao Internuncio Mgr. Ambrosio Campedonico, solicitando de novo o seu auxilio para a vinda de novos Missionarios, e estabeleceu para estes um Hospicio nesta Côrte. Em 1843, por Decreto n. 285 de 21 de Junho, foi o Governo auctorizado para mandar vir de Italia Missionarios Capuchinhos. A Commissão Ecclesiastica da Camara dos Deputados, em seu parecer do 1.º de Março desse anno, já fazia realçar os serviços que esses dignos obreiros do Evangelho prestavam entre nós. Felizmente no anno 1862 conseguiu-se firmar o tão desejado accordo com a Santa Sé, sob as bases propostas pelo nosso Ministro, em Roma, em Nota de 28 de Outubro de 1862, que nesse mesmo dia foram acceitas pelo Pro-Secretario de Estado de S. Santidade, o Cardeal Antonelli”.

A estas diligencias se referiu o Conego Dr. Ildefonso Xavier Ferreira escrevendo nas *Constituições do Estado da Bahia* que: “Em 1845, mandou o Governo buscar na Europa Religiosos Capuchinhos para virem catechizar innumeras hordas de selvagens.. Vieram com effeito estes religiosos com grande dispendio da Fazenda Publica”.

Em todos os tempos e por todas as maneiras têm os Capuchinhos correspondido com amor e dedicação á Patria brasileira, que os acolheu em seu seio, ainda nas mais difficeis conjuncturas. Cada qual delles sustenta o posto, que lhe foi assignado, quer entre a assolação da peste, quer entre o incendio das discordias e o fragor das armas, conquistando victoriosas corôas como os mais insignes heróes, que lhe deram inesperadas victorias. Basta em prova disso o relatorio apresentado ás Camaras em 1870 pelo Ministro do Interior, aonde se exprimia desta forma: “Não terminarei sem mencionar os relevantes serviços prestados pelo prefeito dos capuchinhos, o venerando Frei Caetano de Messina e seus dignos companheiros Frei Fidelis d’Avola, Frei Gregorio do Prado, Frei Jeronymo de Montefiore, Frei Joaquim do Monte Palermo, Frei Salvador e Frei Gabriel de Napoles, os quaes, compartilhando os perigos e incommodos da guerra do Paraguay e arrostando as balas inimigas, souberam confirmar o valor do soldado brasileiro, soccorrer os feridos e levar aos mori-

bundos a convicção consoladora de seu martyrio pela patria. Em Matto Grosso o respeitavel ancião Frei Mariano de Bagnaria e Frei Angelo de Caramónico mostraram-se tambem dignos do seu augusto ministerio, quer durante a invasão do Paraguay, quer no tempo da sua prisão entre o inimigo. O ultimo, depois de sujeito a açoites, foi degollado”.

Ficou inolvidavel na memoria do povo Frei Caetano de Messina, zeloso missionario, honra e brilho da sua Ordem, benemerito da nação brasileira, o qual, por onde quer que transitava, ia annunciando aos povos a palavra evangelica, deixando arvorado por toda a parte, como marco de fé, o symbolo da Redempção. O Conselheiro Pires da Motta, citado pelo Sr. Conego Manoel Vicente no sermão *Cruz e Patria*, costumava dizer que “só elle tinha feito mais pela pacificação do interior de Pernambuco e do Ceará do que poderia fazer um exercito de vinte mil homens, com a preciosa circumstancia de não haver derramado uma só gotta de sangue”. Foram beneficiados por elle com especial carinho os povos do Norte de S. Paulo. Nasceu em Sicilia, na Italia, no anno de 1807. A 11 de Junho de 1876 chegava a Taubaté para abrir a santa missão, a qual durou até 23 de Julho. Encarregado do Commissariado Geral da Ordem capuchinha, dirigiu-se para Montevidéo a 24 de Agosto de 1877. Chegou na vespera de Natal desse anno e veio ali a concluir seus dias a 9 de Janeiro de 1878.

Frei Fidelis d’Avola durante a guerra do Paraguay fazia em tiras o proprio habito para pensar os ferimentos dos soldados. Por occasião do ataque de dois batalhões brasileiros contra a cavallaria do exercito paraguayano, a 11 de Dezembro de 1868, lançou com a dextra, armada do crucifixo, a benção aos dois corpos, que, recobrando valor, carregaram sobre o inimigo, repellindo-o á baioneta e tomando de assalto a artilheria inimiga. Floriano Peixoto, quando Presidente da Republica, dedicava-lhe grande veneração. Frei Fidelis, pelo ascendente que tinha alcançado, pôde obter delle grandes beneficios em prol da Religião. Chegou a conseguir que, estando á frente do governo militar da Bahia o marechal Hermes da Fonseca, se restituísse a seus legitimos proprietarios o Hospicio de Jerusalém de N. Senhora da Conceição. Falleceu em pobreza extrema em 1895 no convento de Santo Antonio do Rio.

Quando baixou á sepultura foram-lhe prestadas as honras militares, que lhe eram devidas como a brigadeiro do exercito.

Sem nos occuparmos demasiado da personalidade do benemerito Frei Jeronymo de Montefiore, incansavel enfermeiro e capellão dos hospitaes de sangue da guerra em Canudos, fallecido a 25 de Setembro de 1900, passemos a fazer honrosa memoria do Padre Frei Gabriel da Barra de Napoles, valoroso e prestigioso veterano da campanha do Paraguay, que obteve as honras militares de tenente-coronel do exercito brasileiro. Natural de Napoles, donde tirou o appellido, chegou á Bahia, feitos já os votos religiosos, em principios do anno 1865. Dedicou-se logo a tratar e cuidar dos feridos, recolhidos ao forte de S. Marcello, numa revolta, que rebentou nesta cidade. Passou para o Rio de Janeiro, aonde o Imperador Pedro II o contractou como capellão do exercito no posto de tenente. Rompeu a guerra, e então Frei Gabriel marchou para onde o chamava o dever. Em dada occasião caiu prisioneiro do tyranno Lopez, mas conseguiu safar-se da prisão, auxiliando depois a fuga de outros officiaes brasileiros, detidos igualmente como elle. Foi então promovido a major. Na vigencia da Republica, correu sempre em soccorro dos feridos das tropas legaes, e tamanhos foram os seus serviços, tanta a sua dedicação que o marechal Floriano, então Presidente, o promoveu a tenente-coronel. Extincto o corpo de capellães, recolheu-se Frei Gabriel ao convento do Morro do Castello entregue exclusivamente ao sagrado ministerio, sem de lá sair mais durante os cinco annos que precederam o seu obito. Ali veio a fallecer na avançada idade de 76 annos. Teve as honras militares na occasião dos seus funeraes, correspondentes á sua graduação. Frei Gabriel foi Prefeito do Hospicio da Bahia desde 1886 até 1889.

A prefeitura do Rio de Janeiro, constituida por religiosos da Provincia Monastica de Siracusa, compõe-se de vinte e um missionarios, coadjuvados por cinco Irmans. As residencias são quatro, as escolas sete, frequentadas por 360 alumnos. Os Capuchinhos della ajudam no espirital 450 irmãos da Ordem Terceira e sustêm dois collegios com 120 educandos. No anno de 1912 era Superior della Frei José Maria de Castrogiovanni.

Prefeitura de São Paulo.—Os primeiros capuchinhos

que se estabeleceram no Estado de S. Paulo eram francezes, da Provincia de Chambéry, os pios e abalisados lentes enviados expressamente pelo Soberano Pontifice Pio IX. No dia 3 de Agosto de 1852 D. Antonio Joaquim de Mello, elevado á dignidade episcopal, entrava sollemnemente em S. Paulo para tomar posse do bispado. O primeiro e principal desejo do novo Prelado foi, cingindo-se ao espirito da Igreja, a fundação de um seminario. Para realizar seu vasto projecto envidou todos os esforços, e no dia 9 de Novembro de 1856 teve a satisfacção de assistir á inauguração delle.

Tendo recorrido ao Summo Pontifice para alcançar quem tomasse a direcção deste estabelecimento, mandou-lhe Pio IX tres distinctos religiosos capuchinhos: Frei Affonso de Rumilly, que dentro em pouco voltou para a França, Frei Eugenio de Rumilly e Frei Firmino de Centelha. Este numero assim diminuto foi ampliado no anno seguinte com a vinda da Europa de mais nove religiosos: Frei João de Monte Fiori, Frei João Baptista de Rumilly, Frei Ambrosio, Frei Justo, Frei Calixto, Frei Theodoro, Frei Ambrosio, Frei Francisco Vibonati e o celebre Frei Germano de Annecy.

O Seminario, que começára com 14 alumnos, já em 1860 viu esse numero crescer a 180 internos, e numerava em 1861 250 seminaristas.

Frei Eugenio de Rumilly foi o primeiro Reitor, que, perspicaz e previdente, soube conquistar entre o clero e na sociedade paulista enorme prestigio.

Dirigiu o Seminario desde a sua abertura, 9 de Novembro de 1856, até o anno 1873. Frei Germano celebrou-se, como naturalista, em sciencias e, principalmente, em astronomia.

Mais tarde o Bispo D. Lino Deodato Rodrigues alcançou que viessem para o Seminario os Capuchinhos da Provincia de Santa Cruz de Trento. Afinal, após quasi vinte e cinco annos de assiduos labores levados durante o bispado de D. Lino, não vendo os Superiores da Ordem maneira de chegar a accordo com a auctoridade diocesana para harmonizar os interesses do Seminario com as exigencias da Ordem, retirou o Rev. Padre Geral do Seminario os seus irmãos, que regressaram aos respectivos conventos. Não se eximiram, porém, de trabalhar em beneficio publico. Na prefeitura de S. Paulo flo-

rescem o Convento da Immaculada Conceição na cidade do mesmo nome; o de S. Benedicto; o da cidade de Botucatú, aberto a 24 de Abril de 1903; o de Piracicaba, inaugurado a 7 de Março de 1890; o de Santa Clara de Taubaté que era ao principio de Franciscanos, fundado a 25 de Março de 1674, pelo Franciscano Frei Jeronymo de S. Braz, occupado desde 1891 pelos Capuchinhos; o de Pennapolis e o da Conceição do Monte Alegre. Frei Bernardino de Lavallo foi o primeiro Reitor do Seminario de Taubaté, em 1910.

Missões.—No anno de 1903 o Padre Frei Bernardino Lavallo, então Provincial dos Capuchinhos, iniciou a catechese dos indios de S. José do Paranapanema e do Bairú, enviando ali quatro religiosos capuchinhos. Partiram auxiliados pela coadjuvação do governo. Correm com a catechese dos silvicolos o Presidente Padre Salvatore da Cavadine e o Vice-Presidente Padre Sigismundo da Canazei. Em 1819 superintendia á missão de Matto Grosso Frei José de Macerata.

No Estado de Minas Geraes temos a missão de Itambacury. No anno de 1873 o venerando capuchinho Frei Seraphim de Gorizia, acompanhado do seu confrade Frei Angelo de Sassoferrato, percorrendo as mattas cerradas do Mucury, chegava a um ameno valle golpeado por tres grossos ribeiros, ao principal dos quaes appellidou Itambacury. nome que todavia perdura. A 13 de Abril desse anno celebrava Frei Seraphim a primeira missa, a que assistiram os habitantes desta região, acolytado por Frei Angelo.

Em 1895 o aldeamento transformava-se em *Colonia Indigena de Itambacury*. A população total arribava a 12.000 habitantes e a colonial compõe-se de 126 familias constituídas por 665 individuos. Existem ali tres cadeiras de instrucção gratuita de meninas, fundadas por Frei Seraphim e dirigidas por cinco Irmans franciscanas. Itambacury desde a éra de 1893 deixou de ser a missão selvagem para se transformar em uma florescente cidadella. Edificada nas abas do monte, cuja chapada coroam o convento e a igreja, offerece de longe uma agradável vista. Entre as construcções solidas, e á moderna, destacam-se o apprendizado agricola e o collegio. Aquelle é dirigido por Frei Vicente de Liconia, conta 40 alumnos, este é mantido pelas Irmans franciscanas de Santa Clara. Além das

alumnas internas dos dois cursos, ha tambem um internato para moças indigenas. No collegio estão de residencia actualmente sete Irmans leccionando um curso primario e outro secundario, em que entram aulas de piano e de costura.

Constroe-se em Itambacury uma espaçosa igreja, que virá a ser, quando acabada, a mais importante do norte de Minas, tudo fructo da actividade de Frei Vicente. Pelo que é singular o confronto entre as duas phases por que passou Itambacury: a primeira do desbravamento e catechese primitiva, em que se salientam as personalidades de Frei Seraphim e Frei Angelo (1873-1893), a segunda a da progressiva e accentuada civilização, em que resplandece entre as de seus irmãos a figura de Frei Vicente, cujo ardor e afan pelo progresso o levam a sonhar com um seminario menor em Itambacury e até mesmo com a cathedral do bispado no majestoso templo, que virá a ser a sua matriz em construcção.

A mais se estendeu a acção benefica de Frei Vicente. A 26 de Junho de 1918 inaugurava-se a pouca distancia da pequena cidade da Conceição do Serro, no centro do Estado de Minas, no Collegio "D. Francisco", fundado a instancias do venerando Arcebispo D. Silverio Pimenta e dirigido por religiosos franciscanos, uma Escola Agricola confiada ao zelo e cuidados dos capuchinhos, sob a direcção de Frei Vicente de Licodia.

Frei Seraphim de Gorizia, o fundador do Itambacury, no Estado de Minas, falleceu na madrugada do dia 3 de Dezembro de 1918.

Oriundo de nobre familia austriaca, laureado em engenharia, official da secretaria do ministerio dos estrangeiros, amigo intimo do finado Imperador, desquitou-se João Maron do mundo na idade de 45 annos, para se ir ordenar em Roma e professar na Ordem Capuchinha, onde tomou o nome de Frei Seraphim. Consagrou 45 annos de vida ao apostolado, no Brazil, entre indios selvagens, que uma vez chegaram a assetteal-o. Seu fiel companheiro naquella missão, Frei Angelo, conta hoje 75 annos de idade.

A prefeitura de S. Paulo, dependente do proprio Superior regular, consta de 54 religiosos da Provincia de Trento, distribuidos por sete residencias, curam sete igrejas, administram oito confrarias, dirigem 1.000 irmãos

Terceiros, leccionam em seis escolas, cuja frequencia é de 300 alumnos, e dirigem um collegio com 10 internados.

Prefeitura de Rio Grande do Sul.—Em Janeiro de 1896 chegavam a estas paragens, a pedido do Exmo. Bispo de Rio Grande do Sul, D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, os religiosos Capuchinhos de Chambéry o Reverendo Padre Frei Raphael, Ministro Provincial, Padres Frei Bruno e Frei Leão. Dentro em pouco tempo fundaram as quatro estações seguintes: Conde d'Eu, Nova Trento, Esperança, Vaccaria.

Lá por 1902 escrevia o R. Padre Jacomo Vicenzi no Opusculo: *Uma Viagem ao Estado de Santa Catharina*: "Isto faz-me lembrar as palavras do Apostolo quando, animado do Espirito de Deus, dizia: *Omnia omnibus factus sum*: fiz-me tudo para todos. Como elle se consumia pela salvação dos seus proximos! Oxalá assim pensem todos os que, vindos do estrangeiro, escolhem o Brazil por sua segunda patria. Pelo que tenho notado em minha rapida excursão pelo Estado de Santa Catharina, os que mais se acham compenetrados do conselho de S. Paulo são os filhos de S. Francisco de Assis, que na diocese de Curityba são uma verdadeira legião de apostolos que em tudo procuram assimilar-se ao nosso povo". O mesmo se pode dizer a respeito do resto do paiz.

As religiosas franciscanas de S. José de Moutiers (Saboia) chegaram ao Rio Grande do Sul no anno de 1898. A Congregação das Franciscanas de Heijthuisen-Nonnenwerth contava no Brazil, no anno de 1916, trezentas e cincoenta e duas irmans, hollandezas ou allemans. O bem que fazem nos collegios e hospitaes é incalculavel, dizia nesse anno *O Democrata*.

Os Capuchinhos desta prefeitura dirigiram o Seminario Diocesano do Porto Alegre, antes da remodelação por que passou durante o episcopado do Exmo. Arcebispo D. Claudio, em 1890, em que foi confiado aos membros da Companhia de Jesus. Ficaram desde esse tempo os Capuchinhos com o cuidado da direcção do pequeno Seminario Archidiocesano.

Compõem esta prefeitura, dependente do Superior da Provincia de Saboia 40 missionarios; 112 Irmans capuchinhas, sete estações apostolicas, sete igrejas, cinco confrarias. Sustentam os capuchinhos no espirital 1.300 irmãos Terceiros, dirigem dois collegios, com a

população escolar de 72 alumnos, e doze escolas, em que se instruem 1.400 crianças.

"A extincção dos jesuitas, diz o Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira no *Quadro Historico da Provincia de S. Paulo*, que nesta provincia foi tão infensa á causa dos indios, reatando estes á escravidão, que só aquelles puderam contrariar *com obra e palavra*, obrigou a chamar os capuchinhos para a direcção das aldeias, que estiveram a cargo daquelles padres. Ha tres seculos que os humildes missionarios capuchinhos se empregam no vastissimo Brazil nos mais rudes trabalhos apostolicos, são tres seculos de nacionalização".

A Ordem Capuchinha ostenta no frontispicio do codigo da Observancia o mesmo brazão da Familia franciscana, acompanhado do seu mesmo timbre: *Deus meus et omnia*.

A observancia anda em seus conventos no seu ponto de perfeição.

Irmans Terceiras Capuchinhas—Existem, no Brazil, duas Congregações destas Irmans Terceiras: uma fundada em Pernambuco e outra na cidade de S. Paulo.

Ordem Terceira de S. Francisco



Tendo nós neste capitulo nomeado repetidas vezes os irmãos Terceiros, impõe-se-nos a obrigação de, antes de abrir mão da materia, que versamos sobre a Ordem franciscana, narrar brevemente a introdução da Ordem 3ª franciscana no Brazil. S. Francisco de Assis, por volta dos annos 1221, lançou os fundamentos a esta Ordem, em Pozzibonzi, na Toscana. Lê-se no *Novo Orbe Seraphico*, ou Chronica dos frades Menores da Provincia do Brazil, por Jaboatam que, constiuida a capitania de Pernambuco, ou pouco depois de criada a villa de Olinda, chegára ali um frade Menorita, que foi dos primeiros que ali vieram ter.

Ficou delle a tradição de haver instituido, no lugar onde se construiu depois o mosteiro de S. Bento, uma capellinha a S. Roque, e dado principio á organização de uma Ordem Terceira da Penitencia, a qual, na opinião do sobredicto chronista, foi a primeira que houve no

Brazil. A primeira edição dos estatutos da Ordem 3.^a foi publicada em Lisbôa no anno de 1684, por Frei Luiz de S. Francisco, com o seguinte titulo: *Livro em que se contêm tudo o que toca á origem, regra, estatutos, ceremonias, privilegios e progressos da sagrada ordem terceira da penitencia de N. Seraphico P. S. Francisco*. Os mais modernos e completos Estatutos saíram á luz da publicação, com a epigrapha—*Guia dos Terceiros Franciscanos*, em 1918, na Typographia do Convento de S. Francisco, redigidos pelo Reverendo Padre João Maria, Religioso Capuchinho.

A Ordem Terceira estabeleceu-se na Bahia no anno de 1635, em virtude da patente de 4 de Outubro do dicto anno expedida ao guardião Frei Manoel Baptista de Obidos, como se lê na obra do Dr. Vicente Vianna—*Estado da Bahia*.

E' actualmente director espiritual da Ordem Terceira, na Bahia, o Reverendo Frei Mauricio Mellage, O. F. M. e seu digno ministro o Sr. Francisco José da Silva Fortuna, conceituado negociante.

Ella irradiou por todo o paiz e estabeleceu-se nas principaes cidades e villas do Brazil. Os Estatutos da Ordem Terceira de S. Francisco da cidade do Rio foram ordenados em 1675-1690 e conserva-se ainda o autographo delles no Convento de Santo Antonio.

A' Ordem Terceira pertence o nome do Irmão Lourenço, que, foragido da sua patria, procurou abrigo nas terras do Brazil e no Estado de Minas cingiu o cordão de irmão terceiro sobre o burel dos frades menores, a 28 de Fevereiro de 1763, havendo professado a 4 de Outubro do mesmo anno, e jurado "defender a Conceição da Virgem Nossa Senhora", segundo reza a respectiva certidão. Erigiu a 24 de Março de 1774 uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora, Mãe dos homens, e de S. Francisco das Chagas. Trabalhou e empenhou-se, mesmo dirigindo-se ao Principe Regente, para que viessem frades Varatojanos tomar conta e continuar a sua obra de evangelização, offecendo-lhes a igreja e predio, que tinha edificado, e a propriedade que com esmolas adquirira na serra do Caraça. Só depois da sua morte se realizou o seu sonho dourado quando os Lazaristas, como veremos no lugar competente, entraram por disposição testamentaria na posse destes bens e fundaram o seminario do Caraça. Falleceu o Irmão

Lourenço á sombra da igreja de N. Senhora Mãe dos homens a 27 de Outubro de 1819.

Ordem de Nossa Senhora das Mercês da Redempção dos Captivos



A Real Ordem de N. Senhora das Mercês foi fundada por expresso mandado da Santissima Virgem dirigido a Jayme I. rei de Aragão a São Pedro Nolasco e a São Raymundo de Penhafort, em sua gloriosa descida a Barcelona, na noite do dia 1 para 2 de de Agosto de 1218.

D. Jayme concedeu aos Religiosos das Mercês o po-

derem trazer sobre o escapulário o escudo das suas armas, dividido em palas vermelhas e tres palas de ouro, ao qual ajuntou uma cruz branca, por respeito á sua condição de francezes. Pedro Nolasco era um nobre francez, leigo, que acompanhou a seu rei na conquista de Valencia, de Hespanha. Falleceu a 25 de Dezembro de 1256, aos 67 annos de idade e, em 1628, foi posto seu nome por Urbano VIII no catalogo dos santos. Raymundo de Penhafort foi o confessor de ambos. Morreu em 1275 e foi canonizado pelo Papa Clemente VIII. São Pedro Nolasco foi investido na dignidade de Grão-Mestre da Ordem em 1223, quando foi celebrada a criação official della. A Regra de Santo Agostinho adoptada pelos instituidores foi approvada primeiro por Honorio III e confirmada depois por Gregorio IX, em 1235. A profissão desta sagrada Religião era pedir esmolas pelos fieis, para com ellas remir os captivos, que estavam em terras de Mouros. Aos tres votos da religião accrescentavam o quarto de se deixarem ficar em poder dos infieis, quando tanto fosse necessario para a obra da redempção, voto que São Pedro Nolasco teve occasião de cumprir. Em meados do seculo XIII appareceram as Religiosas das Mercês. Desde o anno 1893 dedica-se a Ordem das Mercês ao ensino e exercicio da caridade. A cidade de Barcelona, que guarda com ufanía a insigne imagem de Nossa Senhora das

Mercês, celebrou festivamente, no anno de 1918, o 7.º centenario da apparição da Virgem. Nessa occasião honrou o Papa Bento XV com uma Carta pontificia, toda recamada de louvores dessa heroica Ordem, ao Mestre Geral della, o Revmo. Padre Innocencio Lopez Santa-maria. Os Mercenarios, ou Mercedarios, como tambem se diz, entraram em Portugal na comitiva da Rainha Santa Isabel, oriunda do real sangue de Aragão, em 1284. Vieram para a America logo desde o seu descobrimento, no anno de 1531, por occasião da conquista do Perú levada a effeito por Pizarro e Diogo de Almagro.

Desde então entraram elles logo a diffundir a luz do Evangelho por aquellas vastissimas regiões, como se exprime Bento XV, deixando da sua passagem monumentos perduraveis em muitas cidades da America latina. Data a introducção desta Ordem no Brazil do tempo em que Pedro Teixeira empreheendeu a expedição á cidade de Quito para descobrir e explorar o grande rio das Amazonas, em vista da viagem que pelo mesmo rio haviam realizado, em 1635, os leigos franciscanos Domingos de Brieba e André de Toledo. Chegou Pedro Teixeira ao territorio de Hespanha em Agosto de 1638 e, partindo de Quito, no Perú, estava já de volta a 16 de Fevereiro de 1639, chegando a Belém do Pará a 12 de Dezembro de 1639. Acompanharam-no em seu regresso para o Brazil; além dos padres Christoval de Acuña e André de Artieda, da Companhia de Jesus, encarregados pela Real Audiencia de Quito de levantar a planta do rio, quatro religiosos Mercenarios Calçados denominados: Frei Affonso Armejo, Superior, Frei Diogo da Conceição, os quaes falleceram em viagem, Frei João da Mercê e Frei Pedro de La Rua Cirne.

“Este, diz o Visconde de Porto Seguro, veio a ficar no Pará, fundando ali um convento da sua Ordem, de que veio a ser Commissario-geral”. Foi por elle lançada a primeira pedra do convento bem como da igreja no anno de 1640. Fundou tambem mais tarde outros conventos da sua Regra: um no Maranhão e outro em Alcantara, em 1664 e 1659 respectivamente.

Na villa de Camutá, no Gram-Pará, tinham os Mercenarios outro convento dedicado a N. Senhora das Mercês sua especial patrona, (Santuario Mariano, T. IX, pag. 399).

A dedicação da igreja das Mercês, na cidade de São Luiz do Maranhão, fez-se no dia de S. Pedro Nolasco, a 31 de Janeiro de anno, que não podemos precisar. Prégou nesse dia do Santo Fundador o Padre Antonio Vieira.

Possuia esta Ordem, além destes, o convento de Santo Antonio de Cumã. Não consta que no Sul tivesse a Ordem das Mercês algum convento ou residencia (*Notas de Historia Ecclesiastica*, por D. L., pag. 67).

A Ordem formava com seus conventos uma Vicária ou Commendataria. Não procurou constituir-se em Provincia independente, conservando-se desta sorte até que, por deliberação da Nunciatura Apostolica, ficou sob a direcção do Bispo Diocesano.

No anno de 1640 foi confiscado aos Mercenarios o seu Convento do Pará. Em 1648, porém, mandou-lhes o rei D. João IV restituir o referido Convento, e permittiu-lhes a fundação de outros, acima mencionados, no Estado do Maranhão, além de um Hospicio em Lisbôa, aonde se detivessem quando houvessem de passar á Europa ou á Hespanha, o qual fundaram com licença de El-rei D. Pedro II, em 1682, e de D. João V, em 1746, que nunca lhes concedeu tivessem ali convento, e até o mesmo hospicio tiveram em breve de abandonar, pela opposição que acharam nos religiosos da Ordem da Santissima Trindade. Na repartição das missões do rio Amazonas foita por ordem de El-rei entre os missionarios de varias Religiões, em Março de 1693, couberam aos reverendos Padres das Mercês as de Annibá e Urubú. Missionavam estes Padres cinco aldeias de Tapuyas mansos, nos rios affluentes do Amazonas, um dos quaes era o Matary, diz Berredo nos *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*.

Em 1718 veio para o Maranhão com o Governador do Estado Bernardo Pereira de Berredo o novo Commissario Geral da ordem de N. Senhora das Mercês, Fr. Miguel Ribeira.

A' vista dos serviços prestados ao nosso paiz pôde com verdade dizer o Exmo. Arcebispo do Pará. D. Santino Maria da Silva Coutinho, na *Breve Noticia*, que publicou em 1917, sobre a Igreja e Parochia de S. Raymundo Nonato, que á benemerita Ordem dos Mercenarios "o Estado do Pará está ligado pelas primeiras paginas da historia de sua civilização".

Cresceu a este grão de prosperidade, depois de firmada entre nós, a heroica Ordem das Mercês; vejamos agora como ella se veio a extinguir por lhe difficultarem as condições de existencia.

D. Frei Caetano Brandão, Bispo do Pará (1783-1789) proporz ao governo obrigasse os Mercenários a concorrerem para as obras do hospital dos pobres com quatro mil cruzados, e, logo depois, pediu-lhes fossem tirados para esse mesmo fim todos os bens, vendo-se aquelles religiosos obrigados a passar ao Maranhão. Eram cincoenta, diz o Padre Galanti, cuja exposição vamos seguindo, (Tom. III § 205) os que assistiam no Pará e não deixavam de trabalhar em beneficio do povo. Uma parte do Convento passou a ser deposito de armas com o titulo de *parque*, a outra parte, juntamente com a igreja, ficou servindo de alfandega desde 1795 até nossos dias, em que o governo da Republica a restituiu ao bispo diocesano.

Foi esta Ordem extincta ali pela Bulla *Ingeniosa Illustrium*, datada de 13 de Novembro de 1787 e solicitada pelo Bispo D. Fr. Caetano Brandão, franciscano da Ordem Terceira da Penitencia, a qual mandava que seus bens fossem applicados á mantença de um Hospital de Caridade e de um Recolhimento de Orfans, fundados pelo mesmo Bispo.

Ainda durante o governo de D. Diogo de Souza no Maranhão, em 1803, se deu o facto inexplicavel de haver o Estado tirado todos os bens aos Mercenarios, dando a cada religioso um tanto para a sua sustentação. Conhecendo, porém, por experiencia que esse ajuste lhe não convinha, restituiu aos Mercenarios os bens que possuíam no Maranhão, mas não os que lhes tinham tirado no Pará.

Eis o que em louvor desta Ordem dizia na *Palavra* de Belém do Pará, a 21 de Setembro de 1913, o Sr. R. C. Alves da Cunha: "Dos seis conventos levantados nesta capital é talvez o das Mercês aquelle que apresenta mais dados historicos. Num dos compartimentos da igreja funcionou durante muito tempo a Confraria Militar do Senhor Santo Christo do Forte, que, em 1798, foi transferido para ali da igreja de Santo Alexandre. Nella jaz sepultado o Arcipreste Dr. José Monteiro de Noronha desde 15 de Abril de 1794. O Padre Noronha foi o primeiro Vigario-geral do Alto Amazonas, cargo criado a

13 de Abril de 1755 pelo 3.^o bispo do Pará, D. Frei Miguel de Bulhões, o primeiro paraense que, em 1768, escreveu sobre a immensa e riquissima região amazonica. Por ocasião do seu fallecimento exercia as funcções de governador do bispado e occupava interinamente o solio episcopal paraense. Esta bella igreja restaurada pelos cuidados do Exmo. Sr. D. Santino Maria da Silva Coutinho, dignissimo Arcebispo do Pará, foi restituída ao culto catholico depois de meio seculo de abandono”.

Consta-nos pelas *Ephemerides Nacionaes* colligidas pelo Sr. Dr. J. A. Teixeira de Mello, que jaz na sacristia da igreja do Convento das Mercês, na capital do Maranhão, D. Frei José Delgarte da Ordem da Santissima Trindade, 3.^o bispo do Maranhão, fallecido a 14 de Dezembro de 1724. O brazão, que encabeça este capitulo, é copia do que existe na igreja dos Mercenarios do Pará, e foi-nos dali enviado obsequiosamente por pessoa digna de toda a fé e confiança.

Congregação do Oratorio



D. Fr. Gaspar da Madre de Deus menciona em ultimo logar, na sua *Noticia*... das entradas das religiões, etc., aos padres Congregados do Oratorio, os quaes affirma terem sido os derradeiros a estabelecer-se no Brazil, a respeito do anno 1784 em que escrevia.

Diz assim mesmô que, apesar de não serem religiosos no sentido rigoroso da palavra, se deve lembrar delles pela regularidade com que vivem.

Menciona-os tambem Jaboatam na sua chronica da Ordem de S. Francisco, dizendo que os R. R. Padres de S. Filippe Neri, mais tarde que todos, vieram, como que á undecima hora, que é quasi ao concluir do dia, achando já o trabalho vencido e a vinha preparada, e só disposta para colher fructo igual ou superabundante ao dos mais trabalhadores.

Foi esta notavel Congregação fundada por S. Felippe Neri na igreja de S. João dos Florentinos, em Roma, no anno de 1574

Nasceu o santo em Florença a 21 de Julho de 1515 e falleceu aos oitenta annos, a 26 de Maio de 1595.

Foram as suas Constituições approvadas por Paulo V em 1612 e confirmadas pelo Papa Gregorio XV. Urbano VIII inscreveu-lhe o nome na catalogo dos santos, destinando o dia 26 de Maio para a sua festa.

A Constituição especial, pela qual se rege a Congregação, admite uma ampla acção autonoma para cada casa, sem dependencia e sujeição a algum superior geral, não existindo tambem relação entre as diversas fundações, bastando apenas para a criação de uma nova residencia que assente um determinado numero de sacerdotes uma forma e ordem de vida ajustada á Regra do Santo de Florença.

Retratou-lhes ao vivo o espirito o academico D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu, no elogio historico que deixou de D. José Maria de Mello, por estas palavras: "A Congregação do Oratorio de S. Felipe Neri não é destas corporações ou institutos, em que o encarecimento e estreiteza dos votos, o profundo da solidão, as austeridades da disciplina sirvam a mover o enthusiasmo ou attrahil-o. E' uma grave associação de ecclesiasticos, que tem por unico vinculo o desejo unanime de alcançar a perfeição do seu estado; que não evitam do mundo senão os embaraços á virtude e os riscos de a perder, que no modo regular de vida se limitam a simplicidade e frugalidade do christão, obrigado a ser em seus costumes doutrina e exemplo aos homens do seculo".



Assim é que, em 1611, fundava o Cardeal de Bérulle, insigne devoto do santissimo Nome de Jesus, a Companhia dos Padres do Oratorio de Jesus, cuja casa-matriz era na Rua de Santo Honoré, em Paris. Em Inglaterra fundou casa do Oratorio, em 1847, o Cardeal Newman.

Do mesmo modo lançava, em 1668, o Padre Bartholomeu de Quental, natural da ilha de São Miguel, Açores, em Lisbôa, os fundamentos á Congregação do Oratorio vestindo a roupeta com o Padre Fran-

cisco Gomes, ou, como diz Pedro Diniz, deitando-se um ao outro a roupeta a 16 de Julho desse anno.

Nos *Estudos Biographicos* saídos da penna de José Canaes de Figueiredo Castello Branco encontram-se algumas noticias a respeito da fundação do Oratorio de Lisbôa, onde floresceu o suavissimo auctor ascetico, Padre Manoel Bernardes, que queremos aqui transcrever para elucidar esta materia. Falando do Padre Bartholomeu do Quental diz: "O zelo deste servo de Deus o levou a solicitar o exercicio perenne da virtude e da piedade por meio da instrucção e pratica religiosas, e para isso reuniu em uma casa da mesma capella real alguns ecclesiasticos de exemplar vida, dos quaes mencionarei os padres João Duarte, fundador do Oratorio de Jesus-Christo em Pernambuco e bispo eleito desta diocese, e Nicoláo Monteiro, que depois subiu á Cadeira Pontifical do Porto, e nesta casa se empregou com elles na contemplação das cousas divinas, oração e conferencias espirituas. O Ordinario confirmou os estatutos da nova casa de Deus, em o 1.º de Fevereiro de 1670, e o Santo Padre Clemente X approvou, em 6 de Maio de 1671, o novo modo de vida claustral, á imitação da que em Roma fundára S. Felippe Neri. Crescendo diáriamente o numero de alumnos, a Irmandade dos Homens de negocio lhes deu a sua igreja do Espirito Santo e para lá se trasladaram a 14 de Agosto de 1674".

Os Oratorianos, depois do terremoto de 1755, passaram da casa do Espirito Santo para um edificio, que fica ao lado da quinta do palacio das Necessidades, voltando para a primeira habitação, depois de reedificada, no reinado do D. Maria I.

Assentes estes preliminares, entremos no argumento das fundações dos Oratorianos no Brazil.

As informações, que aqui apresentamos, manaram da bem segura fonte o livro de D. Domingos de Loreto Couto—*Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco*, o qual, falando no cap. III das fundações dos conventos da cidade de Olinda, trata largamente do que ali levantaram os Oratorianos. Copiemos a trechos o que ali se desenvolve por extenso, accrescentando de alguns dados historicos.

O Convento de Santo Amaro dos Padres Recoletos, sob a invocação de N. Senhora da Encarnação, foi fundado pelo Veneravel Padre D. João Duarte Sacramento, bispo

eleito e confirmado desta Diocese, o qual em companhia do Padre João Rodrigues Victoria veio de Lisbôa, sua patria, e aportou ao Recife no anno de 1659. Nomeado em Pernambuco para bispo desta Igreja no anno de 1685, antes de se sagrar, levou-o a morte, que recebeu constante e resignado na vontade divina, no Convento da Madre de Deus, a 10 de Janeiro de 1686.

Vendo estes virtuosos sacerdotes que a seara era copiosa e os operarios poucos e que não podiam acudir a todas as partes, que reclamavam a sua presença, determinaram fundar um recolhimento, onde se criassem sujeitos que depois saíssem a missionar pelos dilatados sertões destas provincias. Pediram' ao Vigario-Geral que lhes consignasse alguma ermida onde dessem principio á sua Congregação, apresentando-lhe os Estatutos e Regra que haviam feito. Das tres igrejas, que lhes foram assignadas, fez o Veneravel Padre acceitação da de Santo Amaro, por ser mais retirada do bulicio do povo e mais conforme ao recolhimento dos seus espiritos. No anno de 1662 tomaram posse e, fazendo alguns aposentos, se recolheram no mez de Agosto do mesmo anno. Para dar inicio á sua Congregação tomou o Padre Sacramento a roupeta das suas proprias mãos e a lançou depois aos companheiros. Era a roupeta de panno da serra pardo, cingiam-se com uma corréa, não usavam voltas brancas nos pescoços, e traziam barrete de quatro cantos, como os mais clérigos. Viviam os novos Congregados de Pernambuco com grande fervor e santidade, acudindo ás missões e observando pontualmente a sua Regra e Estatutos. Passados nove annos, mandaram a Roma o Padre Victoria, primeiro companheiro e filho desta Congregação, para que, informando a Sua Santidade dos seus progressos, impetrasse a confirmação. Chegando a Lisbôa teve comunicação com o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, que nesse tempo principiava a fundar a Congregação de Lisbôa.

Valeu-se do Padre Victoria para que fizesse a mesma supplica ao Santo Padre, para a confirmação da Regra, que havia feito, para a de Lisbôa. Assim o impetrou o Padre Victoria á Santidade do Summo Pontifice Clemente X. Examinado pelo Sacro-Collegio o vigor e novidade do Instituto, se não deferiu a supplica, por se não multiplicarem novas Regras e congregações, e só

pôde o Padre Victoria conseguir confirmarem-se as Congregações de Pernambuco e Lisbôa, *ad instar* da de Roma com os proprios Estatutos do Santo Patriarcha Felipe Neri, concedendo indulgencia plenaria a todos os que tomassem a roupeta, mostrando-lhe o Santo Padre tão paternal affecto de amor e estimação, que, entre outras notaveis graças, lhe mandou dar muitas das sagradas reliquias, memorias dos martyres com que os thesouros da Igreja enriquecem os templos da christandade.

Remetteu o Padre Victoria os Estatutos, que Sua Santidade mandára guardar, ficando-se em Roma para cuidar nas dependencias, que se seguissem á sua Congregação, e lá, com opinião de santo, falleceu.

Os Congregados de Pernambuco acceitaram logo os Estatutos, e em tudo se conformaram com a sua observancia. Pelo contrario não se conformando os de Lisbôa com aquelle regulamento, escreveu o veneravel Padre Quental outros, que continham algumas modificações accomodadas ao reino, e, avisando da sua pretensão ao Padre Sacramento, pediu-lhe seguisse o seu dictame; correu segunda vez a Roma, por nova confirmação de Estatutos para as duas casas de Pernambuco e Lisbôa. Não encontrou difficuldade este requerimento, e o mesmo Pontifice Clemente X os approvou e confirmou em 24 de Agosto de 1672, em forma de Breve que começa: *Ex injunctis nobis cœlitus*. Estes Estatutos se guardaram logo na Congregação de Lisbôa, porém, na de Pernambuco não tiveram acceitação, por se lhe oppor a maioria dos votos da comunidade, que, por reverencia ao santo Patriarcha Felipe Neri, continuou a guardar seus Estatutos, obedecendo á primeira confirmação da Sé Apostolica e primeiro parecer do Vigario de Christo.

Indo a Lisbôa os padres André Luiz e Servan Souzel como procuradores desta Congregação, se communicaram com o Padre Quental e resolveram trazer os Estatutos daquella Congregação para se observarem nesta e, com o pretexto de ajudar os nossos congregados, veio para Pernambuco o Padre João Lobo, e com elle vinte sujeitos, entre Padres e Irmãos. Chegaram a Pernambuco a 10 de Maio de 1687; foram recebidos dos Padres congregados de Santo Amaro, por suporem se lhes multiplicavam os companheiros para seus virtuosos exercicios; mas, congregados a 13 do dicto mez todos os Padres e Irmãos, se

propoz a acceitação dos Estatutos feitos ou modificados pelo veneravel padre Quental e, concorrendo maior numero de votos, foram acceitos aquelles Estatutos. Intenderam muitos daquelles virtuosos padres que se não deviam sujeitar a outros Estatutos.

Depois de varias sentenças, tendo os da parte contraria o amparo do rei D. Pedro II, por cujo favor alcançaram um *motu* proprio do Santo Padre Clemente XI, saíram vencedores. Dando-se por vencidos os primeiros, largaram a Recoleta, e uns professaram em religiões approvadas e outros, que ficaram no seculo, fizeram sempre uma vida regular e penitente.

Os padres vencedores passaram a fundar casa no Recife para 12 congregados, em terras que doou o Capitão Antonio Fernandes de Mattos no anno de 1688, aonde têm florescido em virtudes e letras; a da Senhora da Encarnação de Santo Amaro ficou servindo para casa de convalescença e recreação destes Padres congregados. Foi esta Congregação do Padroado Real, conforme as provisões de D. João V.

Fala o Padre Vieira na *Voz Agradecida* dos "missionarios de S. Felippe Neri que passaram para a Companhia, apadrinhados com uma carta do Bispo de Pernambuco, com as informações necessarias a serem admittidos". Refere-se sem duvida aos congregados, que deixaram a Recoleta e professaram em religiões approvadas.

Um destes foi tambem o Padre João do Rosario, natural de Lisbôa, o qual ordenado de presbytero, tomou a roupeta de congregado no convento de Santo Amaro e por justas causas, diz Loreto Couto, largou a Congregação e professou na Ordem Terceira da Penitencia do Recife.

Em carta para D. Pedro II, com a data de 1.º de Junho de 1691, diz o mesmo Padre que "a maior parte delles trataram de passar á Companhia". Foi, pois, uma professou na Ordem Terceira da Penitencia do Recife.

Em carta para D. Pedro II, com a data de Padre João de Christo, o qual tendo entrado na Congregação de Santo Amaro, diz Loreto Couto, e vendo-a perturbada com contendias, que se levantaram entre os irmãos, saiu della e se foi viver em um logar solitario na freguezia de Goyana, onde se exercitou nas virtudes até á morte.

O convento, que os Congregados edificaram no Re-

cife com o nome de oratorio de Jesus Christo, era nobi-



lissimo. Davam ali estes

Padres estudos geraes de Philosophia e Theologia. A igreja, consagrada á invocação da Mãe de Deus, era sumptuosa. Ostenta ainda no fecho

do arco cruzeiro, em grandes caracteres, a data da fundação—1681—e sob ella está um escudo lavrado em talha, encimando a corôa real o nome de Maria, o qual reproduzimos no principio do capitulo. No tecto da capella-mór divisa-se o mesmo escudo sustentado por dois anjos, em que apparece o monogramma do nome de Maria em ouro sobre fundo azul. Esta é espaçosa e magnifica: sendo as seis lateraes do corpo da igreja revestidas de primorosa talha dourada. Sobre a tampa do lavabo da sacristia ergue-se ainda um escudo simples do nome de Maria, coroado por uma estrella de ouro. Nella se esmerou a arte e desempenhou a liberdade.

Fala dos Padres congregados do Oratorio de Jesus Christo a *Cópia fiel de algumas verbas do testamento com que falleceu o governador João Fernandes Vieira*, o heróe das guerras Pernambucanas, nascido na cidade do Funchal (Madeira) em 1613, e fallecido em Olinda aos 10 de Janeiro de 1681. Veio esse testamento a lume na *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, T. XXIII. A. 1860 3º. Trimestre, paginas 386, 387.

As verbas em que João Fernandes Vieira contempla os Congregados estão assim concebidas:

Verba 5.^a “Peço e rogo a todos os senhores aqui nomeados sejam servidos de acceitar o serem meus testamenteiros... e ao muito reverendo padre Sacramento, ermitão e ministro de Santo Amaro, que está nos arrabaldes da villa de Olinda, e, faltando o padre Sacramento, será sempre em seu lugar o ministro (isto é Preposito), que lhe succeder”.

Verba 10.^a Meus herdeiros e testamenteiros darão de minha fazenda um conto de réis aos clerigos ermitães e recoletas da igreja de Santo Amaro, que está nos arrabaldes da villa de Olinda e se entregarão ao reverendo padre Sacramento seu ministro para que faça assento na

sua communidade, e para ficar clareza para sempre, com obrigação de que pela dicta esmola, que receberão logo, me dirão para sempre uma missa quotidiana e cada anno uma cantada pela minha alma: e, em falta do padre Sacramento, será o que o seu cargo tiver”.

A lei de 9 de Dezembro de 1830 extinguiu a Congregação do Oratorio em Pernambuco e na Bahia, por isso a obrigação do cumprimento deste legado passou nessa data aos administradores do patrimonio dos orfãos, conforme explica a nota apposta na Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil, a qual esclarece tambem o expendido na verba 5.^a desta sorte: “Este padre foi o primeiro Preposito da Madre de Deus, que nessa epoca tinha o seu convento ou hospicio no lugar mesmo aonde diz o testador, e cujas ruinas e vestigios ainda existem. Este mesmo padre João Duarte do Sacramento foi o 2.^o bispo de Pernambuco e talvez o primeiro amigo de João Fernandes Vieira”.

Além do conto de réis mencionado na verba 10.^a, doaram mais á Congregação o dicto João Fernandes Vieira e sua mulher D. Maria Cesar duas propriedades de casas com o respectivo terreno para ajuda na igreja do culto divino.

O coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva nas eruditas *Memorias Historicas da Provincia da Bahia*, que estão sendo reeditadas na Imprensa Official e accuradamente annotadas pelo competentissimo Sr. Dr. Braz do Amaral, fornece-nos claros e preciosos dados sobre a fundação do Oratorio da Bahia nos seguintes termos (T. IV, pag. 221): “Estabelecidos estes padres *Congregados* na capital de Pernambuco trataram logo de fundar nesta cidade uma casa, e, requerendo para isso faculdade regia, mandou a provisão de 12 de Abril de 1756 que o governador informasse a respeito, ouvindo a respectiva Camara o povo. Reuniu-se pois a mesma Camara no dia 1.^o de Agosto do predicto anno e, comquanto seriamente impugnasse tal pretensão o vereador Francisco Gomes de Abreu, mostrando até por uma justificação ser prejudicial augmentar o numero das ordens religiosas, todavia não foi esta opposição attendida, informando aquella camara a favor do exigido estabelecimento, fundada em que os congregados, como mais intelligentes e instruidos de todas as mesmas ordens, fariam com que os mestres

dellas se esforçassem por adquirir maior instrucção, accrescentando que a assistencia de taes congregados no districto da Conceição da Praia convinha muito ao bem espiritual dos seus moradores, que chegavam a 8.017, distribuidos em 903 fogos; e, em consequencia de tal informação, que pelo governador foi tambem apoiada, obtiveram a exigida faculdade, dando logo principio á erecção do hospicio, que ainda existe ao subir a Ladeira da Preguiça, em terreno para esse fim comprado pelos habitantes daquelle districto e doado aos padres Francisco Pinheiro e Luiz de Lima, que então se achavam nesta capital a dependencias da sua Congregação. (*)

Promoveu assaz esta fundação o capitão-mór Manoel da Fonseca, homem por extremo fanatico (*sic*) que não só doou aos congregados todos os seus bens, com o mero encargo de algumas missas, mas até incorporou-se-lhes como leigo, tomando a respectiva roupeta, até que falleceu. Extincta porém a mesma Congregação, por lei de 9 de Dezembro de 1830, passou o patrimonio deste hospicio a ser administrado pela mesa da casa pia dos orfãos do seminario de S. Joaquim”.

O Coronel Ignacio Accioli escrevia as suas *Memorias* no anno de 1837. O Dr. Francisco Vianna, que editou a *Memoria sobre o Estado da Bahia* em 1893, exprimiu os mesmos conceitos quasi por identicas palavras.

Os padres Oratorianos, segundo relação de Betendorf, missionavam a aldeia perto da fortaleza do Forte do Ceará.

D. Domingos de Loreto Couto na sua importante obra *Desaggravos do Brazil e Glorias de Pernambuco* cap. 18, pag. 315 cita a quatro padres Oratorianos recommendaveis por santidade da vida, que floresceram no Oratorio de Jesus-Christo do Recife, os quaes foram: João Alvares da Encarnação, natural de Tracunhaem, Silvestre Simões e Luiz Corrêa, naturaes de Pernambuco, e finalmente Gaspar Dias, nascido em Olinda.

(*)—A congregação, que se intentou fundar na Bahia, ficou reduzida a um hospicio independente em tudo da Congregação do Oratorio do Recife, administrado pelo congregado Padre Manoel Rodrigues assistido por um irmão. A capella era consagrada a Jesus-Christo Senhor Nosso, com o titulo de Bom Jesus. (*Relatorio apresentado á Junta Administrativa da Santa Casa do Recife* pelo Dezembargador F. de A. Oliveira Maciel—Recife—1878).

MISSÃO DO MARANHÃO

Encerrado o ciclo ou periodo das grandes explorações devassadoras do interior do paiz e concluida a implantação das primitivas christandades pelas familias religiosas, que se empenharam nisso, é justo que, antes de passar adiante, empreguemos este breve capitulo em dar alguns informes sobre o estabelecimento das missões nas margens do Amazonas, os quaes guardamos para este logar para não sobresaltarmos o fio da exposição.

Do grande tronco do Amazonas saem os dilatados braços dos poderosos e dilatados rios Negro, Madeira e Solimões, os quaes, assim como contêm infinita multidão de indios em suas ribas, assim offerecem um vastissimo campo, abastecido de gloriosas palmas, ao zelo dos ministros da conversão da gentilidade.

Não podendo os missionarios da Companhia, que foram, falando geralmente, os primeiros a fixar pé neste immenso territorio, dispensar sósinhos o pasto da evangelica doutrina a tantos povos que o reclamavam, foi, por carta de D. Pedro II, datada de Março de 1693, repartido o campo de cultura a cada uma das communiidades religiosas, que assistiam no Estado do Maranhão e Gram-Pará. Representavam aquellas communiidades as sagradas Familias dos Capuchos de S. Francisco, do Carmo, da Companhia de Jesus e das Mercês.

O plano geral, que presidiu á repartição feita por pessoas bem informadas das terras por onde estavam disseminadas as missões, foi que as christandades, que estavam para daquém do rio das Amazonas para a parte do Sul, ficassem todas dos missionarios da Companhia, como mais antigos que eram ali, e as situadas da banda do Norte, de além do mesmo rio, fossem repartidas entre as demais familias religiosas, com a clausula de que aos padres Piedosos, que acabavam de chegar por esse tempo, se deixaria a fortaleza do Gurupá para lá fundarem convento e assistirem aos portuguezes que lá moravam.

Eram estes nove religiosos da Provincia Capucha de N. Senhora da Piedade, os quaes chegaram ao Brazil em Maio de 1693, segundo o Padre Betendorf, e, segundo Berredo, em Novembro desse anno. Encarregou-os o rei D. Pedro II da missão do Maranhão, o qual havia man-

dado fabricar para elles um hospicio junto da Fortaleza de Gurupá, mas, não se achando ainda acabada a obra d'elle, recebeu-os numas boas casas o Capitão-mór da mesma Fortaleza, Manoel Guedes Aranha, e lhas deu liberalmente para se recolherem.

Eis em seus traços geraes a ordem seguida na repartição. Aos Padres Piedosos couberam pela banda do Norte as missões de Gurupatyba, Quiriry, Xingú, rios das Trombêtas e dos Jamundazes. Aos Padres Capuchos de Santo Antonio ficaram reservadas a missão dos Aruans pela costa da ilha Grande de Joannes e as do Norte pelo rio Amazonas acima, até Urubuquara inclusivamente. Com os Padres das Mercês ficaram as de Anibá e Urubú.

Aos Padres Carmelitas foram destinadas as missões do rio Negro, e de lá para cima. Foi um carmelita, o Padre Theodosio, diz Baena, o primeiro que em 1660 entrou no Rio Negro para ir evangelizar os Tucumaos, chegando a ajuntal-os em aldeamentos.

A primeira missão, que houve no rio Negro, foi a de Tapera, chamada dos Toromás, fundada por ordem de D. Pedro II pelos annos de 1690.

O Padre Antonio Vieira nas suas cartas, a quem seguiram depois o Dr. Mello Moraes na sua *Chorographia Historica* e o Padre Raphael Galanti na *Historia do Brazil*, T. II, pag. 464, diz que os primeiros missionarios desta aldeia, posta sob a invocação de N. Senhora da Conceição, e os seus primeiros exploradores foram os padres Francisco Velloso e Manoel Pires, que a foram demandar a 22 de Junho de 1657. Depois tornou a ella em missão o Padre Manoel Pires levando por companheiro ao Padre Francisco Gonçalves a 15 de Agosto de 1658, e foram elles os primeiros portuguezes que ali penetraram. Das fadigas toleradas nessa viagem, que de ida e volta perfaz 1.000 leguas, veio a fallecer o Padre Gonçalves.

Já desde 1652 tinham obtido licença por Carta regia os Padres da Companhia para terem uma aldeia na capitania do Maranhão. Em 1655 apprehendia a conversão dos Juruunas, appellidados *bocas negras*, o jesuita Padre Manoel de Souza, segundo o testemunho de Vieira.

Occupavam aquelles indios as margens e ilhas do Alto Xingú. Pelo rio Tocantins até as suas cabeceiras entrou no anno de 1721 o Padre Manoel da Motta, o qual

descobriu as tribus taquanhumas e quararizes, raça de indios agigantados, que trouxe ao convívio da civilização.

O primeiro missionario do Carmo que entrou na missão de Tapera foi o Padre Fr. João Evangelista, o qual a administrou debaixo da invocação do Patriarcha Santo Elias. Depois, pelos annos de 1732, o Padre Fr. José da Magdalena mudou esta aldeia de Toromás para a boca do rio Agarape.

Acima desta aldeia, dez leguas, ficava a aldeia de Santa Rita da Pedreira, da incumbencia dos Carmelitas. Situada em logar alto e aprazivel estava a aldeia de N. Senhora do Carmo. Distante della vinte e cinco leguas administravam tambem os Carmelitas a aldeia de Bararuá, dedicada a Santa Rosa, fundada pelo Padre Fr. Anastacio Cordeiro. Sobre a margem do rio Coari demorava a missão sob o patrocínio de Santa Anna, a qual primitivamente esteve no logar Gujuratuba, quarenta leguas da boca do rio Negro. Todas estas missões, desde o rio Negro até ao Napo, eram dos religiosos do Carmo, que com o zelo do seu espirito reduziram muitas nações á fé de Christo.

Além destas missões do rio Negro, corriam os religiosos do Monte do Carmo com todas as missões do rio Solimões, as quaes soffreram por muitas vezes as incursões das forças hespanholas, como diz Berredo (*Annaes Historicos*, Liv. XX, pag. 311).

Apressaram-se os religiosos das diversas Ordens a tomar conta dos districtos das missões, que pela sobre-dicta lei lhes competiam. Entraram tambem os padres Piedosos na posse da missão do Xingú. Esta missão, porém, que fazia conhecida vantagem a todas as outras, foi reclamada pelos religiosos da Companhia perante D. Pedro II, os quaes apoiavam a sua pretensão no facto de ter sido aquella christandade visitada a primeira vez pelo Padre Luiz Figueira, que, pelos annos de 1608, chegou ao Maranhão com o seu companheiro de apostolado o Palre Francisco Pinto, e estabelecida, em 1655, pelo Padre Manoel de Souza, sendo dali em diante sempre cultivada pelos Padres da Companhia, que lá estavam de assistencia. Foi afinal esta causa decidida a favor da Companhia, por resolução da côrte, trazida de Lisbôa pelo Padre Manoel Galvão, a quem ella tinha sido entregue, o qual desembarcou em S. Luiz do Maranhão

aos 21 de Março de 1695. Contentaram-se os padres Piedosos de ficar, em compensação della, com a aldeia de Maturú, formada pelo Capitão-mór Manoel Guedes Aranha de varios arraiaes de indios. Esta missão do Maranhão, que achou no Padre Antonio Vieira um denodado apostolo, que desde Janeiro de 1653, em que desembarcou no porto de S. Luiz com onze companheiros jesuitas, até o anno de 1661 a cultivou desveladamente com palavra e acções, foi continuada, depois d'elle, pelo Padre Gabriel Malagrida, que aportou ao Maranhão por fins de 1721. Empregou este Padre vinte annos a evangelizar o Estado do Maranhão, após outros mais, voltou em 1754, para Lisbôa, aonde veio a receber, a 21 de Setembro de 1761, a paga, que sabemos, dos seus incríveis trabalhos.

Concluindo, damos aqui a resenha das aldeias de indios christianizados divididas pelas entradas dos rios affluentes do Amazonas e pelos que desembocam nas visinhanças da cidade de Belém do Pará, fornecida pelo Governador e Capitão General deste Estado, Bernardo Pereira de Berredo, nos *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*.

Segundo o seu testemunho eram, no anno de 1718, dezanove dessas aldeias missionadas pelos religiosos da Companhia de Jesus, doze pelos do Carmo, quinze pelos Capuchos de Santo Antonio, Conceição e Piedade, e cinco pelos de Nossa Senhora das Mercês, com maior numero de vinte mil almas.

Augmentou o numero das aldeias de indios civilizados no tempo do governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1751-1759), segundo a informação seguinte, que elle mandou á Mesa da Consciencia: "Compõe-se este bispado (do Pará) de sessenta e tres aldeias, administradas pela maneira seguinte: Desanove pertencentes aos religiosos da Companhia de Jesus, quinze aos religiosos do Carmo, nove aos da provincia de Santo Antonio, sete aos da provincia da Conceição, dez aos da provincia da Piedade, e tres aos religiosos de Nossa Senhora das Mercês".

Avalia o Sr. Lucio de Azevedo, na obra *Os Jesuitas no Gram-Pará*, em cincoenta mil almas, approximadamente, o numero desses indigenas.

Ordem dos Padres Agostinhos Recollectos



Santo Agostinho, fundador deste Instituto monastieo, nasceu em Tagaste (Africa), a 13 de Novembro de 354. Dispoz-se em Milão a ouvir as pregações de Santo Ambrosio, e, tocado da divina graça, voltou-se para Deus. Depois de baptisado partiu para Africa em companhia de alguns amigos, e com elles fundou nos suburbios de Tagaste o primeiro retiro de vida evangelica. Dava assim principio, no anno 388, á sua Ordem. Ascendeu ao sacerdocio no anno de 391, na cidade de Hippona, onde erigiu depois se-

gunda fundação.

Succedeu no bispado dessa cidade a São Valerio, aonde veio a fallecer a 28 de Agosto de 430, na idade de setenta e cinco annos. Fundou tambem um convento de religiosas, regidas por sua irman, ás quaes deu a Regra Agostiniana, consignada por escripto em uma carta dividida em vinte e quatro artigos, a qual constitue o codigo fundamental desse frondoso ramo.

No anno de 1256 o Papa Alexandre IV reuniu as diversas congregações existentes num só corpo. Fundavam-se os mosteiros agostinianos a principio em sitios ermos, quando os eremitas se davam á vida contemplativa; transferiram-se depois para o povoado, distinguindo-se pela architectura das suas igrejas e pela magnificencia, que empregavam no culto.

Pode cada um conjecturar o gráo de observancia regular e de fervor religioso a que cresceu a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, em Hespanha, no seculo XVI, relanceando os olhos ao extenso catalogo de varões illustres em saber e santidade, que nessa epoca povoavam os claustros dessa insigne Ordem. A *Historia del Convento de San Agustin de Salamanca* é a esse respeito um testemunho incontestavel.

São Thomaz de Villanova, São João de Sahagun, o Beato Affonso de Orosco, Frei Luiz de Leão, o Veneravel Frei Thomé de Jesus, para não falar noutros nomes insignes, bastam para avaliar o estado florescente attingido por esta Ordem religiosa no seculo XVI.

Em razão do ponto de perfeição e ardor religioso em que andava a observancia nos conventos desta Ordem, suspiravam alguns filhos genuínos do seu espirito por introduzir nella alguma reforma salutar que a tornasse mais austera e rigorosa, segundo o espirito de verdadeira reforma inculcada pelas determinações do Concilio de Trento.

O Veneravel Frei Thomé de Jesus, tão celebrado pela obra "Trabalhos de Jesus", que rendeu summa gloria a seu auctor, foi talvez quem primeiro tentou erguer esse espirital edificio da Recollecção Agostiniana ou Ordem dos Padres Agostinhos Recollectos, Reforma approvada no Capitulo Provincial de Toledo, reunido no anno de 1588, sob a presidencia do Revmo. Geral Frei Gregorio Petrochini, o qual mais tarde subiu á dignidade de Cardeal, com o nome de Montelparo.

A redacção das Constituições da nova Congregação foi em grande parte incumbida ao celebre Padre Mestre Frei Luiz de Leão; e tanto elle como S. Thomaz de Villanova e o Beato Affonso de Orosco contribuíram dum modo especial para levar a effeito esta grande empresa de tanta utilidade e serviço de Deus. Assim não é de admirar que muitos conventos de Castella adherissem logo pressurosos á sobredicta Reforma, de sorte que já no anno de 1602 constituíam Provincia separada com quatro Definidores proprios, chegando a celebrar, ainda no mesmo anno, o seu 1.º Capitulo Provincial sob a alta presidencia do Nuncio da Santa Sé, em Hespanha.

No mez de Abril de 1605 obtinha o Reverendissimo Padre Provincial da parte da Majestade Catholica de Felippe III, uma cedula ou provisão real, pela qual ficavam os Padres Recollectos Agostinianos auctorizados para poderem passar ás ilhas Filippinas e empregarem-se lá no apostolico ministerio das missões. Fazendo parte da expedição de Legaspi já tinha posto o Archipelago das Filippinas sob o dominio do salutar lenho da Cruz o Veneravel Frei André O. de Urdaneta, escolhido por Felippe II para dirigir scientifica e moralmente aquella expedição, quando no anno de 1565 foram aquellas ilhas conquistadas para a Hespanha. Acharam pois os Agostinianos no anno de 1605 já arroteado e bem disposto para receber a sua cultura o terreno daquella espirital conquista, e, desde então até hoje, não têm cessado os Agostinianos

Recollectos de beneficiar com o celestial cultivo aquellas regiões do extremo Oriente, contribuindo dest'arte, com outras Congregações religiosas, para levantar o nível da civilização daquelle povo, que todos sabem quão carrilado está na via do progresso.

Não se dando por satisfeito o zelo dos Agostinianos Recollectos com a evangelização de innumeros povos nas Filippinas, quiz ainda abarcar muitas outras regiões da America. Assim é que os vemos de novo estabelecidos, no anno de 1888, na Republica da Colombia, restaurando os conventos que desde antigas éras possuíam naquelle Estado, reatando assim as gloriosas tradições dos antigos Padres Agostinianos, chamados ali *Candelarios*, que desde o principio da conquista lá se acharam representados por Fr. Vicente Requexama, o qual a 20 de Outubro de 1529 acompanhou a expedição de Nicoláo Federmann, que até ao anno de 1532 percorreu os immensos territorios de Colombia e Venezuela.

Os Padres Agostinianos entraram em Lisbôa com D. Affonso Henriques e assistiam ali no convento e igreja da Graça airosamente construidos no sitio, que delles tirou o nome do alto da Graça.

Os primeiros religiosos desta antiquissima Ordem, que entraram no Brazil, vieram com o Governador-geral Diogo Botelho, que aportou a Pernambuco no anno de 1602.

Trouxe elle comsigo dois religiosos graves de Nossa Senhora da Graça da Ordem de Santo Agostinho, (onde tinha um filho) para fundarem casa em Pernambuco; mas *o povo não o consentiu, dizendo que não era capaz a terra de sustentar tantos religiosos graves, porque já os tinha da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora do Carmo, do Patriarcha S. Bento, e de nosso Seraphico Padre S. Francisco*; e assim dando-lhes uma muito bôa esmola, que com o favor do Governador se tirou pelos engenhos, se tornaram os dois religiosos para Lisbôa. São palavras de Fr. Vicente do Salvador, citado pelo Sr. J. da Rocha Pombo.

O Padre Raphael Galanti no T. I, do seu *Compendio de Historia* affirma ter vindo com Diogo Botelho um sacerdote da Ordem de Santo Agostinho, castelhano de nação, destinado a passar ás minas de S. Vicente.

Foi esta a occasião de entrarem os Agostinhos Des-

calços na Bahia. A 24 de Março de 1693, escrevia El-rei D. Pedro II ao seu Governador D. Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, notificando-lhe que na frota, que expedira, iam embarcados nove religiosos Agostinhos Descalços, aos quaes concêdera poderem fundar um hospicio na cidade da Bahia, para elles continuarem a missão da ilha de S. Thomé com os outros que já ali assistiam. Respondia o Governador a El-rei, em carta datada de 24 de Julho de 1693, que tinham effectivamente chegado os Agostinhos Descalços a 21 de Maio, mas que até então não era chegado o Commissario Geral; que o segundo Prelado escolhêra o sitio da herdade de N. Senhora da Palma, e que elle, Governador, tinha quasi ajustado com os administradores della para a largarem só com a obrigação de doze missas, que os padres lhes haviam de dizer cada anno, e uma sepultura para elles serem enterrados, e que na ermida e sacristia nada havia de gastar a fazenda real, mas que nos commodos dos religiosos se não podia deixar de fazer o gasto preciso, o qual seria o mais reduzido possivel. (*Revista do Instituto Historico Brasileiro*, T. LXXI. Anno 1908. Parte 1.^a). Se da parte destes religiosos houve excesso de ambição, não deu por isso o Governador Camara Coutinho, que, zeloso como era, o communicaria por carta a El-rei.

Passemos já a expor mais por miudo o que se passou na fundação do hospicio da Palma, na Bahia, compilando o que deixaram escripto Ignacio Accioli, o Dr. Vicente Vianna, Fr. Agostinho de Santa Maria e outros.

Adoecendo gravemente o alferes Bernardo da Cruz Arraes votou a N. Senhora da Palma edificar-lhe uma capella na Bahia, se cobrasse saude. Estando assim deliberado a cumprir o seu voto, o medico Ventura da Cruz Arraes, irmão delle, naturaes ambos desta cidade, tomou sobre si o encargo da fundação da mesma capella, em o anno 1630. Chegando de Lisbôa a imagem da padroeira, que se vê no altar-mór, mandada vir por Francisco da Cruz Arraes, irmão tambem dos referidos Arraes, foi ella, desde que chegou, collocada na capella de S. José da cathedral, donde foi trasladada com grande procissão e solemnidade, no anno de 1670, para esta sua igreja depois de concluidos os trabalhos da sua construcção. Vindo a fallecer o medico Ventura da Cruz Arraes, e passados tambem desta vida seus outros dois irmãos, succedeu-lhes

no padroado da igreja o Dr. Jeronymo Pereira da Cruz que o manteve até ao anno de 1693, em que o cedeu a Fr. Alipio da Purificação, Commissario-Geral dos missionarios Agostinianos, o qual chegou a esta cidade em companhia dos padres Fr. João das Neves, primeiro Presidente, Fr. João de Deus, Fr. Jeronymo de Assumpção e do leigo Fr. José dos Anjos. Tendo estes religiosos obtido egualmente doação do terreno contiguo áquella igreja, deram logo principio á construcção de um hospicio destinado a receber os missionarios, que chegassem de Portugal applicados á ilha de S. Thomé, auctorizados para isso por carta regia de D. Pedro II, com a data de 6 de Março de 1693. Começaram-no a habitar a 18 de Setembro de 1693.



Quer fosse por não existirem já nesta cidade os religiosos Agostinianos em 1778, quer por outra qualquer causa desconhecida, consta que nesse anno o Governo da Provincia converteu o hospicio em hospital militar. Intervindo, porém, reclamação do Vigario da respectiva Ordem, entraram mais tarde de novo esses religiosos na posse do hospicio, sendo novamente restituído ao respeitavel Fr. Bento da Trindade, religioso de distincto merito por seu saber e virtudes, prégador da Real Capella de Bemposta, o qual o reedificou.

No consistorio da Irmandade do Senhor Bom-Jesus da Cruz, a qual funcção na igreja desde 1751, recebendo erecção canonica a 15 de Março de 1874, conserva-se ainda o retrato a oleo de Fr. Bento da Trindade, sustentando nas mãos um painel onde está debuxada a frontaria da igreja da Palma, tal qual foi por elle traçada. Confirma quanto deixamos dicto sobre a edificação da igreja uma lapide commemorativa imbutida na parede do lado do Evangelho, á entrada della, a qual foi ali collocada pela Mesa Administrativa de 1897 a 1898.

O hospicio assim restaurado abrigou durante tempos os religiosos Agostinianos. O ultimo Presidente do hospicio foi Fr. Bernardo de Nossa Senhora da Ajuda, que se retirou para Portugal a 2 de Julho de 1823, deixando-o

incumbido a Fr. João de Santa Maria. Conservou-se este ali até á data de 4 de Maio de 1824.

O Primeiro Imperador do Brazil, D. Pedro, attendendo ás reclamações, que lhe dirigiu o então Vigario Capitular do Arcebispado sobre o estado de desleixo em que se achava aquelle hospicio, e approvando as providencias por elle tomadas, mandou, por carta imperial passada a 4 de Maio de 1824, que se fizesse entrega do hospicio ao mesmo Vigario Capitular para ser applicado a seminario para educação e instrucção das pessoas que se destinam ao estado ecclesiastico. (*Direito Brasileiro, antigo e moderno* pelo Dr. Candido Mendes de Almeida).

O hospicio da Palma passou a 7 de Setembro de 1837 a ser occupado pelo Lycêo Provincial da Bahia, transferindo-se o Seminario para o Convento de Santa Thereza, por cessão do Exmo. Arcebispo e dos religiosos Therezios. Esta troca foi mantida por Aviso de 30 de Janeiro de 1837, que garantiu ao Seminario o direito sobre o hospicio da Palma (*Memorias do Marquez de Santa Cruz*, D. Romualdo de Seixas, Arcebispo da Bahia).



Passada, com a nova ordem de cousas no Brazil a éra de oppressão da Igreja, com que o Estado ia dia a dia difficultando a renovação do pessoal e cerceando o benefico influxo das Ordens religiosas até ao seu completo anniquilamento, respiraram por fim estas denodadas promotoras do bem, vendo garantida a sua liberdade e reconhecidos legalmente os seus sa-

grados direitos como associações religiosas.

Marca esta epoca a nova phase de renascimento por que passaram os Institutos religiosos entre nós, com que refloresceram com novos augmentos de vida espiritual, dentro dos claustros, e de salutar actividade em beneficio do proximo.

Em consequencia dos tristes acontecimentos, que se desenrolaram nas Ilhas Filippinas desde o anno de 1898, viram-se os Padres Recollectos Agostinianos obrigados a discurrir por varias partes do mundo, criando missões

em diversos Estados da America, como foi na Republica do Panamá, de Venezuela e na Ilha da Trindade, No anno seguinte de 1899 começaram a affluir em varias levas os missionarios Agostinianos ás hospitaleiras plagas de Santa Cruz, dispartindo-se pelos Estados de Minas, S. Paulo, Espirito Santo, Pará e Bahia, consagrados uns ás missões, outros ao magisterio, e grande parte ao exercicio do ministerio parochial, grangeando por toda a parte o agrado do povo com reputação de sciencia e virtude.

No mez de Junho do anno de 1899 fundava o Reverendo Padre Gregorio Tejero, auxiliado por mais cinco confrades, uma residencia na cidade de Belém do Pará, e para exercerem as sagradas funcções do seu ministerio têm perto a igreja de S. João, que administram e mantêm no mais irreprehensivel aceio, introduzindo nella importantes melhoramentos.

Actualmente administram os Padres Agostinianos da Provincia de S. Thomaz de Villanova, no Brazil, varias parochias na diocese de Ribeirão Preto, como sejam: a de S. José de Morro Agudo, a de Sant'Anna e Guayra; na de S. Carlos as de Tayuva e Tayuassú, Cajubi, Piuangi (Santo Antonio) e Santa Adelia; na de Botucatú as de Itaporanga e Apihai; na de S. Paulo a da Saude, encarregada ao Padre Fr. Castro Delgado.

Vindo agora ao Estado da Bahia devemos consignar que a vinda para esta importante Archidiocese dos Padres Recollectos Agostinianos se deve á iniciativa do Exmo. Sr. Arcebispo D. Jeronymo Thomé da Silva, que para este effeito dirigiu um instante e benevolo pedido ao Rev. Padre Vigario Provincial, Fr. Celedonio Mateo, que nessa occasião estava na cidade de Uberaba (Minas) dirigindo o Collegio do Sagrado Coração de Jesus, fundado pelo então Exmo. Bispo de Goyaz, D. Eduardo Duarte Silva.

Era isto por Setembro de 1901. Chegado aqui o dicto Fr. Celedonio abriu a residencia, nomeou Presidente da mesma ao Padre Ex-Definidor Fr. Mariano Pena, regressando para Uberaba no mesmo anno. Neste anno de 1901 o Padre Fr. Mariano Pena e o Padre Fr. Pedro Ibañes incumbiram-se das capellarias do Convento das Ursulinas e da igreja de N. Senhora da Conceição do Boqueirão e tomaram a seu cuidado as freguezias de S. Miguel de Cotegipe e de Matoim.

No anno de 1903 passaram a Caravellas os Padres Fr. João Lopez, investido no cargo de Vigario da parochia, e Fr. João Baptista Pereda, como cura auxiliar.

Sobrevindo neste mesmo anno de Hespanha novo reforço de missionarios Agostinianos, pôde ser satisfeito o desejo do Exmo. Prelado de que se enviassem á Cidade da Barra padres, que corressem com a administração daquella parochia. Recaíu sobre o Padre Fr. Sabino Camillas a eleição de Vigario, e sobre o Padre Fr. Jacintho Villareal a de cura auxiliar.

No anno de 1904 confiava o Exmo. Sr. Arcebispo aos Padres Recollectos a freguezia de Urubú e, acceita ella, obteve como Vigario ao Padre Fr. Valentim Borobia.

Desde o anno 1905 até o de 1910 foi administrada pelos Padres Agostinianos a freguezia de Itapoam.

Para se avaliar de algum modo os serviços que prestaram á causa publica os Padres Agostinianos Recollectos, ainda no que respeita á ordem material, bastaria ponderar as obras executadas e as instituições fundadas por elles em tão reduzido espaço de tempo. A magnifica e solida construcção da igreja parochial, que é hoje cathedral da Barra, custou trabalhos, suores e sacrificios sem conta ao incansavel Fr. Sabino Camillas. O modestissimo e humilde leigo Fr. Hilario Bernal foi quem presidiu á massica e esbelta construcção da Igreja e Convento dos religiosos Capuchinhos em Timbó, assim como a elle deve o hospicio da Boa Viagem a salubridade que desfructa, pelo exgottamento dos pantanos, que criavam ao redor delle miasmas deleterios.

O Padre Fr. Agostinho Garrido decorou magnificamente o interior do Santuario do Bom-Jesus da Lapa e o Padre Fr. Escolastico Rodrigues empenhou toda a sua actividade na erecção do Collegio, que ali funciona. Conduz, porém, á historia declarar em poucas linhas qual foi a origem deste concorridissimo centro de peregrinações para todo o Estado da Bahia.

Por fins do seculo XVII descobriu o Padre Francisco da Soledade, clérigo do habito de S. Pedro, conhecido no seculo pelo nome de Francisco de Mendonça Mar, nos derradeiros sertões da Bahia, uma curiosa gruta posta á margem do rio S. Francisco, a qual conformou a natureza em perfeito templo com sua capella-mór e outras collateraes, medindo o cruzeiro trinta e tres palmos de

largo e oitenta de comprido toda a estancia. Vindo ali a ter o Padre Francisco da Soledade pareceu-lhe este sitio muito conforme para o novo estylo d evida penitente que adoptára, totalmente diversa da que até ali passára, de desregramento e dissipação, donde o vieram tirar os brados do remorso, que lhe deram rebote na consciencia bem como a outro seu companheiro de desmandos, Bernardo da Conceição, o qual, acolhendo-se aos claustros franciscanos, não parou até o fim da vida de promover no Convento de Paraguassú o bem do proximo, que nelle sempre achou os soccorros da medicina.

Fez o Padre Francisco da Soledade daquella maravilhosa gruta, na expressiva phrase do Sr. Dr. Braz do Amaral, "uma attracção, com a energia da sua alma, com a bondade e ternura de um apostolo caridoso". (Veja-se a *Comunicação* feita por este insigne escriptor e consciencioso historiographo á Academia de Letras na Bahia, exarada na revista *Bahia Illustrada*, Maio e Junho de 1918).

Collocou o dicto Padre em um nicho caprichosamente aberto na pedra viva a imagem do Crucificado, que levava comsigo, de tres palmos de altura, e ao pé della a Virgem da Soledade, chamada tambem da Lapa. Em 1721 contava já elle vinte e seis annos de estadia junto daquella gruta, daquelle asylo e hospital, sendo de suppor que ao pé delles quizesse repousar eternamente. Assim o espirito deste não mediocre pintor, depurado pelas austeridades da penitencia e transportando-se pela contemplação ás sublimes regiões do sobrenatural, veio a produzir, num celeste arroubo, o encantador scenario do Bom-Jesus da Lapa.

Foi no anno de 1902 que, a instancias do Exmo. Sr. Arcebispo, tomaram os Agostinianos Recollectos a seu cuidado o Santuario do Bom-Jesus da Lapa, sendo para ali enviado no character de vigario o Padre Fr. Agostinho Garrido, e no de auxiliar o Padre Fr. Valentim Borobia.

Obteve aquelle santuario instituição canonica por portaria do Exmo. Arcebispo da Bahia, de 8 de Abril de 1913.

Criadas a 12 de Outubro de 1913 as dioceses de Caetitê e de S. Francisco da Barra, deram os religiosos da Lapinha por findo na zona do Rio S. Francisco o exercicio do seu ministerio, recolhendo todos á Bahia, aonde

o pessoal occupado na sua igreja não chega para acudir ao culto divino e á obrigação do sministerios. A residencia da Lapinha, na Bahia, conta, além do Reverendo Superior, que é actualmente o Padre Fr. Gregorio Paredes, apenas dois sacerdotes: os Padres Fr. Angelo Quintana e Fr. Jacintho Villareal, e um irmão leigo, Fr. Hilario Bernal.

A fama attribue ao Padre Malagrida a construcção da igreja da Lapinha, em que os Padres Agostinhos exercem os ministerios.

Têm os Padres Agostinianos desta residencia obrigações de curas das freguezias de Matoim, S. Miguel de Cotegipe, Parafuso e Camassary. Possui pois a Congregação quatro residencias no Brazil: em Ribeirão Preto, na Capital do Estado de S. Paulo, no Pará e na Bahia.

Vigario Provincial no Brazil desta Congregação é actualmente o Reverendo Padre Fr. Marcello Calvo.

Entrou tambem de assistencia no Brazil no mez de Agosto de 1899 a Congregação dos Padres Agostinianos Calçados, que se estabeleceram no Estado de Goyaz, onde fundaram um collegio, junto do qual estão edificando uma igreja.



O brazão adoptado pela Ordem Agostiniana compõe-se de um coração alando-se em chammas, traspasado de uma setta, sobre o livro da Regra. Explica o sentido d'elle a divisa: *Tolle, lege-tolle, lege*, allusivo a um passo da vida do santo Fundador. Tal brazão, sobrepujado da corôa real, acha-se ainda esculpido no lavabo da sacristia da Palma. Adicionamos ao escudo geral da Ordem o particular da Provincia de S. Thomaz de Villanova, a que pertencem os Padres Agostinianos Recollectos, cujo sello tambem aqui examinamos.

Illustremos por fim estas paginas com uma breve memoria do agostiniano D. Thomaz da Encarnação Costa e Lima, cujo nome de baptismo era Antonio da Costa Lima, natural da Bahia, aonde nasceu a 25 de Junho de 1723.

Recebeu a murça de Conego Regrante no mosteiro de Santa Cruz, a 21 de Março de 1747, quando contava

24 annos de idade. Foi sagrado bispo de Pernambuco a 21 de Maio de 1774 pelo Cardeal da Cunha, Arcebispo de Evora. Fez entrada solemne na sua diocese a 8 de Setembro de 1774. Veio a fallecer a 14 de Janeiro de 1784. Deixou-nos uma *Historia Ecclesiastica* em quatro volumes, escripta em latim. Jaz sepultado na cathedral de Olinda.

IRMANS AGOSTINIANAS

Ao que nos consta, as communidades de religiosas Agostinianas existentes no Brazil são todas de instituição diocesana.

No anno de 1890 vieram de assistencia para a cidade de S. Paulo as Damas de Santo Agostinho da Congregação de Nossa Senhora, que, na parochia de Santa Cecilia, dirigem e educam meninas no Collegio des Oiseaux, um dos mais conceituados estabelecimentos de instrucção, que ha neste genero naquella grandiosa cidade.

Irmãos Hospitalarios de S. João de Deus



O fundador dos hospitalarios foi S. João de Deus, natural da villa de Monte-Mór-o-Novo, em Portugal. Na idade de oito annos passou este santo a Castella, donde não mais regressou á patria, e ali fundou o hospital de Granada, que governou durante vinte e sete annos. Morreu no anno de 1550, no melhor da sua empresa, a 8 de Março. Foi beatificado por Urbano VIII e canonizado a 16 de Outubro de 1690, por Alexandre VIII. O corpo do *Pae dos pobres* descansa em Granada, cidade testemunha-

dora dos prodigios da sua caridade.

A' instituição canonica desta Ordem pode-se assignar a data de 2 de Outubro de 1538, em que o santo Fundador recebeu o habito e a corréa das mãos de D. Sebastião Ramirez de Fuenleal, bispo resignatario de Tuy.

Os Irmãos Hospitalarios foram constituídos em Congregação religiosa por S. Pio V, vinte e dois annos após a morte do santo Fundador. Esta Religião cresceu de congregação a Ordem independente ao 1.º de Outubro de 1586, durante o pontificado de Xisto V.

Leão XIII declarou a S. João de Deus celeste patrono dos hospitaes e enfermos de todo o mundo, mandando inserir a sua invocação entre a dos santos nas Ladainhas dos agonizantes.

“No anno de 1606, diz Pedro Diniz na sua já citada obra *Das Ordens Religiosas em Portugal*, vieram dois Religiosos a Portugal e fundaram um templo e um hospital na casa onde nascêra o seu veneravel Patriarcha, que elles compraram com o producto de esmolas”.

Em Portugal competia-lhes a direcção dos hospitaes de sangue, ambulancias, etc., e tinham hospitaes permanentes em todas as praças de guerra.

Já antes de entrarem de assistencia no Brazil, consta terem existido aqui religiosos de S. João de Deus. D. Domingos de Loreto Couto, no cap. 26, L. IV, da sua obra, faz menção de dois religiosos desta Ordem, varões mui austeros e aproveitados em a vida activa e contemplativa, que no districto da villa de Porto Calvo padeceram ás mãos dos hollandezes, que no anno de 1635 entraram naquelle sitio. Eram elles Frei Miguel e Frei Francisco de Jesus, que, atados ao tronco das arvores, foram passados de balas por extranharem aos cabos hollandezes as crueldades e desaforos praticados com a população indefesa.

O primeiro e unico hospital, em que se installaram no Brazil, foi o da cidade da Cachoeira, distante 14 leguas da Bahia.

Este hospital e o edificio de convento tiveram principio no sitio de Paraguassú, quatro leguas longe da villa da Cachoeira, hoje importante cidade, edificado com esmolas dos fieis pelo zelo e diligencia de Frei Bernardo da Conceição, religioso leigo franciscano da Provincia de Santo Antonio, que era ao mesmo tempo director, enfermeiro e cirurgião do dicto hospital, intitulado de Nossa Senhora de Belém do Paraguassú.

Fallecendo elle no anno de 1727, ficou-o administrando Antonio Machado Velho, o qual doou ao hospital de Nossa Senhora de Belém toda a sua terça. A doação

total, que lhe fez de todos os seus bens, orça por doze mil cruzados. Demoliu Antonio Machado o hospital do Paraguassú e mudou a dicta casa para a então villa da Cachoeira, populosa e provida de porto, com todos os moveis, ornamentos, botica, roupas, escravos e até com o material de construcção. Por este motivo os Padres Franciscanos levantaram contra elle litigio na ouvidoria geral da Bahia. A fundação nem por isso deixou de fazer-se na Cachoeira, no anno de 1731.

O capitão João Rodrigues Adorno e sua mulher D. Ursula de Azevedo fizeram doação de sessenta braças de terra, á beira do rio Pitanga, a Antonio Machado de N. Senhora de Belém para a fundação desse hospital, por escriptura publica com a data de 7 de Abril de 1729. Começada a fundação do hospital da Cachoeira em 1731, já em 1734 se achava funcçãoando este pio estabelecimento, cuja administração corria por conta do seu fundador, Antonio Machado Velho.

Manteve-a elle até 17 de Junho de 1754, em que fez doação do hospital, por escriptura publica, aos Padres da Ordem de S. João de Deus, assistentes em Lisbôa.

A 21 de Março de 1755 assignavam elles, no convento de S. João de Deus, de Lisbôa, um termo, pelo qual o Padre Provincial, Frei Bartholomeu da Conceição, com seu definitorio, composto de Frei Thomaz de Aquino Xavier, Frei João de Deus e Frei Felipe de Figueiredo, acceitava a fundação sob certas condições propostas, de intelligencia com o monarcha, por Diogo de Mendonça Couto, representando a secretaria dos negocios ultramarinos, no qual tambem appoz a sua firma João Evangelista.

Vinham a ser essas condições que assistiriam no referido hospital só quatro religiosos de S. João de Deus, além do fundador e dotador do mesmo hospital, que nelle podia continuar a viver, numero que depois da morte d'elle nunca poderia ser excedido; que, no tocante ao espirital, ficassem os religiosos sujeitos á jurisdicção do Arcebispo da Bahia e, quanto ao temporal, á acção das justicas seculares e ao ouvidor da comarca, quando em correição visitasse o estabelecimento.

Chegaram os Padres de S. João de Deus á Bahia no mez de Setembro de 1755, e só tomaram posse do hospital a 29 de Junho de 1756. Antonio Machado Velho foi

recebido na Ordem de S. João de Deus e, feito o noviço, nella professou em 1757, com o nome de Frei Antonio de Nossa Senhora de Belém.

Em 1761 achavam-se no hospital de S. João de Deus, na Cachoeira, os religiosos seguintes, conforme consta do officio do Chanceller da Relação, José Carvalho de Andrade, para Francisco Xavier de Mendonça, informando ácerca da fundação e rendimento do Convento e Hospital da villa da Cachoeira: o prior Frei João de S. Thomaz Castro, que se occupava do governo e dependencias do hospital; Frei Isidoro José do Rosario, sacerdote, que celebrava e administrava os sacramentos; Frei José de Santo Antonio, procurador, encarregado tambem do peditorio, e Frei Antonio de Nossa Senhora de Belém, que servia os enfermos com muita caridade e esmolava.

Frei João de S. Thomaz Castro dirigiu o hospital até o anno de 1769, a quem succedeu no cargo Frei José de Sant'Anna Lyra, no anno de 1770. Durante a sua administração aconteceu a morte do caridoso Antonio Machado Velho, na idade de 84 annos, o qual contava então 13 annos de profissão na Ordem dos Padres de S. João de Deus. Em um panno oleado, que infelizmente se perdeu no anno de 1827, onde estava pintada a effigie do fundador, lia-se a seguinte inscripção: *Verdadeira effigie do R. P. Fr. Antonio de N. S. de Belém, fundador e doador deste hospital; foi uma exemplar e santa vida, principalmente no desprezo do mundo, e na caridade para com os doentes.—Morreu a 17 de Janeiro de 1770.*

Falleceu Frei José de Sant'Anna Lyra a 25 de Janeiro de 1778 e foi sepultado na igreja do hospital, junto ao altar de N. Senhora da Boa-Morte.

Depois do seu passamento, tomou a provedoria dos ausentes conta da casa do hospital e do convento, a qual, a partir do anno 1798, entregou a direcção do hospital a administradores e juntas nomeadas pelo Juiz de Fóra, segundo se acha nas *Ephemerides Cachoeiranas* do Dr. Aristides Milton.

No anno de 1826 alcançou o Juiz de Fóra, Antonio Vaz de Carvalho, a Resolução imperial de 20 de Abril, que elevou o hospital de S. João de Deus á categoria de Santa Casa de Misericordia, com todos os privilegios e regalias da de Lisbôa, em virtude de cujo compromisso se organizou a irmandade da Misericordia a 28 de Agosto

do predicto anno, tomando posse canonica a primeira mesa administrativa, saindo eleito para seu 1.º provedor o escrivão Antonio Lopes Ferreira e Souza. Actual provedor da Santa Casa é o Exmo. Sr. Dr. Manoel Ubaldino Nascimento de Assis, que, desde o anno de 1912, tem a administração do hospital, ao qual dedica o melhor dos seus cuidados.

A igreja, dedicada a S. João de Deus, é de modesto estylo architectonico, mas não deixa de ter boa apparencia. No meio do retabulo da capella-mór está collocada a imagem do Bom Jesus dos Pobres, e em baixo, sobre o altar, um painel de N. Senhora de Belém, pintado em laminas de vidro, dentro de um nicho. Do lado da epistola está a imagem em vulto de S. João de Deus, com a mão direita estendida e sustentando na esquerda, por insígnia, uma roman, a qual faz parte do brazão de armas desta humanitaria Ordem; e ao lado do evangelho vê-se a imagem de S. Raphael.

Ha dois altares lateraes no corpo da igreja, o que fica á direita é dedicado a N. Senhora da Gloria e a N. Senhora da Boa-Morte, o da esquerda é consagrado á Sagrada Familia.

O tecto da capella-mór exhibe um painel emblematico, onde figura a Virgem, que galardoa o merito desta grande instituição de caridade na pessoa de um irmão hospitalario prosternado a seus pés.

A sacristia fica por detraz da capella-mór; junto della ha um pateo, onde Aristides Augusto Milton, provedor do hospital desde 1890 até 1904, mandou levantar uma columna commemorativa, e nas quatro faces da sua base gravar sobre placas de bronze, em letras de ouro, os seguintes dizeres: *A' memoria de Fr. Antonio de S. Maria de Belém, fundador deste hospital—1729-1734—Quem dá aos pobres empresta a Deus—Faze o bem não repares a quem.*

A' igreja liga-se o hospital, edificio vasto, em azadas condições de desempenhar a missão, para que foi instituido.

Quem quizer ver emoldurados, como em um quadro, os successos por que passou este hospital, leia os interessantes antigos, que, no mez de Maio de 1918, produziu no bisemanario *O Norte* o Professor abalisado de Belém da Cachoeira Sr. Pedro Celestino da Silva, a cujos

obsequios nos confessamos devedores de agradecidas correspondências.

O brazão da Ordem da Caridade de S. João de Deus, apresentado acima, compõe-se de uma roman, que em Hespanha se chama *granada*, vocabulo que designa também a cidade deste nome, onde teve principio a Ordem fundada por S. João de Deus. A roman é de ouro, encimada por uma cruz do mesmo metal, em campo azul. O timbre do escudo é uma corôa real.

Foi o mesmo Menino-Jesus quem representou a Ordem pelo symbolo de uma roman, o qual, apparecendo ao santo Fundador no caminho da cidade de Granada com uma roman na mão direita, lhe dirigiu estas palavras: *Juan de Dios, Granada será tu cruz.*

Fundaram-se hospitaes e asylos em muitos pontos do Brazil, designados pelo nome de S. João de Deus. Limitamo-nos a mencionar o hospicio dos dementes, na Bahia, decorado com este nome, o qual foi inaugurado a 24 de Junho de 1875, cujo actual director é o Sr. Eutychio Leal, que lhe consagra muito esforço e dedicação.

Congregação da Missão



S. Vicente de Paulo foi o instituidor desta Congregação, fundada em Paris no dia 17 de Abril de 1625, em que foi assignado o contracto da criação da Missão.

Propunha-se a associação socorrer o pobre povo do campo, que está deixado a si e como que abandonado, congregando alguns bons sacerdotes de doutrina, piedade e capacidade reconhecidas para se darem inteiramente á salvação do povo, correndo as aldeias, a expensas do peculio commum da religião

a prégear, instruir, exhortar e catechizar a gente pobre para a reconciliar com Deus, sem esperarem proveito e recompensa de especie alguma.

Estabeleceu-se a principio no *Collegio dos bons Meninos*.

Por bulla de Urbano VIII, dada em 1632, crescia

esta sociedade a congregação regular com o nome de Padres da Missão. Por fins do anno 1632 transferiu-se a nascente congregação, intervindo a approvação do Arcebispo de Paris, para o rico priorado de S. Lazaro, dotado de vastas construcções, ampla cerca e commodos de aluguer, no caminho de S. Diniz. Delle ficou aos congregados o nome de *Lazaristas*.

Adoptaram os Padres da Missão como timbre do seu brazão, que damos acima, as palavras proferidas por Christo: *Evangelizare pauperibus misit me*: e as Irmans da Caridade a expressão do Apostolo: *Charitas Christi urget nos*.

Foram os Padres da Missão e as Irmans da Caridade as principaes instituições do grande apostolo da caridade, S. Vicente. Introduzida esta Congregação em Portugal, no anno de 1713, grangeou desde logo o agrado de quantos conheceram a natureza do Instituto e as obras de zelo, que exerce. D. João V tinha por ella uma especial estima, patenteada nas magnificas e regias festas, com que fez celebrar em Lisbôa a beatificação e canonização de S. Vicente de Paulo, e no patrocínio que sempre dispensou a seus membros, procurando estabelecê-los em todos os seus dominios.

No Brazil destinou Deus para servir de casa-matriz á Congregação da Missão, quando aqui se introduziu, o santuario de Nossa Senhora, Mãe dos Homens, na serra do Caraça, Estado de Minas.

Fôra este monumento e santuario erigido á honra da Senhora por um portuguez, natural de Nagozelo, termo de S. João da Pesqueira, bispado de Lamego, conhecido pelo nome de Irmão Lourenço de Nossa Senhora, o qual para fugir, segundo apregoa a fama, á perseguição, ou angariar fortuna, se viera refugiar nas terras do Brazil. Sabemos por documento authenticico que se achava já no Brazil em 28 de Fevereiro de 1763, quando recebeu, no arraial do Tijuco, o habito da Veneravel Ordem 3.^a de S. Francisco, havendo professado a 4 de Outubro do mesmo anno e jurado "defender a Conceição da Virgem Nossa Senhora". Não consta o nome certo nem o proprio dia do nascimento do Irmão Lourenço. Diz Frei Agostinho de Santa Maria que fôra para o sertão da Bahia em 1680, por volta dos 30 annos. (*)

(*)—*Santuario Mariano*, T. 9.^o, pag. 249.

Em petição dirigida ao Principe, D. João VI, com o fim de alcançar a vinda de Frades Varatojanos ou de qualquer ordem mendicante ao Brazil, para missionarem nos arredores do Caraça e administrarem as suas propriedades, expõe o Irmão Lourenço o motivo, que o levou áquellas paragens. Diz em substancia que, desenganado do mundo, buscára, havia annos, o centro daquella serra inhabitavel onde a despesas suas e dos fieis lançára os fundamentos a uma capella consagrada a Nossa Senhora, Mãe dos Homens, que tinha concluida, e que ao dicto retiro, como se fosse Thebaida, se haviam recolhido varios homens, que conheceram a vaidade do mundo. Em outra petição precisa o Irmão Lourenço a data de 24 de Março de 1774, em que erigiu a igreja sob a invocação de Nossa Senhora, Mãe dos Homens, e de S. Francisco das Chagas. Em santa e adeantada velhice rendia o Irmão Lourenço o espirito a Deus, no Caraça, a 27 de Outubro de 1819. Nesse mesmo dia, por uma feliz coincidência, largavam de Lisbôa para as terras da America os padres Leandro Rabello Peixoto e Castro e Antonio Ferreira Viçoso, membros da Congregação da Missão.

D. João VI, herdeiro da estima que seu regio pae professava por esta Congregação, residindo já no Brazil e conhecendo de perto as urgentes necessidades espirituaes do seu vasto dominio brasileiro, querendo acudir ao espiritual do seu povo, mandára vir alguns padres de Rilhafoles, instituição-mãe desta Congregação, em Lisbôa, para confiar-lhes a evangelização da então Provincia de Matto Grosso. Em cumprimento destas ordens escreveu o seu ministro, Thomaz Antonio Portugal, ao Padre Franco, Visitador da Congregação em Portugal, que enviou os dois abalisados missionarios, assignados para cultivarem e ampliarem aquella christandade.

Ferraram os dois congregados o porto do Rio de Janeiro em fins de Novembro de 1819. Quando elles se apresentaram no Paço de S. Christovam, determinados a seguir para a sua longinqua missão, encontraram-se ali com amigos do Irmão Lourenço, que foram incumbidos de trazer a D. João VI o traslado do seu testamento com a noticia do legado, que lhe deixára. Depois de enumerar os bens, de que era possuidor, dizia nesse documento o Irmão Lourenço: "Declaro que minha vontade sempre foi e é de que todos os referidos bens fossem para esta-

belecimento e residencia de Missionarios, na forma do meu offerecimento a S. A. R.; e não podendo conseguir para esse fim, que em tal caso servisse para um seminario de meninos, onde aprendessem as primeiras letras e mais artes, sciencias e linguas, como grammatica, philosophia racional e moral. E assim instituo meu universal herdeiro ao principe, nosso senhor, etc.”.

O Principe Regente, numa resolução bafejada do céu, declarou então aos missionarios recém-vindos que, á vista daquelle instrumento e deferindo as reiteradas supplicas do testador, mudava de determinação, fazendo que todos os bens, que lhe foram doados, revertissem para a casa da Congregação da Missão, que desde aquelle ponto ficava instituida no Brazil e provida do respectivo noviciado. Não era ainda passado o anno de 1819 e já estava concertado tudo quanto concernia á fundação da casa da Congregação dos Missionarios de S. Vicente de Paulo, no Caraça, tendo sido despachados para Minas os padres Leandro e Viçoso. Um frade capuchinho tinha-se incumbido da missão de Matto Grosso.

Tomando o caminho de Minas Geraes, chegaram os missionarios lazaristas á cidade de Ouro Branco, donde, após muitos dias de jornada, puderam ganhar Ouro Preto, cidade em que os agasalhou esplendidamente D. Manoel de Portugal e Castro, governador de Minas. Proseguiram dahi viagem para Marianna, onde igualmente o governador do bispado, Dr. Marcos Monteiro de Barros, os acolheu e assistiu com todo o conforto e auxilio e os fez acompanhar até ao termo da jornada pelo Padre José Alves. Os mencionados padres apeavam, a 15 de Abril de 1820, á porta da casa de Nossa Senhora, Mãe dos Homens, e entraram a dar execução ao programma do seu fundador.

Assim ficou estabelecida no Caraça a Congregação da Missão, que havia, mais tarde, de irradiar pelo Estado de Minas e pelo Brazil inteiro. Surgiu igualmente o Seminario, que fôra o ideal do Irmão Lourenço, o qual começou a funcionar no anno de 1821. Todo o prestigio, de que pelo tempo em diante foram gozando aquelles virtuosos missionarios, ia contribuir para o progresso da obra do Irmão Lourenço; e ao Padre Viçoso, sublimado ao solo episcopal de Marianna, levaram-lhe sempre os cuidados o augmento e esplendor delle, que foi accrescendo cada vez mais.

Caraça foi, portanto, o primeiro assento da Congregação da Missão no Brazil. Inauguraram os dois padres o seu ministerio estabelecendo missões e abrindo um collegio, principaes obras que desde então até hoje têm sido ali mantidas.

De Portugal vieram no anno de 1821 para o Caraça os padres José Joaquim Alves e Jeronymo de Macedo. Em 1822 contavam-se apenas no Brazil quatro sacerdotes da Congregação e, em 1837, filiaram-se nella bom numero de brasileiros pela profissão religiosa.

Grassando, em 1854, a variola em Marianna, transferiu D. Antonio Ferreira Viçoso, já então bispo desta diocese, o seminario maior para o Caraça, a uma distancia de 9 ou 10 leguas, e ali continuou até o anno de 1880, em que de novo foi mudado para Marianna, por D. Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides, immediato successor de D. Viçoso. No Caraça, porém, continuou a prosperar a obra das Missões e o primitivo collegio.

Ali mesmo abriu, não ha muitos annos, o Padre Francisco de Paula e Silva, depois bispo do Maranhão, a Escola Apostolica, instituição que tem por fim ministrar especial cultivo intellectual e moral aos meninos pobres que, dotados dos requisitos necessarios, manifestam alguma vocação ou tendencia para o estado ecclesiastico. A sua frequencia sobe actualmente a numero de 100 alumnos.

Muito ha que esperar desta escola de formação em beneficio e proveito do Brazil.

No anno de 1906-1907 apparecia no *Archivo Mineiro* um importante Estudo sobre o Caraça, da lavra do Bispo do Maranhão, D. Francisco de Paula e Silva, que, com grande sentimento de todos, Deus levou para si, depois de haver exercido desde 1904 até 1907 o cargo de director do collegio do Caraça.

Entrou para esta Congregação em 1888, contando 22 annos de idade. Aconteceu sua morte ao 1º. de Junho de 1918. Favoreceu sempre a Congregação.

A matriz da villa do Carmo, actual Sé de Marianna, é a mãe das igrejas de Minas. Foram os Lazaristas os primeiros apostolos deste futuro Estado.

A segunda casa da Congregação é, em ordem chronologica, a do Campo Bello da Farinha Pôdre, dada com uma grande data de terras, em patrimonio, ao Caraça em 1842. Para lá se retiraram os padres nesse mesmo anno,

para não se verem implicados nas commoções causadas pela guerra civil, e que de perto sobresaltavam o centro de Minas. Seguiram, sem discontinued, ali o trabalho das missões e da educação da mocidade, criando-se também lá uma freguezia, a cargo dos Congregados, que assim continúa até hoje.

Ahi foi notificada a D. Antonio Ferreira Viçoso a sua nomeação para bispo de Marianna, no anno de 1843.

No anno de 1852 tomaram os Lazaristas á sua conta a direcção do seminario de Marianna, por incumbencia do mesmo bispo D. Viçoso. Em 1855 leccionavam neste seminario os padres lazaristas João Baptista Cornaglioto, não ha muito fallecido, o qual serviu durante muitos annos o cargo de Reitor, Bartholomeu Sipolis e Antonio Marques, que foram preceptores do actual Sr. Arcebispo de Marianna, D. Silverio Gomes Pimenta.

Em 1853 vieram estabelecer-se na Bahia os Lazaristas para servirem de capellães do hospital confiado ás Irmãs da Caridade e de directores espirituaes das mesmas nas diversas casas, que aqui lhes foram attribuidas. Dois missionarios percorrem assiduamente todo o Estado em conformidade com a fundação deixada pelo inclito Arcebispo D. Romualdo de Seixas.

Foram estes os ultimos Superiores da Congregação da Missão e directores das missões no Estado da Bahia: Padres Glaise, Victor Simon, Baudin, Felix Mariscal, Alexandre Sagent e Affonso Gavroy. Incumbe-lhes também a direcção tanto do grande como do pequeno seminario, em virtude do contracto celebrado entre o Exmo. Prelado desta Archidiocese Primacial, D. Luiz Antonio dos Santos, e o Superior Geral da Congregação, approvado a 26 de Maio de 1888 pela S. Congregação do Concilio. Demos porém a este argumento as ensanchas, que merece a importancia delle. Já antigamente o Collegio dos Jesuitas era de facto seminario, refere o Padre Anchieta.

A criação dos seminarios, diz Accioli nas *Memorias Historicas* (T. IV, pag. 72), foi justamente considerada como providencia essencial ao progresso da religião catholica, na junta magna a que se procedeu na mesa da consciencia e ordens, por mandado do rei D. Sebastião, em cumprimento do disposto no Concilio Tridentino (sessão 23^a, cap. 18, *de reformatione*). Por carta regia de 1569 determinou o rei D. Sebastião que o bispo D. Pedro

Leitão começasse logo nesta capital a factura dum seminário, dando-lhe annualmente 120\$000 pelo rendimento dos dizimos para a sustentação do tal estabelecimento, ficando a respectiva direcção a cargo dos jesuitas, e aos bispos a nomeação dos reitores, recommendando-se mais toda a formalidade em taes erecções.

O Arcebispo D. Frei Francisco de S. Damaso de Abreu Vieira instituiu, a 15 de Agosto de 1815, o Collegio de S. Damaso na casa, que legára para seminário o Conego José Telles de Menezes, mas gradualmente se foi extinguindo aquelle estabelecimento com a occupação da cidade pelas tropas portuguezas. Ficando, com a saída destas, em 2 de Julho de 1823, evacuado o Hospicio da Palma do seu presidente, o padre Fr. Bernardo de Nossa Senhora da Ajuda, foi esse hospicio doado pelo Imperador D. Pedro I, por carta imperial de 31 de Maio de 1824, para o novo seminário, que se abriu em o dia 6 de Abril de 1834, com doze seminaristas externos e onze internos, sendo seu principal director o Revdo. José Maria de Lima. O seminário passou depois do Hospicio da Palma para o convento de Santa Thereza. O seminário menor foi aberto a 3 de Fevereiro de 1852, sob a invocação de S. Vicente de Paulo, pelo Arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, Marquez de Santa Cruz. Entregou elle á direcção dos Lazaristas tanto o maior como o menor seminário; mas por occasião do seu obito, occorrido em 1864, houveram de se retirar. No anno de 1888 reintegrou-os na direcção dos dous seminários o Arcebispo da Bahia, D. Luiz Antonio dos Santos.

Exerce presentemente o cargo de Reitor do seminário maior, importante estabelecimento de sciencias ecclesiasticas, o muito digno e esclarecido membro da Congregação da Missão, Revmo. Padre Antonio van Pol, coadjuvado na sua elevada missão por seis confrades da mesma Congregação.

A Congregação da Missão tem a seu cargo a direcção e o ensino do seminário menor, do qual tambem fazem parte quatro sacerdotes seculares, de comprovada competencia.

Por proposta apresentada ao nobre Senado da Bahia, a 25 de Julho de 1916, será d'ora avante subsidiado o seminário maior com a quantia de 6 contos por anno,

dados como subvenção ao Educandario de Santa The-
reza.

Desenvolvendo mais esta materia, devemos memorar nestes annaes que já no anno de 1798 obtivera da rainha D. Maria I o bispo de Olinda, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, o edificio do antigo collegio dos Jesuitas, em Olinda, para nelle installar, em 1800, o seminario da sua diocese, para o qual ordenou estatutos. A memoria deste facto está archivada, á pagina 43 das *Biographias dos Brasileiros Illustres* pelo Padre Raphael Galanti.

O seminario da Fortaleza, no Ceará, foi o segundo em data confiado á direcção dos filhos de S. Vicente. Desde que foi assumpto á Sé daquella diocese, pensou logo D. Luiz Antonio dos Santos, discipulo e auxiliar de D. Vicoso, em confiar ao illustrado zelo dos Lazaristas o magnifico seminario que ali edificára. Teve este por seu primeiro Superior ao Padre Pedro Chevalier, que passou da Bahia á Fortaleza, aportando ali em Novembro de 1864.

O seminario de Diamantina, fundado no anno de 1867, foi, desde os seus inicios, entregue pelo bispo D. João Antonio dos Santos, á regencia desta Congregação. Cinco personagens pelo menos do Episcopado brasileiro, ainda sobreviventes, saíram do seminario de Diamantina. Pelo mesmo sagrado Antistite foi fundada, em 1881, uma casa em que assistissem dois missionarios, que corressem os povos daquella diocese no exercicio das missões.

No anno de 1896 acceitaram os Congregados da Missão a incumbencia do seminario de Curityba, em Batel, Paraná, a chamado do bispo D. José de Camargo Barros, primeiro Antistite daquella diocese, sublimado depois á Sé de S. Paulo. O primeiro Reitor deste seminario foi o Padre Benjamin Frechet. Tambem ali se estabeleceu um centro de missões em 1902.

Em 1903 foram os Lazaristas chamados para a cidade da Victoria, capital do Espirito Santo, para iniciarem a obra das missões em toda a diocese, pelo saudoso bispo D. Fernando de Souza Monteiro, finado a 24 de Março de 1916, o qual era membro dedicado e distincto desta Congregação.

Recentemente confiado á Congregação da Missão foi o seminario do Maranhão pelo bispo D. Antonio Xisto

Albano, nascido em 1860 e finado a 22 de Fevereiro de 1917.

Finalmente, o Exmo. D. Lucio Antunes de Souza, actual bispo de Botucatú, obteve do Santo Padre Pio X, de grata memoria, que os Lazaristas se encarregassem, no anno de 1913, do seminario diocesano de Botucatú. Esta cidade, além do seminario, em que se subministra aos futuros levitas o curso preparatorio e theologico, possui hoje em dia mais um gymnasio, que instrue meninos para a vida secular, e um estabelecimento de primeira ordem para educação de meninas, regido pelas Irmãs Marcellinas de Milão, que entraram naquella cidade em Agosto de 1812.

Além dos seminarios e do trabalho das missões, exercitam os Lazaristas com todo o desvelo outras obrigações do sagrado ministerio. No anno de 1852 foi encommendada aos Congregados a capellania geral da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, para se incumbirem de acudir com os remedios da alma aos doentes deste grandioso hospital. Para a conveniente direcção espiritual das Irmãs da Caridade, que se foram no Rio multiplicando por muitos estabelecimentos, fixaram os Missionarios casa propria, em 1861, na rua General Severiano, onde reside o Vistador com os seus padres assistentes. Tomaram assento em Petropolis o noviciado e o escolasticado, onde se formam na disciplina religiosa e na sciencia ecclesiastica os aspirantes a congregados de S. Vicente. Nessa mesma casa residem dois operarios evangelicos, que discorrem, prégando, pela diocese.

Irmãs da Caridade—Vindo agora a tratar das filhas do espirito da, até ha pouco, Veneravel Luiza de Marillac, sentimos que o limitado deste nosso trabalho não permita que demos a este assumpto vastissimo mais algum desenvolvimento.

A 8 de Dezembro de 1617 instituia S. Vicente de Paulo a Congregação das Irmãs da Caridade, coadjuvado neste empenho por Luiza de Marillac, viuva de Antonio Le Gras, designando-as pelo nome de *servas dos pobres*. Foi em Chatillon-les-Dombes que este facto se deu. Aham-se disseminados estes anjos de caridade por todo o mundo, offerecidas para alliviar todas as miserias, para dispartir á volta dellas a superabundancia do seu amor. A causa da beatificação da fundadora da Congregação das Filhas da Caridade, proposta á S. Congregação dos Ritos, foi appro-

vada por decreto dado a 9 de Março de 1919, conquistando a Veneravel Maria de Marillac a aureola de bemaventurada.

As primeiras Irmãs, que vieram para o Brazil, doze em numero, foram as que, no anno de 1849, obteve D. Antonio Ferreira Viçoso do Superior Geral da Congregação da Missão, o Revmo. Padre Etienne, as quaes chegaram em companhia de cinco congregados, vindos para a sua diocese de Marianna, destinados a adiantar a empresa da gloria de Deus nesta Diocese. Relata-o o Padre Luiz Gonzaga Boavida, de quem após falaremos em uma pequena biographia, no capitulo supplementar á vida de S. Vicente de Paulo, que converteu do texto francez em portuguez.

Só em 1852 é que, a instancias do Imperador D. Pedro II, se installaram depois no Rio de Janeiro, destinando-se-lhes para sua primeira vivenda esse grande emporio das misérias humanas, que se chama *Santa Casa da Misericordia*. A casa central, onde hoje reside a Visitadora, só foi construida no anno de 1860. São quinze as casas, que administram no Rio.

Pelo que diz respeito á Bahia, achamos que a 19 de Dezembro de 1853 se inaugurou o Collegio de Nossa Senhora dos Anjos, em cuja fundação, feita sob os auspícios do venerando Arcebispo Marquez de Santa Cruz, se empenharam os filhos de S. Vicente de Paulo. A sua direcção esteve a cargo das Irmãs da Caridade, passando depois para a Santa Casa da Misericordia. Quatro são os estabelecimentos onde prestam generosamente os seus serviços. O primeiro em data de fundação é o Collegio da Providencia, que surgiu em 1855; o segundo o Asylo do Sagrado Coração de Jesus, instituido em 1857; o terceiro o Orfanato de Nossa Senhora da Salette, erecto em 1861; o quarto o Asylo de Mendicidade, estabelecido em 1895. Lavrou-se, no anno de 1916, na secretaria da Intendencia Municipal um contracto com as Irmãs da Caridade em ordem a ellas tomarem a seu cargo a administração interna do Asylo da Mendicidade. Cada uma das seis Irmãs, que fizerem parte della, perceberá 450 francos annualmente para vestuario. Tornou-se benemerita da Bahia a Intendencia celebrando tal convenio, em beneficio dos indigentes e desvalidos.

Em Petropolis foram-lhes confiados tres estabelecimentos. Em Nictheroy está a cargo dellas o Asylo de

Santa Leopoldina. Na Parahyba do Sul tomaram o encargo de um hospital, de um orfanato de meninas e de um externato de meninos. Data o seu estabelecimento ali do anno 1883.

Em Pernambuco têm cinco casas a seu cuidado, entre as quaes o Hospital de D. Pedro II, desde o anno de 1857. Em Fortaleza, capital do Ceará, são tres os institutos confiados ao cuidado das Irmãs, que para ali vieram em 1865. Assistem, além destas cidades, em Marianna, a *alma Mater* da Congregação no Brazil, em Barbacena, em S. João de El-Rei, em Diamantina, em Serro e em Campanha, todas sitas no Estado de Minas.

Acham-se na cidade da Victoria, Estado do Espírito Santo, e em Cachoeiro de Itapemirim.

No Estado de S. Paulo estão em Parahybuna, onde tres Irmãs mantêm o hospital e um dispensario. A Piracicaba chegaram em Setembro de 1913 tres Irmãs Hospitaleiras.

Existe, além destas, no Brazil a Congregação das Irmãs de S. Vicente de Paulo, que teve sua origem na diocese de Gand, Belgica, e foi fundada a 21 de Janeiro de 1818 pela Condessa Robiano e Baroneza de Candelet de Gysegem. Vieram para Olinda e Pernambuco no anno de 1896, por ordem do Santo Padre Leão XIII. Em 1897 passaram a S. Paulo, aonde dirigem o Orfanato Casa Pia de S. Vicente, abrigando e educando centenas de crianças e incumbindo-se tambem da Escola de Santa Thereza, mantida pela Ordem 3^a. do Carmo.

As casas, onde as Irmãs da Caridade exercem as obrigações da sua vocação no nosso paiz, passam actualmente de 42, empregando-se nellas umas 600 Irmãs da Caridade estrictamente dictas.

Quem pretender abarcar num relancear de vista todo o desenvolvimento que o Instituto das Irmãs alcançou no Brazil, leia o capitulo supplementar, que á Vida da Veneravel Marillac addicionou o Padre Luiz Gonzaga Boavida, traductor da Vida do santo Fundador. Acha-se á venda na Casa Central das Irmãs, no Rio de Janeiro.

* * *

As tres outras instituições de zelo e caridade, que devem sua origem ao grande servo de Deus Vicente de Paulo, são a das Senhoras ou Damas da Caridade, a das Filhas de

Maria e a da Archiconfraria da Guarda de Honra do S. Coração de Jesus. Por iniciativa dos Lazaristas todas ellas se acham florescentes no Brazil.

Installaram-se as *Damas da Caridade* na Bahia no anno de 1853, sendo principal medianeira dessa obra D. Escolastica Basilia de Seixas, virtuosa irman do Arcebispo da Bahia, D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz. Pelo primeiro Relatorio da Associação, apresentado á assembléa geral de 19 de Julho de 1897 pela sua primeira presidente, D. Carolina Amelia Fagundes Pinheiro, consta que quem deu o primeiro impulso á organização della no Brazil foi o Visitador da Congregação da Missão, o Padre Bartholomeu Sipolis.

A *Associação das Filhas de Maria* foi estabelecida no Rio de Janeiro pelos Padres missionarios e pelas Irmãs da Caridade desde que ali chegaram, no anno de 1852.

A *Archiconfraria da Guarda de Honra* foi canonicamente erecta na igreja do Seminario de Diamantina pelo Padre Bartholomeu Sipolis, quando era Superior delle, onde se constituiu a sua séde, derivando-se dali e espalhando-se por quasi todas as casas das Irmãs da Caridade, varios seminarios, collegios e freguezias. Tem por director o reitor do Seminario de Diamantina. Antes de esta devoção entrar em Diamantina, já em 1864, passado apenas um anno da sua apparição na Belgica, tinha sido importada para a Bahia pela Irman da Caridade Thereza Lavalée, superiora do Collegio das Orfans, auxiliada pelo Padre Camillo Bareil, lazarista, que, sendo Director diocesano, compoz um Manual para guia dos associados.

A' grande obra das *Conferencias de S. Vicente de Paulo*, tão diffundida por todo o solo brasileiro, tão acredora da sympathia da sociedade e que tantos beneficios prodigaliza em favor dos pobres e desamparados, deram principio, no Brazil, os Congregados da Missão quando, no anno de 1872, celebravam a festa do seu santo Fundador na Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro. Estabeleceu-se na Bahia a 27 de Dezembro de 1876. Já antes tinha sido fundada na Bahia pelo Exmo. D. Romualdo, em 1849, a Confraria de S. Vicente de Paulo.

Representa os Vicentinos, como seu órgão, no campo da imprensa o *Boletim Brasileiro da Sociedade de S. Vicente de Paulo*.

Por tudo quanto pudemos dizer ácerca dos fructos

sasonados, com que floresce por toda a parte, baste proferir o abençoado nome da caritativa Irman Paula, que passa uma vida toda de fazer bem no seu Dispensario.

* * *

Illustremos este capitulo com as notas biographicas de alguns lazaristas benemeritos.

Gloria da Congregação da Missão, no Brazil, foi D. Antonio Ferreira Viçoso, bispo de Marianna, immortalizado pela aurea penna do seu segundo successor na Sé Archiepiscopal de Minas, o illustre e bem preparado alumno dos Lazaristas no Caraca, D. Silverio Gomes Pimenta.

Recopilou os dados principaes da sua biographia o Padre Raphael Galanti, dentre os quaes vamos destacar os que fazem ao nosso proposito.

Chegou ao Rio de Janeiro em companhia do Padre Leandro Rabello de Castro. Transcorridos alguns annos apenas depois de chegado, foi incumbido pelo Governo, a pedido do Irmão Joaquim do Livramento, de dirigir o seminario de Jacuecanga, em Angra dos Reis. Em 1838 foi nomeado Superior Geral da Congregação no Brazil e fundou o seminario de Campo Bello. Eleito bispo de Marianna em 1843, passou á Bahia a cortar certos abusos em um mosteiro de religiosos, função que desempenhou com prudencia, justiça e optimo resultado.

No anno de 1844 exonerou-se do cargo de Superior dos Lazaristas, e foi consagrado em bispo, no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro. Fundou em 1766 o seminario de Marianna, cuja direcção confiou aos Lazaristas. Instituiu, em 1848, um asylo para meninos orfãos e outro para meninas desamparadas. Collocou este asylo sob a vigilancia das Irmans da Caridade, cuja vinda promoveu. Instou com os Superiores da Congregação do SS. Redmptor para enviarem alguns sujeitos ao Brazil. Exhalou o ultimo suspiro em Marianna, a 7 de Julho de 1875. Teve por inimigos todos quantos sentiu contrarios á Igreja.

O Exmo. Arcebispo de Marianna D. Silverio, proseguindo no empenho de consagrar o nome de D. Antonio Viçoso, fez já as primeiras diligencias para activar o processo de beatificação de seu venerando predecessor, ordenando aos parochos do Arcebispado de Marianna, por intermedio da curia, que reunam todos os documentos,

factos e observações sobre a vida daquelle bispo modelar. Tenciona o Prelado de Marianna, colligidos os documentos e informações necessarias, requerer em Roma a introdução da causa da beatificação de D. Viçoso. Aceito o pedido e instruido o processo canonico, poderá, dentro de alguns annos, ser elevado ás honras de bemaventurado aquelle servo de Deus, vindo seu nome a engastar-se, como nobre florão, na corôa de santidade, que cerca de esplendor a indefessa, patriótica e excelsa jerarchia do episcopado brasileiro.

No dia 20 de Fevereiro de 1915 passou a melhor vida um dedicado filho desta insigne Congregação, o Padre Luiz Gonzaga Boavida. Nascido em Val-de-Prazeres, Beira Baixa, Portugal, a 10 de Maio de 1840, veio, no anno de 1862, offerecer ao Brazil, bem moço ainda, o seu zelo de sacerdote austero e piedoso, e os raros talentos de educador, prégador, artista e escriptor. Passou no Caraça a maior parte da sua vida, sendo successivamente professor, missionario, procurador e superior.

Dirigiu a Escola Apostolica que, configua ao Collegio, tinha sido fundada por D. Francisco de Paula e Silva, depois bispo do Maranhão, nomeado em 1904 Reitor do Collegio do Caraça.

Entre outras obras espirituaes, tirou a lume uma versão portugueza da *Imitação de Christo*, como tambem a traducção da Vida de S. Vicente de Paulo, escripta em francez pelo Principe de Broglie, accrescentada dum capitulo supplementar sobre as obras de zelo do seu santo Patriarcha, no Brazil.

Illustre membro desta Congregação é o Exmo. D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, bahiano, bispo resignatario de Goyaz e antigo arcebispo do Rio Grande do Sul, honrado hoje com o titulo de Arcebispo de Anazarbe.

Indo na ordem que nos propuzemos, falaremos, no seguinte numero desta Revista, da Ordem de S. Domingos.

Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia ao Visconde de Monserrate

Proseguindo a sua alta missão de recordar os grandes vultos da Patria, o Instituto Geographico e Historico da Bahia realizou, no dia 13 de Maio de 1919, uma sessão solenne em homenagem á memoria do glorioso Visconde, pessoas, autoridades da União, do Estado e do Município. A sessão, que se effeituou com a presença de mais de 100 pessoas, autoridades da União, do Estado e do Município, Exmas. Senhoras, membros de todas as classes sociaes, constou de tres partes: Biographia do Visconde, feita pelo orador official do Instituto, Dr. Theodoro Sampaio; inauguração do retrato do eminente Visconde na galeria dos bahianos illustres; entrega pela mais moça de seus descendentes ao Instituto de uma riquissima corôa de ouro que foi offertada ao Visconde pelos admiradores do seu character incorruptivel.

Aberta a sessão pelo Presidente, Cons. Carneiro da Rocha, que explicou o seu fim, a gentil criança Beatriz Pinheiro de Vasconcellos, bisneta do Visconde e filha do Almirante Caio Pinheiro de Vasconcellos, pede a palavra e pronuncia as seguintes phrases: "Em nome da familia Monserrate, offerecemos a esta benemerita instituição a presente reliquia de um dos filhos mais illustres da Bahia, de quem nos orgulhamos de descender. Estamos todos certos de que o Instituto da Bahia saberá honral-a e conser-val-a em seu seio com todo o desvelo e carinho."

Passando a corôa de ouro ás mãos do Cons. Presidente, este vae collocar-a no retrato que, ricamente emoldurado, estava num dos angulos do salão nobre, cingido de flores naturaes e da bandeira nacional.

A uma salva de palmas, que estrepitosamente reboou pelo Salão, seguiu-se com a palavra o Dr. Theodoro Sam-

paio, que produziu uma oração brilhante, rememorando toda a vida insigne do notavel brasileiro, a qual publicamos em seguida.

O Cons. Presidente, agradecendo o comparecimento de tão distincta sociedade, declarou inaugurado o retrato do Visconde de Monserrate, encerrando a sessão em meio de palmas dos ouvintes. Os descendentes do Visconde, presentes á sessão, foram cumprimentados por todos e a Secretaria do Instituto expediu para o Rio de Janeiro um telegramma á familia Monserrate, communicando-lhe a homenagem tributada ao glorioso antepassado e agradecendo ainda uma vez a confiança que depositaram no Instituto, dando-lhe a honra de guardar em seus cofres a corôa de roble em ouro, reliquia preciosissima e que para sempre affirmará a magnitude do character impolluto do glorioso homenageado.

O VISCONDE DE MONSERRATE

Discurso do Dr. Theodoro Sampaio a proposito da Corôa de ouro que os descendentes do Visconde offereceram á guarda do Instituto Geographico e Historico da Bahia, na sessão solemne de 13 de Maio de 1919

Cons. Srs.:

Diante desta corôa de ouro de que hoje nos fazem depositarios os illustres descendentes do Visconde de Monserrate, eu me inclino reverente, porque nella ha mais valor do que na das potestades da Terra.

A realleza, que ella significa, legitima glorificação de um justo, é tudo o que ha de mais nobre na consciencia humana, como elevação de character, como fortaleza d'animo em face do dever.

Nunca metal precioso teve applicação mais alta. Laurel immarcescivel, ella ficará entre nós, que a guardamos, como o symbolo do merito coroado, homenagem de uma população agradecida.

A historia desta corôa, senhores, permitti-me, porém, que vol-a faça a resumir a vida de um justo.

Só uma aurea corôa de roble podia ser o remate da carreira do magistrado que foi Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, Visconde de Monserrate, de vida impolluta de quasi um seculo, a mór parte della ao serviço do seu paiz, na funcção delicada e ao mesmo tempo espinhosa de distribuir a justiça.

Para falar-vos do Visconde de Monserrate nesta solemnidade, eu quizera, ao menos, entre os titulos, que me fallecem, a autoridade das recordações pessoas que não possuo.

Quando conheci o Visconde de Monserrate e pela primeira e ultima vez o visitei na sua casa do Catête, concluia eu então os meus estudos de Engenharia no Rio de Janeiro. Vivia elle ali, já retirado da vida puclica. Cercava-o, affagando-lhe a ancianidade veneranda, uma pleyade de illustres descendentes e a fama do seu nome, por todo o paiz acclamada, era-lhe já um legitimo galardão da longa vida de serviços inesqueciveis.

Os que então eramos condiscipulos dos seus netos e logravamos approximar-nos do illustre ancião, beijavamos-lhe as tremulas mãos, como se beijassemos as de um santo, cujo altar em nossos peitos erguera-o, por certo, o prestigio misterioso de suas virtudes mais altas, e então nos chegavamos para elle com esse mixto de respeito e de natural timidez com que os jovens daquelle tempo se curvavam ante a magestade dos annos, quando ella cinge com a sua corôa de neve a fronte dos benemeritos.

O Visconde de Monserrate poucos annos a isto sobreviveu. Não o vi mais. A impressão, porém, que me ficou do velho e illustre magistrado; cego, porque os olhos se lhe arderam na pyra do Direito; tremulo, vácillante, porque aos hombros lhe pesava o fardo glorioso de quasi um seculo de serviços patrioticos, não mais se me apagou da memoria e quando, por ventura, tento alguma vez imaginar a figura do Juiz, que seja em pessoa a Justiça em acção, é sempre a desse vulto encanecido de Monserrate, austero e simples, que se me desenha na retentiva e me satisfaz.

Sempre foi grande a minha veneração por esse modelo dos magistrados do meu paiz, e foi essa mesma veneração que me fez deixar o retiro, onde abafo os gemidos do meu peito, o coração de pae a desangrar-me, duas vezes ferido

em tão curto espaço de mezes, a ver si, sopitadas as minhas magoas por um instante, posso eu dar largas á minha admiração pela memoria do homem illustre e dizer perante vós o seu elogio, na hora solemne da entrega desta corôa, que foi em outr'ora a consagração do seu merito.

Parece-me que estou ainda a ouvir o velho magistrado de que nos acercavamos respeitosos a discretear sobre as bellezas da nossa terra, na sua sala do sobrado do Catête, sobranceiro ás aguas da formosa Guanabara. Falava-nos da terra natal, da minuscula ilha de Santo Antonio, que foi o seu berço, no interior da bahia de Todos os Santos e, porque verificara que eramos conterraneos seus, a sua palavra, o acento de sua voz, as reminiscencias todas de infancia e de mocidade, como que lhe acudiam em tropel ao seu appello e, para logo, nol-o deparavam prisioneiro da saudade, dominado por sentimentos que se reconheciam familiares ao seu coração.

Alli, assentado em face de um dos scenarios mais bellos do mundo, qual o dessa bahia do Rio de Janeiro, de cujo encanto os seus olhos já não gosavam, o busto encurvado, o olhar extinto, vendo só pelos olhos da imaginação, o bahiano illustre e poeta tambem, que elle foi, nos descrevia a nós, bahianos, a paisagem pittoresca da terra natal, uma encantadora marinha em formosissima tela, como as de um Ruysdaël ou de um Meyer, mas com as tonalidades quentes dos Tropicos.

Era como numa miragem que, á sua evocação, viamos a minuscula ilha de Santo Antonio, sob o azul do céu inundado de luz, o mar verde, manso, franjado de brancas ondas, quebrando-se-lhe em torno num suave murmulho. A' pequena distancia a ilha dos Frades, de tons vermelhos nos seus outeiros escavados, a mesma que elle já uma vez cantara nos seus ensaios poeticos; mais proximo o ilhéu do Bom Jesus que os seus pequenos estaleiros celebrizaram; mais além a ilha da Madre de Deus, separada da dos Frades pelo pégo do Boqueirão, bella na sua extensa e alvissima praia, que flexuóass palmeiras ensombram e que, no balouçar continuo, rümorejam ao sopro da brisa que vem do largo; depois a ilha das Vaccas, a da Bimbarra, a das Fontes que lhe occultam o continente ao fundo da bahia e limitam esse scenario, donde o lyrismo brota espontaneo, tão suggestivo é elle do pensamento e do desejo de o manifestar.

Tudo isto nos recordava elle ao vivo, como se fôra um pintor da natureza presente, mostrando-nos como nesse quadro a mão do homem, ainda sem arte apurada, nas construcções e nas lavras, tinha posto a sua nota de pittoresco, entremeando com as palmas indigenas, esbeltas, flexuosas, e as robustas, copadas arvores exóticas de longinqua procedencia, casas, vivendas, engenhos, caieiras, armações, culturas diversas, capellas e igrejas, nucleos de populações nascentes onde a vida de sociedade reflectia já a riqueza nova, crescente, de uma terra pródiga.

Reminiscencias vivas de quasi um seculo eram estas que lhe tinham deixado n'alma um cunho inapagavel, pois que o Visconde nascera contemporaneo da Inconfidencia Mineira e quando já aos seus ouvidos innocentes chegavam os primeiros échos, os pródromos da revolução franceza.

Nascido a 4 de Setembro de 1788, elle entrou na vida quando já o ideal da independencia nacional, acalentado por um pugillo de poetas, ia fazer do Tiradentes um martyr da liberdade tardia, quando aqui mesmo, na colonia tão zelosamente vigiada, a philosophia, que renascia como se fôra uma descoberta nova, inebriava de entusiasmo a mocidade avida do pensar. Padres, legistas, magistrados, homens lidos, aqui experimentavam o influxo das idéas triumphantes lá fóra e ouviam commovidos, estimulados, como as colonias inglezas da Norte-America acabavam de sacudir o jugo da metropole; como Luiz XVI abolira nos seus dominios a servidão e a mão-morta; como na Austria, depois do glorioso reinado de Maria Thereza, José II estabelecera a igualdade dos direitos civis qualquer que fosse a differença de religião, abolindo tambem a servidão e a pena de morte; como no parlamento de Inglaterra oradores da estatura de Fox, de Sheridan e Burke levantavam a voz contra os horrores e atrocidades de Warren Hastings, na India, num debate que durou nove annos; como no mesmo parlamento Wilberforce reclamava insistentemente pela abolição do trafico dos escravos. Nesse tempo, já a machina a vapor começava a revolucionar as industrias, abrindo-lhes perspectivas novas. Era o bruxolear do seculo novo, o seculo das luzes, que despontava.

No paiz, o governo colonial, transferida a sua séde para o Rio de Janeiro desde 1763, sentindo já o ouro escassear-lhe nas minas e já não dando para a ostentação

e prodigalidade da epoca de D. João V, cuidava agora mais da lavoura e da pecuaria; explorava as madeiras de construcção, com legislação propria visando proteger as mattas; desenvolvia a instrucção e as obras publicas; protegia o commercio, se bem que pondo peias ás industrias nascentes, algumas até eliminadas de vez; estimulava a construcção naval e com isso a navegação costeira e a de longo curso; melhorava a organização militar; promovia a assistencia hospitalar, e luctava com denodo, defendendo as fronteiras meridionaes e occidentaes do paiz, que se iam alargando com opportunas e successivas occupações de territorios novos.

No Rio de Janeiro, o Vice-Rei, D. Luiz de Vasconcellos, deixava de si uma bella tradição de homem de Estado, depois de um vice-reinado de onze annos e, na Bahia, iniciava então uma das mais fecundas e prolongadas administrações, que já teve esta parte do paiz, D. Fernando José de Portugal, Marquez de Aguiar.

Os ideaes de liberdade, em ameaça ao absolutismo da realza de direito divino e com a revolução franceza triumphante a agitar a sociedade européa, já os não combatte aqui a politica cautelosa da metropole, receiosa das tendencias separatistas latentes. Conjura o perigo, mandando para o Brasil os seus mais habéis homens de governo e lhes recommenda moderação, politica de fomento da riqueza, de melhoramentos materiaes, de reforma dos serviços em proseguimento do que fizera o Marquez de Pombal no reinado de D. José. Os ministros de D. Maria I, como Martinho de Mello e Castro, apesar da reacção beata e do odio ao Marquez, faziam comtudo excepção muito acertada e louvavel para com o Brasil, onde era empenho conciliar o animo dos colonos e não opprimil-os com exacções excessivas. Minorava-se aqui então o rigor das leis e não se afogavam em sangue as tentativas de independencia. Commutavam-se as penas e tão somente para exemplo e escarmento de outros só o mais comprometido dos conjurados subia ao patibulo. O fermento da independencia e do separatismo, comtudo, não morria. Não se extingue a sementeira dos martyres. A Tiradentes, que morre, no patibulo, revoltoso confesso, em 1790, succedem na Bahia, em 1799, quatro victimas obscuras de um ideal que nem siquer chegou ao nascedouro, pobres homens de côr, um até escravo, e que entretanto já sonhavam com a liberdade, com a independencia e com a republica!

Entretanto, dava largas ao seu genio renovador e activo no governo da Bahia o Marquez de Aguiar; constróe fortaleza, manda levantar esse enorme paredão que sustenta a ladeira da Misericórdia; cria um hospital militar no antigo Collegio dos Jesuitas; reconstróe a cadeia publica; regulamenta a conservação das mattas; cria uma cadeira publica de Geometria na cidade; dá começo á grande estrada de Camamú para Monte Alto; abóle o monopolio do sal; cogita da fundação de um Horto Botanico e manda levantar a carta hydrographica da bahia.

E' o tempo em que transcorre a infancia de Pinheiro de Vasconcellos. Seus paes, o Sr. José Pinheiro dos Santos e D. Maria Joaquina do Amor Divino e Vasconcellos, habitavam a sua ilha de Santo Antonio, na faina dos trabalhos agricolas, das pequenas industrias que se alimentam das riquezas do mar e curavam da educação do filho a quem aliás a vida simples e aventureira do barqueiro e do pescador seduzia e impressionava.

Naquelles tempos os engenhos e estabelecimentos agricolas do reconcavo tinham, de ordinario, o seu capellão e a este entregava-se commumente o ensino dos rudimentos de leitura e escripta aos filhos do proprietario e aos da vizinhança, com a devida permissão. Os livros não eram muitos; supprimiam-n'os as cartas de mão, como ainda hoje se pratica no longinquo interior. Tão velho, como me vêdes, ainda alcancei o ensino por esse processo e delle participei. Guardo entre as minhas mais caras reminiscencias de juventude a memoria do bondoso Padre Joaquim Pinto, meu mestre na *Artinha* e nos rudimentos da lingua de Cicero. Aos padres cabia assim essa primeira uncção do saber nas intelligencias de tenra idade; delles era então esse *épheta* que é o abrir nos dominios do intellecto.

O jovem Pinheiro de Vasconcellos por ahi passou, como passaram quasi todos os do seu tempo e, transferido para a cidade a completar os estudos preparatorios, o nosso estudante, concluidos estes, aos vinte e quatro annos, em 1812, seguia com outros condipulos para Portugal a matricular-se no curso juridico da Universidade de Coimbra, viagem que então se fazia em navio de vela e com sessenta dias através do Atlantico.

Gostava o Visconde de recordar esse tempo dos seus estudos e os episodios da vida universitária; contava

como eram poucos os seus recursos, bastantes aliás ao seu viver modesto de estudante, não lhe deixando com-tudo margem para as viagens de recreio, tão em voga entre os condiscipulos mais abastados, que aproveitavam as ferias para a visita ás capitães europeas. Vivendo com a maior economia, a mesada todavia lhe chegava para o essencial. Os criados, a casa, os generos alimenticios eram baratissimos. Custava um cento de peras sessenta réis, meio tostão uma garrafa de vinho. Uma velha criada, só ella, bastava para todo o serviço domestico e para o trivial da cosinha.

Entretanto esse Portugal de 1812 a 1818, que é quando o nosso estudante faz o seu curso universitario, era o mesmo Portugal restaurado, em mão dos inglezes, ar-ruinado, empobrecido e que, num supremo esforço, pé firme em Torres Vedras, varrera o exercito invencivel de Napoleão, e atirara porta á fora o ultimo dos soldados de Massena, "*l'enfant chéri de la victoire*".

A ruina oriunda das invasões francezas fazia-se pa-tente n'uma decadencia inenarravel e que parecia sem remedio. Resumindo isso, dizia um historiador portu-guez: "Quando Napoleão caiu e voltou a paz, deu-se ba-lanço á fortuna portugueza. Era um sudario de miseria e solidão". (1)

O Brasil, para onde se transferira desde 1808 a fa-milia de Bragança e para onde torna Pinheiro de Vascon-cellos, concluido o seu curso juridico em 3 de Maio de 1818, crescia entretanto e prosperava. Portos abertos ao commercio das nações amigas, com uma população que se approximava de tres milhões de habitantes, rico, novo, era agora um reino no continente da America e o Rio de Janeiro a capital da monarchia portugueza.

A dynastia de Bragança que, ao fugir das hostes vi-ctoriosas de Bonaparte, proclamara ao mundo que a Côte havia de levantar a sua voz no seio do novo imperio que ia crear, lançava de facto, sob as inspirações de D. Ro-drigo, Conde de Linhares e de Lord Strangford, ministro de Inglaterra, as bases da politica que devia marcar uma era nova para o Brasil; mas é de Antonio de Araujo de Azevedo, Conde da Barca, que succede a Linhares no

(1)—Oliveira Martins. Historia de Portugal. Tomo 2º., pag. 189.

ministerio, a acção efficiente, a alma dessa politica constructora, politica de remodelação, que a morte aliás, após curto periodo de cinco annos, interrompera.

Em 1818, quando Pinheiro de Vasconcellos regressava á terra natal, já estava no ministerio do Regente, desde anno antes, como figura culminante, em successão do Conde da Barca, Thomás Antonio de Villa Nova Portugal, homem integro e estadista que bem comprehendia quanto promettia o Brasil.

Começava já a agitação que, em quatro annos, devia consumir-se pela independencia nacional.

Os prodromos desse constitucionalismo, em que ia findar o absolutismo, avisinhavam-se já das fronteiras portuguezas, como uma borrasca ameaçadora nos confins do horizonte. Em torno do Principe Regente, no Brasil, os estadistas de maior ascendencia no animo do soberano dividiam-se em duas escolas:—os que queriam a volta da familia real para a Europa e pensavam com o Conde de Palmella necessitar S. Magestade de ser rei de Portugal para conservar o Brasil e os que, como Thomaz Antonio, opinavam por uma politica larga de melhoramentos e pela permanencia da dynastia aqui, onde, resguardada do sôpro revolucionario, que varria a Europa, podia dictar e não acceitar condições dos agitadores intrusos.

Pensava e agia tambem como os que queriam o Brasil mais prospero e melhorado para se não separar de Portugal o Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, que, havia pouco, acabara o seu governo de oito annos na Bahia e lhe dera largo impulso aos melhoramentos, creando escolas publicas, imprensa, bibliotheca, theatro, escola medico-cirurgica, aulas de chimica e pharmacia, de commercio, de agricultura, de desenho e de latim; dera-lhe uma fundição miiltar, as fortalezas restauradas, estradas para o sertão, correio terrestre para o Maranhão; colonizara Porto Seguro; construira aqui fragatas, brigues, canhoneiras para a marinha de guerra; dera-lhe a primeira praça de commercio do paiz e reprimira com presteza e acertadas medidas a revolução pernambucana, que estalara um anno antes de deixar elle o governo.

O espirito revolucionario e separatista, estimulado pelo exemplo de toda a America, era, porém, já uma força incontida que as repressões successivas e cada vez mais severas já não podiam impedir.

Ainda estava fresco no animo publico o lugubre episodio do Campo da Polvora, onde expiaram com morte por fuzilamento o crime de rebeldia o Padre Roma, Domingos José Martins, o Padre Miguelinho e José Luiz de Mendonça, coripheus da revolução pernambucana.

A morte, porém, com todo o seu prestigio, não tem o poder de atalhar o curso impetuoso das idéas e a revolução, reprimida aqui e ali, surgia além, mudando de aspecto, mudando de theatro, mas marchando sempre para o seu alvo, que era a independencia nacional.

Era este o aspecto das cousas, quando em 1818 o Dr. Pinheiro de Vasconcellos, tornado á terra natal, resolveu constituir familia, desposando, a 3 de Agosto, uma encantadora jovem, D. Maria Francisca, nascida a 3 de Dezembro de 1793, a qual já elle amava quando partira, e que pacientemente o esperou até o termo dos seus estudos, como se advinhasse ella toda a ventura que o Ceu de tal união lhe destinava, "porque nunca, talvez, no mundo houvesse amor mais ideal, harmonia de sentimentos tão eguaes, coragem e resignação tão completas".

Um anno depois, em 1819, a 7 de Agosto, o Dr. Pinheiro de Vasconcellos tomava posse do seu cargo de Juiz de Fôra de Santo Amaro e da Villa de S. Francisco, para o qual fora nomeado a 3 de Maio pelo Principe Regente, a exercer a magistratura na mais rica comarca do Reconcavo, o maior centro de producção de assucar e assento da sociedade mais culta, mais abastada e fidalga desses tempos no paiz.

Mas, estavamos já no periodo mais agitado do governo do Conde da Palma, ultimo governador e capitão-general que teve esta terra; periodo de convulsão, de levante de tropas, de ciumes e odios entre brasileiros e reinóes, de luctas entre liberaes e absolutistas, de intrigas visando rebaixar o Brasil de reino á colonia, de politica vascilante e insegura da parte da dynastia reinante de um lado e de outro lado a politica desageitada do liberalismo novél, mas triumphante nas Côrtes de Lisbôa.

Magistrado aos trinta annos, o Dr. Pinheiro de Vasconcellos ia ensaiar os primeiros passos da sua brilhante carreira numa epoca de agitação e de reformas politicas que tudo abalavam. Não era de certo esse o ambiente mais propicio á sua função de juiz.

Não era ao magistrado, mas ao patriota a vez de agir

nessa sociedade em todos os seus fundamentos abalada, e o Dr. Pinheiro de Vasconcellos, sem prejuizo da sua toga, foi então um patriota da mesma phalange de Oliveira Mendes, Bento Villásboas, Bulhões, Sá Barretto, Sodré Pereira e Calmon du Pin, clara e desassombradamente votados á causa da independencia nacional, como o eram Antonio Rebouças, Montesuma, Falcão Brandão e Pires de Albuquerque.

Quando afinal a separação se consumou e a resistencia do general Madeira de Mello aqui, contra a independencia e o imperio, quebrou e cedeu após um anno de luctas porfiadas aos embates do exercito libertador, a victoria dos patriotas, quem a proclamou aos habitantes da Provincia restaurada, isto é, quem redigiu a proclamação, na qualidade de Secretario da Junta do Governo, foi o Dr. Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, afastado por algum tempo da sua cadeira de Juiz, desde 23 de Junho de 1823 até 19 de Janeiro de 1824, data em que tomou posse do governo da Provincia o Dr. Francisco Vicente Vianna, primeiro presidente no regimen constitucional.

Cessada a lucta, o Dr. Pinheiro de Vasconcellos, restituído ás suas funcções de juiz, tornou a Santo Amaro. Elle tinha experimentado esse calor de enthusiasmo popular que improvisa exercitos quando ao povo empolga-o um ideal potriótico; elle comprehendera então quanto saber e ponderação se requerem no homem publico, quando um quinhão de responsabilidade, por pequeno que seja, lhe cabe na funcção de governo.

Permaneceu juiz mais algum tempo, até 18 de Junho de 1825. Mas em 1827, eil-o transferido e despachado desembargador, tomando posse a 10 de Março, aos trinta e nove annos, na Relação da Bahia.

Trazia para essas funcções mais altas, além de um grande preparo juridico, a que dava relevo o seu gosto litterario, uma nota de honradez e de integridade tão distincta para elle que taes prendas possuia, como para os que o proclamavam uma rigorosa demonstração de justiça.

Clemente Ferreira França, mais tarde Marquez de Nazareth, ministro da Justiça no gabinete de 15 de Janeiro, assim como Miguel Calmon du Pin e Almeida, depois Marquez de Abrantes, cuja ascendencia na politica nacional já então se accentuava, reconhecem assim os meritos do novo desembargador, que então serviu de Juiz

da Corôa, Conservador de bens de ausentes, Juiz da Vara de Conservatoria dos Inglezes, Ouvidor do Crime até Novembro de 1828, passando depois a servir no Conselho Geral da Provincia até 1829, quando tornou á Relação, conservando porém, a Vara dos Inglezes.

Decorridos dous annos nas suas novas funcções, o Sr. Pinheiro de Vasconcellos, cedendo ás solicitações dos seus amigos do ministerio, teve que trocar a toga de magistrado pela missão de administrador politico. Aceitou a presidencia de Pernambuco, para que foi nomeado a 20 de Janeiro de 1830, numa das epocas mais criticas da vida nacional, a dos dous ultimos annos do reinado de D. Pedro I. Esterilizava a acção do governo a lucta dos partidos. Os ministerios eram ephemericos na sua duração. A acção administrativa falha e incompleta. A fallencia do Thesouro um mal chronico. Os partidos já não visavam senão a pessoa do Imperador porque, como bem disse um historiador contemporaneo (2), D. Pedro I nunca soube ser o *homem do seu povo*.

O radicalismo de uns, as tendencias absolutistas de outros; o ciúme e odio entre brasileiros e reinões que os intrigantes da imprensa exaltada accirravam; a posição difficil em que se achava D. Pedro com a successão do throno portuguez, vendo a filha, a favor de quem abdicara, esbulhada e fugitiva; a paz com o governo de Buenos Ayres de que resultou perdermos a Cisplatina e que aos brasileiros se deparou vergonhosa e só explicavel pela necessidade de dispor o imperante de maiores recursos para a sua politica na Europa em favor da filha; a accusação que se fazia ao monarcha de manter, ao lado do governo nacional, um gabinete secreto para os negocios de Portugal, de que era secretario Francisco Gomes da Silva, o celebre *Chalaca*, como por autonomia o conheciam, homem tosco, intrigante, mas tido como valido e da maior intimidade de D. Pedro; a vida desregrada deste, tudo concorria para entreter a politica nacional em crise permanente.

Formou-se então partido com intuitos secretos. Os absolutistas julgaram azado o momento de se recomporem. Formaram-se clubs de *Corcundas*, que é como se appellidavam os reaccionarios, e em Pernambuco criou-se um que se intitulou—*Columns do trono*. Os *columns* ameaçavam então esmagar os *republicanos* ou nacionalistas.

(2)—Armitage—Historia do Brasil.

Tal era o estado de animos quando Pinheiro de Vasconcellos foi presidir Pernambuco. Caíra, havia pouco, o ministerio de 20 de Novembro, de que fôra figura principal José Clemente Pereira, o *José Pequeno*, como então o chamavam, substituto na pasta do Imperio de Pedro de Araujo de Lima, mais tarde Marquez de Olinda. Suspeito aos brasileiros como reaccionario, parecendo mesmo visar o estabelecimento da monarchia pura pelos processos e innovações de que usava, o ministerio de José Clemente baqueara diante da opposição tenaz da Camara dos Deputados, que lhe recusara a lei de meios nos termos em que então a propuzera. Accusavam-n'o de violar as leis e desrespeitar a Constituição; foi o primeiro ministerio a usar de creditos supplementares e dizia abertamente em documento publico que "...as despesas, embora não decretadas, serão realizadas", e assim encommendava armamento para a Europa sem previa autorização legislativa; mantinha, a despeito da paz reinante, um numeroso exercito, superior aos recusos nacionaes, dando-se o mesmo com a marinha; suspendia as garantias em Pernambuco e nomeava commissão militar para julgar sem appellação os chefes de uma conjura abortada, tudo isto tendo ainda por cima a suspeita de conivencia com o malvisto gabinete secreto de S. Christovão.

A quêda de José Clemente e a consequente subida do Marquez de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant Pontes, para o governo do paiz importava, portanto, numa reacção nacionalista em prol das boas normas constitucionaes, pelas quaes Evaristo da Veiga vinha-se batendo denodadamente pelas columnas da *Aurora*. O ministerio de 4 de Dezembro, composto de cinco brasileiros natos, entre elles os bahianos Marquez de Caravellas e Miguel Calmon, mais tarde Marquez de Abrantes, significava assim uma victoria da causa liberal, razão porque o *Chalça*, valido do Imperador, a gabar-se, predizia-lhe nestes termos a ephemera duração: —"esses cinco creoulos não permanecerão no governo cinco mezes". (3)

Entretanto, o ministerio agia energicamente. Barbacena lograva dar em terra com o *Chalça*, do gabinete secreto, e D. Pedro, bem a contragosto, ante as demonstrações do seu ministro, cedia, despachando o valido em

missão reservada para Londres; a commissão militar de Pernambuco é supprimida; o club dos *Columns* extinto por ordem do governo.

Pinheiro de Vasconcellos, a 15 de Fevereiro, assumiu a administração no Recife como delegado desse governo restaurador das boas normas constitucionaes e, assim, a promover a pacificação dos animos, deu logo execução aos decretos do Imperador, com firmeza e tacto.

Fiel ao programma do ministerio dos seus amigos, que era respeito inteiro á Constituição jurada, cohibir os abusos da imprensa, impedir o contrabando de escravos, pois que o trafico de africanos tinha cessado por lei; promover a instrucção publica e a colonização; reorganizar o exercito e a marinha dentro dos recursos nacionaes; melhorar os negocios da Fazenda e da Justiça que eram considerados, com razão, de interesse vital á prosperidade do Imperio, o presidente de Pernambuco, restabelecida a tranquillidade da Provincia, prestou a sua maior attenção ao contrabando dos negreiros e á instrucção popular.

Foi nessa attitude que o veio surprehender a vaga revolucionaria da *abrilada*, que deu em terra com o primeiro imperio. O Marquez de Barbacena tinha deixado o governo seis mezes antes, precedido dos seus amigos Calmon e Marquez de Caravellas, que o fizeram mais cêdo. Pinheiro de Vasconcellos pensou então em retirar-se tambem, mas ficou, porque Hollanda Cavalcanti, depois Visconde de Albuquerque, seu amigo, no ministerio de 19 de Março, que se seguiu, tomou a pasta da Fazenda, e o pensamento do governo não differia substancialmente do que o precedera. Barbacena, pode-se dizer, fôra, pelas intrigas de desaffectedos seus em Londres e no Rio, enxotado do governo. Um decreto inesperado de D. Pedro o exonerava do ministerio, sob o pretexto de lhe proporcionar occasião de prestar contas das enormes quantias despendidas durante a sua missão em Londres.

O contexto do decreto atirava-o á animadversão publica como falsario e fraudulento e o fidalgo, em extremo irritado, publica então, a defender-se, uma exposição de todas as suas transacções e tambem extractos de algumas cartas reservadas do Imperador. O escandalo, que dahi veio, augmentou ainda mais a impopularidade do monarcha, que, nesses negocios que diziam respeito á sua indebita interferencia na politica de

Portugal, nunca fôra franco, coherente e recto, como o accusava Lord Aberdeen.

A *abrilada* no Recife não surpreendeu incauto o presidente Vasconcellos. Os animos exaltados com os successos do Rio, onde o Imperador, intimado pelo povo, preferiu abdicar a corôa a reintegrar o ministerio demittido, explodiram em motim na praça publica, fraternizando com os revoltosos mil e quinhentos homens de tropa de primeira linha sublevados.

Pinheiro de Vasconcellos, no seu posto, não deixa o palacio onde se acha com sua familia, despresando parecer dos timoratos que lhe lembram recolher-se a bordo de um navio de guerra ou á alguma das fortalezas que defendem a cidade.

Conta apenas com alguns paizanos, a mocidade academica de Olinda, alguns guardas-marinha e a sua propria presença de espirito. Os politicos e funcionarios fraqueam e desaparecem. A onda revolucionaria, entretanto, galga escadas do palacio e ali estúa ameaçadora, em tumulto. Calmo, resolutio, sae-lhe ao encontro o Sr. Vasconcellos e apostropha aos amotinados:—"Querem desrespeitar esta casa!..." A estas palavras, dictas com firmeza, a onda se detem. Estacam atonitos os revoltosos, e, confusos, humilhados, como que dominados por uma força magica, invisivel, descem as escadas silenciosos e somem-se, corridos diante daquella fortaleza inesperada do presidente. Contava este, depois, aos que o inquiriam acerca deste episodio, que seu espanto maior naquelle momento foi ver approximar-se de si, corajosa, resoluta, a sua esposa, que o não perdia de vista, e ella, a rir-se, tambem commentando mais tarde o successo, ajunctava:—"tinha no bolso porção de areia para a atirar á cara do primeiro que attentasse contra o meu marido".

Não obstante, foi sangrenta a repressão do motim na cidade. Cento e trinta revoltosos pagaram com a vida os seus desatinos durante a refrega. Mas, cessada a lucta, o presidente da Provincia, severo e inflexivel contra o crime, não foi algoz contra o criminoso vencido. Desafrentada a lei, garantida a sociedade, restituída a paz á familia pernambucana, não gemeu a humanidade ao impulso das paixões e dos resentimentos. Para honra do Presidente a sua moderação não foi uma transigencia do juiz governando, mas a propria encarnação da justiça, a justiça que communga com a bondade do philosopho.

Merecidos elogios fez-lhe o governo regencial pelos bons serviços prestados á ordem naquella hora difficil, serviços, com razão, considerados dos mais brilhantes de sua carreira politica.

Começava então esse periodo regencial effervescente que tanto nos custou, mas em que nos não faltaram homens á altura dos acontecimentos.

O Sr. Pinheiro de Vasconcellos não continuou, porém, na administração da Provincia, onde por quasi dous annos fez um governo dos mais proficuos e logrou firmar amizades valiosas. Deixou o governo a 11 de Outubro de 1831, voltando então á sua carreira de magistrado na Relação, onde permaneceu alguns mezes.

Sob a regencia provisoria, como sob a permanente que se lhe seguiu, o governo central, fraco diante da demagogia, não inspirava confiança aos seus delegados nas provincias.

O Sr. Pinheiro de Vasconcellos deixou então mui prudentemente a politica e esperou melhores tempos. Foi só com o gabinete de 16 de Julho, que trouxe ao poder homens como Lino Coutinho, o Padre Feijó, Carneiro de Campos e Bernardo Pereira de Vasconcellos, que o Sr. Pinheiro se resolveu a acceitar a presidencia da Bahia, de que tomou posse a 4 de Junho de 1832, com Feijó já na pasta do Imperio, em lugar de Lino Coutinho que se retirara.

Era então a crise maxima do governo regencial, no seu periodo agitadissimo, em que os partidos que se disputavam o poder, o *Exaltado*, eivado de nativismo, e o *Restaurador* ou *Caramuru*, dominado por portuguezes, brasileiros adoptivos, se entregavam, um após outro, aos excessos da demagogia, decidindo com sangue derramado nas ruas a sorte dos governos; periodo em que o Padre Feijó, na altura dos successos, oppunha um pulso de ferro aos excessos da tropa revoltada; estimulava energias latentes nos bons patriotas; criava a "Guarda Nacional"; criava um Corpo de Permanentes, cujo commando entregava a Luiz Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, impondo assim com energia a victoria da ordem, o respeito á autoridade constituida.

Na presidencia da Bahia, o Sr. Pinheiro de Vasconcellos teve tambem que conter os surtos da demagogia, reflexo da agitação dos partidos desorientados. Foi

assim que na manhã de 27 de Abril de 1833 estalou uma revolta de presos no Forte do Mar, de cunho federalista. Os que ali cumpriam pena, sublevando-se de vespera, em grande numero, lograram dominar a respectiva guarnição e prender-lhe o commandante.

Hastearam em seguida uma bandeira, dita da *Federação*, de lista azul entre duas faixas brancas longitudinaes e, para logo, começaram de bombardear a cidade, que esperavam render com o continuo canhoneio.

De prompto, porém, acóde o presidente da Província, respondendo aos sediciosos com cinco peças de artilharia, assestadas no adro da Sé, no arsenal de marinha e sustentadas pelas boccas de fogo da corveta *Regeneração*, surta no porto.

Ao subaneo do ataque, com cujo effeito muito contavam os revoltosos, respondeu calma e sobranceiramente o Sr. Pinheiro de Vasconcellos que, em dous dias, tudo dominou, mandando recolher os criminosos á celebre nau *Presiganga*, aqui tida então como prisão de Estado. Vasconcellos, ainda desta vez, não consentiu repressão sangui-nolenta, como desagravo da lei violada, ou como vindicta de sua autoridade offendida. Foi um justo a prestar ouvidos mais aos appellos da humanidade, do que aos rigores da lei.

Coube ao presidente Pinheiro de Vasconcellos dar aqui execução ao *Acto Addicional* de reforma da Constituição que, em satisfação aos desejos de autonomia das provincias, deu-lhes as *assembléas provinciaes*, em substituição dos *conselhos geraes*; consolidou o poder central com a *regencia una*, e fez concessões moderadas aos exaltados, trabalho politico que adiou por mais de meio seculo o advento da republica e que se deve aos esforços de Evaristo Ferreira da Veiga, de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, do Visconde de Cayrú e de Honório Hermeto Carneiro Leão, os tres ultimos membros conspícuos do gabinete de 13 de Setembro, que tomou a peito a reforma constitucional e a do Código do Processo Criminal, de que se encarregou Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Até 10 de Dezembro de 1834, um mez antes da retirada do gabinete da reforma, o Sr. Pinheiro de Vasconcellos se conservou no governo da Província, voltando então á sua cátedra no Tribunal de Relação, onde permaneceu durante todo o periodo da regencia Feijó e do

Marquez de Olinda. Foram sete annos de interregno politico que o Sr. Pinheiro de Vasconcellos, então na força da idade, applicou aos cuidados da familia e ás suas funcções de zeloso magistrado. Fez então casa espaçosa e roça bem plantada no Campo da Polvora, a que é hoje propriedade da Santa Casa de Misericordia e ainda conhecida por *Chacara do Pinheiro*, do nome do seu primeiro possuidor.

No seu lar domestico, a mais completa união de familia e o convívio doce e tranquillo de parentes e amigos, tornavam-n'o um modelo da familia bahiana naquella epoca. Frequentavam-n'o personagens das mais distinctas da politica e das lettras. Amigo intimo e então assiduo frequentador da chacara do Pinheiro, onde passava as tardes, era Domingos Borges de Barros, mais tarde Visconde da Pedra Branca, poeta, já então atacado de paralyisia e que, por isso mesmo, se fazia conduzir para ali em cadeirinha ao hombro de dous alentados africanos, seus escravos.

Juntos, á sombra do arvoredor, Borges de Barros e Vasconcellos, passavam longas horas a discreatearem sobre as cousas do seu tempo, sobre a vida nacional tão agitada, mas principalmente sobre as producções litterarias da sua epoca, porque eram ambos cultores apaixonados das boas lettras. Recitavam-se, um ao outro, os versos que traziam de cór, ou fossem de lavra propria ou fossem de autores a quem amavam.

Borges de Barros dizia de cór longos trechos do seu poema "*Os Tumulos*", Vasconcellos recordava-se dos seus ensaios, quando, em horas de lazer, tambem sacrificava ás Musas do Parnaso. São os seus versos de sainete indiano como os da "*Metamorphose de Cabuçú e Guarahiuba*"; versos em que nos pinta o amor nas selvas, versos em que um pae desventurado, perdido o filho, procura-o, morto ou vivo, na matta onde se occulta:

"E para o bosque espesso onde confusa
 "Trôa a canina voz, os passos volve:
 "Por entre a verde rama, ora se abaixa,
 "Ora sobre os jacentes seccos troncos
 "Cavalgando transpõe o corpo annoso.
 "Outras vezes, na ponta do cajado
 Desvia a silva da rugosa fronte..."

São seus versos também, como os fazia Gonzaga, ditos por Dirceu á Marília; mas que o nosso vate aqui os dedica a uma formosa menina:

"Si da belleza das deusas,
 "O arbitrio fosse o meu,
 "A nenhuma eu preferira,
 "O pomo d'ouro era teu.

"Embora Jove irritado
 "Queimasse c'um raio seu
 "A lingua que proferiu
 "O pomo d'ouro era teu.

"Não retratara a sentença
 "Que a Jove tanto offendeu,
 "Sem mêdo sustentaria
 "Que o pomo d'ouro era teu."

São versos como os que dedicou "às damas e às flores" (4), onde mostra, que, entre as obras mais bellas e mais perfectas da creação,

"A justa primasia cabe às damas,
 Cabe às mimosas, às campestres flores,

versos onde se lê esta formosa invocação:

"Tu, veneravel sancta, que presides
 "Esse dia, que a luz primeiro vi,
 "Meu estro pela idade enfraquecido
 "Vigorisa, protege, acquece, anima.
 "Formosa e pura como a casta rosa,
 "De quem tomaste, por amal-a, o nome,
 "Orna o meu canto de harmonia e graça;
 "E o que fôr a rosa entre as mais flores,
 "E a dama virtuosa entre as mais damas,
 "Sejam meus versos entre os outros versos."

(4)—"Poesias do Barão de Monserrate", impressas em Bruxellas.

Muitos annos depois, esses mesmos versos, como sôe acontecer aos livros que já foram lidos, o velho Visconde de Monserrate já os não queria divulgados. Só a custo é que os mostrava a quem via com a precisa indulgencia para escusar num velho os peccadilhos da mocidade. Todos nós somos assim, ingratos para com as Musas, a quem aliás, outr'ora, tantas vezes, e com obstinada paixão sacrificamos.

A vida placida de magistrado deixava-lhe ainda tempo para se occupar directamente com a educação dos filhos, nove, ao todo, que os teve do seu abençoado consorcio, sendo que tres lhe falleceram em mui tenra idade. Bellas e graciosas eram as duas filhas que lhe ficaram, e as educou elle, primorosamente, e até o latim, lingua cuja cultura muito prezava, lhes ensinou, elle proprio, com muito amor e persistencia.

Entretanto, com a maioridade antecipada de Pedro II começara o segundo imperio em 1840, por um golpe politico dos liberaes, chefiados pelos dous irmãos Andradas.

No anno seguinte, o Sr. Pinheiro de Vasconcellos, com a subida de Miguel Calmon (depois Marquez de Abrantes) ao poder, em companhia de homens de vulto, como eram Araujo Vianna, Paulino de Souza, Aureliano Coutinho e José Cemetne Pereira, do 2º. gabinete do Imperador maior, voltou á presidencia da sua provincia natal pela segunda vez, a 26 de Junho de 1841, cargo em que se manteve até Agosto de 1844. O governo tinha obtido do Imperador o decreto de dissolução da camara, pelos vicios e escandalos commettidos no processo eleitoral de que ella sahira. O Sr. Pinheiro de Vasconcellos vinha, pois, a presidir, como um dos seus primeiros actos, ás novas eleições, que eram então de dous graãos e por provincia para a 5ª. legislatura. Dos quatorze representantes que a Bahia então elegeu (1843—1844) os conservadores em maioria, foram os mais notaveis, pelo destaque que depois tiveram na carreira politica: o arcebispo D. Romualdo, Francisco Gonçalves Martins (depois Visconde de São Lourenço), João Mauricio Wanderley (depois Barão de Cotegipe), que pela priemira vez apparece no parlamento, Antonio Rebouças, e Angelo Moniz da Silva Ferraz (depois Barão de Uruguayana).

A dissolução violenta da Camara dos Deputados, pela primeira vez desde a Constituinte, convulsionara, porém,

o paiz. O descontentamento em S. Paulo e Minas levara os exaltados até a lucta á mão armada. A nova lei creando o Conselho de Estado, assim como a reforma do Codigão do Processo de 3 de Dezembro são a causa ostensiva da revolta, para que appellam os descontentes. O Padre Feijó, ex-regente, e Raphaél Tobias de Aguiar encabeçam o movimento paulista, assim como o de Minas tem por coripheus Thiophilo Ottoni, Dias de Carvalho, o Conego Marinho e o Padre Camillo de Britto. No Rio Grande do Sul, os *Farrapos*, resistiam ainda, intransigentes para com o governo imperial, dando azo a insuccessos politicos, como aquelle que dera em terra com o gabinete liberal dos irmãos Andradas.

Quando, pelo prestigio da espada victoriosa do Barão de Caxias, veiu a pacificação, já o Sr. Pinheiro de Vasconcellos se tinha retirado do governo da provincia, seguindo os seus amigos na queda do gabinete de Honorio Hermeto (depois Marquez de Paraná).

Agora, com Alves Branco e Ferreira França, dous bahianos, no poder, ao integro magistrado pareceu de melhor conselho tornar á sua cadeira na Relação. Permaneceu nella quasi quatro annos, até que em 1848, a 6 de Maio, tomou posse pela terceira vez da presidencia da Bahia, com a volta de seus amigos conservadores ao poder, isso pouco antes de explodir a revolução *Praieira* de Nunes Machado e Pedro Ivo em Pernambuco, que tão funesta foi á causa do liberalismo no Brasil.

O Sr. Pinheiro de Vasconcellos não permaneceu, porém, na administração da Provincia mais que cinco mezes; deixou-a em Setembro do mesmo anno, dous mezes antes da revolução, e ao ensaiar-se com o gabinete do Visconde de Olinda a *Liga Progressista*, com que o ex-regente do Imperio pensou amortecer as paixões politicas, por uma fusão opportunistica dos elementos moderados dos partidos em lucta.

Aqui poz fim o Sr. Pinheiro de Vasconcellos á sua carreira de administrador politico e, entrando em Outubro para a presidencia da Relação, cargo para que o nomeara o governo imperial, não mais largou a sua cadeira de magistrado. Entretanto, não obstante isso, os que lhe reconheciam os bons serviços e a integridade de caracter não o tinham por sufficientemente recompensado senão com o offerecer-lhe uma cadeira de senador do Imperio e

assim, por duas vezes, sem que o tivesse autorizado aos seus amigos nem jamais lhes solicitado votos, veio elle em lista tríplice á escolha da corôa. "Quando tantos pedem, disse alguém, instam, enredam, esses votos espontaneos são a mais doce recompensa." (5)

Honras lhe não faltaram então; mas honras não solicitadas nem talvez desejadas pela sua modestia, recompensa legitima, todavia, dos seus muitos e reaes serviços á causa publica.

Defensor estrenuo da extineção do trafico de africanos, foi durante a sua presidencia na Bahia incansavel na repressão desse trafico. Empregou tudo quanto honestamente era possivel para impedil-o e difficultal-o. Fez aprisionar e condemnar embarcações que se davam a esse trafico, processar-lhes os donos e tripulantes; apprehendia-lhes a carga de negros e destes distribuia os serviços e tutela pelas repartições publicas e estabelecimentos de caridade. Inexoravel era o Sr. Pinheiro de Vasconcellos nesse mister de repressão; não illudia a lei, não pactuava com o crime, fossem quaes fossem os empenhos, fossem quaes fossem as malquerenças que dahi por ventura lhe adviessem. O trafico era crime aos olhos da lei e elle não sabia ceder diante disso.

A galardoar-lhe os serviços, nomeou-o o monarcha Veador da Casa Imperial, honorifico tão somente, uma vez que, na presidencia da Relação, não podia deixar a Bahia. Mas em 1854, no governo do Marquez de Paraná, com o deputado Nabuco de Araujo na pasta da Justiça, foi elle nomeado ministro do Supremo Tribunal, sendo-lhe então imposta a mudança para a Côrte, o que elle realizou, penalizado, com toda a familia, inclusive a filha que, annos antes, já havia desposado o Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá, natural do Piahy e desde a infancia educado na Bahia, onde havia iniciado a sua carreira publica, que elle soube illustrar até as posições mais eminentes.

Na Côrte, o Sr. Pinheiro de Vasconcellos não fez senão subir por effeito do proprio merito. Subiu ao posto eminente de Presidente do Supremo Tribunal tres annos depois que para este entrou; passou a Veador effectivo da Casa Imperila; galardou-o D. Pedro II com o titulo nobiliarchico de Visconde de Monserrate, com grandeza.

(5)—Sisson—Galeria dos Brasileiros Illustres.

No paço imperial, em S. Christovão ou em Petropolis, era a sua companhia das que o monarcha mais prezava, já pela sua cultura litteraria, pelos seus talentos, já pela notavel distincção de suas maneiras, sempre amigas e respeitosas, primando elle pela independencia de suas idéas, pela inteireza do seu character e por sua austeridade.

O respeito e estima, que lhe consagrava D. Pedro, todos na Côrte o sabiam e proclamavam, até porque o alvo desses affectos da monarcha era de molde e correcção a não despertar ciumes. Amigo, mas não valido, todos o acatavam como um digno entre os mais dignos na privança de sua magestade.

Não era um aulico. Não lh'o consentia o seu temperamento. Era, sim, um conselheiro, amigo e lealissimo, que, certo, entre a sua consciencia e o amor do Principe, não vacillaria um momento em tomar posição onde lhe dictasse o dever.

O episodio da corôa, essa mesma aurea corôa, que aqui tendes, é prova disso, como um trophéo de independencia e de moralidade em honra sua.

Como sabeis, amava D. Pedro com ciumes a justiça. Era seu ideal vel-a acatada, pura, impecavel, soberana, qual nenhuma outra instituição no seu imperio. Dahi o zelo com que lhe presidia a escolha dos magistrados; dahi tambem o interesse com que soia acompanhar a carreira dos juizes, tendo a serviço dessa vigilancia uma memoria incomparavel.

Certo dia, soube, com indizivel amargor, narrado pelo Conde de Barral, de um grande escandalo de que fôra theatro o Tribunal da Relação da Côrte, onde alguns desembargadores corrompidos receberam dinheiro de uma das partes por sentença proferida.

Tratava então o Conde francez de uma causa nesse Tribunal, affectando herança e successão do Visconde da Pedra Branca, pae de sua mulher, o mesmo fellecido poeta e intimo amigo de Pinheiro de Vasconcellos; e então se queixava elle ao Imperador de que o pleito lhe saíra demasiado caro, porque até a desembargadores teve que dar parte da sua fortuna.

Indignado, D. Pedro instantemente exige do ministerio o castigo dos accusados. Não queria, porém, o escandalo de um processo crime, aliás o unico caminho legal. Tinha por indispensavel o castigo; mas queria-o

com compostura, poupando-se aos indiciados a vergonha e ao publico um amargo desengano.

Era então o ministerio Sinimbú, o primeiro da situação liberal, inaugurada em 1878, com o Cons. Lafaeytte na pasta da Justiça; e, porque o Imperador instava e porque se temia o escandalo, alvitrou-se em conselho que melhor solução era a aposentadoria forçada dos implicados do que o processo crime. Lavrou-se o decreto da aposentadoria de tres desembargadores. Abria-se-lhes a porta escusa do silencio por onde deviam sair a expiarem a sua falta, e isso mais por pejo da sociedade do que por comiseração para com elles.

O decreto do governo não encontrou, porém, executor. O Visconde de Monserrate, presidente do Supremo Tribunal, negou-se a cumpril-o. Era uma illegalidade, dizia elle; offendia o decoro das leis e elle, no seu cargo de Presidente do mais alto Tribunal do paiz, não o consentiria. Não era aquelle o caminho da desafronta; não era esse da porta escusa por onde o criminoso escapava á sancção da lei; mas o do processo crime, instaurado como manda a justiça, soffra quem soffrer.

Falou-lhe então o Imperador; lembrou-lhe que se devia poupar á Justiça aquelle escandalo, que, certo, echoaria longe, no paiz e no estrangeiro, e teria consequencias funestas ao nosso credito.

O Visconde, porém, quedou-se irreductivel. Preferia desobedecer ao monarcha para melhor servil-o. — “Senhor, disse elle, eu não crio obstaculos á medida que Vossa Magestade deseja executada. Somente não serei eu quem a execute. Vossa Magestade me dará amanhã um substituto na Presidencia do Tribunal, donde me retiro sem outra magua que não a de não poder servir a Vossa Magestade”.

O monarcha silenciou. E' que duas magestades naquelle momento se enfrentavam; mais alta, porém, era a do velho magistrado, superando em grandeza moral a do proprio soberano que, seja dito sem lisonja á sua memoria, era, elle mesmo, a moralidade viva.

Estou aqui a repetir-me nos mesmos conceitos emitidos em solemnidade a que esta recorda.

Ao integro magistrado, por tantos predicaos venerando, acclamou-o com enthusiasmo a população do Rio de Janeiro, de quem foi interprete naquelle dia a palavra magica de Antonio Ferreira Vianna.

Queria-o coroado de louros a multidão e de fino ouro era a corôa que lhe offerecia. Mas aos instantes reclamos dos glorificadores entusiastas oppunha-se firme a resolução do homenageado, que assim se expressava:

—Consente a minha modestia, tão somente, em erguer nesta dextra o vosso offerecido galardão.—E sustentava com mão tremula, a mesma que soía ser tão firme no lavrar sentenças, a corôa que julgava não merecer. E' que tão grande era a sua modestia quanto a sua fortaleza de animo, como cidadão e como juiz.

Depois deste incidente, o Visconde de Monserrate, já com os seus noventas annos de idade, se aposentou. Vergava ao peso dos annos e dos serviços. A luz dos seus olhos já se lhe ia apagando, como do sol poente a luz mortua entre brumas passageiras.

Recolheu-se de vez. Os amigos, os bons amigos e condiscipulos de outr'ora, como aquelle Barão do Campo Grande, cujo convivio tanto prezava, já o tinham quasi todos precedido na morte. Agora, na sua casa do Catête, que elle mesmo construira com dependencias sobre a espalda do monte, já não subia até a gruta do seu retiro, a sua *Thebaida*, como appellidara elle aquelle refugio do silencio, onde estudava e relia autos, onde, horas esquecidas, contemplava as bellezas do mar de Guanabara, as suas ilhas, as suas enseadas, estendidas até o sopé das penedias e dos montee escavados, os seus barcos, a casaria das cidades de uma e de outra margem, desdobrando-se por encostas e planuras até a praia e, no fundo, ao longe, quasi indistinctas na bruma anilada do horizonte, as montanhas alterosas de Therezopolis, o perfil denteado dos Orgãos, com os pincaros ainda dourados dos ultimos raios do sol da tarde.

Agora, já não frequentava, como outr'ora, em passeio matutino, o seu umbroso pomar, a concertar os pampanos pendido sobre os caminhos, a podar as galhas das fructeiras que elle mesmo plantara e tratara com as suas proprias mãos; passeio matutino de que tornava com os bolsos cheios de pequeninas surpresas para as crianças, seus netos, que lhe corriam ao encontro, cobiçosos e alegres e a quem elle distribuia com amor, o que porventura a sorte lhe deparava entre flores e fructos ou o que a sua phantasia creadora lograva produzir, com o caule nodoso do bambú ou com o talo flexuoso das trepadeiras.

Agora o bando garrulo das creanças já ha muito que lhe desaparecera; agora, só um banho de luz tepida, coada entre os pampanos e a folhagem quente das fructeiras, lhe bastava a combater a frialdade invasora dos annos; já não tinha olhos para gozar a belleza daquelle horizonte amigo, de sua predilecção; passava a viver a vida das reminiscencias; a vida de um passado bem vivido; a vida interior em que, a despeito da consciencia satisfeita de si mesmo, as magoas todas não se apagam, e ellas então lhe traziam de continuo á memoria os filhos varões que todos o precederam na morte, um victima involuntaria de outro n'um accidente de caça, outro arrebatado pelas aguas diluvias de um rio transbordado, outro ainda, cheio de esperanças e na flor dos annos, tragado pelo mar no desastroso naufragio da corveta *Isabel* nas costas marroquinas.

Vinha-lhe de continuo á memoria tambem a imagem da esposa muito amada que vinte e sete annos o precedera no tumulo. Só lhe faltava, por desventura, sobreviver aos proprios netos naquella longeva existencia de quasi um seculo. Todavia, a familia lhe crescia em torno, prospera e feliz, como o mais solemne desmentido aos pezares que nunca faltam na vida. A florada dos netos desatara-se-lhe em dulcissimos fructos, abençoada recompensa de sua velhice veneranda.

Mas então, quando a morte lhe sobreveiu, aos noventa e seis annos, já não era para elle esse grande mysterio de que sua alma se apavorasse.

Morreu como um justo, porque justo viveu toda a sua vida.

"A morte, em taes condições, disse notavel jornalista (6), quando tão dignamente se tem preenchido quasi um seculo, como que até perde o seu character lugubre para ganhar em magestade o que perde em tristeza. Não é uma tempestade que apavora, é o solemnissimo crepusculo de brilhante dia!"

Neste 13 de Maio da redempção dos escravos, que ora commemoramos, não deve, meus senhores, passar sem um preito de gratidão dos brasileiros o vulto nobilissimo do

(6)—O "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, a proposito da morte do Visconde de Monserrate, publicou noticia que terminou por estas palavras transcriptas acima e subscriptas por C. de L., que certamente é Carlos de Laet.

Visconde de Monserrate, repressor extrenuo do trafico de africanos nesta terra. O seu retrato naquella parede e esta corôa no nosso escriptorio de honra dirão á posteridade como foi grande a fortaleza de seu animo e como bem merecido o galardão que os seus contemporaneos lhe conferiram.

THEODORO SAMPAIO.



Notas de viagem através dos Sertões do Nordeste de Goyaz e Noroeste da Bahia

A configuração do Norte de Goyaz é resultante do trabalho millenario das erosões, phenomeno generalizavel em toda a extensão do planalto que avança para o oriente das Cordilheiras. Os terrenos mezozoicos e paleozoicos das camadas superiores pouca resistencia offereceram aos elementos de desagregação, sendo levados em grande parte. O planalto conserva uma apparencia ligeiramente ondulada. As correntes, porém, attingindo as camadas inferiores do archeano e paleozoico, delineavam a orographia actual, em suas grandes linhas. Continuaram a se produzir modificações, embóra o leito dos rios, em muitos lugares, assente, já, sobre os granitos; grandes tractos, que conservaram as camadas superiores, são cortados pelos rios que correm em fundos canaes, marginados, em distancias maiores, por altos paredões semelhantes a formidaveis e intransponiveis muralhas. Isso observa-se, especialmente, no rio do Somno e seus afluentes e no grande canal natural do Varedão, desde a lagôa deste nome até as proximidades do Duro. Dessa lagôa e do canal, brotam as aguas do Somno, dos seus afluentes e do rio Balsas que desagúa no Tocantins; na mesma lagôa do Varedão, nasce o Sapão, cujas aguas se despejam no rio Preto, afluente do rio Grande, na bacia do S. Francisco.

O centro do canal é um pouco mais baixo que as suas margens, as quaes se estendem oito a dez kilometros, de cada lado; as aguas formam, na parte baixa, um grande tremedal, onde ostenta suas palmas frondosas, uma floresta de burity, de mais de 100 kilometros de comprimento: o chão treme sob os pés; as aguas, como um lençol ininterrupto, correm para o centro, percorrendo toda a extensão

do valle, e dahi, entrelaçando os pés de palmeiras, vão surgir em milhares de regatos, para formarem as nascentes dos rios. Não é raro ver-se sahirem do mesmo manancial aguas de varios rios, sem que se note, muitas vezes, separação entre diversas cabeceiras. No meio da floresta, existem profundos poços com aguas insondaveis, morada habitual de grandes pitús e terriveis sucuriús; qualquer correjo, derivante desse tremedal, se transforma, á pequena distancia, num rio crystallino, profundo e caudaloso, por sobre um leito de areia, abrigo do peixe electrico, muito temido dos viajantes, pois, segundo affirmam os moradores do lugar, matam a quem os pisa.

As margens do palmeiral são cobertas de relva e nada mais encantador á vista que o matiz das flores no verde álaçre do relvado, onde milhares de passaros pretos esvoaçam numa algazarra alegre. Os veados e as emas, que fogem á nossa presença, correm-nos á frente. Sente-se um profundo bem estar em se respirando o ambiente puro e perfumado desta natureza privilegiada, não obstante a apprehensão incomprehensivel que se apodéra de nós em virtude da solidão immensa que nos rodeia; pois, nesse trecho de nossa jornada, desde Pedra de Amolar até perto da Villa de São José do Duro, fizemos mais de 180 kilometros sem encontrar uma pessoa!

As serras da Mangabeira e das Figuras, muito impr propriamente chamadas serras, porque representam apenas uma parte do antigo planalto, que se prolonga ainda para o oriente entre o rio Preto e o rio Grande, correm de norte a sul. Esse planalto é atravessado na mesma direcção pelo sulco do Varedão. As duas serras são representadas por um paredão de mais de 100 kilometros de altura, que margeia, parallelamente, o canal, em toda a sua extensão. Surgem d'ali, por grutas profundas, alguns riachos, cujas aguas vão engrossar o tremedal central do Varedão.

A serra da Mangabeira, assim chamada em vista dos innumerados pés de arvores desse nome, que lhe cobrem as encostas, representa o divisor das aguas entre os rios Parnahyba e Somno, ao norte, e se prolonga para o sul, onde o rio Sapão a atravessa do poente para o nascente; continuando para o sul, toma o nome de serra das Figuras.

Interessantissimo é o trecho assim denominado, pois alli jazem as ruinas dos mais fabulosos edificios, palacios e cathedraes magestosos, circumdados, ainda, na parte su-

perior, por estatuas; isoladas umas; grupadas, outras, revelando, cada uma, expressão propria. Ha largas praças, com sentinellas que os seculos ahi petrificaram, caryatides monstuosas, sustentando, em disequilibrio, os restos vetustos d'alguns cyclopicos monumentos prestes a derrirem. Reservo para outra oportunidade, quando tratar do descobrimento desses ignotos sertões, a minuciosa descripção dessas bellezas, por ter ellas importancia tambem historica. Estas ruinas são localizadas nas proximidades das cabeceiras do rio Preto, affluente do rio Grande.

A serra do Duro, continuação, ao Sul, das precedentes, tem a mesma formação geologica.

Na parte goyana, grandes ondulações, de onde correm os rios para espaçosos valles; para o Nascente, faz-se a elevação, gradativamente, até alcançar o divisorio das aguas do S. Francisco. A's margens dos rios ha ricas fazendas de criação.

Semelhantemente apresenta-se a descida do lado bahiano. A estrada de S. José do Duro a Barreiras, margeia o rio Palmeira até a nascente, passando, em lugar plano, para o rio das Ondas, affluente do Grande, a que acompanha, seguindo por declividades pouco sensiveis. Nesse rio, o das Ondas, existe, 12 legoas acima de Barreiras, a grande cachoeira Rio de Janeiro, onde, em grande bacia, se precipitam as aguas, de um alto penhasco; dahi, evaporam-se, indo, de novo, condensar-se em pesado nevoeiro, que, constantemente, humedece as mattas vizinhas, cheias de uma vegetação peculiar, coberta de lôdo.

A serra do Duro liga-se ao Sul, á de Taquatinga, S. José do Duro está situado no centro da serra deste nome, a mais de 200 kilometros de Barreiras, no Rio Grande e a 130 de S. Marcello, ultimo porto navegavel, na confluencia do Sapão, no Rio Preto. A estrada de Barreiras é relativamente bôa, tanto que o Coronel Wolney, adaptou-a, ultimamente, ao trafego de autocaminhões; necessitando apenas alguns melhoramentos, para ser completo, entretanto, já existe uma grande ponte, bastante forte para supportar pesadas cargas, que atravessa o maior caudal encontrado. Nas cabeceiras do Palmeiras, passa a estrada, por entre estreitas gargantas margeando o tremedal formado pelas aguas do rio: levantam-se, de cada lado, penhascos perpendiculares, de 50, 100 e mais metros de altura, e em cujos flancos se abrem

numerosas furnas, que podem formar verdadeiros reductos como é facil verificar, com especialidade, na Pedra Furada, 9 legoas de S. José do Duro, e em pontos outros.

Pedra Furada é uma pequena agglomeração de meia duzia de ranchos, onde residem alguns caçadores ou tiradores de borracha. Passam, por ahi, todas as tropas e viajantes com destino, a Barreiras, a Natividade e Porto Nacional, até os limites de Goyaz com o Pará. Os negociantes dessas regiões fazem grandes transações em Barreiras, que pode ser considerada verdadeiro emporio daquella parte de Goyaz, da mesma forma que quasi todo o commercio do Norte é feito em S. Marcello, Formosa e Santa Ritta do Rio Preto, que por seu turno, negociam, grandemente, com o Piauihy. Devem ser dignas de todas as attensões aquellas villas e cidades Bahianas, por isso que são intermediarias directas do alto commercio deste Estado com grande parte dos seus alludidos visinhos.

O rio Luiz Alves ou Manoel Alves meridional nasce nas proximidades e ao norte da villa do Duro; ao sul, passa o Palma, formado pelas aguas do Mosquito, Palmeira e Sobrado que descem da serra do Duro. O Sobrado tem a sua nascente em territorio bahiano. A pequena villa de S. José do Duro contem, além da pequena igreja, nova aliás, umas 35 casas, ao redór de uma praça quadrada. Possui, tambem, algumas pequenas ruas, de somenos valor. Demonstram o espirito que preside a administração local, a regularidade das construcções, o asseio externo das casas, a ausencia absoluta, nas ruas, de mendigos ou ociosos. Os habitantes, na maioria fazendeiros, occupados toda a semana, em trabalhos do campo, só aos domingos, se podem reunir, na villa. Em minha passagem por essa villa, após uma excursão, a cavallo, de mais de 4.000 kilometros, nas fronteiras de Goyaz com Piauihy, Maranhão e Pará, fui hospede da familia Wolney, que acaba de ser tão barbaramente trucidada.

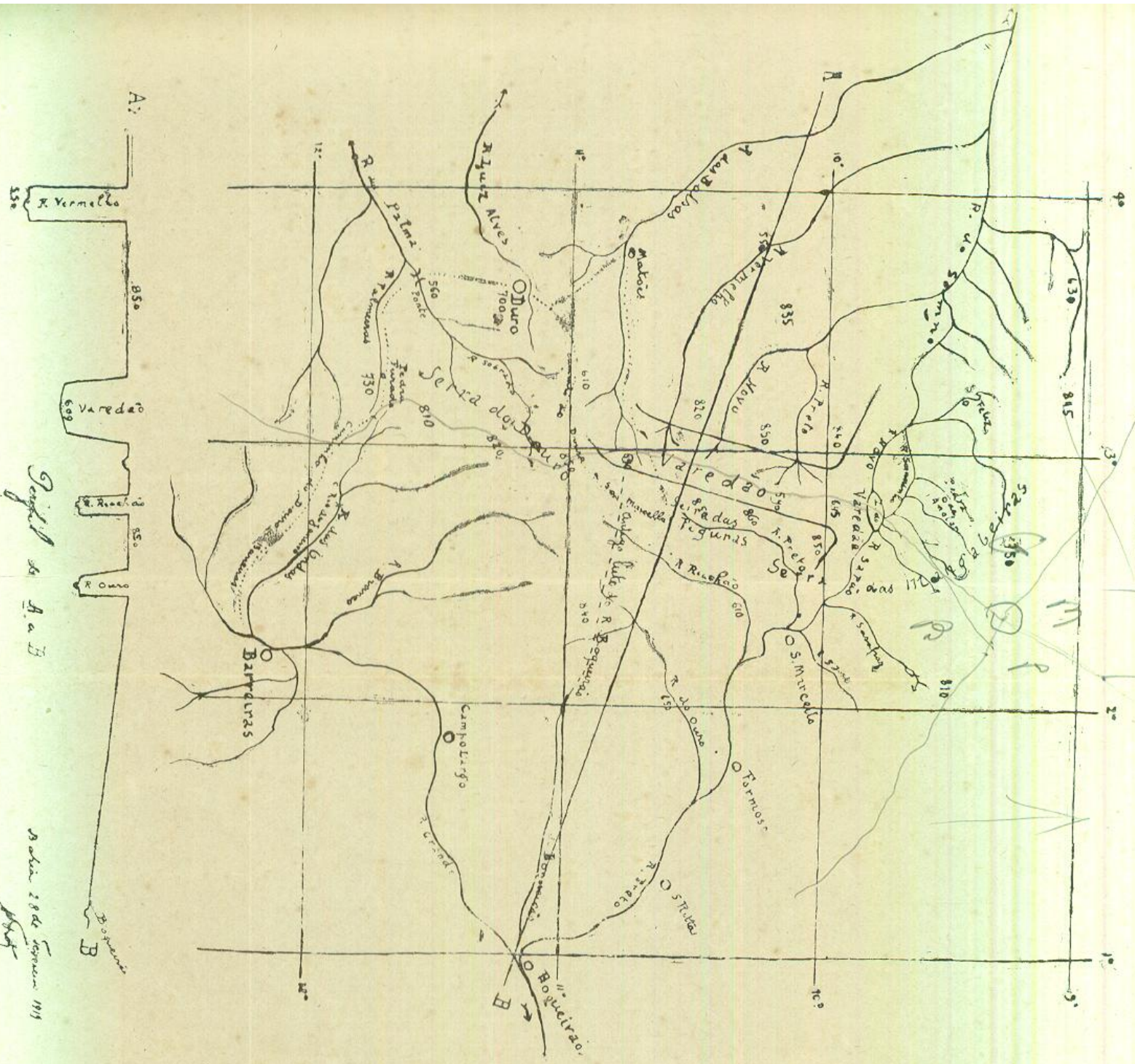
Seu chefe, o Coronel Cavalcante Wolney, foi, por mais de oito dias, meu guia em todas as explorações que fiz. De origem hollandeza, descendente dos colonisadores de Pernambuco, era homem de fino trato, de aspecto juvenil, apesar de ter mais de oitenta annos; dextro cavalleiro, eximio atirador, vi-o, num galope largo, matar, a tiro de pistola, um veado que atravessou á nossa frente. Versaram as nossas conversas, em geral, sobre sua terra,

quando se revelava patriota exaltado, antevendo um futuro proximo e brilhante para o norte de Goyaz; de elevado descortino, não poupava sacrificio aos seus recursos auxiliado por amigos, abriu a estrada de rodagem até Barreiras, por onde lançou uma bonita ponte sobre o caudaloso rio Palma que atravessa a estrada.

Abilio Wolney, filho do Coronel Cavalcanti Wolney, o unico da familia que escapou á sanha sanguinaria, tem uns 40 annos; homem culto, já representou o seu districto em diversos periodos legislativos, é um talentoso polemista, havendo dirigido, com muita proficiencia, importante jornal da capital de seu Estado. Nesses ultimos annos, dedicava-se, exclusivamente, ao desenvolvimento da lavoura, em suas propriedades, tendo iniciado o emprego de machinismos aperfeiçoados. Tencionava montar uma fazenda modelo.

Esses dois homens representam os verdadeiros pioneiros do Norte, muito mais communs do que se suppõe em geral. Nelles, não se sabe o que mais admirar: se a sua paciencia alliada á persistencia, se a audacia reflectida, que os leva aos maiores sacrificios.





A Bahia e seus historiadores

(SEM COMMENTARIOS)

O Sr. Rocha Pombo editou, recentemente, no Rio de Janeiro, seu novo livro—“*Notas de Viagem*” (Nórte do Brasil), que está eivado de êrros, quanto á parte historica da Bahia, pelo menos.

A proposito, v. g., da estatua de marmore que encima o chafariz da praça *Castro Alves*, que, para uns, é *Christovam Colombo*, para outros, *Pedro Alvares Cabral*, ainda para alguns *Americo Vespucci*, e para o Dr. Affonso Arinos (d’“*Academia Brasileira de Lêtras*”) — *Castro Alves*, descobriu agora o Sr. Rocha Pombo ser de *Cayrú*.

Assim é que nos diz ter visto aqui na Bahia,—“no meio da praça “*Castro Alves*”, a estatua do pobre “*Cayrú*”, minúscula, engelhada, mofina, como um pinto, que se tivesse, naquelle momento, tirado daqua” (pags. 47).

Viu, ainda, o nosso excursionista, nessa mesma praça “*Castro Alves*” umas—“*allegorias de marmore, sobre uns muros, todas deitadas ou sentadas, numa languidez romana*” (págs. 47).

Outras coisas mais viu e escreveu em suas “*Nótas de Viagem*”, referentes á visita que fez a esta cidade, coisas que nós, bahianos, nunca vimos, e só agora sabemos realmente extraordinarias.

O *touriste patricio* viu, entre outras coisas, o “*casal dos cabôclos*”, e disse que elles se guardam em *Pirajá*—desde 1823—nas festas ao 2 de Julho, e que são armados —“*num só carro*”.

E nós todos, aqui, suppondo que a estatua fosse de *Colombo*; que as figuras allegoricas da praça *Castro Alves*, que ornamentam a balaustrada da muralha, fossem de *ferro fundido*; e que os emblêmas patrioticos da nossa independencia, os dois cabôclos, tivessem sempre sido guardados no largo da *Lapinha*, onde este anno, no dia

commemorativo da gloriosa data bahiana, e por nobre iniciativa do nosso "*Instituto Geographico e Historico*", foi solennemente inaugurado um *Pavilhão*, de architectura sóbria e elegante, para nelle ficarem, dora avante, conservados esses tradicionaes emblêmas de nossa independencia, sendo, ainda, pensamento do *Instituto* alli enthesostrar tudo o que se relacione com a quadra homerica daquellas luctas de 17 menses, de 1822 a 23, constituindo, assim, o *Musêu da Independencia*, e, portanto, um complemento do magestoso monumento de bronze e marmore que desde 1895 se alteia na praça *Duque de Caxias*.

E nós todos suppondo, ainda, que fossem *dois*, e bem distinctos, os carros emblematicos desses *cabôclos*; que o mais antigo—o do *Cabôclo*—bella esculptura de Manoel Ignacio da Costa, cujas rodas são de carretas tomadas aos lusitanos em *Pirajá*, e que symboliza o Brasil livre da tyrannia, datasse do anno de 1826; e que o segundo—da *Cabôcla*, representando *Catharina Paraguassú*, executado por Domingos Pereira Baião, datasse de 1846!...

Não admira, porém, que Rocha Pombo tão crassos erros commetta, quando, frequentemente, muitos outros de nossos credenciados escriptores ou historiographos, dão cincas de todo o tamanho, em tratando de nossa antiga metropole, tão offendida, por vezes, até pelos letrados, em sua propria historia, em suas gloriosas tradições.

Ainda, há pouco tempo, Olavo Bilac e M. Bomfim, em seu livro—*Atravez do Brasil*—(1917, 3ª. edic.), disseram que as tropas portuguezas foram derrotadas, no dia 2 de Julho de 1823, pelo general Labatut; quando a historia diz que nessa data, e desde 21 de Maio, estava elle preso pela *brigada da esquerda* do exercito pacificador, em *Pirajá*, seguindo de Maragogipe, onde o detiveram, para o Rio de Janeiro, a 19 de Setembro, afim de se defender das injustas accusações soffridas, sendo, afinal, unanimemente absolvido pelo conselho de guerra, em 9 de Fevereiro de 1824; pelo que não foi ao devotado servidor da causa da nossa independencia que coube a gloria de, espada em punho, testemunhar o completo desbaratamento das tropas de Madeira, na memoravel data bahiana, e sim ao Coronel José Joaquim de Lima e Silva, mais tarde *Visconde de Magé*, então no commando em chefe de nossas fôrças.

Mais de espantar é o desassombro com que affirmam, Bilac e Bomfim, *ter visto, e rodeado* até, o monumento de Castro Alves, nesta capital.

O referido livro é escripto em fôrma de narrativa.

Em passeio pela cidade, um *cicerone* mostra aos viajantes o que ella possúe de notavel.

Acham-se todos na praça *Duque de Caxias*, onde é apontado o monumento *Dois de Julho*, e se fala, então, em Labatut, como o *heróe-triumphante* daquelle dia.

Em seguida diz o *cicerone*:

—“*Vamos vêr, agora, o monumento de Castro Alves.*

—*Do poeta?*

—“*Sim! o poeta d’“Os Escravos” e da “Cachoeira de Paulo Affonso” era bahiano. Lá está elle.*”

Rodeiaram o monumento, e continuaram o passeio, visitando a velha igreja de *S. Francisco*, onde admiraram as decorações de madeira esculpida, o *Gymnasio*, o *Passeio Publico*, e percorreram, em bonde, alguns suburbios da cidade (págs. 210—211).

Esse livro, que mente, flagrantemente, á nossa historia, é DIDACTICO; está adoptado pelo governo para leitura no curso médio das *Escolas Primarias*, e já conta três edições!

Um outro livro didactico existe, egualmente adoptado nas escolas públicas do paiz, considerado *notavel encyclopedia nacional*, e que tem recebido entusiasticos applausos da imprensa, de norte a sul,—*verdadeira joia*, chegaram a escrever, *de nossas lêtras historicas*.

E’ a *Patria Brasileira*, do nosso conterraneo (um filho da Bahia) Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, director, não sei si ainda hoje, do *Ensino Municipal*, na capital do Pará, dado a lume, primeira edição, em 1903.

Perlustrando suas páginas, de referencia á Bahia, tive extraordinarias surpresas.

Antes de mais nada, diz o seu auctor, que a nossa cidade *do Salvador*, se chama de *São Salvador*.

Falando da bahia de *Todos os Santos*, diz que foi descoberta por Christovam Jacques, a quem deve essa denominação (págs. 183).

Está, hoje, entretanto, demonstrado, que esse descobrimento pertence ao notavel nauta florentino Americo Vespucci, e, ainda, que o nome da bahia provém do cos-

tume, naquella epocha, de se dar o nôme do santo do calendário a cada local descoberto, para se saber, assim, o dia do seu descobrimento.

Assignala o anno de 1807, como o da chegada ao nosso porto de D. João VI (págs. 39).

Notifica que a independencia do Brasil ficou positivamente firmada a 2 de Julho de 1822 (págs. 185).

Refere-se ao nosso grande dramata Agrario de Menêzes, que morreu, repentinamente, em seu camarote de administrador, no *Theatro S. João*, a 23 de Agosto de 1863, fulminado por uma congestão pulmonar, e diz que o triste evento occorreu quando recebia elle ovações pela representação de uma de suas peças (págs. 328).

A imprensa indigena, entretanto, regista que naquella funesta noite, assistia Agrario a um espectáculo da companhia *Circo Oceanico*, empresa Spalding e Rogers, que, então, trabalhava em nòsso theatro.

Quanto á campanha de *Canudos*, diz que o golpe decisivo foi feito pelo regimento de policia do Estado do Pará; isto é, que esse batalhão foi o primeiro, dentre todos em acção, que entrou na cidadella, principal reducto dos *jagunços*, tomado de assalto, desbaratando-os completamente, e, assim, assegurando a victoria final, a 5 de Outubro de 1897, alliando-se, ao depois, áquelle batalhão contingentes do Amazonas (págs. 222).

Diz, ainda, que para manterem as posições conquistadas, e se completar o cêrco de *Canudos*, efficazes auxilios prestaram os 15º. e 32º. batalhões de infantaria do exercito (págs. 223).

E o denodado 5º. còrpo de infantaria da brigada policial da Bahia, que marchou para *Canudos*, na 4ª. e ultima expedição, sob o commando do bravo bahiano, Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, que foi alli um benemerito defensor da Lei, contra a sanguinaria reacção do fanatismo?

A esse còrpo nenhuma referencia, siquer, faz, uma só vez, pelo menos, em toda a longa descripção daquella triste campanha.

Entretanto foi esse batalhão o que mais fortemente secundou o do Pará na alludida acção, como, pessoalmente, m'o assevéra o proprio commandante deste, o, então, Coronel Sotero de Menezes, hoje muito digno marachal

do nosso exercito, testemunha insuspeita e de todo o maior crédito.

Entretanto, foi a bandeira desse batalhão, hoje depositada, como reliquia Pátria, no *Musêu do Archivo Público* deste Estado, uma das primeiras que tiveram a gloria de ser plantadas sobre os escômbros da cidadella destruida.

Não sei o que vai de fidelidade historica, quanto aos demais Estados da República, em todo o volumoso livro alludido do nosso conterraneo, Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, pois só me detive no que escreveu sobre a Bahia.

A julgar, porém, pelas *cincas* acima assignaladas...

O que posso affirmar, porque os documentos estão estampados, é que esse livro mereceu os mais honrosos elogios e louvores, em *Pareceres*, unanimemente approvados pelos *Conselhos Superiores de Instrucção Pública* dos Estados do Pará, Parahyba e Goyaz.

Um dos vespertinos desta nossa capital, quando esse livro appareceu, disse:

—“...E’ um dos melhores, senão o melhor, que possuímos no genero”.

—“...Deve figurar em todas as escholas, para cujos directores e professores appellamos, em nome da República”—chegou a publicar um outro jornal desta nossa terra!

A “*Chorographia e Historia do Brasil*”, especialmente do Estado da Bahia, do Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, lente da mesma cadeira no Instituto Official (2^a. edic. *correcta e augmentada*—1894), é também, obra didactica, e foi, do mesmo modo, approvada, unanimemente, pelo *Conselho Superior do Ensino*; entretanto lá está, para os meninos aprenderem, entre outras coisas, que a cidade de *Belmonte* se acha situada em uma *collina* (págs. 59).

Em 1910, *O Paiz*, do Rio de Janeiro, publicou em suas columnas editoriaes uma serie de artigos do escriptor bahiano, Dr. Annibal Amorim, subordinados ao titulo “*Impressões da Bahia*”, aqui, transcriptos pela *Gazeta do Povo*, da Capital, edição de 23 de Agosto a 3 de Setembro daquelle mesmo anno.

Mais uma vez é a historia da Bahia conspurcada.

—O *Palacio do Governo*, diz o Dr. Amorim, foi *melhorado e inaugurado* em 1633, pelo então governador Francisco Barretto de Menezes.

Como poderia ser isso, si esse governador tomou pósito do seu cargo em 1657, retirando-se em 1663?!...

Esse melhoramento foi iniciado em 1663, quando Barreto de Menezes mandou reconstruir, de pedra e cal, o primitivo palacio de Thomé de Souza, que era de taipa.

A obra, porém, durou muitos annos para ser inaugurada, porque o novo edificio tinha 20 braças de frente, com 11 janellas, occupando um vasto quadro, e mais um passadiço para a *Casa da Relação*.

—Diz que o *Ascensor Lacerda* foi construido em 1861.

Não há tal.

Iniciados os trabalhos a 17 de Outubro de 1869, foi inaugurado o *Elevador da Conceição*, seu primitivo nome, a 8 de Dezembro de 1872.

Era de systema hydraulico até 1907, quando, depois de soffrer importantes reformas, foi electrizado pela companhia *Linha Circular de Carris da Bahia*, á qual hoje pertence, sendo reaberto á população no dia 20 de Janeiro daquelle anno.

—Diz que o primeiro templo catholico que se erigiu na Bahia, e "*certamente em toda a America*", foi o de *N. S. da Graça*.

Não se póde affirmar isso, como, também, o affirmam Mello Moraes e outros chrônistas, porque nada de positivo se sabe á falta de documentos historicos.

A opinião mais corrente, aliás, é que a referida ermida foi construida em epocha posterior á vinda de Thomé de Souza; já porque nenhuma referencia a ella faz Francisco Pereira Coutinho, o primeiro donatario da capitania da Bahia (1536—1547), na *Carta da terra* em sesmaria que deu a Diogo Alvares, em 1536, a qual se acha trasladada no *Livro do Tombo do mosteiro de S. Bento* desta cidade, já, principalmente, porque o Padre Nobrega, que aqui chegou em 1549, do mesmo modo silencia a respeito, em suas celebres e conhecidas cartas, minuciosas em narrativas.

Falam, todos, entretanto, na egreja da Victoria.

Na escriptura de doação, que aos frades de S. Bento fez Catharina Paraguassú, em 16 de Julho de 1586, dessa ermida, com os terrenos circumjacentes, herdados de seu

marido Diogo Alvares Corrêa, e que se acha, também, trasladada no mesmo *Livro do Tombo* do mosteiro de S. Bento, escriptura feita 37 annos depois da fundação da cidade do Salvador, é que se vê assignalada a capellinha de *N. S. da Graça*.

Com toda a segurança, portanto, o que se póde affirmar, é que foi a egreja da *Victoria* a primeira construida nesta cidade, pelos annos de 1530-32, por *Caramurú*, em commemoração de uma victoria alcançada sobre os *Tupinambás*, e a d'*Ajuda*, a segunda, em 1549, e no Brasil, segundo Jaboatão, a primeira dentre todas, foi erigida em *Porto Seguro*, pelos jesuitas, em 1503.

—Tem, ainda, ensejo o Dr. Amorim, em suas *Impressões*, de falar em Castro Alves, e assignala o dia 7 de Julho (ao em vez de 6) de 1871, como o da morte do nosso glorioso poeta.

José Alvares do Amaral é, também, um dos muitos chronistas da Bahia.

Seu "*Resumo Chronologico e Noticioso*", publicado em 1885, contém heresias historicas que espantam.

Citarei algumas por amsotra.

—Diz que a *Idade de Ouro*, o primeiro jornal que appareceu nesta cidade, foi publicado a 7 de janeiro de 1812 (pág. 9).

A *Idade d'Ouro* foi publicada a 14 de Maio de 1811, e durou até 24 de Junho de 1823.

—Que em 1870 (ao em vez de 1850), mandou o governo da provincia tornar público o cemiterio da *Quinta dos Lazaros* (págs. 19).

—Que a 27 de Janeiro de 1808 (ao em vez de 28), assignou o Principe Regente o celebre decreto que franqueou os pórtos do Brasil ás nações amigas (págs. 22).

—Que o *Theatro S. João* foi inaugurado a 15 de Junho de 1812, data do "*anniversario natalicio d'El-Rei D. João VI*", e que em 1809 teve inicio a edificação do mesmo theatro (págs. 22).

Para Souza Bastos foi construido de 1809 a 1812, e inaugurado a 14 de Junho de 1812 ("*Carteira do Artista*", Lisbôa, 1898—págs. 225).

O *Theatro S. João* da Bahia foi inaugurado a 13 de Maio de 1812, por D. Marcos de Noronha e Britto (8.º Conde dos Arcos), e 53.º governador régio da Bahia,

data verdadeira do nascimento daquelle monarcha lusitano (13 de Maio de 1767), no que, ainda, erra Alvares do Amaral.

Não foi em 1809, e sim em 1806, que teve inicio a sua construcção, no governo de D. João de Saldanha da Gama Mello Torres Guedes de Brito (6º. *Conde da Ponte*), fallecido a 24 de Maio de 1809.

Prova-o, além da "*Corographia do Brasil*" (págs. 167), de Domingos José Antonio Rebello, bahiano, impressa nesta capital em 1829, uma das raras obras existentes na *Bibliothéca Pública* deste Estado, documentos outros conservados em o nòsso *Archivo Público*.

—Que o primitivo, e já extincto, *Instituto Historico da Bahia*, installado sob a presidencia do sabio *Marquêz de Santa Cruz*, de saudósa memoria, o foi a 3 de Fevereiro de 1856 (págs. 27).

A verdadeira data, porém, é de 3 de Maio de 1856.

—Que os azulejos do claustro do *Convento de São Francisco*, foram offerecidos pelo Rei de Espanha e Portugal, D. Felippe IV, no anno de 1636 (págs. 69).

Essa doação foi feita por El-Rei D. João V de Portugal, entre os annos de 1747—49.

—Que o carro do *Cabôclo*, symbolo dos feitos da nossa independencia, em 1823, foi fabricado em 1828, e que a obra de esculptura da estatua é do bahiano Bento Sabino, sendo mais tarde, em 1840, construido o outro carro da *Cabôcla* (págs. 139—140).

Damasceno Vieira incorre no mesmo erro, attribuindo a Bento Sabino dos Reis a esculptura do *Cabôclo*.

E' trabalho de Manoel Ignacio da Costa, também auctor do *Anjo da Fama*, que figura, ainda, no alto da sala de espectaculos do nòsso *Theatro S. João*, emquanto a mão de algúm iconoclasta, nos tempos que correm, de destruição de tudo quanto possa lembrar o nosso passado, não o retirar dalli.

Foi feita, a esculptura em aprêço, em 1826, e não em 1828; assim como o outro emblêma—a *Cabôcla*—é obra de Domingos Pereira Baião, e data de 1846.

—Que *Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva*, chrônista do Imperio, e auctor das "*Memorias historicas e politicas da Provincia da Bahia*", era natural deste Estado (págs. 155).

O illustre historiographo nasceu, entretanto, em Portugal.

—Que a 14 de Agosto de 1811, se fundou a *Bibliotheca Pública* (págs. 159). Essa *Bibliotheca* foi fundada a 13 de Maio de 1811, e inaugurada, franqueada ao público, a 4 de Agosto do mesmo anno, com cerca de tres mil volumes, grande parte offerecidos por seu fundador, o benemerito *Conde dos Arcos*, D. Marcos de Noronha e Brito, e Pedro Gomes Ferrão Castello Branco, um de seus mais esforçados installadores.

Existem, ainda, na actual *Bibliotheca*, restaurada, dois exemplares preciosos, escapos do fatal incendio de 1912, que provam a affirmação supra.

Um delles é a "*Oração Gratulatoria* ao Principe Regente, recitada a 13 de Maio de 1811, na sala principal de Palacio, na presença do Conde dos Arcos, por Ignacio José de Macedo, presbytero secular.

Foi impressa na typographia de Manoel Antonio da Silva Serva—Bahia—1811.

O outro é um discurso pronunciado na abertura da "*Livraria Pública da Bahia*" (assim denominada nos primeiros tempos), a 4 de Agosto de 1811, por Pedro Gomes Ferrão Castello Branco.

D. João III de Portugal deu por armas á Cidade do Salvador (*Bahia de Todos os Santos*), uma pomba alva, com um ramo de oliveira no bico, em *campo verde*, circulado de orla de prata, tendo esta legênda, em lêtras de oiro: *Sic illa ad arcam reversa est*.

Esse brazão ficou pertencendo á Municipalidade.

Pois bem: na "*Chrônica Geral e minuciosa do Imperio do Brasil*", de Melo Moraes (pai) obra impressa no Rio de Janeiro, em 1879, encontra-se aquella legênda assim exquisitamente graphada: *Sic illa ad Arcans devessa est*.

O illustre historiographo brasileiro não nos explica a razão de semelhante dispauterio latino; nenhúma justificação elucidativa apresenta.

O Dr. Alfredo Moreira Pinto, em sua "*Historia do Brasil*" (Rio de Janeiro—1892—3ª. edic.) diz, á págs. 45: "*..... Ao mesmo tempo deu á futura cidade, por armas, em CAMPO AZUL, uma pombinha*".

O mesmo erro—CAMPO AZUL—ao em vez de VERDE,

commette Damasceno Vieira, em suas "*Memorias Historicas Brasileiras*" (1903).

A muito conceituada "*Bahia Illustrada*", que se edita na capital da Republica, em seu n. 10, correspondente ao mês de Setembro de 1918, publica um trabalho subordinado ao titulo—"O Estado da Bahia"—, da auctoria de Paschoal de Moraes, em que dois grandes erros notei, de character historico, um dos quaes tem sido muito repetido por outros, sem a devida investigação nos bôns escriptores; pois a questão, por estar já perfeitamente elucidada, nenhuma dúvida offerece mais.

Refiro-me ao descobrimento da bahia de *Todos os Santos*, que dizem uns ter sido feito por Christovam Jacques, em cujo número está o Sr. Paschoal de Moraes, e outros por Americo Vespucci.

Até mesmo na data são discórcdes: para algum foi em 1501, para outros em 1503, e, agora, para o Sr. Paschoal de Moraes, em 1502; o que li pela primeira vez, confesso.

A verdade historica, porém, o que está hoje passado em julgado, é que ao notavel e experimentado nauta florentino Americo Vespucci, e não a nenhum outro, coube a fortuna de descobrir a nossa bahia, e no dia 1º. de Novembro de 1501, junto da qual se eleva, majestosa, a *Cidade do Salvador*.

Para assignalar esse descobrimento, plantou um marco no lugar a que se deu o nome de *Ponta do Padrão*, e não *Pedirão*, como ainda, erroneamente, se lê em varios historio-graphos, ao depois chamado *Pontal da Barra*, ou de *Santo Antonio*, e onde, mais tarde, se edificou o forte desse nome, reconstruido, bem como os de *S. Diogo* e *Santa Maria*, nas proximidades, por D. João de Lencastro, entre os annos de 1694—1702, do seu governo.

Christovam Jacques esteve na bahia de *Todos os Santos*, e accidentalmente, em 1526, vinte e cinco annos depois, commandando uma frota portugêsa, encarregada de estacionar nas costas do Brasil, e cruzar contra os francêses.

Chegando a Pernambuco naquelle anno, fundou alli uma feitoria para base de suas operações.

—"Jacques, em seguida (relata-nos o erudito Dr. Francisco Vicente Vianna, em sua "*Memoria sobre o Estado da Bahia*", a págs. 565)—pôz-se a cruzar pela costa

abaixo, até á fóz do Prata, e na sua volta esbarrou, na altura da bahia de *Todos os Santos*, com três navios da Bretanha, com os quaes luctou um dia inteiro, rendendo-se, finalmente, os francezes, em numero de tresentos, que foram levados e aprisionados á feitoria de Pernambuco.”

Rodando ao ponto do verdadeiro anno do descobrimento, cáe muito a laço reproduzir aqui as palavras autorizadas do referido Dr. Vicente Vianna, na mesma sua obra citada (págs. 564):

—“Querem alguns que a bahia de *Todos os Santos* foi descoberta nesta segunda viagem de 1503 (refere-se a Americo Vespucci), e não na de 1501; mas esta opinião desaparece diante do facto de vir indicada no regimento, dado a Gonçalo Coelho em 1503, a recommendação de procurar a bahia de *Todos os Santos*, que devia servir de ponto de reunião das náus, caso houvesse extravio, conforme diz o proprio Vespucci, em sua carta a Soderini.”

Erra, portanto, o Sr. Paschoal de Moraes, e todos os que com elle pensam: nem esse descobrimento foi feito em 1502 ou 1503, nem pertence a Christovam Jacques.

O outro erro que assignalo, é referente ao naufragio de Diogo Alvares Corrêa, que diz o Sr. Paschoal de Moraes ter occorrido nas *costas da ilha de Itaparica*.

O celebre Caramurú, o verdadeiro legendario da historia do Brazil, naufragou, segundo os melhores chronicistas, na altura nórte da barra da Bahia, entre os annos de 1509—1511, salvando-se da tripulação da náu portugêsa, que navegava para a India, poucos homens, entre os quaes Diogo Alvares, o único poupado ao cannibalismo dos selvagens *tupinambás*.

O Padre Simão de Vasconcellos (*“Chrônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil”*) diz:

—“Naufragou em os baixos que hoje vemos junto á barra da Bahia, á parte nórte, chamados do *Gentio Mairagiquig*.”

Nosso *Archivo Público* da Bahia possui a cópia de um velho manuscripto, pertencente á *Bibliotheca Nacional*, de que é auctor Luis do Santos Vilhena, professor régio que foi da lingua grega nesta cidade, trabalho esse datado de 1802, dedicado a D. João VI, considerado pelos eruditos da maior estima para a Bahia, do ponto de vista historico. Tem por titulo—*“Noticias Soteropolitanas e Brasilicas”*—em fôrma de *Cartas*.

Nesse manuscripto mais que secular, se lê, de referência ao ponto em lide:

—“E’ bem sabido o Sucesso de Diogo Alvares Corrêa; Conhecido pelo nome de *Caramurú*, que os gentios lhe pozerão, depois que as ondas o lançarão nas prayas do Rio Vermelho, distante uma legua ao Norte da Barra da Bahia.”

Continuará o Sr. Paschoal de Moraes, *á vista disto... depois disto...* a affirmar que Diogo Alvares Corrêa naufragou nas costas da ilha de Itaparica?

Antes de pôr o ponto final a estas nótas, que já vão longas, mas poderiam, addicionando-lhe outras muitas, da mesma natureza, encher volumes, tantas são, quero referirme a mais um erro crasso dos senhores historiadores, em geral, quando se occupam da Bahia priméva.

Alludo ao episódio da viagem de Diogo Alvares e Catharina Paraguassú á França, onde foram muito bem acolhidos pelos soberanos reinantes, Henrique II e Catharina de Medicis, sendo ambos padrinhos de baptismo de Paraguassú, e do seu casamento,—que os mais antigos historiadores, menos Gabriel Soares (que terminou sua obra sobre o Brasil em 1577 ou 78), e todos os modernos, excepção, também, de Varnhagen, referem como veridico.

Isso, porém, não passa de fabula, comô, competentemente, já o demonstrou o *Visconde de Porto Seguro*, o Sr. Varnhagen.

Essa lênda só tem um valor: haver inspirado a Santa Ritta Durão o bello episodio da morte de *Moêma*, no seu poêma “*O Caramurú*”, incontestavelmente, uma das mais preciosas joias da litteratura pátria.

E’, por essas e outras que eu tenho meus receios de que, mais dias, menos dias, a *Historia da Bahia* fique doida, e vá dar com os ossos no “*Asylo S. João de Deus*”!...

SILIO BOCCANERA JUNIOR.

(Bahia—1919).

Morro do Chapéo

O Municipio fórma uma Comarca com a nova Villa Wagner e comprehende os districtos de Paz da Cidade, Ventura, Riachão d'Utinga, Wagner, Cannabrava do Miranda, Brejinho, Carahibas e America Dourada; e as sub-delegacias de S. Sebastião do Péga, Jacaré, Campinas, Bella Vista, Pau de Pilão e Curralinho.

A Cidade tomou este nome por estar a 6 kilometros de um monte que ao longe tinha a configuração de um chapéo, isto é, uma pedra que se achava no cume e que em tempos remotos fôra destacada, rolando pela montanha. No alto (é de admirar) tem um olho d'agua e brejo, no meio da Chapada. Este monte tem sido visitado por homens scientistas, dentre os quaes se acha o sabio Geologo Americano Dr. Branner.

Posição Geographica.—Está situada a Cidade em um alto platô a 1.082 metros acima do nivel do mar, á margem direita do rio Jacuhype, no centro do Estado e a 74 legoas da Capital.

Limites.—Ao norte, confina com os municipios de Jacobina e Sento Sé; ao sul, com o dos Lençóes; a leste com Mundo Novo; e ao Oeste, com os de Chique-Chique, Brotas e Dr. Seabra.

Superficie e dimensões.—O territorio da Comarca tem 40 legoas de norte a sul e 35 legoas de Leste a Oeste.

Formação Geologica.—O sabio Dr. Brauner, em sua viagem por parte da Universidade da California, disse ter encontrado no territorio d'esta Comarca a chave geologica do nosso Estado.

Minas.—O municipio é riquissimo em mineração de diamantes, carbonatos, cristal de rocha, enxofre, salitre, nitrato, pedra calcarea, em grande profusão e tambem ouro ainda não explorado.

Flóra e vegetação.—Cultiva-se, em larga escala, o algodão, cuja exportação este anno foi a maior do Estado; como tambem a maniçoba, milho, feijão, arroz, canna de assucar, batatas inglezas, algumas tão desenvolvidas que chegam a pesar 1 kilogramma. As mattas abundam em madeiras de construcção como sejam:—Cedro, vinhatico, pequiá, arazá, massaranduba, pau de oleo, camassary, jacarandá, aroeira, caboclo, coração de negro, Sebastião de arruda, etc. De plantas silvestres e cultivadas, temos a laranjeira, abacaxieiro, mamoeiro, limeira, cidreira, goiabeiras, araçazeiros, jaboticabeira, ingazeiras, etc., etc. Bananeiras, temos de todas as qaulidades e na classe das hortaliças, sobresaem os repolhos, em tamanho e qualidade.

Relevos e curiosidades naturaes.—A serra da Chapada, com as suas multiplas ramificações, córta todo o territorio da Comarca, não só nos immensos geraes como na parte carrasquenta e de catingas, formando bellissimas grutas, outr'ora habitadas pelos aborigenes, que ahi deixaram muitas pinturas vermelhas, indeleveis e grotescas, representando selvagens e animaes como,—onças, antas, emas, veados, cabras, etc., etc. Na serra Dias Coelho, existem grandes maniçobaes. E' digna de notar-se a gruta chamada do Brejão, que dista 42 kilometros da Cidade e é talvez a mais bella do Estado; situada debaixo de um morro, deixando correr por entre as suas muralhas o rio Verêda de Romão Gramacho. O interior da gruta é composto de muitos salões com stallactites e stallagmites, umas claras, outras escuras; figurando altares rendados, thronos e escadarias que terminam em uma claraboia: em fim, é uma verdadeira maravilha da natureza, que já tem sido visitada por diversos touristes que sahem encantados de tanta magnificencia.

Lagôas, brejos, fontes e açudes.—Existem algumas lagôas de pouca importancia, taes são a Lagôa da Porta, Lagôa do Sacco, Lagôa do Cercado Santo, Lagôa de Barro Alto e Jacaré e Lagôa dos Porcos. Tem um bom brejo no lado sul da Cidade, e muitos outros na Freguezia do Riachão d'Utinga e Villa Wagner, que tem uma lavoura bastante desenvolvida. Existe na Cidade uma fonte perenne de excellente agua potavel, chamada Possó, a qual nunca secou; como tambem um açude já deteriorado no

arraial da Cannabrava do Miranda, para o qual concorreu o Governo do Estado com 5:000\$000.

Rios, riachos e seus afluentes.—O Jacuhy que nasce perto da Cidade e lança-se no Paraguassú, com um curso de mais de 50 legoas. O Rio Verêda que se lança no Rio S. Francisco; o Rio Utinga, que se lança no Paraguassú; o Rio Bonito, que se lança no Rio Utinga; o Rio da Tapêra que se lança no Jacuhype e forma uma bonita cachoeira perto da Povoação do Ventura

A cachoeira do Agreste, formada pelo Jacuhype, é a maior e mais alta, e despenha-se em um profundo pôço, onde dizem ter grandes riquezas carboníferas e diamantinas.

Clima: dados meteorologicos.—E' muito variado. Frio nos lugares de geraes, onde se acha situada a Cidade, que goza de uma salubridade sem igual no sertão: tem um verdadeiro clima Europeu, como—Maracás, Rio de Contas. Quente e humido nas mattas e secco e salubre nas catingas.

Fauna.—Encontram-se quasi todos os animaes domesticos. Muitas fazendas de gado vaccum, cavallar, muar, lanigero e caprino. Dos animaes e aves selvagens, notam-se as onças tigras, cangussús e sussuaranas; veados e tatús de varias especies, antas, pacas, porcos, mocós, caetitús, etc.; emas, seriemas, papagaios, araras, etc., etc.

População: typos dominantes.—A população da Comarca é avaliada em 32.000 almas, com 1.859 eleitores, entre brancos, mestiços e pretos.

Instrucção Publica e particular.—Duas escolas de ambos os sexos na Cidade, sendo a do sexo masculino, creada em 1832, regida pelo Professor Antonio Gabriel de Oliveira; a do sexo feminino, creada em 1883, regida pela Professora D. Amelia Mansfield Cardoso. Tem mais as seguintes: uma cadeira mixta na Povoação de Ventura (vaga), uma do sexo masculino na Canna Brava do M. (vaga); uma mixta na Freguezia do Riachão d'Utinga, regida pela Professora D. Custodia dos Santos, e uma mixta na Villa Wagner, regida pela Professora D. Eliza Braga. Ao todo 6 Escolas Estadoaes para uma Comarca de 33 mil almas e quasi 20 povoações!!!

Existem mais: 2 Hospicios de Orphãos, fundados pelo Coronel Francisco Dias Coelho; sendo uma na Cidade e

tendo como Directora a Exma. Sra. D. Nathalia Mendes e outro na Povoação do Ventura.

Na Cidade tambem funciona um Curso particular mixto, regido pela Exma. Sra. D. Alzira Dourado. Tem algumas escolas particulares subvencionadas pelo Municipio nas povoações da America Dourada, Jacaré, Bella Vista e creio que em outras localidades.

Commercio.—O maior Commercio da Comarca está na exportação de gados recebidos dos sertões de Goyaz, e na exportação de gados recebidos dos sertões de Goyaz e Piauhy e que são destacados em suas bellas campinas e destas enviados aos pastos. Calculam-se em mais de 10 mil os bois importados e que depois de gordos são enviados para a Feira de Santa Anna, que entretém antigo commercio com esta Cidade.

Já se exporta, soffrivelmente, para a Capital, algodão de 1.^a qualidade, borracha de maniçoba e pelles. Todos os demais generos de 1.^a necessidade somente dão para o consumo das localidades, que todas teem suas feiras, sendo a mais concorrida a da importante Povoação do Ventura, que é uma agglomeração que contém mais de 500 casas, um Theatro, Sociedade Litteraria, uma Philharmonica em decadencia e uma Capella dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Industrias fabris.—Na Cidade tem uma fabrica bem montada de distillação de aguardente. Existem tambem motôres para descaroçar o algodão e engenhos, de systema antigo, para moagem de cannas e fabrico de assucar e rapaduras, que não dão para o consumo. Algumas fabricas de fiação grossa e sabão de 2.^a qualidade, sendo o melhor fabricado no Ventura, pela Casa Gabriel Ribeiro & Comp.

Vias de comunicação.—Não existem estradas de ferro nem de rodagem em toda Comarca: existem apenas estradas communs para o sertão. A Companhia Franceza de Villa Nova a Sitio Novo, contratou um ramal para esta Cidade, a partir do lugar denominado França, que demora a 12 legoas desta mesma Cidade.

O Correio funciona para Jacobina duas vezes por semana: não ha telegrapho.

Distancias. (*Capital e municipios visinhos*)—A séde da Cidade dista da Capital 74 legoas; para Jacobina, 20 legoas; para os Lençóes, 26 legoas; Dr. Seabra, 30 legoas; Chique--Chique, 40 legoas; Brotas, 42 legoas; Mundo

Novo, 18 legoas; Monte Alegre, 25 legoas; Sento Sé, 45 legoas e Orobó, 35 legoas.

Estado financeiro—A renda Estadual attinge a 12 contos de réis.

A renda municipal attinge a 20 contos de réis.

Arraiaes, povoações e aldeias.—A maior e mais importante povoação é o Ventura, conforme já declarei acima. Seguem os arraiaes de Cannabrava, Bella Vista, Riachão d'Utinga, séde de Freguesia, já muito decadente, por lhe ter roubado o commercio a Bella Vista; America Dourada, Carahybas, Campinas, Jacaré, Brejinho, Cafarnaum, Barro Alto, Gamelleira, Rio Preto, Curralinho e Rochedo. Todos estes povoados demoram da séde da Cidade, de 4 a 20 legoas, por maus caminhos e alguns desertos de 6 a 8 legoas de catingas. Já fiz menção das escolas tão deficientes para uma grande população infantil, disseminada por tão vasta zona sertaneja.

Noticia historica.—A Cidade do Morro do Chapéo, segundo rezam alguns alfarrabios, teve o seu principio em fins do 18º seculo, quando alguns aventureiros Portuguezes, dentre os quaes um celebre Romão Gramacho, vieram explorar as suas terras que pertenciam em sesmarias ao fidalgo Conde da Ponte, e ahi fundaram fazendas de criação de gado vaccum e cavallar, para o que são apropriadas as mesmas terras de taboleiros e catingas, dando principio a uma povoação denominada—Gamelleira—no lugar onde se acha actualmente edificada a Cidade.

Em o anno de 1794, na Fazenda Morro Velho, que dista da Cidade 3 kilometros, o Missionario Capuchinho Frei Clemente de Andorno, que peregrinava em Missão Apostolica pelos sertões, ahi abriu uma Santa Missão e edificou um Cemiterio, do qual ainda se vêem as ruinas. Em 1800, com licença do Arcebispo da Bahia, D. Frei Antonio Correia, os habitantes da então florescente povoação da Camelleira, deram principio a uma Igreja consagrada a Nossa Senhora da Graça e que é a Matriz da Freguezia. E' este um dos mais bellos templos do interior, não só por sua bella fachada como pelos seus trabalhos de talha dourada. Tem muitas alfaias para o Culto Divino; admirando-se uma primorosa Custodia de prata massiça do Porto e que, apesar de antiga, parece nova, pelo seu magnifico cinzel. Os sinos, fundidos em 1837, estão em perfeito estado e são os melhores que se conhecem no Interior, pela mavio-

sidade dos sons. Em 1838 foi, por Lei civil, elevada á cathegoria de Freguezia, pelo então Presidente da Provincia da Bahia, Dezembargador Thomaz Xavier de Almeida, com a denominação de Freguezia de Nossa Senhora da Graça do Morro do Chapéo, e canonisada pelo sabio Arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, Marguez de S. Cruz; sendo seu primeiro Vigario Collado o Padre Francisco Gomes de Araujo, fallecido em 1855.

O segundo Vigario Collado, foi o saudoso Padre Joaquim Ignacio de Vasconcellos, que tomou posse em 1856 e falleceu em 1907, depois de um parochial de 51 annos. Era um verdadeiro modelo de Sacerdote, pelo talento e virtudes, de que era dotado.

O primeiro Sacerdote que residiu no Morro do Chapéo, como Capellão, subalterno á Freguezia de Jacobina foi um celebre Padre José Pereira, que, além de musico eximio, era ferreiro habilissimo, a ponto de fabricar, com arte e perfeição, um ferro de hostias que ainda existe.

O primeiro Professor primario que teve o Morro do Chapéo foi chamado Luiz Vieira, que exerceu o magisterio publico de 1838 a 1842.

Em 1864, foi a Freguezia do Morro do Chapéo, elevada a Villa e creado fôro Civil e Conselho de jurados por acto de 12 de Julho de 1869; fazendo então parte do Termo e Comarca de Jacobina.

Em 1892, foi desmembrado o Termo do Morro do Chapéo, do de Jacobina, sendo o seu primeiro Juiz Preparador o illustrado Dr. José Alves Requião, sendo Governador do Estado o Dr. Rodrigues Lima, e Chefe de Policia o saudoso Dr. Antonio Barboza de Souza, que era natural desta Cidade.

Em 1909, foi elevada á cathegoria de Cidade pelo Governador Dr. João Ferreira de Araujo Pinho, por influencia do Coronel Francisco Dias Coelho, que muito se esforçou para a criação da Comarca, o que conseguiu em 1915, desmembrando da antiga comarca de Jacobina, e que foi sancionada pelo Dr. José Joaquim Seabra. E' seu actual Juiz de Direito o Dr. Caetano Dutra e Promotor Publico o Dr. Victor Farano da Silva.

Descripção da Cidade séde do Municipio.—A Cidade do Morro do Chapéo tem approximadamente 600 casas, a maior parte de systema antigo; se bem que possua al-

gumas de esthetica moderna. As ruas são planas e algumas bem alinhadas; para o que muito tem concorrido a Administração do Coronel Francosco Coelho, Intendente e legitima influencia politica de toda Comarca. (*)

A Cidade tem alguns edificios bons, como a Casa do Conselho Municipal, que passou por uma completa transformação; a Egreja Matriz, de que já fallei em outro lugar; a Cadeia e o novo Cemiterio municipal. Mais arredio da Cidade está o Parque Soledade, onde n'um edificio soffrivel, em um ponto em que se descortina um bello panorama, reside o Coronel Dias Coelho, que mandou edificar uma linda Capella que dedicou a Virgem da Soledade. E' esta uma imagem de tamanho natural e de tanta peifeição que diariamente é visitada por muitas pessoas que dizem não conhecer outra igual. Tem a Cidade uma regular Philharmonica intitulada "Minerva", e um Gremio Litterario, ha pouco, convertido em Bibliotheca Municipal, fundado por esforços do humilde escriptor destas linhas, auxiliado por distinctos Cavalheiros desta Cidade, Lençóes, Bahia, etc. Dentre os cidadãos da Capital que enriqueceram o Gremio do Morro do Chapéo, com boas obras e auxilio pecuniario, citarei os nomes do Dr. Domingos Guimarães, de saudosa memoria, que, juntamente com o Coronel Deraldo Dias, offereceram uma obra completa de Historia Universal, de Cesar Cantú; o Coronel Francisco Amado Bahia, a Casa Souza Vianna e o litterato Karlos Weber, que offereceram diversas obras.

A cidade do Morro do Chapéo, como já se disse em outro lugar, demora em uma vasta planicie com bellas chapadas e taboleiros donde se descortina um lindissimo panorama, e tem um clima frio e salubre no inverno e temperado e agradável no verão: jamais penetrou n'ella as febres do mau character, variola e outras epidemias.

As noites de luar são claras e bellas. Annualmente fazem-se as seguintes festas religiosas. Divino E. Santo, S. Benedicto, Mez de Maria e N. Senhora da Graça, a 8 de Setembro. Têm se celebrado tambem as festas patrioticas de 7 de Setembro e 2 de Julho com algum esplendor. Tem havido no Morro do Chapéo as seguintes Missões: Em 1794—Missionario Capuchinho Frei Clemente de Andorno. Em 1843—Missionario Capuchinho Frei

Paulo de Panicale. Em 1862—Padre Lazaritas Luiz Gleizer e Victor Simon, cuja lembrança ainda se acha gravada nos corações dos que os conheceram. Em 1877—Missionarios Lazaristas Padres Paulo Braida e Alexandre Saguet. Em 1888—Padres Lazaristas José Romão Colomé e Felix Allad. Em 1907—Padres Lazaristas Pedro Rocha, Alberto (Hollandez) e Nathanael (Persa). Em 1911 (ultima) Missionarios Franciscanos Frei Paschasio Ptoch e Frei Eduardo, actual Provincial da Bahia.

As feiras são concorridas, aos sabbados, em uma praça com um barracão, e se compõem dos generos de primeira necessidade vindos das catingas e mattas, que além de lavoura tem importantes soltas para engorda de bois que são abatidos para o consumo da Cidade e Ventura, cuja feira é muito concorrida e superior a todas as da vizinhança. A cidade possui cinco a seis casas commerciaes com bom sortimento de fazendas, molhados e miudezas, além de muitas outras menos sortidas e de generos da terra. São abatidas, semanalmente, 10 rezes approximadamente. Tem a cidade 4 alfaiatarias, 3 funilarias, 3 ferreiros, um ourives e dentista, um selleiro, 3 officinas de calçados bons e 2 modistas. Tem alguns carpinteiros; porém falta um bom marceneiro, presentemente. Não tem a cidade um medico nem pharmacia, o que é de grande necessidade: existe apenas uma botica, sem sortimento, que é dirigida pelo curioso Capitão Juren de Araujo, que presta seus bons serviços aos doentes.

A Freguezia do Riachão d'Utinga, desmembrada da do Morro do Chapéo, em 1887, é o centro mais futuroso da Comarca, e talvez o melhor do Estado, pelas suas esplendidas matas cobertas d'agua, que regam immensas plantações de cannas. Tem muitos engenhos, sendo o melhor de todos, o da Fazenda Burity, que é movido por agua. Todo o assucar e rapadura são exportados para a commercial Cidade dos Lençóes; como tambem a aguardente, para cujo fabrico ha muitos alambiques. Emfim é o Riachão d'Utinga uma riqueza nos bons tempos e refrigerios nos tempos de secca, capaz de abrigar uma colonia agricola.

ANTONIO GABRIEL DE OLIVEIRA
Professor Estadual

Centenario do Visconde do Rio Branco

O Instituto Geographico e Historico da Bahia, no dia 16 de Março de 1919, cumpriu o gratissimo dever de commemorar o 1º. centenario do nascimento do preclaro bahiano Visconde do Rio Branco, orando o Dr. João Marques dos Reis, nosso confrade, advogado e professor da Faculdade de Direito deste Estado, depois do que se inaugurou, no Salão Nobre, uma placa de marmore, recordando o glorioso estadista, um dos maiores do Segundo Imperio.

ORAÇÃO DO DR. MARQUES DOS REIS

Quando, aos 13 de Maio de 1917, o Instituto Geographico e Historico da Bahia, cada dia mais zeloso e exacto da sua funcção nobremente social e patriótica, commemorou a passagem da gloriosa data, inaugurando solemnemente nesta casa o retrato do Sr. Visconde do Rio Branco, fez o eminente orador da solemnidade, com as pre-excellentes virtudes do seu estylo, da sua eloquencia e do seu prestigio de historiographo, a limpida biographia daquelle que, no passado regimen, foi, segundo o parecer e testemunho do Snr. Visconde de Taunay, "o mais notavel e completo estadista do Brazil".

No recordar a occorrença, vae o intento de salientar que os proprios rudimentos da prudencia me aconselhariam, curando, por igual, do vosso e meu interesse,—que a mim só dezaíroz fôra qualquer cotejo, como a vós enfadonha a aventura,—não viésse eu tartamudear as minhas tatarias em estrada que a palavra olympica de um dilecto da grande arte que faz o colorido do pensamento já perlustrára deliciando.

Aliás, o proprio *ukase* telephonico do secretario perpetuo do Instituto, meu irmão e meu tyranno, annunciando-me, ha tres dias, que me deznara e já, expedira

convites aos illustres confrades, não poudes conter para commigo uma demonstração de piedade e, adivinhando, no terror do meu espanto, a verdade da minha inopia sempre confessada, me procurou mitigar a afflicção, accrescentando que não me ordenava u mdiscurso, nem me exigia a biographia do homenageado, já tudo feito, á exaustão, pela autoridade conspicua do orador official de Maio de 17. Remordimentos da sua consciencia, que me embalaram e illudiram por minutos mas não me podiam adormecer a consciencia de mim mesmo...

Ao lado da lei fundamental desta Instituição, como a constituir-lhe, appenso ao contexto, integrando-o e integrando-se nelle, um artigo suplementar e elucidativo do seu fim supremo, está consagrada a phrase:—"o Instituto é o melhor abrigo das nossas glorias e deve ser o expoente maximo da nossa cultura".

Ainda bem que ali não está apenas uma bella phrase; quem n'a compoz, dos thezouros da sua eloquencia de escriptor, assistido da estima e da admiração dos consoeios e concidadãos, tem sido, incançavelmente, um denodado campeão do fazel-a realidade, cada hora maior e mais promissora.

Dentro da certeza de que para um povo é ainda muito mais damnozo do que para o individuo o se desdarem os élos da cadeia que, "fortificando a sociedade", o prende aos antepassados, não houve ainda empeço efficaz ao culto patriotico, cujo templo matriz é esta caza na Bahia, na serena sagração dos nossos grandes mortos, redi-vivos na sua obra e nos fructos do seu exemplo.

Allivio-me da oppressão que me domina ante a responsabilidade do encargo, ao reflectir na impolluida justiça da homenagem que ora se presta á memoria sacratissima de José Maria da Silva Paranhos, o Grande Visconde do Rio Branco.

Supponhamos, isso é mera hypotheze irrealizavel, que tivesse um deliquio a objectivação da indefectivel justiça da nossa Instituição; imaginemos que essa justiça se desviava, emprestando laureas e galardoando a uma individualidade anonyma ou de mau nome, a quem a Morte já tivesse feito a graça de retirar á critica dos coevos, estancando a fonte dos dezacertos.

Que valeriam, porventura, os prodigios da eloquencia para um auditorio que se não deixa embelecar ou embair,

nem mesmo quando o ouro de lei forra e capêa a inexistencia de meritorias credenciaes?

Mas, de uma face, as homenagens desta casa fallam por si, pelo alevantado dos intuitos e pela restricta justiça da sua manifestação; de outra, a benemerencia da vida que hoje completaria um centenario, e que, nos tres quintos dessa jornada quasi defeza á contingencia humana, foi todo dedicação e ingentes labores pela honra, pelo progresso da Patria, pelo bem-estar, pela dignidade da especie humana, essa benemerencia é de tal monta e tão grande nota quanto é verdade que o estudo da Historia do Brazil implica e exalça o conhecimento e a proclamação dos gigantescos serviços de estadista e patriota do excelso filho da influente e glorioza Bahia de outras éras.

Sempre que os recursos de adversarios, ainda os mais temiveis como Zacharias, lhe procuravam, para o effeito e proveito da cauza que defendiam, dimniuir o valor pessoal como energia, como sobranceira e rigida vontade, como potente cerebração de vasta cultura, ali estava elle a acudir de prompto com os recursos proprios, com a objecção, do mesmo passo, nobre, deciziva e commedida, e com a resposta, o revide dos seus serviços anteriores e do prestigio da sua acção gerando a victoria dos seus grandes e sempre altruisticos ideiaes.

Mestre acatado que diffundia saber na cathedra do ensino superior, brilhante parlamentar, jornalista fecundo, diplomata habilissimo, homem de governo completo, chefe de gabinete, politico a quem adversarios vinham pedir luzes, a quem situações contrarias, norteadas pelo bem da Patria, pediam ajuda e solicitavam cooperação, elle foi, na Monarchia Brazileira, no segundo Imperio, elle foi sempre lidima affirmação de que, embora "o pezo do numero se aforce, cada dia, por se substituir, ao da intelligencia, poderá, momentanea, accidentalmente, destruir esta, mas será sempre incapaz de substituil-a".

Foi o eminente bahiano o glorioso embaixador do Brazil no Rio da Prata, alli incumbido de varias missões, qual mais melindrosa e importante, dezempenhandas sempre, invariavelmente, com o maior lustre para o diplomata e a maior honra para a Nação.

E, assim foi nada menos de seis vezes.

Não nos podemos furtar á reproducção aqui do fidelissimo ementario que o illustrado Dr. Theodoro Sam-

paio fez, na sua alludida e memoravel conferencia, dos serviços do ministerio de 7 de Março de 1871.

“Foi o de maior duração e o mais fecundo dos do segundo Imperio, ministerio que de tudo se occupou, promovendo, além da reforma do elemento servil, ponto capital do seu programma, a reforma judiciaria; desenvolveu a construcção das estradas de ferro, concedendo-lhes garantias de juros e favores e izenções; reformou o antigo systema de pezos e medidas; reformou o ensino secundario e superior; as secretarias de Estado, os arsenaes, os serviços da Alfandega e Correio, promoveu largamente a immigração e a colonização; mandou proceder ao primeiro recenseamento geral do Imperio; creou a matricula especial dos escravos e dos filhos livres de mulher escrava; concedeu ao Barão Mauá o primeiro cabo submarino do Brazil á Europa; contractou com o Cons. Nabuco a redacção do Projecto do Codigo Civil; fez o tratado definitivo de paz, em separado, com o Paraguay, além de outros de extradição com esta Republica e a Argentina, Portugal, Inglaterra, Italia e Belgica; tratado de limites com o Perú; reformou a marinha mercante nacional e de cabotagem; estabeleceu o registro civil de nascimentos, casamentos e obitos; ministerio que foi, de facto, após a victoria sobre o Paraguay, um sopro de renovação progressiva por todo o Paiz”.

Entretanto, parece, nenhum dos seus grandes serviços o recommendaram á gratidão e á popularidade nacional, quanto o que se contém na Aurea Lei da Redempção do Ventre escravo, de 28 de Setembro de 1871, extinguindo a “pirataria exercida á roda do berço, nas aguas da jurisdicção divina”.

E elle só bastára para a gloria de um estadista, tanto amis quanto o testemunho da Historia nos diz do herculeo esforço, da diamantina rezistencia, da imperturbavel tenacidade do glorioso chefe do gabinete, denodadamente batendo-se na tribuna parlamentar, com o exito que a eminente prezenciador da grande pugna, valeu o commentario de que “rarissimas vezes, em qualquer parte do mundo, quer na historia antiga, quer nos fastos modernos, a intelligencia humana, como providencialmente superexcitada, conseguiu um desses triumphos, victoria assignalada tão completa”.

Convertia-se, assim, em lei o maior passo para a abo-

lição da escravatura, aquella mesma providencia que, para maior gloria da nossa terra, tão convencida, hoje mais do que nunca, de que deve pedir ás tradições dos seus grandes filhos luzes para as incertezas e hezitações que nos suppliam o presente, para a sua maior gloria, já estabelecera, na loja America, tres annos antes da lei da emancipação dos nascituros, o maior de todos os Brasileiros, o representante maximo da nossa raça, o nosso orgulho—Ruy Barbosa!

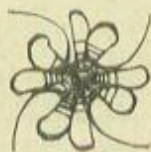
A placa de marmore que hoje se colloca no salão nobre do Instituto, é mais do que uma homenagem á memoria sacrosanta do Grande Rio Branco 1º.; é motivo de grande ensinamento aos coevos e porvindouros; é cumprimento de dever civico; é culto á nossa Historia.

Por dadiva do Céu, o cyclo luminoso da sua vida terrena não se cerrou na sua pessoa, ao morrer; não quero apenas reaffirmar que a sua vida, na sua memoria, será eterna para o Brazil; quero antes, precisamente, frizar que o fructo abençoado do seu amor, aquelle que, mais tarde, Barão do Rio Branco, veio a ser o Deus Terminus da nossa Patria, veio, ao mando de Deus, prolongar ao Brazil a ventura, a graça de ter Rio Branco ligado aos seus altos destinos.

E, agora, que a nossa desdita do convívio material e da assistencia palpavel de ambos nos privou, não estamos cegos que não possamos “seguir no ether immaculado o curso da sua imagem luminoza” (Ruy Barbosa)—Pae e Filho confundidos, manifestos, na convergencia dos effluvios da immensa gratidão de todo um Povo.

Senhores:—A ordem do meu coração, o meu coração de Pae e o meu coração de brasileiro, me impõe aqui um externar de intimo sentimento que é tudo o que ha de mais sagrado, impolluto e sincero:—hoje, cumprindo o meu dever de socio desta casa, sirvo de porta-voz do que nem era preciso dizer por altear a grandeza da homenagem que se presta á memoria do Visconde do Rio Branco, á passagem do centenario do seu nascimento; hoje mesmo, o meu coração festeja, com a santa alegria que é possivel ter nos tempo que correm de apprehensões do futuro, o primeiro anniversario do meu filhinho varão:—juro-vos, sob a fidedignidade desse motivo e desse momento:—peço a Deus que illumine os nossos dirigentes com os exemplos de vidas como a do Visconde do Rio Branco, com a mesma sincera invocação com que, na modestia das minhas aspirações para

o futuro do meu descendente, lhe peço, ao mesmo bom Deus Omnipotente, que reserve ao seu futuro dias menos apprehensivos, menos carregados de escuridades para o destino da Patria do que aquelles que nos preoccupam, funestando o Mundo.



Sessão magna anniversaria de 3 de Maio de 1919

DISCURSO DO ORADOR OFFICIAL DR. THEODORO SAMPAIO

Meus senhores.

Eis-nos aqui, ainda uma vez, decorrido um anno, a commemorar anniversario desta casa, anniversario nacional, o do descobrimento desta terra, o da cruz de Christo pela primeira vez erguida nestas plagas, symbolo de uma civilização nova, marco imperecível na Historia, assignalando o berço de um grande povo.

No horizonte longinquo de quatro seculos, brancas velas se divisam ao longe no mar; cruces sanguineas desenhavam-se-lhes nos pannos enfunados; uma cruzada de novo genero, armada tão grande, como esses mares ignotos nunca viram, apropinqua-se das praias. Ha alvoroço a bordo; ha cantares e alegria; ha encanto na maruja, que se approxima desta terra nunca vista. Indias ou Molucas, terras do Cathay ou o que seja; ilha da *Vera Cruz* ou continente novo, qual porventura aos nautas se depare; "terra nova que se ora nesta navegação achou"; monte *Paschoal* ao longe no horizonte, alto e redondo, serras baixas ao sul delle, terra chã com grandes arvoredos mais perto, eis, meus senhores, o scenario desse grande dia. Mas vejo ainda, nesse passado distante, já n'um nimbo vaporoso do ideal, a solemniissima missa sob o esperavel, na corôa raza da enseada de Porto Seguro; ouço vozes entoadas de todos os padres e sacerdotes que ali todos eram; bandeira de Christo do lado do Evangelho. Depois, é Jesus-Hostia, que se alça sobre todas as cabeças reclinadas para a terra; corações que palpitam de fé e de amor patriotico; depois ainda, é o celebrante que despe as suas vestes rituaes e, de sobre uma cadeira alta, fala d'aquella victoria nova do Evangelho aos circumstantes lançados pela arêa alva.

Certo, Christo ali estava com elles, como nos dias da sua divina pregação nas praias do lago de Tiberiade.

Eis, meus senhores, o scenario que me acóde, ao relancear olhos da memoria por esse passado longinquo. E' um scenario de fé e de heroismo, as duas forças com que se edificam imperios; scenario em que os crentes mais humildes são os heróes da epopéa do mar-oceano, divinizados pelo sublime cantor dos Luziadas.

Deste scenario, em que o que sobreleva é um ideal de grandeza moral, é que me compraz apontar-vos o Brazil de hoje; não certamente para os contrastes de amargor; não tampouco para as depreciações compungentes que o meio aqui não tolera.

Nesta casa não ha senão suggestões para o bello, para o justo e para o bem. Para longe de nós as quedas e desfallecimentos; um véo corra-se sobre as fraquezas humanas e n'um tumulto encerrem-se as suas paixões desordenadas. Aqui, nos dominios da moral, subamos, como para o cimo do Thabor, a montanha da transfiguração e das victorias, a buscar o horizonte largo dos ideaes.

Neste horizonte é que o Instituto preferentemente solemniza a data de hoje, recordando dos consocios, que ha pouco tombaram na morte, o que elles nos legaram de sua alma immortal, o que delles nos ficou para o patrimonio moral da nossa gente.

Irresistivel é no homem, meus senhores, o prestigio das idéas.

Vós acabastes de ver, ha dias apenas, o que póde a força moral ao serviço de um ideal superior. Um cyclone não teria feito tanto sobre as aguas pesadas de um mar morto. O verbo incomparavel de um homem, com essa força mysteriosa do Orphêo dos Hellenos, vós bem o vistes, como arrastou após si as vagas impetuosas, irresistiveis do oceano popular. Vós bem vistes o que pode um povo, tocado da chispa de um ideal nobilissimo, quando a injustiça insolente calca aos pés os meritos do homem genial, que o mundo inteiro sabe. Um sopro de vida intensa agitou os brasileiros ao ouvirem os accents propheticos da palavra de Ruy Barbosa. Uma força mysteriosa os impelle para a acção, para a lucta, para as conquistas supremas do ideal, as unicas que verdadeiramente dignificam um povo. Bemdicto o verbo que desperta n'uma geração adormecida este sentimento do elevado destino do homem.

São as victorias moraes, meus senhores, que esta casa, dedicada ao culto do ideal, não pode esquecer nem silenciar. A Historia, antes de tudo, é uma lição moral e nenhuma lição é mais edificante do que esta da solidariedade das massas populares com o homem a quem a injustiça, equiparada ao repudio, tão duramente offendeu.

Diante dessa attitude das massas, cada um de nós se sente crescer, como se um "*Deus in nobis*" nos estivesse a erguer acima da pequenez ordinaria dos homens.

São ainda dessa natureza moral os protestos que de toda parte se levantam contra decisão do Congresso da Paz, attentando contra a dignidade humana, affrontando o christianismo e a civilização, com proclamar a desigualdade juridica das raças.

Diante da insolencia da medida victoriosa, o povo brasileiro estremeceu, elle, que, ha quatro seculos, se vem constituindo com a mescla de todas as raças, com o concurso de todos os povos, e até com o patrimonio moral de africanos e de amerindios, de que é elle aqui o successor nesta terra dos Tropicos.

Negar a egualdade juridica das raças, e negal-a com a collaboração de representantes do Brasil, é um verdadeiro attentado contra moral, diante do qual este Instituto não pode silenciar, um vilipendio aos brasileiros, cujo titulo de gloria, que os distingue entre os demais povos, é o da sua tolerancia, da sua equanimidade, da sua gratidão para com as duas raças que lhe cultivaram a terra e a enriqueceram, demonstração esta de um progresso moral que nem todas as gentes attingiram e que, neste particular, é a propria moral evangelica em acção, a mais alta criação que jamais saiu da consciencia humana.

Deixar o direito do homem, a propria dignidade humana, á mercê de um accidente de côr, é renegar seculos de luta dos mais gloriosos da historia da civilização, é preconceito que só a estupidez explica sem jamais se escusar.

Nunca os brasileiros, pelos seus costumes brandos, experimentaram aqui a ferocidade desse preconceito, que é a mancha mais negra dos costumes norte-americanos. Só estes é que sabem conciliar o espirito evangelico de suas crenças com a falta de piedade oriunda dessa ferocidade inconcebivel.

Diga-o Booker Washington, o negro illustre, repellido

por toda a parte, quando a peregrinar na Nova Inglaterra, buscava a sonhada egualdade dos homens que os da sua raça debalde esperavam, após a sangrenta luta da emancipação, decidida nas planícies do Potomac.

O negro illustre, que veio a ser uma das glórias do seu paiz e em quem Roosevelt encontrou o mais digno, o mais sabio para nelle honrar a raça redimida, conta elle mesmo, como lhe pesou fundo n'alma o estúpido preconceito dos seus compatriotas.

Não encontrou pousada em nenhuma estalagem na estrada da sua peregrinação. Era negro e ninguem o queria receber, ainda mesmo dando-se como empregado da diligencia cujos passageiros ahi pernoitavam. No pateo coberto de neve, teve o misero que perambular a noite inteira, n'um ir e vir incessante, por não ficar irregelado, porque o duro estalajamento não cedia a nada do seu des-humano preconceito.

Booker ainda nos conta humildemente as vezes tantas que dormiu sob as pranchas de um passeio de madeira, onde o declive do solo lhe permittia occultar-se das vistas da policia e abrigar-se da intemperie das noites frias, numa cidade de seu paiz onde não havia sequer uma estalagem que recebesse um negro.

"Muitas vezes passei nesta rua, dizia elle, já então uma notabilidade no seu paiz, a ver aquelle logar onde tantas noites dormi, disputando aos cães um palmo de terra com o risco ainda de passar aos olhos da policia como um malfeitor.

Por honra nossa e dos nossos costumes, meus senhores, taes episodios se não dariam nunca no Brasil, não fosse a alma brasileira a alma affectiva que é donde a piedade não deserta jamais. Ahi está porque não comprehendemos o insolito da doutrina triumphante no seio da Conferencia da Paz e porque o Brasil hade reprovar, si verificado, o voto infeliz dos seus representantes, naquella Conferencia.

Os anglo-americanos não comprehendem a civilização nem sentem a poesia da moral evangelica como nós. "A poesia do preceito que o faz amado, diz Renan, é mais do que o proprio preceito, tomado como verdade abstracta" (1). Dahi vem que a bondade nelles, anglo-americanos,

(1) — E. Renan. Histoire des origines du christianisme. 1.^o Livre. Vie de Jesus, p. 88.

é mais superficial que profunda; dahi também essa fero-cidade do preconceito de raça que os distingue e os não abona.

Aos anglo-americanos como aos povos imperialistas europeus a desigualdade juridica das raças decorre-lhes de necessidades politicas, não porem assim aos brasileiros cujas leis a não admittem. O brasileiro, elle proprio, representante de uma sub-raça, victoriosa neste clima torrido, onde o europeu puro sente não raro diminuidas muitas das suas phisicas energias, não toleraria jamais esse attentado contra a moral divina e humana, renegando todo um passado de luctas gloriosas e esquecido dos heróes que lhe talharam neste continente o mais largo quinhão de terras conquistadas.

Não pode haver desmentido mais formal ao ideal de paz e de fraternidade humana, que se quer assentar com a Liga das Nações do que essa doutrina da desigualdade das raças, agora triumphante no seio da Conferencia. Grande desillusão para o mundo, eis, meus senhores, em que redundará tanto sangue derramado, tantas riquezas destruidas, tantos soffrimentos padecidos em prol de um ideal que, por fim, se verifica inattingido!

Sobre os destroços de uma civilização que se subverte, como sobre o diluvio das paixões alvorotadas, sempre foi da expectativa universal ver triumphante, após a victoria, na consciencia dos vencedores, o ideal de egualdade dos homens e das raças perante o direito. Mas esse ideal, como, no fundo, todo o ideal é uma utopia. "Suppomos as condições do mundo real, ajuncta um grande pensador, muito outras do que deveras não são; figuramos um libertador moral, quebrando sem armas os ferros do negro, melhorando as condições do proletariado, libertando as nações opprimidas. Esquecemos que isso suppõe o mundo revirado, o clima da Virginia e o do Congo modificados, o sangue e a raça de milhões de homens mudados, as nossas complicações sociaes reduzidas a uma simplicidade chimerica, as estratificações politicas da Europa deslocadas de sua ordem natural". (2)

Mas, por isso mesmo, que estamos vendo o mundo social sacudido por tremendo cataclysmo, por isso mesmo que estamos a presenciar a liquidação do passado social é

(2)—E. Renan. Idem, pag. 129.

que já não podemos ter como utopia o ideal da egualdade das raças, já não podemos admittir o contraste do ideal com a realidade, pois que as revoltas da humanidade, que esse contraste determina, já triumphou sobre a fria razão e aqueles que a combatiam já lhes reconhecem, por honra do genero humano, a razão elevada.

Não trago para aqui a agitação das ruas, nem quero fazer reivindicações; longe de mim apaixonar os espiritos na atmospoera escura dos preconceitos; mas este Instituto, na sua alta funcção de cultura moral, não pode quedar-se indifferente ao retrocesso, que aquelle voto da Conferencia significa.

A protestarem, porém, contra a iniquidade da medida aqui temos, no nosso proprio seio, como no nosso passado nacional, resumbrando de moralidade e de grandeza, factos e individualidades procedentes das tres raças que constituem o nosso povo, lição moral, meus senhores, que nos vem dos consocios, o anno passado desaparecidos na voragem da morte, cujos caracteres ora rememoro, apresentando-os aos preitos da vossa homenagem e da vossa saudade.

E' nesse ambiente moral, em que os individuos não perecem, que eu os invoco, os consocios desaparecidos, e peço a este Instituto que os contemple.

Irineu Ferreira Pinto, fallecido na Parahyba, sua terra natal, cuja historia elle pacientemente buscou escrever. Vós aqui o vistes, quando ao 5.º Congresso de Geographia em 1916, aqui veio, representante do governo parahybano, e foi dos mais dedicados collaboradores naquella campanha memoravel. Era um espirito operoso e devotado ao culto do passado; tinha a nostalgia dos grandes espiritos e o entusiasmo dos que na vida encontram na immutabilidade do passado essa segurança, essa certeza que debalde buscamos no presente e que este, sempre fugaz, nos não concede. Em certa occasião, visitando Irineu Pinto este Instituto, vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Surprehendeu-as Bernardino de Souza, que o acompanhava na visita e lhe percebera a emoção. Era a nostalgia do passado, que o empolgava perante o modelo, que elle em vão tinha procurado para o seu Instituto da Parahyba, de quem fôra e morrera o Secretario e um dos mais laboriosos fundadores.

Ferreira Pinto, modesto funcionario dos Correios de

sua terra, colheu-o a morte quando ainda não lograra elle realizar o seu ideal de tantos annos:—uma remoção para a Bahia e a conclusão de sua obra de subsidios historicos—““Datas e notas para a historia da Parahyba””.

Não o distanciou muito na morte o Commendador Theodoro Teixeira Gomes, nosso illustre consocio, que, após prolongados soffrimentos, encerrou aqui uma existencia laboriosa e fecunda. De genio activo, animo decidido, resolutio, por vezes, até assomado, ainda que sempre dedicado ás boas causas, Theodoro Teixeira Gomes logrou distincta notoriedade na sociedade bahiana, onde se impoz pelo seu trabalho, pelo seu character independente e pela sua iniciativa. Foi aqui parte em quasi todos os empreendimentos que visavam o progresso e melhoramento desta cidade onde nascera. Dirigiu empresa de vehiculos urbanos por muito tempo; serviu ao Municipio no seu conselho deliberativo e foi provedor da Santa Casa da Misericordia mais recentemente, cargo em que prestou assignalados serviços, reconstituindo-lhe o patrimonio, reedificando predios de sua propriedade, augmentando-lhe os edificios hospitalares.

O Provedor Teixeira Gomes teria errado, dispensando nos hospitaes os serviços das Irmãs de S. Vicente de Paulo? Penso que sim.

Não o fez decerto por lhes desconhecer o merito e a dedicação sempre victoriosa nas lides da caridade, mas por exagerado espirito de disciplina que aliás um pouco de tolerancia poderia ter evitado, poupando-lhe á magoa, talvez um remorso, espinho que elle, porcerto, não desejaria encontrar entre as flores dos seus triumphos na vida.

A Luiz de Oliveira Vasconcellos, nosso consocio fallecido em Junho, supram as flores da saudade, que daqui lanço sobre a sua memoria, as deficiencias de que me accuso no recordar os seus feitos na vida. Era estabelecido com casa commercial nesta cidade e viveu a vida modesta que a profissão e os seus meios de fortuna lhe proporcionavam.

Na mesma successão em que a morte nol-os foi arrebatando, eis que se me depara a imagem do filho muito amado, Fructuoso Sampaio, fallecido aos 34 annos de idade, a 28 de Julho de 1918. Que dizer-vos d'elle, eu que tive, como seu pae, o infortunio de lhe sobreviver? Si do meu destino ingrato foi mercê somente conhecer-lhe as

qualidades peregrinas, para ainda mais amargar-me de sua perda sem remedio, que posso eu dizer-vos de sua memoria que me não embarguem a voz as lagrimas mal contidas? Concedam-me, pois, meus senhores, passar adiante; concedam-me guardar no intimo o que significar possa para convosco uma lagrima silenciosa. (3)

Engenheiro tambem como esse que o precedeu na morte foi o Dr. José Caetano Tourinho, colhido na força da vida, aos quarenta annos, quando de ordinario é a idade em que no mundo se penetra nos umbraes da prosperidade. Formara-se agronomo; estivera de auxiliar na Estrada Central da Bahia; foi director da Secretaria da Associação Commercial, cargo que desempenhou com aptidão e, por ultimo, estava nas funções de Fiel do Thesoureiro do Correio Geral. Ligado a uma das mais distinctas familias desta terra, o nosso consocio, fallecido a 29 de Agosto, distinguia-se pela finura de seu trato e pela larga estima de que gozava na sociedade bahiana. Receba elle de todos nós, neste momento, as homenagens da nossa saudade.

São da mesma saudade as homenagens que daqui tributamos á memoria do modesto professor Amancio Pereira, tombado na morte a 13 de Setembro. Pertencia a essa phalange soffredora a quem cabe nesta terra o penoso mistér de educar os filhos do povo. Desprezados, queixosos, desprovidos do indispensavel para a decencia do ensino, os professores representam entre nós, apesar dos seus protestos e ao contrario de toda a parte, um indice de decadencia e, todavia, não é delles essa deca-

(3)—Fructuoso Theodoro Sampaio, filho legitimo do Engenheiro Civil Theodoro Sampaio e de sua mulher D. Capitolina Maia Sampaio, nasceu no Sabocioiro, nos arredores desta cidade, a 12 de Novembro de 1883; estudou aqui e em S. Paulo as primeiras lettras, onde fez os seus estudos preparatorios. Coursou a Escola Polytechnica de S. Paulo, onde se formou, em 1908, engenheiro civil e architecto. Em 1909 transferiu-se para a Bahia, onde veio auxiliar a seu pae nos trabalhos technicos do saneamento da cidade, trabalhos que eram de seu contracto com o Municipio. Dedicou-se aos trabalhos architectonicos; construiu varios predios nesta cidade, entre outros os da Santa Casa da Misericordia na cidade baixa e o Instituto Vaccinogenico, de sociedade com o Engenheiro Evandro Pinho. Morreu fiscal da Escola Polytechnica da Bahia, cargo que desempenhou com raro escrupulo e competencia, como bem o reconheceu o Conselho Superior do Ensino.

dencia, que sinceramente lamentamos. Justiça lhes seja feita.

No ensino do povo está a nossa salvação, meus senhores, e esse ensino, por desgraça nossa, anda, de ha muito, descurado; e, todavia, ninguém ignora que, em toda parte, esse ensino é o progresso, é a esperança, é a gloria do mundo.

Quando á distancia percebo a voz das crianças na escola, parece-me que estou a ouvir a musica do futuro, saudando a victoria da patria de amanhã. O mestre é o factor maximo dessa victoria. Honremol-o, prestigiemol-o e teremos a patria em triumpho.

Oxalá que o echo destas palavras, aqui pronunciadas deante da memoria do professor extincto, desperte, nos homens de bôa vontade, o espirito da concordia, o desejo de justiça, o amor da infancia em torno da escola, erguida esta á altura de sua augusta missão, como a verdadeira officina da grandeza nacional.

Arthur da Nova Monteiro, jovem ainda, bello de compleição e de espirito, foi um golpe traiçoeiro da morte que nol-o arrebatou cheio de vida e de esperanças.

Como é doloroso, meus senhores, ver pendidas, murchas as flores de uma geração, correndo a fim tão prematuro!

Arthur da Nova Monteiro, aos trinta annos, quando a morte o colheu, advogado, jornalista, *sportman*, gosando de larga estima no seu meio social, era o producto de uma cultura esmerada, feita através da Suissa e da Allemanha. Formado em sciencias juridicas e sociaes pela nossa Faculdade de Direito em 1914, serviu ainla no commercio cerca de tres annos, antes de se transferir para S. Paulo, onde, a serviço do governo, logrou desepmenhar funcções de destaque e de confiança. No jornalismo desta capital, onde de moço collaborou com enthusiasmo, não o esquecem os seus companheiros de luta.

O Instituto inclina-se pezaroso ante a sua memoria e cobre de saudades essa esperança que elle foi e que feneceu tão breve.

Mas a morte desapiedade, deixando de ceifar nas flores da juventude, voltou-se para os campos amadurecidos da experiencia da vida e nos arrebatou a breve praso, successivamente Torquato Bahia, Samuel de Almeida, Dias Coelho e lá, no Chile longinquo, o brasilophilo e polygrapho Clemente Vega.

Que dizer-vos de Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo, nosso mallogrado Vice-Presidente, que já não seja do vosso sentir, meus senhores, e não esteja a resumir da sinceridade e calor dos affectos de nós todos?!

Torquato, não lhe pronunciaremos aqui o nome sem o horbulhar de uma lagrima de saudade, era uma alma de ouro n'um corpo robusto, *mens sana in corpore sano*, como de regra na profissão que primeiro abraçou e a que elle serviu com a sua reconhecida e acatada proficiencia. Espirito sempre jovem a que a experiencia e o saber não desviaram jamais da attracção da poesia; alma aberta aos nobilissimos ideaes pelos quaes deu o melhor dos seus annos de juventude, foi para o jornalismo que o seu amor da liberdade o impelliu ainda bem moço, a batalhar ao lado de mentalidades eminentes, dos paladinos do liberalismo constitucional, que fizeram da imprensa bahiana naquelle tempo o oraculo da opinião nacional. Torquato Bahia priva com elles na boa irmandade das idéas. Professor fizera-se publicista, e teria sido um politico profissional dos bem succedidos, se o não detêm na carreira encetada exigencias outras que o atiraram para o funcçionalismo publico. Distinguiu-se neste, como se distinguiria em qualquer carreira que o destino lhe deparasse, porque ao seu talento maleavel não faltava envergadura para os mais alevantados commettimentos. Governo de adversarios, como o do Cons. Luiz Vianna, soube reconhecer-lhe o merito, e o promoveu, de salto, ao cargo de Official Maior na repartição do Thesouro do Estado, cargo que elle honrou com a sua illustração e indefectivel probidade até morrer. Por ultimo, do desempenho do cargo de Director a que interinamente servia, afastaram-n'o os responsaveis do Governo. Perda de confiança? desaccordo inconcertavel? escrupulos mal entendidos? reservas para as quaes a sua notoria probidade já não bastava? Não sei. A anciandade, porém, a que já ia entrando o funcçionario illustre devia, *in solido*, garantil-o. Registemos, todavia, sem prejudgar, nem accusar a ninguem, que, ao golpe recebido, a morte foi a verdadeira e unica confidente do funcçionario desilludido.

Torquato Bahia, aqui nesta casa, era o espirito de concordia e de união. Não se appellava para elle em vão, quando a harmonia neste regaço o exigia. Era um bom no verdadeiro e simplissimo sentido da palavra. Triumphava

sincero, quando outrem, aquem amava, triumphava. Sentia-se victorioso, se quem vencia não era elle, mas o amigo a que melle estreitava ao peito.

Espirito de eleição, se me estás a ouvir daqui d'onde te invoco, crê na sinceridade dos affectos de nós todos; acceita as nossas saudades com as mesmas virtudes d'alma com que, em vida, tu te nos impuzeste á nossa estima.

Não me restabeleço da emoção, quando me volto para o tumulto onde repousa o Padre Samuel Elpidio de Almeida, nosso illustre consocio, ha pouco fallecido. Doutor em direito canonico, monsenhor dignatario da Egreja, professor emerito, membro da Camara Ecclesiastica, o Padre Samuel era um vulto de destaque no clero e na sociedade bahiana. Cultor apaixonado das lettras latinas de que era professor no Gymnasio do Estado, era agora um dos raros mestres desta disciplina, lembrando a velha tradição da cultura classica na Bahia. Possuindo meios de vida independente, fundou capella e povoado nas suas terras de S. José do Acepe e se fez protector da gente pobre daquellas redondezas, onde a sua estima e influencia todos acatavam. Falleceu o nosso distincto consocio aos 51 annos de sua idade, ainda na força da existencia, e quando a maturidade incipiente já se desata em delicados e dulcissimos fructos na colheita da vida. O Instituto, a cujas sessões era elle dos mais assiduos, não o esquecerá. A sua memoria viverá entre nós como a dos mais dignos dos nossos affectos.

A morte de Francisco Dias Coelho, no longinquo sertão do Morro do Chapéo, é mais uma magua para este Instituto e tambem um bellissimo exemplo do que póde o character e de que a virtude não conhece preconceitos de raças.

Dias Coelho, conheci-o eu, uma vez, de viagem do Rio de Janeiro para aqui. Era um homem preto de maneiras comedidas, quasi timidas, a quem, a bordo, cercavam de especiaes attensões uns louros filhos da Germania, attensões aliás a que a modestia do homenageado tornavam mais distinctas. Apresentaram-n'o a mim como um chefe sertanejo de real e consideravel prestigio, o que eu mesmo verifiquei no praticar com elle.

No trato era de uma modestia e simplicidade captivantes. Conversando, era todo polidez e attenção; ouvia mais do que dizia, e a rectidão do espirito dominava o

seu pensamento si o tinha de manifestar. Compreendi então o segredo daquelle grande prestigio. Residia todo elle na moderação indiscutível de Dias Coelho, no seu tacto fino no lidar com os homens, na sua inteireza e probidade exemplares. Sabia ouvir e soffrer paciente-mente e, nisto, justificou em toda a sua vida aquella sentença de Milton—"Quem melhor sabe soffrer, melhor sabe proceder".

Por isso o seu prestigio na politica do sertão e nas relações commerciaes ia longe. Em Goyaz, Minas e Piauhy corria a fama do seu nome. Era o representante commercial das principaes firmas desta praça que o honravam com a sua confiança. Intendente do Morro do Chapéo, cargo que exerceu com a maxima probidade, promoveu ali a diffusão do ensino primario, estimulou a lavoura, promoveu o desenvolvimento das industrias, melhorou estradas e caminhos, construiu pontes e era todo zelos na gestão das rendas municipaes, com o que deixou um exemplo de probidade que bem poucos imitam.

A desigualdade das raças perante o dierito, tem no character e na vida deste homem o seu mais solenne desmentido. O Instituto, que se honra com a sua memoria, aponta-o e o proclama.

Não encerro, meus senhores, esta resenha necrológica sem um preito de saudade á memoria de Clemente Barahona Vega, fallecido no Chile a 28 de Agosto ultimo e que, por seus escriptos, por sua acção sympathica em prol do Brasil na sociedade chilena, mereceu nas plagas transandinas o epitheto de *brasilophilo*. Barahona Vega, poeta e polygrapho, vulgarizou na sua patria o melhor do nosso cabedal litterario e artistico. Fallecendo agora, foi mais um laço de amizade que se partiu entre brasileiros e chilenos. Oxalá que outros o substituam, mantendo a communhão intellectual com aquelle povo progressista, a quem oxalá não perturbem ciumes e malquerenças da politica internacional, nuvem negra a pairar sobre o horizonte de fraternidade dos sul-americanos.

Ponho aqui fim aos meus preitos de saudade, que são tambem os vossos, meus senhores, com um voto pela paz do mundo, na imminencia de uma tremenda e innenarravel desillusão, qual se receia e se annuncia.

Que os nossos anseios por nobilissimos ideaes, que são da propria essencia da civilização e orgulho da especie,

se não desatem agora em calamidades, quaes as annunciadadas outr'ora naquellas mysteriosas palavras de fogo do festim de Balthazar; que um novo Daniel appareça a decifrar esse enigma, que é a partilha do mundo, diante do novo evangelho politico, dictado pelo presidente americanos a vencidos e vencedores; que aos nossos ideaes de tolerancia e generosidade brasileira se não opponham jamais preconceitos que não honram a ninguem e que, por sobre todas as aspirações particulares das nações reunidas, vingue e triumphe a paz do mundo, como uma victoria da consciencia humana.

THEODORO SAMPAIO.



RELATORIO

das principaes occurrencias da vida do Instituto Geographico e Historico da Bahia, de 3 de Maio de 1918 a 3 de Maio de 1919, lido pelo 1.^o Secretario Perpetuo Dr. Bernardino José de Souza na Sessão Solemne Anniversaria realisada aos 3 de Maio de 1919

Meus dignos ouvintes

Carissimos confrades

E' a lei organica do Instituto que hoje nos convoca neste recinto, onde tantas vezes temos recebido, nos cumulos dos vossos applausos, as seguranças do vosso arrimo á missão patriótica que empreendemos entre lidas incontaveis.

Eis-nos assim e mais uma vez á sombra da vossa honrosa companhia, sob o amicto do vosso patrocínio vivificante, nesta tenda em que trabalhamos pelo engrandecimento da Bahia e pelo renome nacional. Eis-nos mais uma feita, reunidos em sessão solenne, commemorativa do nosso anniversario, o vigesimo quinto de uma existencia accidentada, em cujo correr nos não têm escasseado as graças da ventura e os embates da desdita, os louros do triumpho e os embargos da sorte adversa, os mimos da vossa munificencia e os apôdos da inveja contumaz.

Celebramos agora, em meio do côro unisono das nossas alegrias confiantes do futuro e das prendas das vossas gentilezas a data festiva do nosso anniversario de prata. Vinte e cinco annos já se foram da fundação deste Instituto numa das salas do benemerito Gremio Litterario desta Capital. Em torno da mesa mais tosca desta casa, ora coberta de flores numa recordação de affectos, sentaram-se em 1894 os fundadores, phalangiarios de uma

nova cruzada de luz, reprofundando os alicerces de um novo scenario para as justas do espirito, aqui memorando heróes, alli preparando as gerações para o futuro, hoje rendendo o preito de uma gratidão sem macula, amanhã compondo estímulos para a grandeza da Patria. Ergueram o tabernaculo das nossas tradições: e de ha cinco lustros começou a faina sem treguas de enthesoírar lembranças de anoitecida memoria, joeirando cimelios preciosos de eras que se foram, a tarefa gratissima de relembrar os heróes, tributando-lhes os penhores do agradecimento postero, de promover o conhecimento perfeito de nossa terra, aporfiando por desvendar os seus segredos e as suas reservas, os seus matizes e as suas abundancias, de accender e reaccender a chamma sagrada do amor patrio, elemento moral de efficiencia irretorquível na formação de um povo capaz e forte.

Em verdade, senhores, não sei de palavras que bastem para traduzir a gratidão que a Bahia deve aos pionneiros desta lida. O que sei é que as gerações actuaes guardam vigilantemente o legado valioso que receberam, mais e mais consolidando esta obra de amor e de veneração, desvelando-se por que a companhia cumpra com lealdade a missão nobilissima que lhe traceja o preceituário inicial dos Estatutos que a regem.

Por isto mesmo é que todos os annos, quando o Brasil inteiro, immenso e unido, das latitudes visinhas do Prata ás paragens que têm por pedestal o maior circulo do planeta, das beiras do mar no levante ás linhas fronteiriças no poente, commemora o achamento da terra das palmeiras pelos nautas de Cabral, o nosso Instituto, concorrendo para as festividades de uma data evocadora de tanta fama, consagrada pelo symbolo da cruz que drapejou primeiro ao sopro de nossas aragens e primeiro se fincou num sulco do nosso torrão, celebra o seu anniversario, honrado sempre pelas vossas presenças num julgamento sincero da causa santa por que pugnamos, reflectindo as vibrações maiores que a opinião publica nos presenteia sempre.

Merecemos sem duvida a vossa ajuda copiosa e farta. Desforramo-nos, como nos permitem os minguados haveres de uma sociedade pobre, dos compromissos ajustados para uma tarefa dupla.

Nas amplas searas da Historia praticamos a justiça

retrospectiva, que nos manda realçar a memoria dos que nos transmittiram mancheias de beneficios de sua iniciativa e de seus esforços e a esta accrescentamos outra justiça, não menos alta e acaso mais fecunda, que ordena se estimule todo o nobre trabalho e se abram novos horizontes a todos os vãos generosos. A primeira é a justiça com o passado, a segunda é com o futuro; aquella aquilata o conceito de nacionalidade em sua mais elevada concepção, esta dá a este conceito toda a sua potencialidade e toda a sua efficiencia; uma é a ressurreição de glorias mortas, outra o appello a glorias nascentes; uma nos illustra, outra nos engrandece.

Nas provincias da Geographia não diminuimos a labuta da elaboração de uma idéa verdadeira do scenario em que se desdobram as nossas actividades, grangeiando-se o campo para as luctas da vida, tanto mais asperas quanto mais arcanos se descobrem e mais thesouros se desentranham. Dominando os grandes movimentos historicos e regulando o curso do progresso social, explicando a propria marcha da civilização, a Geographia se impõe hoje em dia a todo o espirito são, como um dos ensinamentos mais uteis ao homem. Neste particular vamos a lançar e lançar armazenando as pedras da construção ainda em esboço de uma geographia certa.

Taes assertivas não são phantasias e arroubos de quem perdidamente ama o Instituto: são realidades irrefragaveis de que vos convencereis na ouvida da minha palavra desbotada, contando-vos a nossa vida durante o ultimo anno social. Este é o meu dever, todos os annos repetido neste dia e neste logar, ao geito de uma sombra mal tingida do bello quadro que testemunhamos.

Apontar-vos-ei por ementas a conta dos trabalhos levados a effeito ou apenas encetados nos doze mezes vencidos. O meu Relatorio é hoje, como hontem, uma fala sincera aos irmãos, lealdosa para os ouvintes, sem rodeios para o publico, mirando obter a solicitude dos primeiros, a protecção dos segundos e a graça efficacissima do terceiro nas dadivas da sua generosidade farta, valendo tambem como uma exortação á ajuda perenne da municipalidade de todos. Fal-o-ei a breve trecho, tendo em preço o conselho daquelle orador atheniense que era o machado dos discursos de Demosthenes, que dizia procurar sempre, antes de vingar os marmores da Agora, supprimir aquillo

que não fosse digno da attenção dos livres cidadãos da Attica.

Exculpai-me pois das delongas inevitaveis da narrativa dos nossos feitos num anno fructuoso: não é do meu proposito retardar a ouvida do verbo applaudido de Theodoro Sampaio, sempre acclamado, sempre maior, cadâ vez mais querido no seio da cohorte resoluta dos romeiros deste templo.

REUNIÕES E TRABALHOS

Corramos de ligeiro a vista pelos 365 dias passados. Celebramos onze sessões, das quaes foram cinco extraordinarias, quatro ordinarias e duas de palestra ou tertulia. Aos 21 de Julho de 1918 o nosso dedicado 2º. Secretario, Dr. José Wanderley de Araujo Pinho, leu em sessão ordinaria um excellente trabalho sobre o vulto proeminente do Cons. José Antonio Saraiva, estudando-o *no berço, na escola e na aurora da sua vida publica*. Mais uma vez o nosso talentoso confrade teve oportunidade de revelar o seu pendor para as investigações historicas, discreteando sobre os inicios promissores da vida de um dos mais altos expoentes da historia politica da Bahia, de um dos mais clarividentes estadistas dos tempos memoraveis do antigo regimen, chefe glorioso do 28º e 33º (28 de Março de 1880 e 1º. de Maio de 1885) ministerios do Segundo Imperio, que conquistou a sua maior laurea no estabelecimento da eleição directa, isto é, do voto livre "e de escol".

E como se não bastasse para illustração do nosso diario essa pagina de historia, o illustrado confrade Dr. Acacio de Campos França, brioso continuador do renome justo dos Françes da Bahia, deu-nos a honra da ouvida de uma memoria sobre *Arte* em torno da *Propagadora das Bellas Artes*, sociedade que se fundou nesta Capital em 1917 com o escopo alevantado de: velar por todos os objectos de arte, existentes no Estado; instituir cursos para o ensino das artes liberaes, inclusivé a dramatica, servidos por bibliotheca, museu, pinacotheca; organizar concertos, exposições, representações e conferencias publicas; commemorar datas concernentes á arte. Depois de traçar um ligeiro escoreço do desenvolvimento das artes na Bahia, outr'ora tão florentes, relembra com

saudades o nome de Lopes Rodrigues, "um dos maiores pintores do Brasil e o primeiro neste Estado em todos os tempos, pela somma de seus dons", que se despede da vida no momento em que deixara assentada as bases da "instituição esperançosa", creada para "despertar o estímullo da juventude, accendendo em nossos corações o amor da excelsa belleza, irmã gêmea da suprema bondade".

No dia 13 de Agosto memoramos condignamente o jubileu litterario do genio do Brasil. Rendemos então ao maior vulto da intellectualidade americana homenagens muito affectuosas, tambem excepçionaes, por isso que jamais se tributaram aqui, tenda do passado, preitos a vivos. Elle, o Cons. Ruy Barbosa, o primeiro, talvez o ultimo, pela sua unicidade infrequente. Sob proposta do nosso venerando Presidente, Cons. Carneiro da Rocha, conferimos-lhe o maior titulo da nossa Casa—o de Presidente Honorario—. Creamos uma secção especial da nossa bibliotheca para enfileirar as suas 124 producções e recolher os seus autographos preciosos. Inauguramos uma placa commemorativa do acontecimento com os seguintes dizeres: *Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia a Ruy Barbosa, no dia do seu jubileu litterario—13—8—1868—13—8—1918*. Foi interprete dos nossos sentimentos o sempre chorado amigo-irmão, o Prof. Torquato Bahia da Silva Araujo. A sua oração foi o seu canto de cysne, tocante, eloquente, feito de affectos ao "coração que se não desdoirava de lhe querer como elle o queria". Falando aqui pela ultima vez, traduziu á justa o nosso fito, exalçando as campanhas luminosas do espirito inconfundivel do seu grande amigo, que era, "como se procurassemos synthetizar nas inscrições de uma pedra esse carrear estupendo de saber e erudição, que a sua intelligencia incessantemente tem feito durante esses gloriosos cincoenta annos, ante os olhos maravilhados, não simplesmente da porção culta do paiz, mas de todos os centros cultos do mundo, onde, nas magnificencias de sua palavra, chegam os seus livros, os seus escriptos, os seus discursos".

Roberto Correia, o fetejado poeta-pedagogo, encerrou a apotheose, recitando uma das suas mais inspiradas poesias, cantando-lhe os valores de diplomata, orador, estylista, jurista, estadista, advogado, jornalista e philologo, em 15 estrophes bellissimas.

Reunimo-nos neste recinto em 7 de Setembro para

uma commemoração a mais da maior data nacional. Tivemos então a fortuna de ouvir uma palavra respeitabilissima, gloria de sua gloriosa Companhia, immortalisada pelos seus feitos no Brasil desde a éra memoranda da catechese dos caboclos, quando avultam agigantados os nomes de Nobrega, Anchieta e Vieira, soberba trindade da mais famosa ordem religiosa de todos os tempos e de todos os logares. Muitos de vós se encantaram nas palavras do Revmo. Padre Luiz Gonzaga Cabral sobre a *Categoria e Orientação dos Estudos Geographico-Historicos*. Quasi nada vos direi desta magnifica leitura, sublime de grandesa moral, quando nos afiançava que "sem quebra de seu patriotismo, antes com enthusiasmo de um coração lusitano", "era com sinceridade, com amor e até com innocente orgulho que o seu coração de portuguez se associava aos nossos corações de brasileiros nas alegrias daquella data festiva", a maior da nossa historia, em cujos livros se descortina sempre "a terra de Santa Maria e a terra da Santa Cruz, unidas outr'ora numa só Patria, desdobradas hoje em duas nações irmãs, estreitando sempre num mesmo amplexo o Patriotismo e a Religião, a Bandeira querida e o Estandarte da Cruz.

A 29 do mesmo mez, em sessão ordinaria e de tertulia, falaram o velho professor bahiano Dr. Julio Palma e o illustre sacerdote Padre João de Barros, aquelle discursando á margem de um trabalho dos Drs. Belisario Pena e Arthur Neiva, publicado no fasciculo III do Tomo 8.º (1916) das Memorias do Instituto Osvaldo Cruz e o segundo fazendo uma chronica elegante sobre uma sessão antes realisada neste cenaculo. Tivemos nesse dia a honra da palavra ponderada e fluente do Dr. José Pires do Rio, contando-nos as suas impressões de viagem pela Amazonia de onde tornara alguns dias antes. Tantos applausos mereceu a sua communicação, que o nosso estimado consocio Dr. Armando de Campos, interpretando o sentir do Instituto, lembrou a idea da realisação de uma Conferencia, que se effectuou aos 11 de Outubro seguinte.

Perante uma assembléa maior de uma centena de ouvintes o notavel engenheiro, agora mesmo num dos postos de vanguarda da administração da Republica, prendeu a nossa attenção por 90 minutos ligeiros de passar: foram paginas admiraveis de observação e de eru-

dição. Disse-nos muito sobre o aspecto Economico actual da Amazonia, valorisando-se ainda mais a sua Conferencia nos topicos em que nos deu o seu depoimento optimista, em relação ao valor dos nossos patricios que trabalhavam nas terras "ainda em ser", tumultuantes e mysteriosas do grande alagadiço amazonico e de outras paragens madrastras, caboclos heroicos e energicos, muito distanciados da displicencia e enervamento do Geca Tatú, piraquara do Parahyba, que Monteiro Lobato quiz tornar em symbolo dos nossos sertanejos.

O Dr. Alfredo Magalhães, o Coronel Antonio Vianna e o Professor Roberto Correia occuparam a attenção do Instituto na reunião de 15 de Dezembro: o primeiro, recordando os trabalhos do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, de que foi um dos fundadores e é, sem duvida, a alma mais dedicada e a vontade mais em seu prol; o segundo, lendo interessante communicação sobre os erros que em livros e jornaes de além fronteiras se perpetram nos campos da nossa geographia, suggestões patrioticas que lhe saltaram a mente com a leitura de um periodico new-yorkino em que se falava de uma Provincia de Castanhas nas terras do Brasil; o terceiro recitando um poemeto cheio de moral sob o titulo—*Barbas brancas não se cortam*.

Aos 16 de Março do anno corrente a nossa sessão ordinaria foi illustrada com a memoria do Engenheiro Appollinario Frot, geographo militante de muitos credits em nosso Estado, a respeito da zona que medeia entre Barreiras e S. José do Duro, em Goyaz, onde se haviam passado acontecimentos bem graves, determinando os preparativos de uma intervenção militar. Apresentando em dois quadros negros o *croquis* da região estudada e da Pedra da Balisa, maravilha natural perdida naquelles sertões longinquos, S.S. empolgou a nossa attenção por espaço de uma hora. E depois da sessão ordinaria, com uma comparencia vultosa, realizamos a justissima commemoração do primeiro centenario do nascimento do preclaro Visconde do Rio Branco. Então se inaugurou neste Salão uma placa de marmore analoga ás que temos collocado aqui, relembrando os nomes de Cotegipe, Zacharias de Góes e Teixeira de Freitas. Orou em nosso nome, e a meu pedido de irmão, o brilhante advogado e professor de Direito Dr. João Marques dos Reis, cujo

discurso, ouvido de pé em preito significativo á memoria sagrada, foi mais uma affirmação do seu talento, que soube enfeixar em synthese bellissima a vida emerita de um dos mais preclaros dos nossos homens representativos.

Quando reunidos em sessão de 22 de Julho de 1918, tive oportunidade de occupar alguns minutos da nossa tarefa, tratando da questão de limites entre a Bahia e Pernambuco. Chegara ao nosso conhecimento por uma local do "O Imparcial" desta Capital, que se pretendia renovar no Senado da Republica o Projecto do saudoso constitucionalista João Barbalho, que, em tempos, mandara incorporar ao visinho do Norte a antiga Comarca do Rio S. Francisco. Por proposta minha, o Instituto nomeou duas commissões, afim de se entenderem com o Dr. Governador do Estado e com o Senador bahiano Dr. José Joaquim Seabra, resolvendo ainda telegraphar aos dois outros representantes da Bahia na Camara alta. Não obstante as informações do illustre Senador Dr. José Joaquim Seabra, explicando a improcedencia da noticia, a commissão obteve do Sr. Dr. Governador a ordem de publicação do Parecer do eminente jurista Dr. Eduardo Espinola em defesa dos nossos direitos. O Instituto Historico poz-se de pé, immediatamente, logo que correu a nova de mais um ataque ao nosso territorio, surpreendendo-nos. E tanto mais surpreendente era a noticia quanto todos nós sabemos que no proximo Sexto Congresso Brasileiro de Geographia a realizar-se este anno, de 7 a 16 de Setembro, em Bello Horizonte, um dos maiores objectivos é o entendimento entre os representantes dos varios Estados para uma solução pacifica, legal, dentro da ordem constitucional. Vem de molde dizer que, quanto a nós, devemos estar seguros da bôa defesa dos nossos interesses, em bôa hora confiados á competencia inilludivel do nosso consocio Dr. Braz do Amaral, que de ha muito se vem especializando nas questões das nossas linhas divisorias.

FESTAS CIVICAS E COMMEMORAÇÕES

Não findou ahi a acção patriotica e educadora do Instituto.

A 7 de Setembro, antes da solemnidade que vos noticieei acima, promovemos uma festa civica, sem duvida das maiores e mais bellas que a Bahia tem presenceado.

Naquelle dia, contando com o patrocínio do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado e do Exmo. Sr. General Commandante da 3^a. Região Militar, organizamos uma procissão civico-militar que, entre os applausos da multidão, desfilou pelas principaes ruas da Capital, dessa Praça 15 de Novembro até o Monumento da nossa Independencia, no Parque Duque de Caxias. Forças militares do Exercito, da Marinha e da Policia do Estado, todos os Collegios e Gymnasios desta cidade, conduzindo em andores os retratos dos homens de prol da nossa emancipação, Commissions e Corporações, compuzeram o grandioso prestito. Em frente ao nosso edificio houve a cerimonia commovedora do coroamento das bandeiras auri-verdes dos corpos e gymnasios com palmas e flores naturaes por 6 meninas (*) trajadas com as cores da Bahia e do Brasil. Em frente ao Monumento ao 2 de Julho, antes de se dissolver o prestito, todas as bandas de musica executaram o Hymno Nacional, sob a regencia do Maestro Tenente João Antonio Wanderley.

O dia 2 de Julho do anno passado será uma das melhores ephemerides do Instituto. Terminavamos a feitura do *Pavilhão 2 de Julho*, pequeno Museu da Independencia, sito no largo da Lapinha, onde se acham recolhidos os carros symbolicos das lutas da liberdade bahiana, os queridos caboclos da população de Salvador. Não appellei debalde, deste logar e ha um anno, para o povo bahiano no sentido de nos auxiliar na reconstrucção da casa dos caboclos, então ruinas imprestaveis e deponentes. Elle nos deu os elementos para a nova campanha. Iniciadas as obras no dia 13 de Maio, poudes o Instituto, graças á dedicacão exemplarissima do Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, inaugurar o novo edificio, 52 dias após, a 2 de Julho, em meio de festas patrioticas, evocadoras das imponentes manifestações de outr'ora. Resumindo-as, eu vos direi que houve uma parada militar, missa campal celebrada pelo Revmo. Sr. Arcebispo do Ceará, D. Manoel Gomes, o içar da bandeira nacional pelas autoridades presentes, as palavras de abertura ao publico proferidas pelo nosso Presidente e o discurso official que pronunciei, fazendo um ligeiro estudo do nosso commettimento. Du-

(*) --- As meninas que coroaram os estandartes foram: Dagmar Carneiro, Diva Moniz, Lygia Gordilho, Maria Berenice de Souza, Suzana de Carvalho e Zelia Meirelles.

rante dois dias e duas noites milhares e milhares de pessoas visitaram o elegante Pavilhão, onde agora repousam seguros os carros historicos do caboclo e da cabocla, que o juizo incomprehendido das multidões transformou nos emblemas da Bahia redimida. O Instituto, fiel ao seu programma, respeitando a tradição, guardou-a condignamente, para carinhosamente zelal-a.

Ainda a 2 de Fevereiro tivemos a iniciativa de uma solennidade civico-militar de grande alcance patriotico: foi uma festa em applauso da briosa mocidade bahiana que aqui prestou o juramento á bandeira e recebeu as cader-netas de reservistas do Exercito Nacional. Em nome do Instituto saudei os moços do Tiro do Commercio (284), do Tiro Bahiano (86) e da Companhia de Guerra do Gymnasio Carneiro Ribeiro, que haviam sido aprovados nos exames requeridos por lei, respondendo-me em louvores da nossa acção o eloquente Presidente do Tiro do Commercio, nosso confrade tambem, Dr. J. G. de Lemos Britto.

Continuaremos, Senhores, nesta trilha: é uma das mais uteis funcções do Instituto, que vae assim assumindo o character de escola efficiente do amor da Patria, que nasce da educação civica e engendra o orgulho nacional.

DIRECTORIA E COMMISSÕES

De accordo com os nossos Estatutos, realizou-se a 15 de Dezembro do anno passado a eleição dos membros da Directoria e das Commissões Permanentes para o biennio de 1919—1920. O resultado da eleição que se fez, observadas todas as disposições regulamentares, já amplamente divulgado pela imprensa e por circulars que expedimos para todas as associações congeneres, foi o seguinte:

DIRECTORIA

Presidente—Cons. Antonio Carneiro da Rocha

1º. Vice-Presidente—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães

2º. Vice-Presidente—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral

3º. Vice-Presidente—Dr. João Gonçalves Tourinho

2º. Secretario—Dr. José Wanderley de Araujo Pinho

Orador—Dr. Theodoro Fernandes Sampaio

Thesoureiro—Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha

Bibliothecario—Dr. Armando Rebello Vieira Lima.

COMMISSÕES

De Fundos e Orçamento

Dr. Cleophano Meirelles
Prof. Francisco Torquato Bahia
Coronel Silvino Marques.

De Admissão de Socios

Coronel Antonio Vianna
Dr. Antonio Augusto Machado
Bacharel Adhemar de Mello.

De Estatutos e Revista

Dr. Bernardino José de Souza
Dr. Acacio Manoel de Campos França
Dr. José Wanderley de Araujo Pinho.

De Manuscriptos e Autographos

Dr. Pedro Augusto de Mello
Prof. Manoel Querino
Dr. Izaías Alves.

De Geographia

Dr. Francisco Marques de Góes Calmon
Dr. Manoel Augusto Pirajá da Silva
Dr. Manoel Monteiro Tapajoz.

De Historia

Prof. Antonio Alexandre Borges dos Reis
Dr. Descartes Drummond de Magalhães
Dr. Julio Sergio Palma.

Não houve eleição para 1º. Secretario, em virtude da resolução da Assembléa de 4 de Março de 1917, conferindo-me generosa e unanimemente o titulo de Perpetuo.

Tendo fallecido em Janeiro deste anno o Prof. Torquato Bahia, o Sr. Cons. Presidente designou para substituil-o na Comissão de Fundos e Orçamento o Dr. Francisco Souza.

Afora as Commissões permanentes, não raro, o Presidente, usando de attribuições legaes, tem nomeado Commissões especiaes para fins de representação, etc.

A *Commissão dos Monumentos e das Artes*, creada pela Assembléa, em sessão de 1.^o de Julho de 1917, tendo por objectivo assumir as responsabilidades da guarda e do zelo dos monumentos publicos, dos edificios particulares de valor artistico e historico e dos objectos de arte, de qualquer especie, livrando-os da acção destruidora do tempo e dos homens, já tem algum trabalho compaginado. O proximo numero da nossa Revista publicará uma parte da tarefa que tomou aos hombros o Dr. José Pinho.

Esta nossa acção mereceu elogiosas referencias do illustrado historiador e dedicadissimo Director do Archivo Nacional, nosso socio correspondente, Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, em Relatorio apresentado em Fevereiro deste anno ao Dr. Urbano dos Santos, Ministro do Interior. A' pagina 30 do alludido Relatorio, o Dr. Escragnolle Doria chama a attenção do Governo da Republica para a iniciativa do Instituto Historico da Bahia, o primeiro no Brasil a comprehender a importancia do problema da conservação "ao lado da historia escripta pelos homens a historia feita pela pedra, pela cal, pela madeira, por tudo quanto os seculos preteritos semearam para os vindouros".

SOCIEDADES CONGENERES

São cordialissimas as relações que mantemos com todos os 19 Institutos Historicos e Geographicos do paiz e com as demais Sociedades Scientificas e Litterarias do Brasil e do estrangeiro. E' com justo desvanecimneto que vos annuncio a recente fundação dos Institutos Historicos do Piauihy, do Maranhão e de Matto Grosso, os dois primeiros em fins de 1918 e o ultimo em 8 de Abril deste anno, por occasião das festas commemorativas da fundação de Cuyabá, capital do Estado. Logo que soubemos de tão promissores acontecimentos, mandamos-lhes os nossos applausos e a segurança da nossa solidariedade.

VISITAS ILLUSTRES

Além das frequentes visitas de viajantes estrangeiros, que sempre nos cumulam de phrases encomiasticas, tivemos a honra de receber em nosso seio personalidades eminentes nas lettras ou no exercicio de actividades patrioticas. Dest'arte eu vos referirei as visitas do Coronel Jeronymo

Coimbra, goyano illustre e viajado, que observou em dias repetidos as nossas collecções, e a dos dignos militares Major Alvaro Guilherme Mariante e Tenente Benicio da Silva, ambos do Estado Maior do Exercito Nacional, que vieram em companhia do nosso confrade Tenente Dr. Bina Fonyat, á procura de elementos para conhecimento da zona entre a cidade bahiana de Barreiras e a villa goyana de S. José do Duro. Puzemos-lhe á vista todos os mappas que possuímos e lhes fornecemos todos os informes possíveis a respeito de uma terra quasi desconhecida dos geographos. Em nome do Instituto e por sua utilidade publica eu vos affirmo que não poupamos esforços no compulsar de cartas e livros para o serviço dos dois mandatarios do Ministerio da Guerra.

Visitaram-nos ainda, em Abril proximo passado, o illustrado Presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro, Sr. Othon Leonardos, e varios representantes de jornaes cariocas e paulistas e bem assim o Cons. Ruy Barbosa, que aqui penetrou em meio de palmas, entre palmas percorreu todo o edificio e com palmas nos deixou depois de ter manifestado em palavras e por escripto a boa impressão que lhe causara o Instituto da Bahia.

SOCIOS

Contamos hoje nos varios quadros da Sociedade 497 socios, que assim se distribuem nas differentes classes estabelecidas em nossa lei fundamental: 274 effectivos contribuintes, 64 remidos, 149 correspondentes, 26 honorarios e 1 benemerito.

Nas 48 semanas transcorridas entraram para o nosso gremio 55 novos confrades. Perdemos 19, 11 pela morte, 7 por incursos no art. 18 dos Estatutos e 1 por espontanea vontade. Aqui consigno, entre as maiores saudades, os nomes dos companheiros tombados no ultimo anno: Irineu Ferreira Pinto, Theodoro Teixeira Gomes, Engenheiro Fructuoso Theodoro Sampaio, Coronel Francisco Dias Coelho, Mons. Samuel Elpidio de Almeida, Prof. Francisco Torquato Bahia da Silva Araujo, Dr. Arthur Nova Monteiro, D. Clemente Barahona Vega, Prof. Amancio Pereira, Coronel Luiz de Oliveira Vasconcellos e Engenheiro José Caetano Tourinho.

Dentro em pouco ouvireis o panegyrico de suas vidas

prestantes pelo verbo do nosso Orador Official, o Dr. Theodoro Sampaio.

VARIAS SECÇÕES DO INSTITUTO

Mais alguns minutos da vossa captivante fidalguia que se escoarão num lanço d'olhos sobre as várias secções do Instituto.

BIBLIOTHECA E ARCHIVO

Crescem a olhos vistos. Novos melhoramentos foram ultimamente introduzidos na secção dos nossos livros. Em ambos os departamentos prosegue a catalogação dos seus valores, sendo para notar a ultima edição do Catalogo da Bibliotheca, graças ao trabalho perseverante de Affonso Costa, terminado pelo não menos dedicado confrade C. D. Sebastião de Queiroz Couto. Continúa a ser a nossa Bibliotheca aberta ao publico todos os dias uteis das 12 ás 18 horas, benemerita resolução que nos vem desde os dias de sua fundação.

O Archivo, sob as vistas immediatas do 2º. Secretario, entrará brevemente em nova phase: o Dr. José Wanderley pretende iniciar quanto antes a publicação dos bons documentos que elle encerra. Temos agora 12 pastas cheias de papeis valiosos para a nossa Historia.

MUSEU

Chegam-nos dia a dia novos objectos historicos, obras de arte e productos naturaes: devidamente classificados, vão sendo collocados nas differentes salas do nosso edificio, que se vae tornando insufficiente para um mostruario bem posto dos cimelios que encelleiramos. O problema do espaço dentro em nossa tenda enche-nos de cuidados, gerando planos de execução que não pode ser demorada por longos prazos. E no gisar projectos temos por certo o amparo da vossa generosidade, o auxilio dos poderes publicos, dando em penhor a nossa romagem.

Emprehendo agora, com o auxilio efficaz do Dr. Queiroz Couto, de paciencia benedictina, a catalogação de tudo o que compõe o nosso Museu, com o fito de publicar o elenco das preciosidades, confiadas á nossa guarda, num dos proximos numeros da Revista. São cada vez maiores as nossas collecções de sellos, de moedas, de medalhas

commemorativas, de armas e escudos, de curiosidades naturaes, de objectos sertanejos, de artefactos indigenas, de photographias da Bahia antiga e actual. Sobretudo a galeria de retratos de homens illustres augmentou consideravelmente.

REVISTA

Em Novembro de 1918, sahiu a lume o n. 44 da Revista do Instituto: 5 memorias historicas, 4 monographias geographicas, 5 discursos e conferencias, trabalhos todos ineditos, além de informações varias sobre a nossa vida e a nossa lida, constituem as 400 paginas, que lhe dão a primazia entre os 44 numeros, já publicados desde 1894, e que, sem contradicta, compõem o mais opulento repertorio de ensinamentos, em torno da Historia e da Geographia da Bahia. Acha-se no prelo o numero 45, por cujo successo a Commissão da Revista não mede sacrificios. E' de justiça e muito de nosso feitio agradecer de publico o quanto nos teem ajudado na publicação da Revista, a Assembléa Legislativa do Estado e o Exmo. Sr. Dr. Governador. Mais uma vez tambem registro a nossa gratidão para com o Dr. J. de Aguiar Costa Pinto, Director da Imprensa Official, e para com todos os seus subordinados, pela boa vontade que sempre patenteiam em tudo o que tange á impressão do nosso annuario.

Aqui devo referir que em Setembro de 1918 o Instituto distribuiu o 2º. e ultimo volume dos Annaes do 5º. Congresso Brasileiro de Geographia, bello volume de 1.000 paginas, entremeiadas de mappas e photographias.

FINANÇAS

Na gestão desta Casa, a Directoria leva de brio nada dever. E nada devemos. Isso, porém, não nos desafoga da prema de situações difficeis que, de quando em quando, nos entorpecem os movimentos para a frente. A nossa renda certa é de 1\$000 mensaes de 274 socios, o que representa num anno pouco mais de 3:000\$000. Convenha-se em que é quasi nada ante as obrigações que contrahimos. Desde 2 de Julho do anno passado o Instituto teve as suas despesas accrescidas com a conservação de um seu prolongamento, que é o Pavilhão 2 de Julho. As outras fontes

de receita são variaveis, aleatorias: não posso deixar de agradecer ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado os bons prestimos que nos dispensou na commemoração de 7 de Setembro, na reconstrucção do Pavilhão 2 de Julho, quando reecebemos tambem auxilios do Intendente deste Municipio, e finalmente no fornecimento de materiaes de expediente e de secretaria, um nada para o Estado, um thesouro para nós outros. De S. Exa. muito esperamos ainda.

Urgentes necessidades nos intimam gastos maiores. Ainda o anno passado fomos obrigados a despende muito das nossas parcas economias na conservação da ordem e do asseio, que não devem ser incompativeis com a nossa pobreza: a remodelação de alguns departamentos, grandes concertos em outros, a limpeza das frontarias, numa das quaes foi assentada uma placa de metal amarello para melhor indicação da nossa séde, quasi nos levam todas as reservas, já de si diminutas. Urge melhorar o nosso apparelhamento material: é até uma questão que entende com a propria dignidade da Bahia. Nestas palavras eu deixo impresso um appello velado, um desejo ardente, um ideal a ser collimado.

O Orçamento approvado em sessão de 16 de Março deste anno prevê uma Receita de 9:923\$400, fixa uma despesa de 7:701\$000, do que surge um saldo de 2:221\$600, dos quaes 2:000\$000 são em apolices municipaes, que nos foram entregues em paga de velha subvenção.

Não descabe neste passo um preito de gratidão a todos os que, em dadivas valiosas, em auxilios monetarios, em finezas de trabalhos, nos têm ajudado a vigilantemente manter a obra encetada 25 annos atraz.

* * *

Eis, meus nobres ouvintes, em periodos leves de correr, o inventario da nossa romagem nos 365 dias hoje findos. Convencido estou de que não descahiremos da bôa sombra dos vossos arrimos. Exactos no cumprimento do dever, zelosos dos interesses da Bahia amada, continuaremos a disputar como honra e necessidade vital a confiança do povo bahiano, desvelando-nos por contar com a sua sympathia vivificante. Se mais abundosa não é a messe encelleirada, a culpa não deve ser levada á conta dos jornaleiros desta seara, que, dia e noite, mez sobre mez, pelo anno

todo, não arrefeceram um instante os braços no amanho de tão fecundo chão. Ainda bem que, por muitos fidalgos, estivestes á escuta da narrativa fiel do que é o nosso thesouro. Em tanta mingua e abertura não é possível colheita mais opima.

O que se não pode negar é que o Instituto Geographico e Historico, amavel officina do engrandecimento da Bahia, onde se respiram auras de confraternidade e onde reinam soberanas a paz e a serenidade de animos dos que se afadigam no honrar o nome da Patria, abrasados no seu amor, como instituição social, tem procurado cumprir a sua missão benemerita: elle se ha consagrado á porfia incruenta e desinteressada da realização de seus ideaes de justiça para com o passado, aqui elaborando a historia justa da nossa terra pelo realçar das virtudes dos seus grandes vultos, pelo medir os sacrificios do povo, pelo reconhecer as causas de seus desastres e os factores de sua regeneração, alli condecorando com as homenagens da posteridade os avoengos illustres, os que foram quantidades eminentissimas da nossa fama, nobilitando-lhes as memorias queridas, perpetuando-lhes os nomes nos testemunhos publicos da nossa veneração immaculada.

O que ninguem pode contestar seriamente é que o Instituto da Bahia, vivendo de eloquentes desprendimentos, de apuradas dedicações, num ambiente ennobrecido pelo mais bello desinteresse, entre convivencias amigas e amizades sinceras, sem invejas nem ciumes, constitue arena propicia onde scintillam as mais differentes irradiações do espirito bahiano, trazendo-nos todos e cada um os productos do seu saber e as pareas quantiosas de seus talentos, que é uma tenda ampla de trabalho colectivo, onde se abraçam todos os homens de bôa vontade para o intercambio de idéas, repontando magnifico um systema de tolerancia, cuja influção na vida social não pode deixar de ser opulenta em resultados beneficos: e só assim elle vae, mano a mano, transformando pensamentos em acções, idéas em factos, projectos em realidades flagrantes.

O que nos não podem retirar é a gloria que temos em formar a mais nobre Escola civica desta terra, onde espirito e coração se elevam a todo o instante até ás inspirações da verdade e da justiça, á vista das sagradas reliquias que zelamos, junto dos cimelios preciosos que

reunimos no culto de tradições de alta memoria, na veneração de recordações gratissimas, em frente das effigies dos mortos insignes.

Em verdade, Senhores, vivemos pela Bahia e para a Bahia. E por ella levaremos em capricho proseguir a labuta de accumular os materiaes geographico-historicos indispensaveis aos esplendores do futuro: não nos deterão na marcha os passos empidosos. Temol-os vencido á força de uma perseverança sem igual.

Quanto a mim, no travar esta campanha, compuz a minha panoplia de amor e de trabalho, desde que esta prestantissima sociedade me abriu generosa as suas portas decoradas de saudades que não morrem, e penetrei, levita desluzido da grandeza da minha terra, no templo do passado. Aqui só tenho uma aspiração: lograr nome de assiduo e leal companheiro entre os que mais se esmeram e aporfiam no mondar tão ridentes searas. Aqui só alimento um aneio: a nossa crescente prosperidade em honra da Bahia.

No collimar estes altos ideaes, dou de rosto á indifferencia de uns e ao despeito retrincado de outros. Nada, senhores, nem ingratidões, nem injustiças, ninguém, nem ciumentos, nem invejosos, lograrão desapegar-me da constancia no cumprir apontadamente os deveres do meu cargo.

Certo, que ao divisar os primeiros declinios de minha acção nesse fadario illustre, cederei, sem detença, o passo a quem com mais alinho mantenha o fogo sagrado, por por cujo rutilar ninguém, talvez, haja dispendido maiores canceiras. O que eu mereço e o que vos exoro é o perdão da insufficiencia dos meus valores.

E agora, meus nobres ouvintes, depois de vos fazer em toda luz as contas do anno findo, no inicio promissor do 26º anno de uma benemerita existencia, consenti que eleve alma e coração ás paragens sempiternas, articulando o anelo de todos nós num voto sincero pela gloria do Instituto.

Deus ha de permittir que o Instituto Geographico e Historico da Bahia continue a ser para a Patria, com as tradições que vela, com as lidimas venerações que preserva, com os estimulos que inflamma, uma Instituição necessaria e utilissima, que os maos fados jamais hão de attingir.

Tremores de terra no reconcavo da Bahia de Todas os Santos

Amiudam-se, como que a recrudescerem num cyclo ainda desconhecido, os tremores de terra em torno da Bahia de Todos os Santos.

Na America do Sul, tão castigada por terremotos, era o Brasil, com razão, considerado o paiz de maior estabilidade tellurica e dizia-se até que, no globo, era o menos perturbado de quantos territorios de igual extensão se conheciam.

De alguns annos, porém, á esta parte, essa estabilidade maior, que parecia firmar-se na solidez do embasamento continental do nosso lado, vem-se revelando inconsistente e, com a intranquilidade muito natural, vae nos levando a confiar menos nos alicerces profundos do edificio geologico em que vivemos.

Apparente, com effeito, era essa estabilidade, cuja duração indefinida o geologo, em verdade, não admite, attento a que o relevo do nosso solo ahi está a denunciá-lhe a cada passo, no levantamento e inclinação das camadas, nas dobras, fracturas e falhas innumeras dos terrenos sedimentarios, a acção dos terremotos de outr'ora ou de forças intimas do interior do globo, violentas umas, lentas e imperceptiveis outras, remodelando incessantemente a crosta terrestre.

Certo, poucos logares na extensa costa do Brasil apresentam, como essa região interior a que chamamos *Reconcavo da bahia*, tão assignalados vestigios desses agentes intimos, remodeladores.

A bacia cretacea, que ella representa, antigo lago de agua doce, povoado outr'ora de moluscos, cyprides, crocodilos e monstruosos reptis diversos, lagoa com vegetação •

pelas margens em que os fetos arborescentes e os musgos sobresaíam, seres cujos restos são os foseis característicos do Cretaceo inferior, bacia que, por millenios, se encheu de depositos sedimentarios, hoje desviados de sua primitiva horizontabilidade, ahi está a demonstrar, como de epoca remotissima os abalos do solo vêm remodelando a face desse antigo fundo de lagôa, que o mar em bôa parte já invadiu.

Abalos repetidos, com intervallos mais ou menos longos, por um adormecimento passageiro desses agentes intimos, eis o que significam essas camadas de schistos molles (*tauá*) e de grês calcareo, desviadas de sua natural e primitiva horizontabilidade; esses montes fendidos de que uma parte permanece *in situ* e a outra se deprime e se afunda, deixando ver na encosta núa e alcantilada o signal inconfundivel de uma *falha*; essas ilhas numerosas do interior da bahia, com as suas rochas de um mesmo horizonte geologico, denotando um corpo inteiriço primitivo, que se fraccionou e que as aguas salgadas envolveram, quiçá após violento cataclysmo; esses trechos da terra firme que se deprimem ainda agora e se afundam sob o mar, o qual só nas marés muito baixas lhes deixa a descoberto os troncos d'arvore subvertidos, e tambem esses ilhéos que aos poucos vão desaparecendo, apagados do mappa hydrographico dessas paragens, tudo isso está a revelar ao observador que esse solo de rochas sedimentarias, engastado no synclino das rochas primitivas, não teve jamais, em outr'ora, estabilidade duradoura, não cessou jamais de ceder, de afundar, ou de reajustar as respectivas camadas, ao menor abalo provocado pelas forças intimas, as mesmas que deram origem ao synclino ou conca do archeano, e ainda hoje, de quando em vez, o sacódem e forçam as camadas do cretaceo a novos reajustamentos.

O ponto do synclino, onde actuem essas forças intimas, ou como na technica se diz—o *epicentro*, ninguem o determinou ainda. Provavel é que seja até submarino, no ambito desta bahia, ou mesmo fóra e mais distantte delle.

Desse ponto ainda desconhecido é que parte a onda scismica em varias direcções, estendendo-se ao longe, terra a dentro, com maior ou menor rapidez, segundo a estrutura geologica dos terrenos sujeitos ao abalo. Nas regiões de grês e schistos, como essa do Reconcavo, a

velocidade da onda scismica excede de dous kilometros por segundo, e essa onda attingiria em igual tempo os pontos equidistantes do epicentro, se as camadas terrosas intermedias fossem homogeneas, e se não apresentassem quebradas e divergentes, como quasi sempre.

Isso explica, além das differenças de meridiano, a divergencia observada quanto á hora em que o phenomeno scismico se deu em cada localidade.

Passemos agora a estudar o ultimo tremor de terra, verdadeiro terremoto de intensidade da 7^a ordem (*tremor forte*), na escala adoptada de Russi-Forel, observado a 7 de Novembro de 1917 no Reconcavo da bahia e territorio circumjacente.

Os abalos desse genero, nos ultimos tempos, se tornaram frequentes na comarca de Santo Amaro, assignalando-se quasi que diariamente e mais de uma vez, no mesmo dia, na séde da Freguezia do Rio Fundo.

Nesta ultima localidade o phenomeno, de tão insistente e repetido, se tornou até alarmante e pavoroso, obrigando algumas familias a mudarem de residencia, acolhendo-se a outros sitios menos expostos.

Eis o que a proposito desses successos nos escreveu o Revmo. Vigario daquella parochia, o nosso amigo Padre Liberato Bittencourt, a quem em tempo me dirigi, solicitando esclarecimentos fidedignos.

“De facto, diz o Padre Bittencourt, tem-se dado aqui e por aqui em torno abalos bem sensiveis, tremores de terra continuos e fortes.

“O primeiro e bem sensivel foi a 7 de Novembro, faltando dez minutos para as nove horas da noite. O segundo no mesmo dia ás 10 horas, e o terceiro ás 4 horas da madrugada seguinte.

“O primeiro e segundo foram fortes e por essa occasião causando grande susto em todo o pessoal, que não adormeceu até o dia amanhecer. Pelo segundo abalo houve ataques em pessoas nervosas, choro em outras e até aborto se deu. Diversas casas abalaram-se e se lhes fenderam as paredes; correram telhas; pararam os relógios; quebraram-se espelhos e quadros pendentes das paredes das salas; jarros e frascos cahiram de seus logares.

“Na egreja fendeu-se uma parêde e se quebrou ali um conducto feito de cimento.

"A 22 de Dezembro, continua o Vigario, ás 9 horas da noite, sentiu-se aqui outro abalo, porém mais fraco. A 12 de Janeiro deste anno, cerca das 8 horas da manhã, dous outros, com intervallo de minutos, cahindo então por terra uma velha casa.

"A 4 de Março, cerca das duas horas da tarde, o tremor foi mais prolongado do que nos anteriores e veio acompanhado de um ronco surdo. A 22 houve ainda dous abalos, um tanto fortes, á meia noite e ao meio dia.

"A 27 e a 29 do mesmo mez, cerca das 11 horas do dia, os abalos foram mais brandos.

"A 14 de Abril, das 4 ás 5 horas da manhã, tremor fraco e outros mais fracos ainda se deram em dias subsequentes, de que me não recordo."

Nota o Padre Bittencourt que o phenomeno dura muito pouco tempo, um ou dous segundos mais ou menos e que nos dias mais quentes é que de ordinario elle se repete, e ajuncta o Vigario, ao terminar a sua missiva, em *post scriptum*, "antes de ir esta para o correio, houve mais um tremor agora, ás 8 horas da manhã". A carta traz a data final de 19 de Abril.

Na verdade, ao que estamos informados, os tremores não cessaram de todo ainda na parochia do Rio Fundo.

Completam as informações sobre esses movimeto sísmicos as noticias que nos vieram do Aprendizado Agricola de S. Bento das Lages, fornecidas pelo illustre director deste estabelecimento, o Snr. Dr. João Silverio Guimarães, em carta de 9 de Novembro, dous dias depois do phenomeno que estamos descrevendo e que ahi foi observado ás 8 1/2 horas da noite, isto é, 20 minutos mais cedo do que no Rio Fundo.

Descrevendo o phenomeno, observa o Dr. Silverio Guimarães que elle se deu "precisamente dous annos e um dia após o primeiro tremor sentido na localidade em 1915".

"Ouviiu-se um prolongado som cavo, seguido de abalo, diz o Dr. Silverio Guimarães, que foi sentido pela minha familia, como o sentiram pessoas qualificadas na Villa de S. Francisco.

No Aprendizado houve entre os alumnos grande susto, sendo então preza de violenta crise nervosa um delles.

Na Escola Agricola, individuos, que se achavam no caes, notaram movimento estranho nas aguas do Sergy, onde os peixes saltavam como se tivessem recebido um choque electrico.

Na Escola Agricola de S. Amaro sentiu-se o phenomeno na mesma hora que no Aprendizado, começando com um forte abalo que em alguns logares produziu fendas no solo, como a que se observou no jardim da casa de residencia do Dr. José Wanderley de Araujo Pinho.

Mais ao nordeste de S. Amaro, no engenho Colonia e morro de Araquara, o abalo foi grande, com alterações no relevo do solo. Sentiram-se abalos identicos em Candeias e na uzina S. Paulo. No Engenho S. Braz, em S. Gonçalo do Poço e no Acupe e Saubara, na margem occidental da bahia, os tremores foram tambem assignalados.

A onda sismica propagou-se para alem do Rio Fundo, muito ao norte deste lugar, attingindo a cidade de Alagoinhas, e cortando em sentido transverso os valles do Sergymirim, do rio de Joanne, de Jacuipe e do Pojuca, toda a zona cretacea que por ahi se estende até pouco ao sul daquella cidade.

Na uzina Terra Nova, á margem do Pojuca, o abalo foi tão forte, segundo nol-o referiu o Snr. Dr. Arthur Rios, que na occasião escrevia, que a penna lhe cahiu da mão; abriu-se com violencia um armario visinho; estalaram as vigas de ferro e paredes da casa, onde depois se apresentaram pequeninas fendas.

Na fabrica, apezar do ruido das machinas, o abalo foi tão forte que o engenheiro saiu a examinar se a alta chaminé tinha algo soffrido e se havia por ventura outra causa a explicar a violenta concussão que não um terremoto.

Nessa mesma localidade, um segundo abalo, sentido pouco depois, veio acompanhado de um ruido semelhante ao rolamento de uma pezada viatura, durando o phenomeno uns quatro a cinco segundos, observado ás 8 horas e 20 minutos da noite de 7 de Novembro.

Nos engenhos Nova Sorte e Cannabrava, mais ao norte 12 kilometros de Terra Nova, o phenomeno veio acompanhado de um ruido surdo, a semelhança de uma explosão ao longe e como se esta procedesse de algum desastre na uzina, o que levou o administrador a procurar informar-se pelo telephone sobre o que teria havido por esse lado.

Tambem na uzina S. Bento do Inhatá do Dr. Rocha Lima, 12 kilometros a oeste de Terra Nova, sentiu-se um

forte abalo, mas sem consequencias lamentaveis, como em quasi todos os pontos em que o phenomeno se manifestou.

Nesta capital tambem o phenomeno se assignalou ás 8 horas e 20 minutos da noite de 7 de Novembro, e foi muito perceptivel á essa hora, na Aamaralina e Rio Vermelho na costa oceanica, em Brotas, na Soledade e Calçada do Bomfim na contra-costa interior da bahia, parecendo que a onda sismica atravessou o dente peninsular, em cujo extremo está a cidade, no sentido de noroeste para sueste.

No centro da cidade o abalo, foi apenas percebido por algumas pessoas.

Em pontos mais apartados da bahia foi tambem assignalado o phenomeno: em Feira de Sant'Anna, Cachoeira, Curralinho, Amargosa e Nazareth, e para além, a sul da cidade de Valença, na Cahahyba, e ainda para a oeste, em Terra Preta, districto de Serra Grande.

Nesta ultima cidade não foi este o unico tremor de terra observado. Ha ali a tradição de que varios outros se têm assignalado de mais de seculo. O Sr. Cons. Cunha Lopes, em carta escripta ao Dr. Silverio Guimarães, tratando desse assumpto, refere que, ha dous annos, elle e o Dr. Aristides Galvão de Queiroz sentiram uma vibração que durou pouco sem causar grande abalo; desta vez, porém, (refere-se ao tremor de terra de 7 de Novembro de que ora nos occupamos) não aconteceu o mesmo, porque não só o tremor foi forte, sensivel, como durou alguns segundos. Aqui, diz elle, passou-me pela sala de jantar, abalando o guarda-louça e as janellas".

Chegam-nos noticias de que o phenomeno foi perceptivel ainda para o noroeste da Feira, sertão a dentro.

O ambito affectado pela onda sismica é, como se vê, consideravel; vae de Alagoinhas á Valença, numa extensão de 1° 15' em latitude, isto é, 138 kilometros de norte a sul, e 1° 11' em longitude, ou 128 kilometros de largura, leste-oeste.

Foi esse terremoto bem mais forte e por mais extensa zona se estendeu do que o de 6 de Novembro de 1915, que até então era o mais caracteristico observado, e o de mais largo ambito entre nós.

Das informações que nos chegam das diversas localidades, onde os abalos se sentiram, podemos concluir que os terremotos em torno da bahia de Todos os Santos se

amiudam, se intensificam e por mais extensas zonas se propagam.

Pena é que das observações horarias, não recolhidas com rigor, não se tenha podido assignalar com mais exactidão a direcção da onda sismica e a sua relativa velocidade através das rochas do cretaceo e do terciario da zona affectada.

Na Capital e nas suas immediações, margem de leste do synclino, o phenomeno foi observado ás 8 horas e 20 minutos. Em Saubara, Acupe, S. Gonçalo e Santo Amaro, assim como na villa de S. Francisco, em S. Bento das Lages e no Aprendizado Agricola o facto se deu ás 8 horas e meia. Em Terra Nova, Nova Sorte, S. Bento de Inhatá ás 8 horas e vinte minutos. No Rio Fundo, onde os abalos foram mais repetidos e violentos, e onde ainda mais recentemente se renovaram, o phenomeno occorreu ás 8 horas e 50 minutos da mesma noite de 7 de Novembro de 1917.

Em Nazareth, Maragogipe, Cachoeira e Feira, na margem occidental do synclino, não se sabe a que horas o abalo foi sentido. Não tivemos indicação a respeito.

Daquelles pontos de que temos observação horaria, o que se collige é que o phenomeno sismico foi sentido á mesma hora, com pequenas differenças, no reconcavo de Santo Amaro, sob forma vibratoria em S. Bento das Lages, Santo Amaro, engenho Colonia, Terra Nova e Nova Sorte, sentindo-se tambem, em alguns desses pontos, um segundo abalo, como se uma onda sismica, acompanhada de ruido surdo semelhante ao de uma explosão ao longe ou ao do rolamento de uma pesada viatura se propagasse de sul a norte proximamente, na direcção parallela a de uma corda de morros de formação cretacea, que, desde as immediações da villa de S. Francisco até além do engenho Cannabrava, corre em sentido transversal aos valles dos rios Jacuipe e Pojuca, a mesma corda de morros que a leste de Santo Amaro sustenta as cabeceiras do rio de Joanne e, na altura do engenho Colonia, força o rio Traripe a deixar a direcção de oeste a leste, que até ahi traz desde as suas nascentes, para tomar bruscamente a de norte a sul até confluir no Sergymirim.

No Rio Fundo, porém, o phenomeno foi observado mais tarde, isto é, ás 8 horas e 50 minutos, quando em Terra Nova, que fica mais ao norte dessa localidade para o interior, foi elle sentido ás 8 horas e 20 minutos, não

se podendo levar á conta de relógios mal regulados a diferença notada, pois que ambas as localidades são estações de uma mesma via ferrea.

A forma vibratoria do phenomeno, que parece ter sido a predominante, revela que uma força latente, actuando immediata em baixo do solo em cada localidade em que o phenomeno se fez sentir, deve ser a causa verdadeira do successo.

No Rio Fundo, onde o phenomeno se observou mais atardado, mas tambem onde elle mais insistentemente se repetiu por dias successivos a forma vibratoria dos abalos, e por vezes até a trepidação, demonstram que no sub-solo profundo do logar ha forças interiores actuando, independente occasionalmente talvez das que provocaram os abalos das localidades mais distantes.

Nos tremores de terra observados em 1912 e 1916 no reconcavo, a forma ondulatoria parece ter predominado, como propagação ao longe de um esforço produzido algures na zona submarina mais ao sul. A onda sismica encaminhou-se então, como agora, de um ponto no interior da bahia em direcção ao norte, parecendo que a causa determinante della era um reajustamento de camadas, por effeito de subversão ou de deslocamento brusco de partes do sub-solo, motivado por escapamento de gazes interiores.

No terremoto de 1917, de que ora nos occupamos, a simultaneidade com que se manifestou o phenomeno em mais de um ponto, e a persistencia delle em logar interior como o Rio Funlo, do mesmo modo que a vibração e mesmo trepidação, com que elle se caracterizou, fazem acreditar que não mais a simples reajustamento de camadas se o deve attribuir, mas á acção directa de agentes interiores, trabalhando ao longo do eixo do synclino ou da linha de fractura a elle parallelas.

O phenomeno sismico assume assim aspecto mais grave.

Forças interiores, como as que produziram as falhas e quebradas do angulo nordeste da bahia, em Paripe, Matoim, Maré e Pitinga, de que ha tradição historica, como as que produziram eguaes phenomenos na margem occidental della, e ao longo desse canal profundo que o Paraguassú de agua salgada, verdadeiro estreito ligando a nossa bahia ao lagamar subalterno de Iguape, taes forças estão de novo actuando na terra firme e já agora tão insistentemente no

Rio Fundo, que até dão para se receiar ali manifestações bem mais temerosas, sabido como é que esses abalos insistentes do solo só cessam quando uma erupção começa.

Ninguém pode prever até onde ou que intensidade de phenomenos esses abalos prenunciam. Grandes e profundas fendas podem-se abrir no solo e, através dellas, rochas em fusão, como verdadeiras lavas, se derramarem á superficie, acompanhadas de gases diversos, alguns até inflammados, agua quente e vapor.

Não é isso certamente um vulcão, com as características manifestações que o definem, mas é cousa que muito se lhe assemelha e de que se encontram signaes muito evidentes através das rochas sedimentarias em mais de um ponto desta bahia.

As rochas eruptivas, como o trapp, aqui conhecidas vulgarmente por *coração de negro*, e de que fazemos muros e calçamentos nesta cidade, se assignalam em dykes espessos e abundantes através dos sedimentos do gneiss que ellas bi-metamorphosearam por contacto, quando foi da ejeção dessas rochas em estado de fusão.

Quer isto dizer que o dente peninsular em que se assenta a cidade foi, em outr'ora, theatro de phenomenos eruptivos; que fendas ahi abertas no granito e no gneiss se encheram de rochas em fusão e se derramaram em lençol mais ou menos largo á superficie, podendo-se considerar essa rocha em fusão, esse trapp, como lavas endurecidas de um como que vulcão fossilizado.

Na costa oceanica, do Rio Vermelho a Itapuã, onde as rochas archeanas estão mais expostas, as camadas de gneiss, muito perturbadas, apresentam-se de continuo atravessadas por largos dykes de rocha eruptiva.

As pedreiras, em sua maioria, exploradas nos subúrbios, são massas dessa mesma rocha em largos veios ou derramadas em espeso lençol.

Que esses phenomenos eruptivos aqui se manifestaram abundantes nos varios periodos geologicos que precederam o actual, basta a attestal-o a presença de rochas dessa procedencia em varios pontos dessa bahia.

Em Peripiri foi-me dado a ver da rocha marnosa do cretaceo, que faz ali uma ponta talhada sobre o mar, uma bella amostra de gesso, do injectado n'uma fenda, formando veeiro, o que prova o desprendimento através da rocha sedimentar do Cretaceo de gaz sulphydrico procedente do sub-solo profundo.

De gases existentes no interior da terra procede certamente aquelle que em 1911 fez agitar a superficie do mar, como se fôra tomada de grande fervura, de que resultou saltarem os peixes, como que tangidos do fundo por uma força occulta, facto occorrido no centro da nossa bahia e no espaço profundo que ahi ha entre a ilha de Itaparica e a dos Frades, e que foi observado por pescadores, os quaes fugiram apavorados e referiram o acontecido ao Dr. Anisio Circundes de Carvalho, lente jubilado da Academia de Medicina, que nol-o transmittiu.

Certo do mesmo escapamento de gases interiores procede o phenomeno luminoso tantas vezes observado pelos habitantes da ilha de Itaparica no cimo do morro do Balaustre, cabeça calvo onde é tradição apparecerem subitas chammas e vapores misteriosos, e que se ergue cerca de tres milhas para o sul daquelle espaço profundo onde os pescadores observaram a fervura no mar.

Dos mesmos gases inflammados, talvez do hydrogeno proto-carbonado ou do carbono misturado com um pouco do vapor de naphta, procedente do calor central, são as chammas que de subito apparecem no logar S. João, terras do Sr. Ignacio Ferreira do Amaral, legua e meia a sulsueste da freguezia do Rio Fundo, e na mesma corda de morros a que acima nos referimos.

Nessa mesma localidade, referem os moradores, têm-se deparado incendios nas mattas, sem causa conhecida, parecendo de fogo espontaneo.

Os morros são ahi mais altos e pelos seus cimos, como pelos cabeços conicos, dominantes do extincto engenho Pandalunga, todos de formação cretacea, como os do Rio Fundo, passa a divisoria das aguaas, as quaes ao norte, pelo engenho Agua Bôa e Paranaguá, vão ao Pojuca, e ao sul lançam-se no rio de Jacuipe. Nesses morros da visinhança de S. João, o solo experimenta, por vezes, misteriosos abalos e, segundo nos informa o Sr. Ferreira do Amaral, um phenomeno ahi se deparou muito significativo e foi o que resultou do choque de uma ferramenta de trabalho sobre uma lage nua, choque a que se seguiu um forte estampido, afundando a pedra no solo subvertido e desprendendo-se gases ou vapores que pareceram sulfurosos e que queimaram em torno cerca de uma tarefa ou novecentas braças quadradas de uma plantação de fumo, ali existente.

Taes demonstrações de forças intimas do interior do globo se verificam ainda, na direcção approximada do eixo do synclino, quer no seu prolongamento ao norte, sertão dentro, quer ao sul, em demanda de Marahú e dos Abrolhos.

Prolongado ao norte, a cortar do valle do Itapicurú, entre as villas do Soure e de Itapicurú, ahi estão as fontes thermaes do Sipó e de outras vertentes mineraes que nesse valle se deparam num extensão de cerca de onze leguas. A thermal, muito conhecida, do Sipó tem 39 grãos centígrados de temperatura e contem gazes. A fonte do Mosquête, cinco leguas da villa do Itapicurú, rio acima, é um surgente em forma de poço profundo, com agua tepida que sobe e desce intermittentemente, com impeto, arrojando de si, como um *geyser*, os objectos que se lhe atiram, o que justifica o seu nome de *Mosquete*.

Para os lados de Marahú e de Abrolhos, as manifestações dessas forças intimas, capazes dos abalos do solo de que vimos tratando, estão patentes nas rochas do subsolo e seus affloramentos.

No Marahú, por exemplo, encontram-se schistos bituminosos em contacto com rochas eruptivas, dioriticas, que transudam petroleo, intercalando-se nelles, como no marnolitho (*tauá*) de Santo Amaro, camadas subordinadas do lignito.

Da rocha eruptiva de Maruhú, inferior aos schistos bituminosos, colheram-se amostras revestidas de tenue camada de gesso, o qual, como vimos em Piripiri, revela a presença de gaz sulphydrico do interior, passando através de rochas tanto eruptivas como marnosas ou calcareas superpostas.

Dos factos observados se vê que os agentes interiores do globo que actuaram na bahia de Todos os Santos e puderam transformar a primitiva massa da agua doce na bahia actual, que fracturaram e perturbaram as camadas do Terciario e do Cretaceo subjacente; que injectaram através dellas e do gneiss os dykes de rocha eruptiva, trapp ou diorito; que deram escapamento a gazes sulfurosos, carbonicos e outros, que alteraram rochas com que entraram em contacto; esses agentes, se acaso adormecidos por periodos mais ou menos longos, todavia ahi se apresentam de novo, produzindo os abalos, as vibrações e trepidações do solo, agora de anno para anno mais frequentes, mais intensos e, portanto, mais temerosos.

O tremor de terra de 7 de Novembro de 1917 e os abalos que se lhe seguiram insistentes e repetidos no Rio Fundo, não ha duvida que exprimem já agora um despertar da energia latente das forças centraes do globo, com possível recrudesimento e com consequencias de gravidade e extensão que se não podem prever na zona do synclino e em torno desta formosa bahia, cujo ambito tende assim a modificar-se, ampliando ou restringido o dominio do mar, de accordo com os movimentos do solo que essas forças determinam.

THEODORO SAMPAIO.

Bahia, Junho de 1918.



SESMARIAS DE BAHIANOS

Estudando os antigos documentos de terras, existentes no nosso Archivo do Pará, encontrei alguns, nos quaes a declaração dos interessados expresamente diz—habitantes na Bahia—; e como me parece de interesse divulgá-los, peço para a sua transcrição uma ultima pagina da *Revista*, caso possa ser ella julgada digna de ser inserida.

E' uma minuscula contribuição para a historia territorial do nosso Brasil, ainda carecedora de dados.

Faço uma indicação succinta, justamente para não exceder de um exíguo espaço.

Não havendo repassado ainda todos os documentos da especie, não posso affirmar que sejam os unicos, os que em seguida vou indicar.

1—Antonio da Costa Sotto Mayor, Lourenço da Rocha Moutinho, Coronel Pedro Barbosa Leal, Gabriel da Rocha, Francisco de Oliveira, Silvestre da Costa Gomes, Pedro da Rocha Moutinho, *moradores na cidade da Bahia*, e Mario de Souza de Azevedo, morador em Belem do Pará: “dez legoas de terra para cada banda, de donde se mette o rio Itaim no Paraoassú, por outro nome a Parnaiba athé a praya do mar, pello dito rio abaixo, ao certão, resalvadas as terras inuteis de criar o dito gado”. Carta de data expedida em 4 de Junho de 1696.

2—André de Brito Castro, Antonio de Brito Castro, Christovão de Brito de S. Payo e Francisco Xavier de Brito, *moradores na cidade da Bahia*: “cinco legoas em quadro a cada hum, no rio Itapecurú, correndo acima por uma e outra banda, resalvando terras inuteis”. Carta de data em 4 de Junho de 1696.

3—Ignacia Marinho de Sá, *moradora na ci-*

dade da Bahia, Sitio Bomjardim, da outra banda da Parnaíba, principiando na beyra do Rio, no lugar chamado a Lagoa da Inhuma, abeyrando a Mata até as cabeceyras do Riacho dos Macacos, com tres legoas por um de largo". Carta de data em 20 de Janeiro de 1747.

4—Ignacia Pereira de Macedo, viuva do coronel José de Araujo Rocha, *moradora na cidade da Bahia*, diz que "entre as terras que o dito seu marido comprou ao Mestre de Campo Antonio da Cunha Sotto Mayor, entre hu sitio chamado as Cabeceyras da Garapa, o qual arrendou a supplicante ao Sargento-mór Manoel da Silva Pereira, com obrigação de elle o despejar todas as vezes que lhe fosse mandado", com tres leguas de comprido, "fazendo pião na barra do riacho das Cacimbas, que mete no riacho da Garapa, legoa e Meya para baixo e legoa e meya para cima, buscando o mesmo rumo de comprimento da Fazenda de S. Antonio da Pernaíba que lhe fica visinho e hua legoa de largo". Carta de data em 19 de Janeiro de 1747.

5—Joanna Quiteria Roballo, *moradora na cidade da Bahia*, "dizendo que possue na Comarca de Piauhy, por si e por seus antepassados as fazendas chamadas *Mendes*, no riacho Mendes, com logradouros de ambas as margens, fazendo extremas de uma parte com S. Nicollau de cima, e de outra com a fazenda *Victoria*". Carta de data em 29 de Abril de 1747.

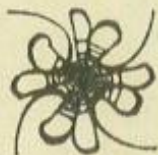
6—Pedro Marinho de Sá, *morador da cidade da Bahia*: "por tres da fazenda chamada S. João, sita a beyra do rio Pernaíba, terras que sobraão da medição da dita Fazenda, a cima do Buritizinho, com tres legoas, correndo o comprimento o mesmo rumo da fazenda S. João, buscando o Aranhi e hua legoa de largo para o Certão". Carta de data em 20 de Janeiro de 1747.

Todas essas concessões de terras se me afiguram serem no actual Estado do Piauhy; são vastas extensões que certamente passaram a successores. Pelo Archivo Publico do Estado do Pará poderão ser documentadas ainda actualmente.

Reflectindo, podemos hoje dizer que, apesar das enormissimas difficuldades de communicação do tempo, se requeria para o Grão-Pará e as petições eram attendidas e despachadas talvez com mais attenção e cuidado do que no nosso actual regimen de communicações faceis e rapidas.

Belem do Pará, 1º. de Março de 1919.

Eng. PALMA MUNIZ.



A FIGURA SYMBOLICA DA BAHIA

No monumento commemorativo do 1º Centenario da Independencia Nacional em 1922

Em Janeiro deste anno, a Secretaria do Instituto recebeu a seguinte carta:

“Roma, 29 de Janeiro de 1919.

Exmo. Sr. Conselheiro Carneiro da Rocha—Instituto Historico—Bahia (Brasil).—Desejoso de completar o meu projecto para o monumento á Independencia do Brasil, aproveitando assim dos seis mezes de prorogação concedida pelo nosso governo, dirigi-me á nossa Embaixada de Roma, pedindo esclarecimentos sobre alguns particulares que passarei a explicar.

O Dr. Secretario da Embaixada, Americo Galvão Bueno, aconselhou dirigir-me directamente a V. Ex. como sendo a pessoa que está mais no caso de ajudar-me nestas pesquisas.

Tomo, pois, a liberdade de escrever a V. Ex. esta carta, agradecendo de antemão pelo grande favor que, espero, V. Ex. dignar-se-á conceder-me.

Desejo representar no Monumento, em grupos e em poses concebidas como requer a bôa esthetica, os Estados que formam a Federação Brasileira. A cada uma destas figuras, que representa um Estado, desejaria estudar o symbolo que mais se adaptasse á característica do Estado, característica que pode provir seja da historia, seja da riqueza do solo, seja dos costumes. Tenho idéas vagas, que reputo insufficientes e eis a razão do meu appello a V. Ex.

No monumento a Victorio Emanuel II, em Roma, todas as provincias Italianas são representadas, cada uma, pelo brasão caracteristico. Ora, até agora os Estados Brasileiros são representados por bandeiras proprias, que

infelizmente não podem offerecer nenhum contributo na tratção plastica do symbolo a crear-se. Prefiro e acho mais razoavel procurar os elementos necessarios para a creação destes symbolos nas características do Estado. Por exemplo: S. Paulo poderia ser representado pelo Bandeirante, Rio Grande do Sul por um Gaucho, etc. Illuminar-me sobre este argumento, dando-me o parecer de V. Exa. e esclarecimentos, é quanto agora eu supplico, certo de que V. Ex. concedendo-me o seu apoio não só ajudará valiosamente a um patricio, como também fará uma obra de character patriotico.

Espero anciosamente a resposta que V. Ex. dignar-se-á formular e, pedindo mil desculpas pelo incommodo que a V. Ex. procuro,—subscreevo-me, de V. Ex. grato—*Arch. Roberto Etzel.*”

Lida em sessão de Assembléa, foi resolvido pedir-se aos socios o parecer de cada um a respeito. Apresentaram tres confrades idéas differentes: Drs. Descartes Magalhães, Silio Boccanera e Eduardo Camará.

Uma nova Assembléa resolveu nomear uma Commis-são para dar parecer sobre as propostas apresentadas, podendo também apresentar novas idéas. Constituida a Commissão pelos Drs. Theodoro Sampaio, Manoel Pirajá da Silva e A. de Campos França, esta leu na sessão de 13 de Julho de 1919 o seguinte Parecer que, submettido á discussão e votação, foi unanimemente approved. A Secretaria enviou immediatamente para Roma a opinião do Instituto.

PARECER

O architecto Roberto Etzel, no intuito de concorrer ao projectado monumento á erguer-se nos campos do Ipiranga, em commemoração do primeiro centenario da independencia nacional, pediu de Roma, onde ora se acha, ao Presidente deste Instituto, por indicação da Embaixada do Brasil naquella capital, que lhe informasse como melhormente caracterizar, por meio de uma figura symbolica, o Estado da Bahia, o qual, como os demais Estados da Federação Brasileira, deverá ter representação na base desse monumento, tal como elle o projecta.

Trazido o pedido ao conhecimento deste Instituto, varios alvitres aqui para logo foram lembrados e alguns até por escripto submettidos á consideração desta casa.

Na sessão de 15 de Junho passado, resolveu então o Instituto nomear, em commissão, os abaixo-assignados a examinarem os alvitres offercidos, dando sobre elles o seu parecer e até, se julgassem cabivel e conveniente, apresentarem idéa nova, ou cousa equivalente, bem considerados os alvitres em apreço.

A commissão, aqui presente, vem hoje desobrigar-se do encargo e dar á casa o resultado do seu estudo, que é o presente parecer, ora submettido á sua apreciação e juízo.

Tres illustres consocios offereceram os seus alvitres e os justificaram: os Srs. Eduardo Augusto Camará, Syllo Boccanera e Descartes de Magalhães.

O primeiro, o Sr. Camará, no representar a figura symbolica do nosso Estado, opinou pelo typo caboclo, qual, por exemplo, o do nosso Dous de Julho, justificando essa escolha com subsidios historicos, onde bem demonstra o seu amor pelas cousas patrias. "O caboclo, o indio das selvas bahianas, diz S. S., foi a figura symbolica escolhida para representar a synthese de uma reivindicação regional, consubstanciando o valor, a força, a justiça, a coherencia de um direito". O caboclo, continua S. S., personificou o expulsor do aventureiro audaz... elle "esmaga a prepotência do dragão insaciavel; elle... "é a individualidade lidima de uma verdade representativa de sua influencia valiosa na complexidade de todos os factores da nossa formação generica, desde as selvas daquelles tempos até a expansão democratica da epoca presente".

Assim é que justifica o nosso consocio, Sr. Camará, a sua preferencia pelo typo indigena. Mas, assim procedendo, não logrou S. S. individualizar a Bahia, isto é, caracterisal-a, como o requer o architecto impetrante.

Já vem de antiga data a classica representação do Brasil, propria ou impropriamente, pelo typo do caboclo, não, porém, especialmente a carecterisar a Bahia. A idéa do Sr. Camará pecca por esse lado, e, por assim o ter entendido é que S. S. mesmo offereceu modificál-a, em carta dirigida ao nosso illustre secretario, propondo então, a symbolizar a Bahia, "um agrupamento synthetico de factores mais salientes, mais preponderantes na sua civilização".

Para o fim, porém, que tem em vista o architecto, a idéa substitutiva, assim lembrada, não pode satisfazer.

Um agrupamento de factores syntheticos, caso isso fosse possivel e se generalizasse para cada Estado do Brazil, seria de facto a multidão em bronze no sopé do monumento, quando o que o architecto pede a esta casa é uma figura característica representativa de cada um.

O Sr. Sylio Boccanera justifica por escripto a sua idéa que é representar a Bahia por “uma indigena christianisada, semi-nua e genuflexa, conchegando ao seu seio uma cruz.

Não parece á commissão que essa figura de catechumena seja característica para a nossa Bahia, uma vez que esse typo, ou esse aspecto da catechese foi geral em todo o paiz, não conseguindo assim a indigena christianisada ou convertida symbolizar a nossa terra, ainda que a caracterisal-a se lhe dêem as feições da Catharina Paraguassú, a lendaria companheira de Diogo Alvares, copiadas do painel existente no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, feições que o Dr. Boccanera acredita serem as verdadeiras da primitiva doadora do mosteiro, isto é, da capella e terras convisinhas.

A indigena catechumena foi incontestavelmente um factor de vulto na formação do nosso povo, mas, não é característica da Bahia, onde, aliás, o elemento indio não não prepondera. Outros, bem conhecidos, são os factores preponderantes.

A idéa do Dr. Descartes de Magalhães de caracterisar a nossa Bahia pela “a heroína dos seios titanicos” ou pela *Athenas Brasileira* já se approxima um pouco mais da individuação requerida pelo architecto, autor do projecto.

Propõe o Dr. Descartes que se represente a Bahia pela figura de “uma guerreira, de meia couraça, capacete, escudo e lança, o collo farto, os braços vigorosos, qual Minerva (Athené) que, sendo a deusa grega da sabedoria, das sciencias e das artes, ostenta com a belleza de suas formas soberanas um porte altivo, arrogante e magestoso de luctadora invicta”.

Se não fosse tão caracterizada á grega e sem nenhum symbolo ou attributo que a nacionalise brasileira essa figura de mulher podia ter sido acceita. Falta-lhe, porém, o *quid* que, pela historia, pela raça, pelos costumes a faça particularmente nossa.

Pede o archeicteto ou esculptor que se lhe dê numa figura humana o typo caracteristico da Bahia.

Ser-nos-á facil conseguil-o?

Exprimir com uma figura humana a caracteristica de um Estado, vindo ou da historia ou da riqueza do sólo ou dos costumes é problema que, por se nos deparar possivel de muitas soluções, torna-se, por isso mesmo, impreciso, vago e susceptivel de discordancias inevitaveis.

A propria caracteristica do Estado é muito duvidosa. O typo humano, caracteristicamente bahiano, não existe; não ha d'elle uma figura accentuada e firme que, pela plastica, se tenha imposto ao conceito geral.

No lento e ininterrupto caldeamento das tres raças que aqui convivem, o typo prevaescente ainda é do porvir e só o teremos definitivo quando a fusão se completar num todo seleccionado sob a acção desse meio tropico em que vivemos.

O Brazil é um immenso laboratorio humano cuja capacidade está bem longe de ser attingida.

Teremos, por certo, que experimentar ainda por muito tempo o influxo de povos e raças que as leis economicas e causas diversas para aqui encaminharem, povos e raças que se hão de fundir, no immenso cadinho, a constituirem a massa homogenea que, no futuro, será propriamente a *gens brasílica*.

Até lá, na plastica humana teremos que nos contentar com o typo que, pela tradição, pela historia, pelo prestigio maior entre as outras raças que aqui convivem, é de facto o preponderante.

Não percamos de vista que aqui se trata de obra d'arte, da bella arte que, pela plastica, visa os effeitos suggestivos que lhe são proprios. Não esqueçamos tam-pouco que o projectado monumento do Ypiranga é um marco centenario do nosso evoluir como nação americana independente.

E' o Brazil civilisado e culto, o Brazil livre que não esqueceu, porém, as suas tradições, que ali se commemora, após um seculo de vida antonoma, mas um Brazil que, evolue, affirmando-se na sua cultura de procedencia eu-ropéa e nos elevados ideaes da raça branca.

Não é um Brazil indio ou Brazil catechumeno que se vae celebrar. Essas modalidades já passaram, ha seculos, como formas transitorias de uma civilisação transplantada. O Brazil indio nunca existiu. Dizer *Brazil* já é dizer *civilisação*, *christianismo*, nas plagas da America pela acção dos portuguezes.

A gente portugueza, como evoluiu na America do Sul, nesse meio trapico, mesclada mais ou menos com o indio e com o africano é que dará o typo do brasileiro, typo que mais e mais se approxima do branco puro, pelo estancar das outras raças, pelo fluxo constantemente renovado de europeus, pelo prestigio dos ideaes da raça branca.

A figura representativa da nossa gente não será, portanto, a do indio. Não é o typo indio que aqui prevalesce, como no Mexico e no Paraguay, mas sim o typo europeu, que experimentou na America, e em successivas gerações mais ou menos caldeadas com essas, a influencia do meio physico, o que, no diezr de H. Spencer, vale por "uma natureza um pouco mais plastica do que a dellas, mais apta a receber as impressões de um meio que se renova pelos progressos da vida social e, por isso, mais propria a crear ideaes e a manifestar sentimentos de uma forma particular".

E' por isso que opinamos a que se não tome por figura representativa da Bahia o typo indio, que não é o prevalescente, nem o do mestiço accentuado, que é forma transitoria, mas o da mulher bahiana dos nossos dias, de procedencia européa ou branca, com as feições expressivas do nosso meio ethnico.

Assentado esse ponto da figura representativa, resta á commissão ver como dar-lhe a expressão symbolica que o architecto requereu.

A esse fim recorramos á Historia e a ella deixemos o fixar-se a attitude que deve ter a estatua da Bahia em face do seu passado.

Pela raça e por esse passado, que já vem de quatro seculos, essa estatua modelar-se-ia pela figura de uma mulher robusta, collo farto, seios tumidos, braços vigorosos, roupagem leve a envolver-lhe o tronco. E' a *heroína dos seios titanicos* a que se dá a attitude de uma mãe creadora, a mesma attitude que A. Patarse deu á sua estatua do Latio (Lacio) na base do monumento de Victor Manuel 2º, a mão esquerda apoiando o seio nutriz e, agora a completar, a direita estendida á guisa de quem protege a prole, lembrando assim a funcção da Bahia na Historia, desde que o rei *colonizador*, D. João III, deliberou fundal-a, isto é, — "a dar favor e ajuda ás outras povoações e ministrar justiça..." (Regimento de Thomé de Souza de 1549).

A completar esta figura symbolica e porque a Bahia eia a força e o centro de resistencia naquelle periodo inicial, dê-se-lhe, á estatua, uma meia couraça sobre a roupagem leve e se lhe encoste ao quadril um escudo, onde na parte superior se figure em relvo o emblema da cidade do Salvador com o distico—*sic illa ad arcam reversa est*, e, na parte inferior, se desenhe o *Monte Paschoal*, representando a primeira terra avistada do nosso paiz.

No chão, a seus pés, um feixe de canna de assucar significará a riqueza agricola do sólo bahiano.

Salvo melhor juizo, é esse o parecer da commissão.
Bahia, 13 de Julho de 1919.

THEODORO SAMPAIO
PIRAJÁ DA SILVA
A. DE CAMPOS FRANÇA.



CANDOMBLÉ DE CABOCLO

Ligeiras notas a proposito de uma offerta feita ao Instituto pelo Coronel Arthur Atahyde de objectos pertencentes e um famoso candomblé de caboclo da Cidade do Salvador. Maio de 1919.

Os nossos indigenas, na simplicidade da sua existencia errante, admittiam grande numero de superstições, que eram os seus feitiços; uma aranha dissecada, fragmentos de sapo, productos mineraes trazidos ao pescoço, como amuletos, ou pendurados á entrada da taba, para desfazer ou destruir a surpresa do inimigo.

A catechese dos missionarios proporcionou-lhes orientação differente, baseada nos fastos do Catholicismo. De facto, o selvicola acceitou com agrado manifesto a nova doutrina, principalmente pelo effeito ou seduccção da musica.

Da convivencia intima com o africano, nas aldeias, ou nos engenhos, originou-se, por assim dizer, a celebração de um novo rito intermediario, incutindo-lhes no espirito idddéas novas. Da fusão dos elementos supersticiosos do europeu, do africano e do selvicola originou-se o feiticismo conhecido pelo nome de "*Candomblé de Caboclo*", bastante arraigado entre as classes inferiores desta capital.

E' crença entre os sacerdotes e praticantes da seita, que são dirigidos por tres entidades: Jesus Christo, S. João Evangelista e S. João Baptista, tendo Jesus Christo o nome particular de *Caboclo Bom*.

Adoram com grande respeito o symbolo da Cruz; ao mesmo tempo que acreditam nas revelações dos ciganos quanto ao presente e o futuro. A iniciação das postulantes para a seita é effectuada numa choupana, na matta virgem, por espaço de trinta dias. Os *encantados* chegam á cabeça

das mulheres, conforme o rito africano, notando-se que o preparo das hervas differe na quantidade e na qualidade: pois são empregadas, apenas, duas e entre estas distingue-se o arbusto silvestre denominado—Jurêma. O caboclo tem quizilla como o africano, mas os castigos divergem para peor. Quem está com o *santo* corteja ás pessoas presentes segurando-lhes as mãos, dá dois saltos perpendiculares, abraça-as de um lado e do outro, faz-lhes algumas determinações, dá-lhes conselhos e retira-se.

Na epoca precisa é necessario festejar o *santo*, mandando celebrar uma missa. De volta do templo rezam o officio de Nossa Senhora; isto feito, iniciam a funcção. As danças são executadas num rythmo um pouco differente do africano.

Os instrumentos são os mesmos, divergindo, porém, os toques de tabaques e os movimentos de braços e cabeças. Ha, no entanto, tribus africanas em que os canticos e movimentos choreographicos são inferiores aos dos caboclos.

Nas festas, as refeições constam de peixe ou de aves e animaes de caça; as hervas são de estimavel valor.

As aboboras cosidas com a casca, de mistura com feijão e mel de abelhas constituem os manjares preferidos.

A's bebidas alcoolicas costumam addicionar certa quantidade do mesmo mel, assim como entrecasca de jurêma.

O azeite de dendê ou de cheiro não é admittido no condimento das iguarias.

Cidade do Salvador—Agosto, 1919.

MANOEL QUERINO.

Chorographia do Municipio de Maragogipe (*)

Non nove sed nova

O actual municipio de "Maragogipe", comarca e cidade do mesmo nome, por tradição conhecida como "cidade das Palmeiras", fica localizado: ao sul pelo municipio de "Nazareth"; a leste, pelo de "Itaparica"; a oeste, pelo de "São Felipe"; ao norte, pelo municipio de "São Félix" e pelo rio "Paraguassú", á foz do rio "Capanema", afluente do anterior, na sua margem direita, e entre 12° 45' de latitude sul e 38° 55' de longitude oeste, sendo a sua configuração peninsular, as praias de seus rios arenosas e, pouco mais ou menos, de 20 metros a profundidade do leito das aguas que banham a sua costa, onde os ventos dominantes são Norte e N. E., Sul e S. E. no estio e S. e Oeste, na estação ibernal, quando o termometro centigrado, marca, ali, 22 grãos, subindo a 28 grãos, na época do calor.

Os ultimos recenseamentos, colhidos em fonte official, dão-lhe uma população de 25.635 almas esparsas na sua séde e nos seus arraiais de "Najé" e "Coqueiro" e povoações de "S. Roque", "Barra do Paraguassú", "Caveiras", "Capéla da Piedade" e "Capanema", onde funcionam escolas publicas directamente dependentes do Governo do Estado.

A distancia da capital deste Estado da Baía — cidade do Salvador — á sua séde, é de 57 kilometros ou 30 milhas, viagem que um vapor, da navegação interna da Companhia Bahiana, faz em 4 horas, acusando uma escala de 1/2 grão, e o orago "São Bartholomeu" é o padroeiro da cidade, celebrando-se, a sua festa, no mez de Agosto.

(*) O autor adopta graphia propria.

O sólo de Maragojipe é um conagraçamento de silica, arjila, massapé, areia e rochas calcareas, parecendo ezistir, em alguns trechos prata e manganez.

Suas culturas, preponderantes, são o café e o tabaco; mas, de um módo jeral, os agricultores locais, se dedicam á policultura, sendo grande a sua ezportação de farinha, feijão, milho e verduras.

Nos tempos coloniais e quando governador jeral o fidalgo luzitano, D. Diogo de Menezes, a atual cidade e municipio de "Maragojipe" era uma povoação produtôra, em larga escala, de farinha de mandioca e que se dizia descendente de aborijenes laboriosos e destemidos, cuja tribu ostentava, com orgulho, o nome de "Mara-gojip"—braços de ferro ou invenciveis—alcunha adquirida nas contendas e pelejas, com os guerreiros nomadas, que lhe queriam roubar os bens e as companheiras.

Os "Mara-gojip", diz a lenda, tinham garbo em saber, como ninguem, lançar a flecha de páo ferro e, no manejo do machado—"tára-ira"—guerreiro algum lhes igualava o golpe quando, após o combate, êles decepavam, nos festejos da vitoria, o inimigo aprisionado e condênado ao suplicio.

Não eram, comtudo, antropófagos, os "Mara-gojip" e em familias, monogamas, esses cabôclos ali viviam, pescando, nos rios, lavrando a terra e plantando a mandioca, a "jatrofa manihot" de "Lineu", planta da familia das euforbiaceas, proprias dos climas tropicaes e de onde, ainda ôje, nós tiramos o principal sustento á nossa alimentação.

E, quando os conquistadores se foram embrenhando pelo interior da capitania da Baía de Todos os Santos, cujo donatario, como sabemos, foi Francisco Pereira Coutinho que, por consentir violencias contra os Tupinambás, senhores da ilha de "Ita-parica", por estes selvajens foi assassinado, em 1547, quando ali naufragou, ao regressar de Ilheus á Baía, diz ainda a lenda, os "Mara-gojip" a êles se mostraram simpaticos, dando-lhes franca ospitalidade, do que não abusaram os europeus.

Não se sabe bem a causa dessa boa armonia, pois tal não era anorma dos compatriotas do "Caramurú"; mas, bem possivel é ter, para isso, influido o mulherio dessa tribu, cujas damas eram de estatura mediana, pálidas e aloiradas, de mãos e pés pequenos, olhos côr de safira,

labios sanguineos e finos e dentes alvos como a areia do mar.

Na tribu, afirmavam os velhos, essas mulheres representavam a decendencia de omens de uma raça lonjiqua, pelos "Mara-gojip" vencidos, como outr'ora os "Sabinos" pelos suditos de "Romulus", e a terra, onde se avia dado o rapto, distava tres luas, avendo o grande chefe, "Itapacirica",—senhor da pedra branca—e os seus guerreiros, atravessado muitos rios para conseguir companheiras aos adultos da tribu.

Dando crédito, pois, a essas narrativas, é facil comprehendere que as filhas dos "Mara-gojip", muito provavelmente européas pela origem, se deixassem comover pelas vibrações do atavismo, o que em parte explica a sua união com os invasores da terra dos "Mara-gojip", nome depois corrompido no de "Maragojipe".

Em contato com os portuguezes os indigenas progrediram, rapidamente, e esse logar ficou tão conhecido e invejado que, sob o governo do primeiro vice-rei do Brazil, D. Jorje de Mascarenhas, Marquez de Montalvão, foi a terra dos "Mara-gojip" elevada, em 1640, á categoria de freguezia e, em 16 de Fevereiro de 1724, obteve ella ser considerada vila. No reinado do Imperador D. Pedro II, em 1850 e em 8 de Maio, "Maragojipe" foi erguida á importancia de cidade, obtendo o fóro de comarca, em vista da lei 20 de Junho de 1884, somente usufruindo de "facto et jure" a soberania de cabeça de comarca em 1890, designando-lhe o governo republicano brasileiro, o seu primeiro juiz de direito, que foi o Dr. Antonio Cardoso de Oliveira Guimarães.

A este seguiram-se os Srs. Drs. Vicente Candido Ferreira Tourinho, Arlindo Baptista Leone, Clemente de Oliveira Mendes, Oracio Lucatéli Doria, Luiz Batista de Sousa, Antonio Daniel Tanajura Guimarães, Augusto Vergne de Abreu, João Alves Pedreira França e Arthur Newton de Lemos—atualmente em ezercicio.

Da comarca fazem parte, agóra, a cidade e municipio de "Itaparica", distante 33 kilometros d'ella e 24 kilometros da capital e a villa e municipio de "S. Felipe", lonje 30 kilometros da mesma comarca e 87 kilometros da capital.

O primeiro intendente do municipio foi o cidadão Coronel Manoel Pereira Guedes e o seu primeiro presidente de Concelho foi o Sr. Coronel Antonio Augusto da Silveira.

A este sucederam-se, como intendente, os Srs. Coronel Antonio Felipe de Mélo, Dr. João Cancio de Alcantara, Dr. Flaviano Amado de Souza, Dr. Pompilio Borjes, Luiz Prospero Ratton, Dr. Joaquim Gonzalves, Coronel Manoel Rebouças, Coronel João Primo Guerreiro — eleitos — Dr. Julio dos Santos Sá, recentemente nomeado.

Seus prezidentes de Concelho, sucessivos, foram os Srs. Coronel Antonio José Cardoso de Miranda, Silvano de Miranda, Major José Paulino da Silva Guimarães, Dr. Pompilio Borjes, Coronel Emilio Alves Peixôto, Capitão Crescenciano Alves de Souza.

Maragojipe, na era vijente, possue 824 eleitores, cinco seções eleitorais, 19 ruas, 4 praças, 9 travessas, 121 largos, 13.880 abitantes, dentre os quaes predomina o sexo feminino, um magistrado (juiz de direito), o promotor publico, um delegado de policia, um adjunto da promotoria, um subdelegado, um destacamento policial, tres médicos, quatro cartorios—policia, juri, civil, paz, um tabelião de notas, tres farmaceuticos praticos, 2.213 casas, uma Camara Municipal, um matadôro publico, um cemiterio, uma agencia de correio, um pequeno azilo de mendicidade, cinco igrejas, tres fabricas de charutos dos industriais Dannemann & C., Vieira de Mélo, e Suerdieck, duas filarmônicas, uma estação telegraphica, uma escola estadual complementar, para o sexo masculino, e duas escolas para crianças do mesmo sexo, municipal e estadual, uma escola primaria, para o sexo feminino, e uma mixta, estaduais, tres tipografias, quatro olarias, um ôtel e uma casa de pensão, uma colétoria estadual, uma colétoria federal, uma das mais rendosas do Estado, uma empreza aquaria de propriedade do Sr. Coronel Vicente Amaral e que fornece agua canalizada, aos domicilios, mediante a contribuição de 6\$000 mensais, duas fabricas de sabão, vélas e vinagre, uma farmacia de prpriedade do farmaceutico João de Sant'Anna, muitas lojas de fazendas, miudezas e ferragens e armazens de molhados, tres salgadeiras de couro e quinze casas compradôras de café e fumo, sendo a mais importante a do industrial Augusto Suerdieck.

Os principais rios do municipio, todos piscósos, são: o Paraguassú, navegavel em toda a sua eztensão, o Capanema, o Maragojipe e o Guahy, afluentes do primeiro, como atraz já foi dito, o Quelembe, que serpeia a cidade e orijina a cachoeira do Urubú, banheiro publico da moci-

dade folgazã, o Pedras, o Bacalhão, o Camocijipe, o Copióba, o Itaparica, o Cabôclas, o Tijuca, o Serra, o Muruzunga, o Bota-Fôlhas, o Pedrinhas, o Sinunga, o Batatam, o Pujuca, o Cachoeira, o Páos, o Lama e o das Dônas.

A respeito de Paraguassú, diz o cronista Pedro Celestino da Silva que, segundo a opinião do Dr. Vasconcelos Galvão, o vocabulo Paraguassú deriva da linguagem indijena e é formado de paraegóra—canôa—e assú—grande.

Ouve um tempo, entretanto, em que nos compendios, livros, mápas e documentos publicos, se escreveu, Paraguaçu, Peruaçu, Paraussú, Peruçu.

O dr. Lindolpho Rocha argumenta que Paraguassú é corrupção de Peranaçu, que, por sua vez, se origina de Paraná-assú ou paranhê-assú, pois paranaí ou paranhái designava muita agua e—aná ou nhê, comprido, corrente, grande.

Os pontos mais elevados da cidade são: a cascata do Urubú, os cruzeiros da missão e fim de século, o Camaleão e o monte do ospital da Santa Caza de Mizericordia, inaugurado em 1850, a esforços do então juiz municipal, Dr. Antonio Placido da Rocha, que foi o primeiro provedor, sendo seus sucessores os Srs. Desembargador Freitas Enriques, Capitão Manoel Ferreira, Padre Dr. Inacio Aniceto de Souza, Dr. Altino Rodrigues Pimenta, Farmaceutico Bernardino Borjes, Capitão João Batista Correia de Araujo, Coronel Aurelino Pereira, Professor Ernestino Barbosa de Souza, Coronel Emilio Alves Peixoto e Dr. Arthur Newton de Lemos.

O Sr. Coronel Emilio Alves Peixoto reformou esse ospital, em 1910, dando-lhe feição moderna, pelo que, as suas enfermarias e salas de operações, estão muito bem regulamentadas pelas exigencias da ijiêne, da asepcia e da cirurjia.

No municipio ezistem cacimbas cujas aguas encerram sais em dissolução: mas, em alguns logares, encontram-se vertentes de agua potavel e no logar chamado Passajem fica uma lagôa, como o nome de tanque do Paranhos. Pelo interior encontram-se as lagôas de: D. Rosa, Páo seco e Lagôa.

Os jornaes da localidade, em circulação, no momento, são: *O Gladiador* e *O Imparcial*.

Tempos atraz, porém, circularam: *O Rizo*, *O Xadrez*,

A Briza, A Pérola, A Propaganda, A Noite, A Democracia, A Lira, O Novo Século, O Livro, O Satélite, O Jacaré, O Jaburú, O Colibri, O Filhote, O Maragojipano, A Situação, O Éco Maragojipano, O Democrata, O Solteiro, O Pirilampo, A Môscas, A L-bre, A Rosa, o Semeador, O Constitucional, O Interesse Publico, A Época, O Noticiario, A Gazetinha, O Oculo, A Bocêta de Pandorra, A Tarde, O Labaro, O Lirio, A Falena, O Asteroide, A Arpa, O Maragojipe, A Vanguarda, A Nova Era.

A guarda nacional, consignada no municipio, consta de quatro brigadas: duas de infantaria, uma de cavalaria e uma de artilheria, sob as numerações de 32^a, 423^a, 72^a e 7^a.

A comunicação, porem, da séde com os arraiais e povoações visinhas, muito deixa a desejar e, em 1911, descrevendo, em ligeiros traços, essa cidade, tivemos a franqueza de dizer, pelas colunas do *Jornal de Noticias da Bahia*, em seu numero 9320, de 6 de Abril, que "infelizmente os meios de comunicação unicos para com os povoados limitrofes são: as estradas de rodajens, as canôas, os barcos, as lanchas e o vapor da compainha bahiana de navegação que, tres vezes na semana, *sái da capital em direção á cidade de Cachoeira.*

DR. JOAQUIM GONZALVES.

Bahia—1916.



Ultimas emprezas de uma cruzada civilizadora

A MISSÃO RONDON

Em Julho do corrente anno deu entrada na Secretaria deste Instituto um longo telegramma do General Candido Mariano da Silva Rondon, relatando as ultimas façanhas de sua benemerita Commissão. Lido em sessão de Assembléa Geral, esta resolveu unanimemente, por proposta do Dr. Theodoro Sampaio, lançar na Acta dos nossos trabalhos um voto de applausos á missão alevantada do emerito brasileiro, publicando esta Revista o teor do mesmo telegramma, que é o seguinte:

* * *

“Santo Antonio do Madeira, 27—Será minha derradeira comunicação do sertão. Concluimos com exito completo os trabalhos de exploração da região do São Miguel e zona Cordilheira Parecis correspondente. Completamos assim a exploração Cautario. Partimos da estação Arikemes, rio Juary; subimos este rio pela sua margem, onde cursamos para o Alto Juruá, por cuja margem direita demandamos o divisor deste rio com o rio Urupá. Galgamos este divisor, atravessamos cabeceiras mais septentrionaes Cautario, sahido de garganta que tem origem cabeceira dito no Urupá, transpuzemos chapadão divisor deste com o rio a 11° 9' lat. sul. Attingimos o porto 1° de Fevereiro, á margem esquerda do Cautario, 11° 19' lat. sul, de onde Capitão Pinheiro iniciou a 18 de Fevereiro de 1917 a exploração deste ultimo rio. Dahi procuramos as abas da Cordilheira dos Parecis e contrafortes do Ulpiané. Transpuzemos o valle do Cautario e suas altas cabeceiras. Galgamos os contrafortes do divisor deste com o Cautarinho (Serra Aleixo Garcia). Passamos para o valle dod Cau-

tarinho, transpondo suas cabeceiras na ponta meridional da serra Ulpiané.

Deixando essas aguas, penetramos na garganta do contraforte deste ultimo rio com o S. Miguel. Descobrimos importante jazida de metal exploravel industrialmente; desse lugar procuramos galgar a cumiada da Cordilheira em que tem origem uma das cabeceiras do rio S. Miguel, attingindo-a a $11^{\circ} 32'$ de lat. sul. Da cumiada, na altura approximada de 700 metros, pudemos ver e apreciar toda a planicie e vertente do Guaporé, margem brasileira. Descobrimos nova serra que denominamos Paschoal Moreira Cabral. Podemos concluir que o rio S. Domingos nasce na serra Pires de Campos, no poente da cumiada da cordilheira entre as serras Ulpiané, garganta Pires de Campos e Paschoal Moreira. Atravessamos terrenos auriferos; estudamos levantamento cabeceiras varios rios que exploramos. Fixamos as posições de mais tres contrafortes em que nascem as outras cabeceiras do rio S. Miguel, e ás quaes denominamos, de Norte a Sul; Serra Fernando Dias, Serra Gabriel Antunes, Serra João Antunes, denominações essas lembradas como homenagem aos primeiros bandeirantes que penetraram em territorio matto-grossense e descobriram Cuyabá. Estavamos no mez do bi-centenario desta lendaria cidade; levantamos uma das cabeceiras do São Miguel, abrindo uma picada por sua margem até o ponto em que construimos canôas para embarcar. Ao porto aberto denominamos Porto do Bi-centenario de Cuyabá. Lá festejamos tradicional data de 8 de Abril. A 22 deste mez embarcamos, realizando exploração com telemetro Fleurtais.

O rio estava formado; sua configuração, porém, apresentava-se-nos cheia de ameaçadora surpresas. Effectivamente lutamos com difficuldade para vencer largo trecho da charneca em que se transforma desde $11^{\circ} 47'$ até $12^{\circ} 11'$. Succedem-se tremendos minhocaes cobertos, extensas florestas em que o burity se distingue e muitas variedades de palmeiras, sobrevindo imponentes buritysaes até se transformarem em pantanaes do typo paraguay, o que acontece neste ultimo paralelo.

Alcançamos a foz do São Miguel no paralelo 12° e $23'$. Fiz levantamento do Guaporé até a foz do Cautarinho a 12° e $9'$ de latitude. Attingi levantamento total de 654kils. Fechamos assim o ultimo polygino geogra-

phico que constituirá ultima folha da carta de Matto Grosso, de cuja construcção se encarregou a Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. A região atravessada é povoada por tribus indigenas que nunca se relacionaram com os civilizados e de outras já em contacto. Fomos felizes em conseguir nos entender com as tribus das cabeceiras do São Miguel, ás quaes manifestamos nossa cordialidade, retribuida por symbolica hospitalidade e tocantes sentimentos de sympathia, apesar de não quererem os indios pessoalmente visitar o nosso bivaque. Verificamos riquezas consideraveis de caucho, seringa, ipeca, cacáo, etc., quanto á flora. O sub-solo contém riquezas metaliferas que permittirão rehabilitar o districto do Guaporé e levantar-o ao nivel das regiões mais ricas do Estado. Verificamos que nos mappas existentes só o Guaporé está certo. Todos os seus affluentes foram nesses mappas collocados em croquis, bem como a Cordilheira dos Parecis e a serra da Pacca Nova, fantasia geographica dos cartographos.

Attenciosas saudações. (Ass.)—*Rondon.*"



A' memoria de Euclides da Cunha

NO DECIMO ANNIVERSARIO DE SUA MORTE

Discurso do Dr. Theodoro Sampaio

Meus caros consocios do Instituto Historico.

Por entre tristezas, que um tragico episodio de ha dez annos nos desperta, apparece-nos hoje a imagem do Euclides da Cunha de que me occupo neste momento dedicado á sua memoria, pedindo-vos me consintam encaral-a através das impressões pessoaes que me ficaram do engenheiro e polygrapho que elle foi e da nossa convivencia intima de algum tempo, em S. Paulo, onde ambos faziamos vida na mesma profissão.

Escusado é dizer-vos que aqui não venho fazer um estudo psychologico do ecriptor através das suas obras. Ser-me-ia difficil tental-o agora a contento de mim mesmo e á altura do seu merecimento.

Modestissima embora a contribuição do meu testemunho, o meu deipoiamento, que vale pouco, não lhe empanará por certo o brilho de seu nome, mas dirá com verdade como começou a ensaiar os primeiros vôos na difficil arte de escrever o genio que mais profundamente prescrutou a indole da nossa gente e o paisagista da penna que, mais do que ninguem, soube descrever a privilegiada natureza do Brasil.

Euclides da Cunha chegara, havia pouco, do Rio de Janeiro, sahido das fileiras do Exercito, quando o conheci em S. Paulo. Casara-se e tinha vindo fazer vida nova, laboriosa, na terra dos Andradas. Uma vulgarissima transacção imposta pela necessidade de se elle installar, nos approximou.

Foi isto ali por 1892, se bem me recorde; mas Euclides, nomeado engenheiro das obras publicas do Estado, na sua faina de construir pontes e estradas e a viajar pelo interior, raro então me apparecia.

De volta dos seus trabalho de campo, trazia um ar de tédio a trahir-lhe uma repugnancia invencivel. Não que a vida activa de engenheiro lhe pezassem; mas porque não encontrava na funcção, como exercida, a superior elevação, capaz de o libertar da pasmaceira de uma technica que lhe parecia duvidosa.

Maior ainda era o seu nôjo pelas cousas publicas, quando consideradas no terreno da politica indigena. Não as queria commentadas por mais em fóco que se lhe depa-rassem ellas na tela da vida nacional. A republica, que elle sonhara e pela qual até sacrificios fizera, não a reconhecia elle nesse anremêdo de instituição politica, que então era o governo do Brasil, tão ao avêso dos seus ideaes de mocidade ardorosa, intransigente. Abaixava então a vista para não ver a miseria a que chegara a ruina dos seus ideaes desvanecidos.

O seu positivismo ou materialismo, já um tanto esmaecido, não collidia com o meu espiritalismo, por elle polidamente respeitado. Havia tanta cousa em que conversar que não fosse politica ou philosophia em que militavamos em campos oppostos! Tratavamos então dos livros novos, dos que faziam epoca e logravam interessar-nos, a ambos. Euclides lia, porem, com muito particular attenção a Herculano e a Camillo Castello Branco nas suas obras de polemica litteraria. Vi-o muitas vezes a folhear os escriptos de ambos, mas principalmente os escriptos de combate, onde a paixão não raro arrebatava, e a critica, posto que sincera, chega a ser cruel e terrivel. O vocabulario, ahi mais espontaneo e energico, seduzia sobremaneira ao escriptor *in fieri* dada a sua predilecção accentuada pelo phrasear energico, expressivo, quente, mais de accordo com a sua maneira de sentir.

Mas o Euclides, na sua vida de engenheiro errante pelas regiões do Oeste paulista, me desapparecia por longo tempo. Era uma raridade quando me surgia de improviso em casa a contar-me a sua odysséa e a maldizer o seu tédio que já se prolongava por muito tempo.

Uma vez tornou-me mais de pressa do interior, e vinha mais animado. Era outro e tinha como que um vago pre-

sentimento de que o seu destino ia mudar. Aquella pasma-
ceira de tantos annos ia ter o seu fim.

Foi quando se ateou a guerra de Canudos no intimo dos sertões bahianos, em 1896, após o insuccesso de duas successivas expedições mandadas contra os jagunços fanatisados de Antonio Conselheiro.

Crescera no paiz a fama dos atrevidos sertanejos, forçando a retirada de forças regulares federaes ao mando do Coronel Febronio de Britto, ha pouco fallecido.

A fama tinha dado proporções exageradas ao successo; mas subira de ponto a estupefacção popular quando se espalhou por todo o paiz a noticia do desastre completo da expedição Moreira Cezar, a terceira que a jagunçada tinha repellido e esta agora com a perda de vida do proprio chefe da expedição e de boa parte de sua officialidade.

Grandissimo foi o abalo na opinião publica nacional. Os republicanos julgavam-se mais uma vez trahidos pelo adhesismo monarchico, victimas elles da sua boa fé e de sua moderação para com os adeptos do decahido regimen. Era o *sebastianismo* impenitente, diziam, que armava essa traição de Canudos, onde, se suppunha, estavam refugiados ex-marinheiros dos da revolta do Almirante Custodio José de Mello, capitaneados por habeis officiaes europeus contratados. Era a monarchia que levantava o collo no sertão, apunhalando traiçoeiramente, pelas costas, a republica.

O Visconde de Ouro Preto, si então escapou com vida á furia da multidão ignara e incontida, viu entretanto tombar a seu lado, victima de scelerados energumenos, o seu amigo, o Coronel Gentil de Castro, apontado como dos principaes responsaveis pela revolta sertaneja.

Castro tombara innocente, como innocente estava o monarchismo accusado. Mas a turba dos exaltados queria culpados em que cevar o seu desejo de sangue, e o *sebastianismo* impenitente, só elle, é que lh'o podia fornecer.

Canudos, diziam, é por certo uma machinação de monarchistas; é a restauração que faz volta pelas catingas e cae agora de improvisio sobre a republica.

Euclides chegou um instante a acreditar nisto e ainda nutria duvidas muito serias quando me veio annunciar que partia e trazer-me as suas despedidas. E partiu como correspondente de "O Estado de S. Paulo", a seguir de perto a columna expedicionaria do commando do General Arthur Oscar.

Levou-me algumas notas das que eu lhe offereci sobre as terras do sertão que eu viajara antes d'elle em 1878. Pediu-me copia de um meu mappa ainda inedito, na parte referente a Canudos e valle superior do Vasa Barris, trecho de sertão ainda muito desconhecido, e eu lh'a forneci como forneci ao governo de S. Paulo que della tirou mais de um exemplar, remettido para o Rio, ao Ministerio da Guerra.

Quando, porém, por entre fogo e sangue aquelle lugubre episodio terminou; vencida, mas não rendida, a pertinacia do jagunço fanatisado, e Euclides, convencido e tambem desilludido, tornou ao seio da familia, a alma do patriota agora é que se revoltava, o coração confrangido, o animo a explodir contra a vilania de quem não soube vencer sem manchar; contra a miopia d'aquelles que não souberam ver, para além do jagunço fanatico, a alma do brasileiro do sertão capaz dos mais sublimes rasgos de heroismo.

Euclides resolveu então escrever as suas impressões daquella tragedia lugubre; era um como que protesto intimo contra aquelle criminoso exterminio que nem a mulheres e crianças tinha poupado. O *Sertões*, que elle então escreveu, teve esse fundamento de protesto do seu espirito de patriota revoltado.

Contava-nos contristado os episodios horriveis da catanga conflagrada. Repugnava-lhe aquella reacção da legalidade que não lhe pereceu na altura da nossa força militar, como não agiu consoante á cultura que, como um povo civilisado e christão, representavamos. Não accusava a individuos; reprovava, porem, a acção descabida, erronea, incontida dos responsaveis. Não escreveu para accusar, mas para reprovar. Dahi o seu emudecer diante das misérias de que foi testemunha; dahi o não carregar as côres, antes até esse esmaecer de tintas no quadro da realidade amarga, onde se lhe percebe, entre o silencio por compostura e o estrugir num protesto de indignação, a tortura de sua alma de patriota.

Foi nesse estado d'alma que escreveu os *Sertões*. O escriptor masculino, que se ia elle revelar, vinha pleno das mais desenhonradas impressões. As scenas daquellas terras, devastadas pelas seccas periodicas e pela colera insana dos homens, revelavam-se-lhe de um imprevisto inimaginavel e elle como que se sentia com forças para fixal-as na tela de uma obra imperecivel. Parecia-lhe isso uma reparação, uma divida a pagar á memoria daquella

gente obscura que soube morrer por um ideal, fosse embora um ideal obscuro também, mas gente mascula que á ren-dição humilhante preferiu a morte, ainda que fosse a morte n'um braseiro ao fundo de um fosso, com tão maior heroismo quanto o não fôra outr'ora o dos defensores da abrasada Sagunto.

Euclides começou a escrever.

A principio trazia-me aos domingos os primeiros capitulos, os referentes á natureza physica dos sertões, geologia, aspecto, relevo, e m'os lia naquella sua calligraphia minúscula que era como a minha também. A leitura fazia-se pausada a meu pedido, porque tinha eu a sensação de com ella estar a trilhar vereda nova, cheia de novidades. Não havia, porém, no novel escriptor o abuso da adjectivação, tão commum aos novos. A phrase sahia-lhe perfeita, moldando-lhe com exactidão e nitidez as ideas. Uma propensão contudo se lhe notava e era a do emprego de termos desusados a que eu, a gracejar, chamava *calhaus* no meio de uma corrente harmoniosa—que de resto era a sua bôa linguagem.

—Por velho ou esquecido, contestava-me, não perdeu para mim a força de expressão que eu procuro no vocabulo. Que me importa, a mim, que o leitor esteja na leitura corrente, si a impressão que lhe dou com esse termo esquecido é a mais verdadeira, a mais nitida, e, em verdade, a única que eu lhe queria dar?!

A nitidez da expressão era o seu cunho, o seu empenho maior. Catava termos expressivos até na gíria popular; saboreava o phrasear do sertanejo, por achal-o mais espontaneo e verdadeiro; avido colhia-os todos, como a diamantes na cata o garimpeiro.

Conversamos uma vez a proposito do estouro da boiada e dos costumes do vaqueiro da catinga, quando me occorreu citar-lhe um bilhete de sertanejo cujo theor, como se vae ver, me deram por authentico de um vaqueiro dos Inhams:

“Illustrissimo Senhor meu amo.

“Participo-lhe que a sua boiada metteu-se em despotismo. Um boi no deixar o curral entregou o couro ás varas. O resto... o resto trovejou naquelle mundão.”

.....
—Falar assim é que é falar com a natureza, atalhou-me encantado o Euclides. Não conheço diveras povo, como

o nosso do sertão, que por palavras dê mais realce ao seu sentir, tenha mais energia no dizer.

Uma boiada que "se metheu em despotismo", commentavamos então, é em verdade a revolta, a convulsão da bovina caterva, mugindo, arremettendo, arrombando porteiras e levando tudo adiante de si. "Metter-se em despotismo" quer dizer tudo isso n'uma phrase synthetica muito verdadeira ao sabor da gente simples do sertão. "Um boi que entrega o couro ás varas" é a victima do incomtido tropel sobre cujo cadaver passou a avalanche da manada e de que o provido boiadeiro tirou o couro, espichando-o por meios de varas a seccar no oitão da casa da fazenda. "Trovejar naquelle mundão..." exprime de modo incomparavel o que é o horizonte da catinga quando, como um furacão, o sacóde o arranco da boiada por entre nuvens de pó. O chão treme. O ruído da ramalhada partida e levada a peitos estruge como um trovão ao longe, numa tempestade em que aos Euros se substituem bisões furibundos como que tangidos por demonios invisiveis.

Euclides repetia essas phrases como que a pezar-lhes as imagens, a aurir-lhes na onomathopéa significativa a sensação real que lhe produziam.

Tinha eu viajado os sertões muito antes de que Euclides os conhecesse, e d'ahi o assumpto predilecto das nossas palestras domingueiras, revivendo na memoria scenas que ambos contemplamos e que para elle eram tão novas e tão fundamente impressionantes.

Passavamos em revista essas terras adustas do Nordeste Brasileiro que o homem ainda não subjugou e em que a natureza de continuo victima o homem, seleccionando-o pela energia e resistencia que elle oppõe ás crises periodicas da secca e da fome. Recordavamos a geologia através dos estudos de Hartt, de Derby, e neste examinar em que contemplavamos aquellas extensões de terras salgadas, ou com inflorescencias salinas, na catinga como nas margens do S. Francisco, passavamos dos depositos calcareos, docalheira silicosa das varseas onde dos rios temporarios só se vê o sulco profundo e esteril, que as aguas abandonaram, ao relevo anti-plano das montanhas de quartzito e de schistos crystalinos do divisor das aguas; reviamos de memoria aquelle scenario immenso das planuras sertanejas com os seus serros isolados, de um pittoresco sem par, perdidos na catinga como se foram ilhas num mar petri-

ficado; revíamos os taboleiros onde por leguas não se encontra uma baixada humida que sirva de refrigerio.

Depois falavamos da historia desse Nordeste indomado onde o brasileiro é sempre o mesmo homem, do Piahy pelo Ceará ás terras bahianas; o mesmo typo, os mesmos costumes, o mesmo o vestir, o mesmo o falar, porque a natureza é a mesma no Parnahyba como no Jaguaripe, no Potengy como no S. Francisco. E elle me pedia apontamentos historicos que eu assim, como os possuia, enfiados em cadernos de notas, de bom grado lh'os fornecia, resultando disso, por acaso, esse manuscripto da lavra de nós ambos, que o Instituto hoje possui, isto é, notas distribuidas em capitulos por mim escriptas na primeira parte do livro, observações outras da lavra do Euclides, feitas com a mesma lettra miudinha que ambos adoptavamos para simples annotações.

Ficou assim esse livrinho manuscripto como um testemunho da nossa prisca communhão de vista, dos tempos em que o escriptor masculino ainda ensaiava os seus vôos que o ergueram tão alto. Dessa intima convivencia, que aliás o lidar da profissão tão breve interrompeu, nada mais me ficou.

Outro homem na penna que não na ordinaria conversação era o Euclides. Raro na palestra se animava. Não era verboso, nem alacre, nem causticante no discretear ordinario. Preferia pensar, refletir, ouvir antes que dizer, o que trahia natural propensão mais para colher do que para dispartir as joias do seu espirito.

A' meza o Euclides era um torturado a quem as iguarias faziam mais mêdo do que as carabinas da jagunçada revolta na catinga. Comer fosse o que fosse era lhe um tormento, por mais innocente que lhe parecesse a iguaria e isso notei-lhe sempre, antes como depois da sua visita a Canudos.

Não tinha prazer á meza, onde se assentava, de ordinario, convivia taciturno e desconfiado e neste estado de espirito tudo lhe servia de escusa aos obsequios e offerecimentos.

—Que é que se ha de offerecer ao Euclides? Era a pergunta da dona da casa toda vez que se aguardava a visita do auctor dos "Sertões". E o Euclides, a bem dizer, só se considerava tranquillo á mesa, quando nada via de especial a se lhe offerecer.

Mordicava, não comia, e ainda assim se enchia de receios. Não sei se mais tarde essa inapetencia nervosa se lhe dissipou. O que posso dizer é que o autor dos "Serções", do "A' margem da Historia", do "Perù versus Bolivia" de tantos outros escriptos fulgurantes que o sagraram o mais potente dos escriptores, interpretes da natureza brasilica, era um doente, talvez imaginario, mas de facto um doente.

Mais tarde o notavel escriptor deixou S. Paulo e eu lá fiquei por mais annos porque os affazeres me obrigavam e os affectos daquelle povo progressista me prendiam.

Não nos encontramos mais. Segui-lhe de longe a trajectoria que todo conhecemos, parabola fulgente que rapido ascendeu ao apice e que tambem rapido declinou, findando nessa morte tragica, que a solemnidade presente rememora e as minhas palavras não têm como vos significar a magoa desoladora.

A alma bôa, que elle foi e que tão profundamente sabia sentir, merecia certamente do destino outro desenlace na vida que não esse da bala assassina que, matando-o, tisonou-lhe de suspeição até o proprio lar da familia.

Acima de tudo, antes de tudo, Euclides era um sincero patriota. A nossa natureza ninguem a descreveu com mais verdade nem mais brasileira nem mais legitimamente. O genio do nosso povo ninguem o comprehendeu melhor do que elle.

Estamos num periodo da Historia, após essa guerra tremenda de successos inauditos, *maxime memorabile omnium*, em que revivesce o espirito das nacionalidades.

Os povos despertam para uma era nova que começa. Agora a reconstrucção, um direito novo, uma concepção social nova que já se vem definindo. Seja o nosso despertar na era nova um appello aos expoentes da genialidade nacional, como o foi o Euclides Cunha, como foi o Visconde do Rio Branco, cuja obra memoravel o Brasil inteiro hoje celebra.

Lembremo-nos de que as ideias conduzem o mundo e de que factos nada valem se não encarnam uma grande verdade. Dominem em nós as ideias que Euclides agitou e com ellas façamos desta patria o theatro de uma esplendida realidade, officina do trabalho, fecundando-se n'um largo espirito de solidariedade humana.

Terminada a oração do Dr. Theodoro Sampaio o Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha leu o seguinte trabalho, apresentando um grande mappa do Purús e um rico album de photographias, do qual estampamos aqui algumas mais interessantes.

O trabalho do Dr. Arnaldo Pimenta foi ouvido com todo o interesse, sobretudo no fim em que elle conta o incidente do banquete nos confins occidentaes do Brasil e orientaes do Perú.

* * *

Exposição do Dr. Pimenta da Cunha

Meus confrades:

Realisando-se hoje esta homenagem á memoria de Euclides da Cunha, prevaleço-me da oportunidade para communicar ao Instituto o têor do telegramma que em 24 do corrente recebi do Sr. Deputado Federal Herculano Cezar:

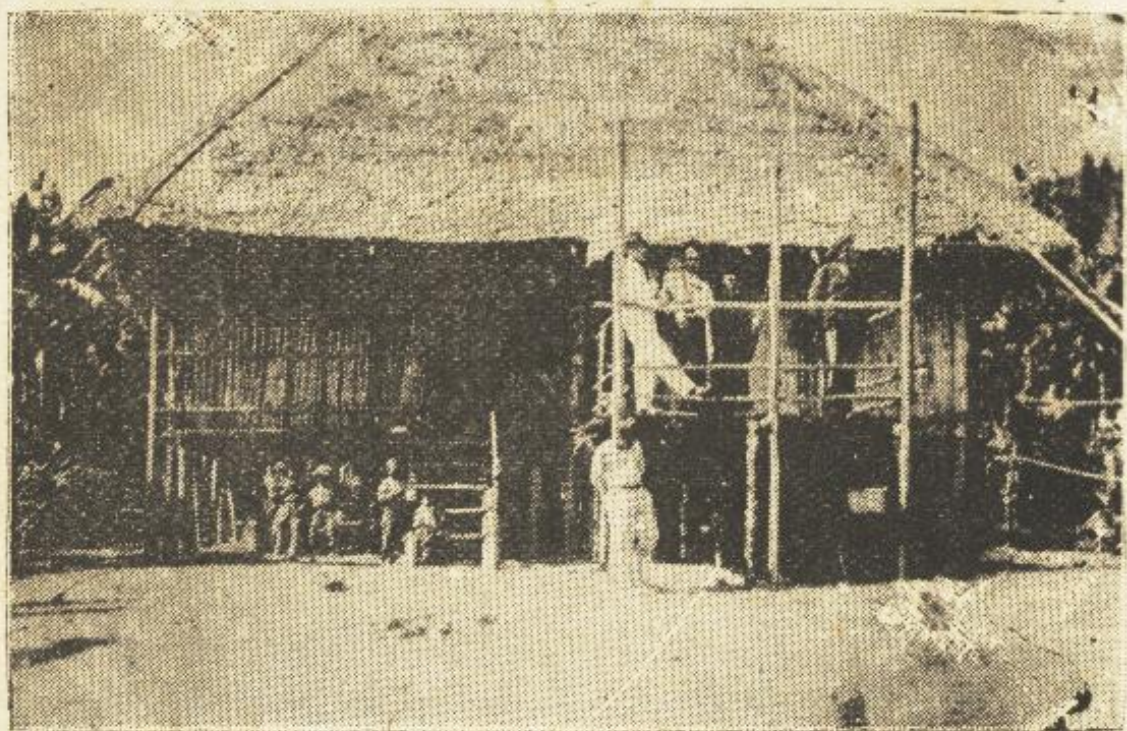
“Fineza informar banquete commissão brasileiro peruana qual Euclides Cunha deante ausencia bandeira nacional recinto ornamentado outros pavilhões proferiu vibrante discurso agradecendo ironicamente omissão dizendo melhor representante folhas palmeiras enfeitavam sala foi realísado territorio nosso ou peruano cidade villa dentro casa ar livre margem rio, etc.—Sinceros agradecimentos—

e a resposta que por mim lhe foi transmittida, por despacho do dia seguinte:

“Discurso pronunciado almoço Curanja, margem direita rio Purús distante 1517 milhas sua fóz. Curanja é caserio peruano em decadencia outrora mil habitantes entretanto de 28 Junho.—2 de Julho de 1905 quando alli estivemos estava reduzido 120 habitantes. Almoço teve logar dentro casa peruano supponho chamado Eloy Barbaran que penso foi quem respondeu discurso dizendo

ironicamente "Usted comprendió mui bien pensamiento". Curanja o maior sitio peruano está mappa Chandless nome Curamaha que é tambem nome affluente Purús margem esquerda e serve varadouro para rio Juruá pelos Envira e Santa Rosa. Peruanos residentes Curanja vivem extração caucho e em guerra exterminio indios coronauhas bravios dependendo resultado essa luta sorte habitantes ainda existiam Curanja.—Saudações".

Satisfazendo, com essa communicacão, os desejos do meu dilecto amigo Dr. Bernardino de Souza, ao mesmo tempo em que attendendo a conselho do mestre querido



Barracão em Curanja

Dr. Theodoro Sampaio, pessoas ás quaes muito deve o nosso Instituto, venho, a proposito deste assumpto, accrescentar mais algumas palavras ás contidas na minha resposta acima.

* * *

Com Euclides da Cunha fiz parte da Commissão Brasileira do Reconhecimento do Rio Purús e Juruá, nos territorios neutralizados.

Estas Comissões foram organisadas após a celebre conferencia, no Itamaraty, entre o immortal Barão do Rio Branco e o Ministro Plenipotenciario da Republica do Perú, Sr. Dr. Don Guilherme A. Seoani, em que, "tendo presentes os artigos 9º, 10º e 11º do Accôrdo de 12 de Julho de 1904, entre os Governos do Brasil e do Perú,



Construcção de uma Ubá no Purús

accôrdo que estabeleceu um *modus-vivendi* destinado a vigorar no Alto Purús e no Alto Juruá, durante o prazo fixado para a discussão diplomatica sobre os limites entre os dois paizes, ou durante os prazos das prorogações em que ambos possam convir", se assentaram as commissões com estes objectivos principaes:

"A commissão partirá de Manãos e verificará o curso desse rio, (Purús) fazendo um simples reconhecimento hydrographico até o barração de Catay, cujas coordenadas geographicas determinará. Dahi para cima, até aos varadouros que vão ter ao Ucayále e que deverão ser explorados em toda a sua extensão, se fará um levantamento expedito do Alto Purús, determinando-se approximadamente as coordenadas da bocca de

todos os seus principaes affluentes, sobretudo, as dos chamados Curanja, e Manoel Urbano.

“A Commissão Mixta corrigirá e completará, cmo poder, a planta levantada por W. Chandless, e verificará a correspondencia da nomenclatura geographica que nella se acha com a actualmente em uso.”

Em satisfação a estas instrucções, a Commissão Mixta Brasileiro-Peruana partiu de Manáos a 5 de Abril de 1905, epocha muito impropria, por ser exactamente quando começa a deixar de haver navegação regular para



Encontro

o Alto Purús, adstricta como é aos periodos das cheias e vasantes. Não obstante, nos primeiros dias do mez seguinte, já nos achavamos na confluencia Acre-Purús, onde permanecemos por tres dias, “fazendo os regulamentos dos chronometros e as principaes observações acerca do regimen e caractéres physicos dos rios”.

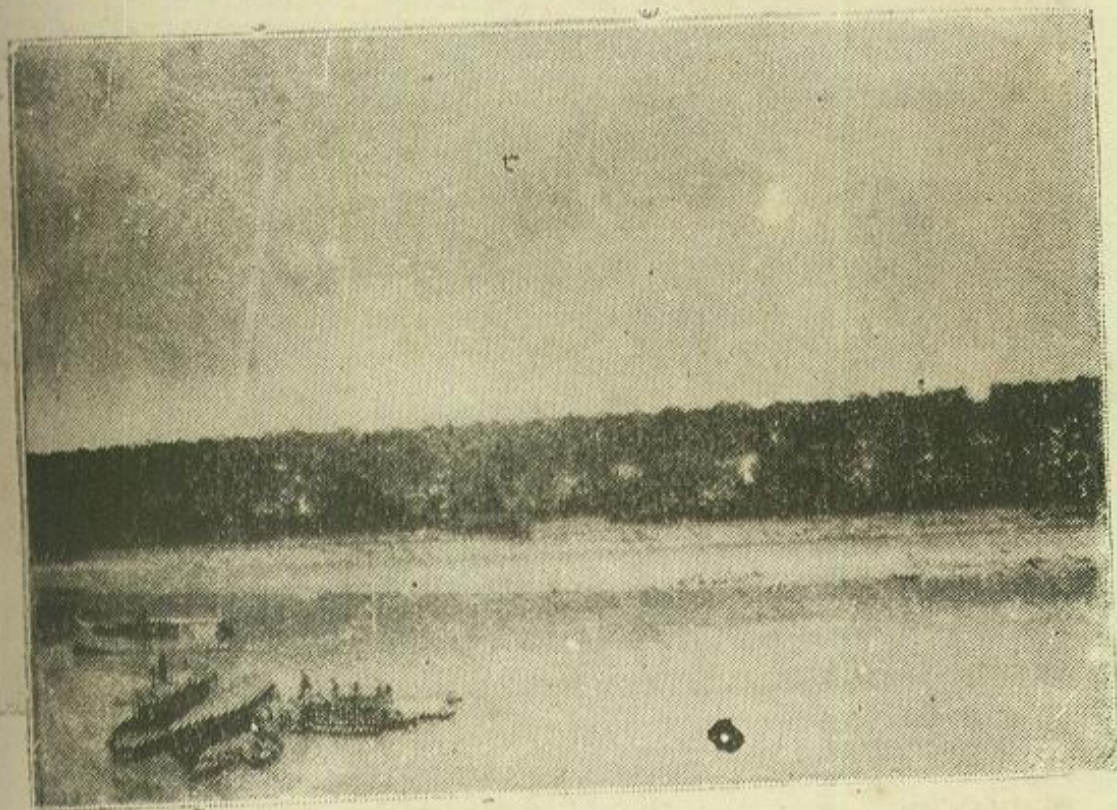
—Pela manhã de 21 de Maio, na volta de S. Braz um accidente desastroso modificou todo o curso da viagem.

“A passagem alli, a exemplos de outras que já se tinham transposto, offerecia a alternativa do encalhe ou do naufragio, quer procurassemos a convexidade da praia, onde derivava a corrente, rasa, sobre as areias, quer na-

vegassemos pela parte concava, da barranca, onde a vantagem de uma maior profundidade se annullava completamente ante numerosos madeiros de pontas ameaçadoras e que difficilmente poderiam ser evitadas.

“Preferia-se, naturalmente, o ultimo caso, em que pese aos perigos. Foi o que realisaram a “Cahuapanas” e a “N. 4”, (*) atravessando, incolumes, o trecho perigoso, mas sem se forrarem ao encalhe na curvatura extrema da volta—de onde escaparam depois de algumas manobras.

“A “Cunha Gomes”, rebocando um pesado batelão, vinha ligeiramente atrasada; de sorte que ainda luctava, aquellas, por se livrarem do baixio em que se tinham immobilizado, quando a ultima, ás 9 horas, appareceu e penetrou pela passagem unica do canal, onde a violencia da corrente e os páos submersos, ou repontando salteadamente, tornavam tão precaria a navegação. Apesar disto, atravessou-o



O naufragio

sem incidente. Ao montar a volta da praia, porém, como —apesar de uma sondagem preliminar—encalhasse ligeiramente num baixio, deu atrás afim de safar-se, o que conseguiu sem difficuldade. Mas sendo a corrente muito impe-

(*)—Nomes das lanchas dos exploradores.

tuosa, a lancha, logo depois de retroceder, devia seguir ávante, vencendo promptamente as aguas, de modo que ella e seu pesado reboque não fossem sobre os páos ainda proximos. Não se conseguiu isto, falhando a machina no momento em que devia agir mais poderosamente; de sorte que a lancha, com o batelão "Manoel Urbano" á jusante, derivou á feição da corrente indo, a breve trecho, esbarrar num enorme madeiro de Cumarùrana, onde o ultimo, arrombado, quedou preso, fazendo logo agua e afundando num naufragio irremediavel".

As duas Commissões Mixtas estiveram todo aquelle dia: uma—a brasileira—na faina tumultuaria de naufragos a outra—a peruana—sem conseguir desencalhar a sua embarcação unica.



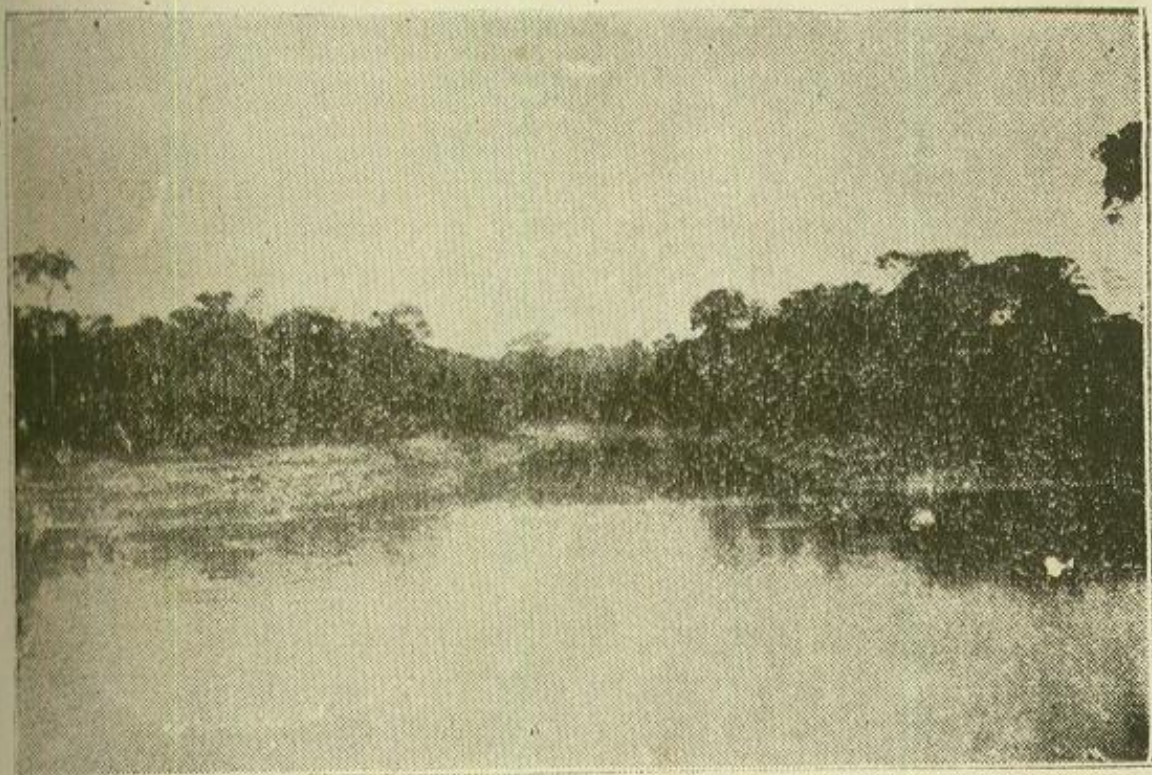
Bocca do rio Chandless

Assim, a commissão brasileira, tendo os seus recursos reduzidos em consequencia do naufragio, precisou diminuir de numero; e a peruana, que se não modificara, ficou diminuida tão somente na tripulação da lancha encalhada. A redução do pessoal era, pois, uma medida imperiosa, afim de se evitar o circulo vicioso em que gyram aquelles que pela primeira vez viajam nos desertos: havendo muita

gente esta consome muita cousa, e para conduzir muita cousa é preciso muita gente...

Eis porque parte do pessoal da commissão brasileira permaneceu em S. Braz e depois daquella reorganisação, as commissões proseguiram a sua róta, unindo-se novamente, em 25 de Maio, na bocca do Chandless, onde accordaram os commissarios sobre as providencias immediatas que a situação reclamava, entre as quaes a de uma communição urgente e circumstanciada aos governos brasileiro e peruano.

Dahi em diante, abandonadas as lanchas, a viagem continuou em batelões e canoas, sem que nenhum de nós se illudisse quanto ás difficuldades que nos sobreveriam pois o rio Purús, "grandemente exgotado, imprópria-se á navegação, e foi assim que nos dispuzemos para esta viagem dilatada, deixando a confluencia de Chandless no



Bocca do rio Ituxy

dia 30 de Maio, ao meio dia", para alcançarmos, em 2 de Junho, á 1 hora da tarde, o lugar denominado "Refugio", onde estacionara a commissão administrativa peruana, em consequencia do encalhe da lancha "Phenix" e no dia seguinte passou-se pelos barracões denominados "Porto Memoriá", Cassiaña", "Triumpho Novo" e "Novo Lugar",

onde igualmente se achava, provisoriamente, a commissão administrativa brasileira, depois do impedimento do vapor "Santos Dumont", em que viera de Manáos.

Dahi em diante, a nossa marcha se tornou mais regular. Os soldados, transformados de improviso em remadores, iam se adestrando facilmente nesse rude officio e, as jornadas começadas invariavelmente ao primeiro alvorecer da manhã, só se rematavam á noite, com o intervallo de tempo necessario tão somente ás curtas refeições.

Assim, foi que, "acampados geralmente uns ao lado de outros, na mesma praia, peruanos e brasileiros estimulavam-se deste modo pelo exemplo reciproco, n'uma emulação que nunca degenerou em discordia e só trazia como consequencia uma rapidez excepcional que nunca previramos. De facto, ao cabo de alguns dias decampava-se desde que o primeiro albor da ante-manhã permittia a leitura da bussola e avançava-se até a noite. Ao mesmo tempo, de prompto, adextrados no manejo de varões, as tripulações das canôas porfiavam n'uma sulcada que dia a dia lhes exigia maiores cuidados e maiores esforços, pelos perigos crescentes dos abatizes submersos e extensos bancos de areia exigindo, não raro, o arrastamento a pulso das canôas. A estes estímulos mutuos, que nunca diminuíram, devemos a rapidez da nossa viagem, sem embargos das escalas obrigatorias que a natureza dos trabalhos nos impunha" (*).

Em 25 de Junho, a commissão brasileira ficou reduzida a nove pessoas apenas, tendo sido remettidos presos para Catay cinco soldados que se revelaram indisciplinados. A nossa garantia official consistia nessa soldadesca em numero de seis, dos quaes, apenas um se conservou fiel á missão patriotica que nos levára áquellas paragens. Os demais, em viagem de *bubuia*, foram conduzidos presos por si mesmos, escoltados por elles proprios, sob a vigilancia do deserto: Não poderiam fugir.

Em 28 seguinte, a commissão chegou a Curanja, caserio peruano, em franca decadencia, na margem direita do rio Purús, situada defonte da confluencia desse com o "Curanja", que no mappa de W. Chardless está com o nome de Curumaha e que depois do Acre é a principal forquilha do Purús, onde nos demoramos 5 dias (de 28 de

(*)—Relatorio da Commissão Mixta Brasileiro-Peruana.

Junho a 2 de Julho), afim de se compararem os chronometros das duas commissões, depois de realizadas as observação astronomicas indispensaveis. "Curanja" teve, outr'ora, cerca de 1000 habitantes, mas em 1905 a sua população estava reduzida a 120 pessoas. O rio desse nome é de agua pardacenta e tem approximadamente 100 metros de largura, nas enchentes, e por elle *vara-se* para o rio Juruá, pelo "Envira" e pelo "Santa Rosa". Até Curanja,



Almoço a que se refere o escripto na pag. 264

no periodo de Dezembro a Abril, póde ser effectuada a navegação por meio de embarcações de grandes calados, ao passo que, durante o resto do anno, se torna ella difficil até para canoas de mais amplas dimensões ou *batelões*,

ficado; revíamos os taboleiros onde por leguas não se encontra uma baixada humida que sirva de refrigerio.

Depois falavamos da historia desse Nordeste indomado onde o brasileiro é sempre o mesmo homem, do Piahy pelo Ceará ás terras bahianas; o mesmo typo, os mesmos costumes, o mesmo o vestir, o mesmo o falar, porque a natureza é a mesma no Parnahyba como no Jaguaripe, no Potengy como no S. Francisco. E elle me pedia apontamentos historicos que eu assim, como os possuia, enfeixados em cadernos de notas, de bom grado lh'os fornecia, resultando disso, por acaso, esse manuscripto da lavra de nós ambos, que o Instituto hoje possue, isto é, notas distribuidas em capitulos por mim escriptas na primeira parte do livro, observações outras da lavra do Euclides, feitas com a mesma letra miudinha que ambos adoptavamos para simples anotações.

Ficou assim esse livrinho manuscripto como um testemunho da nossa prisca communhão de vista, dos tempos em que o escriptor masculino ainda ensaiava os seus vôos que o ergueram tão alto. Dessa intima convivencia, que aliás o lidar da profissão tão breve interrompeu, nada mais me ficou.

Outro homem na penna que não na ordinaria conversação era o Euclides. Raro na palestra se animava. Não era verboso, nem alacre, nem causticante no discretear ordinario. Preferia pensar, reflectir, ouvir antes que dizer, o que trahia natural propensão mais para' colher do que para dispartir as joias do seu espirito.

A' meza o Euclides era um torturado a quem as iguarias faziam mais mêdo do que as carabinas da jagunçada revolta na catinga. Comer fosse o que fosse era lhe um tormento, por mais innocente que lhe parecesse a iguaria e isso notei-lhe sempre, antes como depois da sua visita a Canudos.

Não tinha prazer á meza, onde se assentava, de ordinario, convivia taciturno e desconfiado e neste estado de espirito tudo lhe servia de escusa aos obsequios e offerecimentos.

—Que é que se ha de offerecer ao Euclides? Era a pergunta da dona da casa toda vez que se aguardava a visita do auctor dos "Sertões". E o Euclides, a bem dizer, só se considerava tranquillo á mesa, quando nada via de especial a se lhe offerecer.

perturbada, além do mais, pelos numerosissimos troncos e baixios de argilla endurecida, que se encontram em sensivel crescendo, a partir de "Novo Destino".

Foi ahi que se realisou o almoço, cuja lembrança deu causa a estas divagações. Representa-o a photographia acima. Fomos recebidos para aquella cerimonia, com salvas de 21 tiros de riffle (Winchestre).

Ao iniciar-se o repasto, o olhar investigador de Euclides da Cunha notou a ausencia da nossa bandeira naquella profusão de ornamentos, onde o symbolo peruano avultava ostensivamente com as suas bellas côres. Mas o verde amarellado do "palmito" que elles para alli levaram, inspirou a Euclides no seu discurso de agradecimento, as palavras de requintado civismo, pelas quaes ficaram os peruanos sabendo que melhor valiam, alli, perto dos extremos virgens da nossa Patria, a sua representação entre aquelles enfeites de momento, pelos leques colhidos á palmeira altiva e recta, como tambem altiva e recta e altaneira ella tem sabido ser, em vez de symbolisada por tecidos mal tintos, que os mercados offerecem...

Tamanhos sacrificios, semelhantes desconfortos, iguaes torturas de corpo e de espirito, de que procurei arrancar ideia, narrando, muito por alto, todo o tortuoso itinerario pelo qual alli chegamos, si a nossa consciencia não nos tivesse dado quitação delles, pelo bem do dever cumprido, pela fortuna de servir á Patria, esse gesto cavalheiresco de Euclides, com o orgulho de que nos encheu e do qual estaes tambem communicados, fôra a recompensa mais eloquente por que nos satisfariamos.

Esse gesto valeu, pois, por si só, a pena dos soffrimentos.

E tanto mais avultou esse feito de altivez, esse impulso de patriotismo, que os nossos obsequiadores, sentindo-se mal postos ante nós, em seu proprio territorio, se justificaram do esquecimento, propositado ou não, da nossa bandeira, dizendo, pela voz, não me recórdo bem se de Eloy Barbaran, n'uma satisfação com vincos de diplomacia:

"Usted comprendió mui bien nuestro pensamiento" (*).

(*)—O Dr. Pimenta da Cunha citou, um a um, os logares atravessados pela Comissão Mixta, indicando-os no mappa e mostrando photographias muito interessantes.

O CULTO DAS PEDRAS VERDES ENTRE OS ABORIGENAS DO BRASIL (1)

COMMUNICAÇÃO DO RVM. PADRE CAMILLO TORREND

E' bem conhecido o facto que grande quantidade dos machados da prehistoria do Brasil são de nephrite, uma especie de silicato de côr esverdeada, e muito dura.

Nas collecções dos Museus do Rio de Janeiro e diferentes Estados, o caso é dos mais frequentes, e possuímos nós tambem um bello exemplar d'estes artefactos, presente do nosso particular amigo, Sr. Coronel Deocleciano Barretto, do alto sertão da Bahia em Mundo Novo.

Na ultima excursão que fizemos em Dezembro e Janeiro passados pelos sertões de Pernambuco e Ceará, a nossa attenção foi chamada para uma pedrinha verde de beryllo ou quartz chloritoso em forma de minuscuro chapeo, finissimamente alizada tanto na parte cylindrica como nas abas, que o nosso amigo, Padre Augusto Barbosa, Vigario de S. Pedro do Crato, conservava com grande cuidado e de que se privou com muita generosidade.

Ficou ainda mais despertada a nossa curiosidade quando ultimamente nos foi mostrada outra pedra de nephrite de alto valor, outr'ora pertencente a D. Antonio Macêdo Costa, arcebispo eleito da Bahia, e que lhe tinha sido offerecida por uma velha India do Pará, nas suas viagens apostolicas pela sua immensa diocese amazonica.

(1)—Este artigo foi propriamente escripto para a Rveista "Brotéria", de que o autor é redactor.

Foi assumpto de uma Communicação no Instituto, na sessão de 29 d e Setembro do presente anno; por isso, com a licença da redacção da "Brotéria", é reproduzido aqui.

Estes finos labores em pedras *verdes*, nephrite, beryllo ou quartz chloritoso, evidentemente tinham a sua significação na prehistoria do Brasil. Consultando a preciosa collecção dos Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tivemos o prazer de ver que aquelle problema tinha sido já estudado por mão de mestre uns 40 annos atraz pelo Dr. Ladislau Netto; achamos, porém, o thema tão interessante, especialmente em vista do amuleto batrachiforme amazonense do fallecido D. Antonio Macêdo Costa, de que ninguem ainda se occupou, que julgamos dever escrever sobre o assumpto algumas considerações, embora não tenhamos os estudos de especialisação que requerem semelhantes questões da archeologia e prehistoria.

O culto das pedras *verdes* trazidas nos beiços, nas faces ou no pescoço, remonta aos tempos mais remotos da historia dos aborigenes nas duas Americas, sendo este um dos argumentos mais importantes em favor da sua unidade de origem.

Entre os Aztecas do Mexico o "chalchihuilt" ou amuleto de pedra verde no labio inferior, era signal de auctoridade, e foi com elle que Montezuma quiz realçar a solemnidade das festas com que recebeu a Cortez, quando aquelle famoso navegador espanhol aportou ao Novo Mundo.

O deus dos Aztecas, Tesclopotea, era representado com um quartzo hyalino mettido no beiço, perfurado longitudinalmente, o que permittia collocar n'aquelle orificio uma penna verde, dando assim por transparencia ao quartzo o aspecto de uma grande esmeralda. A mesma divindade tinha para a symbolisar uma grande pedra verde engastada na região umbilical.

Outro deus dos Aztecas, Quetzalcohuatl, cujo nome significa "cobra de pennas verdes", dizem, foi concebido pela sua mãe ainda virgem, só pelo facto de ella ter apanhado em viagem uma d'aquellas pedras verdes, uma "chalchihuilt", como a chamavam os Indios do Mexico.

Quando morria algum chefe, querendo os seus subditos celebrar a sua apothecose, e patentear que se elevára á transsubstanciação divina, collocavam-lhe nos labios uma pedra verde, e os sacerdotes no desempenho das suas funcções mais solemnes enfiavam uma esmeralda ou uma turqueza no labio á guiza de "tembetá".

Todos estes factos mostram com evidencia que existia

um verdadeiro *totemismo* naquellas raças primitivas da America Central, isto é, uma crença de parentesco entre elles, os seus chefes, os seus deuses e as pedras verdes usadas como talisman.

A maioria d'aquelles amuletos eram de nephrite. Como suggere Ladislau Netto parece licito pensar que aquellas pedras, por serem rarissimas e encontradas debaixo da forma de nodulos ou seixos durissimos, provenientes de veciros de rochas graniticas desaggregadas, fizessem lembrar aos Indios ossos de alguma divindade. Assim se explicaria o mysterio que envolve não só o seu uso, como a sua procura. Varios codices mexicanos que se referem á maneira como os indios procuravam aquellas pedras divinas, fallam de grutas mysteriosas d'onde se extrahia o "jade", especialmente a gruta de Tlapallan, que ninguem até hoje conseguiu encontrar.

O "codex Chmolphopoca" representa o deus Quetzalcohuatl descendo aos infernos para pedir ao Senhor dos mortos ossos de "Jade", com que podesse fazer novos homens.

Porém aquella palavra "jade" leva-nos a pesquisas prehistoricas muito mais interessantes ainda.

O culto das pedras verdes, e de um dos seus melhores representantes, o "jade", é muito anterior aos povos que vieram povoar a America; é essencialmente de origem asiatica, e este facto fornece um argumento valioso para inferir que os primeiros habitantes do Novo Mundo viessem da Asia pelo estreito de Behring, desenvolvendo ao principio pouca civilisação até encontrar as fertilissimas e quentes regiões mexicanas onde puderam expandir-se com toda a pujança e vigor da raça.

Em apoio d'esta opinião, o Dr. Ladislau Netto faz notar que a palavra "jade", o "jaspe" das linguas latinas, provavelmente deriva das linguas Mantchús, de *kach-Djilum* (pedra de kach), mudando-se facilmente em "gach", mais tarde em "iash", e finalmente "iade" ou "jade". O mesmo auctor suggere a ideia que a famosa pedra preciosa "Chohim" ou "Chóhan" de que falla o Genesis, seria o mesmo que o "jade", pois esta ultima pedra se chama "Yechm, Yechim, Yecham" entre os varios povos da Asia Occidental, nomes talvez filiados nos de Chohim Chochan do Genesis.

Em confirmação d'esta opinião poderíamos acrescentar

que a linguagem biblica outras vezes mais explicitamente falla do jaspe como de pedra de valor mais subido, por exemplo S. João no Apocalypse, o qual querendo descrever a Jerusalem celeste não encontra pedra mais preciosa do que o jaspe como a materia prima das muralhas do ceo: "A nova Jerusalem, diz elle no cap. XXI, v. 10 e 11, tem uma claridade divina; a sua luz é como crystallo, como o "jaspe"; mais adiante, no versiculo 19 do mesmo capitulo, querendo descrever os 12 fundamentos dos muros d'aquella cidade, colloca o "jaspe" em primeiro lugar.

E' extraordinario que a nephrite, tão usada para os amuletos dos aborigenes do Brasil tenha sido encontrada tão raras vezes na America do Sul. Só ultimamente em Amargosa, Estado da Bahia, se verificou com certeza a sua existencia. Nas chronicas dos tempos passados, apenas Yves de Evreaux faz menção d'ellas como encontrando-se n'uma montanha do Mearim (provincia do Maranhão); acrescenta elle que os francezes as chamavam "pierres vertes", especie de esmeraldas muito finas que os selvagens iam buscar, tanto para as suspender aos beiços, como para as vender as tribus vizinhas.

Os primeiros viajantes que andaram pelo Amazonas notaram a relativa abundancia dos amuletos de nephrite, que uns chamaram jade, outros Saussurite, e outros ainda "amazonstein", cujos jazigos nunca ninguem descobriu. Humboldt escreve, por exemplo, que "apezar de excursões longas e demoradas pelas cordilheiras das 2 Americas, nunca poudo encontrar jazigos de jade, e que em presença da raridade d'aquella rocha cresce o assombro por ver a quantidade de machados de jade que encontraram".

Só de uma maneira vaga Damour e Eischer (Ladislau Netto op. cit. II, p. 154), baseados nos dizeres de La Condamine (1735), Buffon (1749), Humboldt (1807), Martius (1828), asseveram que a nephrite (Amazonenstein) ou pedra de Amazonas, se acha na America Meridional, provavelmente nas margens das antigas alluviões do rio Amazonas.

Mais extraordinaria ainda é a explicação dada por viajantes que nas epocas anteriores se referiam ao jade amazonense. Seyfried que escrevia de Berlim em 1747 acreditava seriamente que as Amazonsteins provinham de uma terra verde e lodosa dos rios, a qual exposta ao ar adquiria uma dureza comparavel á do diamante. Buffon, citando o mesmo

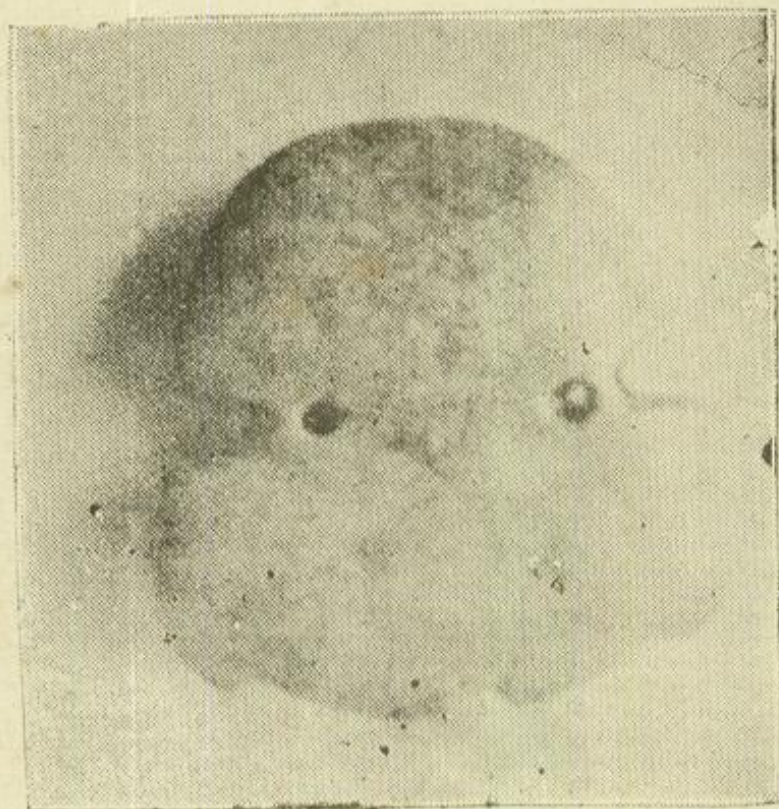
auctor não se mostra muito alheio de lhe seguir a opinião, e somente nos principios do seculo XIX Humboldt se atreveu a desfazer aquella lenda e escrever que “era opinião destituida de todo o fundamento a de julgar que a Saussurite fosse primitivamente tirada do lago Amucú n’um estado pastoso”. (Ladislau Netto, loc. cit. p. 144,.

Em vista d’aquella raridade ou talvez ausencia completa de nephrite na regiões de Amazonas, é licito pensar que tão numerosos artefactos encontrados ahi, lavrados com aquella pedra, sejam provenientes da America Central, e talvez do Mexico, onde os mesmos eram objectos de um culto tão espalhado, como dissemos acima, e d’onde teriam sido trazidos pelos chefes de tribus que primeiro se estabeleceram no torrão brasileiro.

N’este caso, o amuleto batrachiforme de que fallamos, sendo o artefacto mais primoroso que se conhece n’este genero, podemos suppôr que pertenceu a um dos chefes principaes da primeira occupação brasileira, talvez ao primeiro bandeirante que se atreveu a passar o isthmo do Panamá, deixando as feracissimas terras mexicanas pelas terras não menos ferteis do valle do Amazonas.



Isso explica o seu grande valor historico e o facto que um amator da capital fluminense offereceu em tempos 40 contos por elle a seu dono, e este ainda lhe achou maior valor, pois não quiz o ceder por tão avultada somma de dinheiro.



O proprio culto dos batrachios, de que o amuleto é uma prova, talvez se explica não só pelo facto da côr esverdeada da maior parte das suas especies, como por causa da sua vida aquatica, em logares barrentos, no meio d'aquelle mesmo lodo, que na opinião de muitos dava origem ás pedras de nephrite.

Porém não era só na America que o culto do jade e das pedras verdes estava vulgarisado. Muito mais o era na Asia. Nas regiões mais cultas do Oriente a jadeite foi preconisada como expressão da divindade desde as épocas mais remotas e Confucius fez-se echo das mesmas crenças quando ensinava aos seus discipulos que ela era o symbolo das virtudes mais elevadas.

A pesca d'aquella pedra preciosa era revestida da maior selemnidade no Celeste Imperio e Rémusat na sua obra "*Recherches sur la Pierre de Yu et le jasper des*

Anciens" (Paris 1831) a descreve da seguinte maneira: "A pesca era feita com a presença de officiaes e de um destacamento de soldados. Vinte ou trinta mergulhadores enfilheirados lançam-se na agua todos ao mesmo tempo, e quando achavam algum pedaço de pedra, saham logo para fora e o atiravam á margem. Terminada a pesca um inspector marcava os pedaços que attingiam o tamanho de 40 centímetros.

A cidade de Yarkand enviava annualmente de 4 a 5 mil kilogrammas de jade para Khotan, donde eram re-exportados para a côrte de Pekin.

Muito se tem escripto para saber por que é que a côr verde tinha aquella predilecção dos povos primitivos. E' bem possivel que fosse para symbolisar a côr das aguas do mar, em que se reflectem todos os matizes da terra e do ceo. Sem ir mais longe, vemos que nos povos latinos se nota a mesma veneração pelas aguas do oceano, como tambem o dá a entender o nome portuguez de "aguas marinhas" dado a uma das mais formosas especies de esmeralda, chamada igualmente em francez *aigue marine*.

Não esqueçamos tambem o facto que aquellas rochas, especialmente o beryllo e a nephrite nunca se apresentam em grandes quantidades massiças; são rarissimas na natureza, e encontradas apenas sob forma de pequenos seixos desagregados das rochas eruptivas onde vinham engastadas em forma de veios ou filhões. Devido a este facto de raridade, e ás bellas côres das aguas do mar que se reflectiam n'ellas, não é muito para admirar que a alma sobremaneira imaginativa do indio visse n'ellas algum osso ou vestigio da divindade, com direito a receber d'elle um culto especial.

A presença das pedras preciosas de côr verde no Amazonas e o culto manifesto que lhe tributavam os aborígenes muito provavelmente foi inicio da lenda da existencia nas margens d'aquelle rio, de guerreiras parecidas com as da velha Europa nos tempos de Herodoto. E' sabido com effeito que aquelle historiador falla de celebres esmeraldas da Scythia guardadas cuidadosamente por um povo de guerreiras, chamadas "Amazonas".

Não parece muito longe da verdade o pensar que a noticia que se descobrira no Continente Novo um povo guerreiro, onde as esposas participavam da vida angustiosa dos seus maridos e os animavam nos combates, ou

mesmo tomavam publicamente parte de certamens singulares, n'uma região onde as pedras preciosas de côr verde eram objectos de um culto especial, levasse os historiadores imaginativos a se lembrar das lendarias Amazonas da Scythia e a affirmar a sua existencia n'aquella terra longinqua, na certeza de não serem contradictas em quanto vivessem.

Em todo caso aquella lenda foi tantas vezes refutada que não merece nos demoremos n'ella.

Em tempos remotos pode-se affirmar que o uso do "tembetá" ou pedra do labio, era geral em toda a America desde o "labret" dos Esquimaus, ainda hoje observado na região comprehendida entre o rio Makensie e o Estreito de Behring (Richardson Expédition Arctique, Vol. I, p. 356; citado por Ladislau Netto, loc. cit. I p. 131) até ao "batoque" dos Botocudos do centro e do sul do Brasil, ainda em uso ha bem poucos annos.

O principe Maximiano de Neuwied que nos principios do seculo passado estudou minuciosamente os Botocudos, reconhece n'elles o typo da raça Mongolica e cita o facto curioso de um botocudo trazido ao Rio de Janeiro, o qual ao ver um chinez na rua chamou-o de tio.

O mesmo explorador dá interessantes pormenores sobre o porte do "batoque" ou adorno labial analogo ao tembetá do Norte do Brasil, porém muito mais leve, pois é feito da madeira suberosa da barriguda (*Chorisia ventricosa*), da familia das Bombaceas.

"Quando a creança chega á idade de 7 a 8 annos os anciãos lhe perfuram o labio inferior com um espinho ou um osso ponteagudo, e dilatam-lhe pouco a pouco o pequeno orificio á medida que a creança vae crescendo, por meio de batoques de varios tamanhos. E' natural que existisse o mesmo uso entre os Indios do Amazonas, e que o "tembetá" que nos occupa fosse destinado a meninos, pois é de tamanho muito inferior, talvez o mais pequeno que se conhece. Segundo Abbeville (Ladislau Netto, loc. cit. II, p.124) a iniciação da creança ao uso do "tembetá" tinha o seu cerimonial proprio. "Mandam vir a creança, diz elle, e depois de o avisarem que é para lhe perfurar o labio, esta vem com grande jubilo e alegria. Então o guerreiro deputado para aquella operação lhe perfura o labio inferior com um chifre pequeno ou um osso ponteagudo e faz n'elle um grande buraco. Se acontecer que o menino grita, o que

raras vezes acontece, ou que derrama alguma lagrima pela dôr que sente, dizem que elle nunca valerá coisa alguma, e que ficará sempre sendo um cobarde e homem sem coragem. Pelo contrario se elle permanecer firme e constante, como costuma ser, fazem os melhores presagios, acreditando que durante toda a vida será um corajoso e valente guerreiro.

O uso do batoque entre os Botocudos, diziamos acima, é uma prova manifesta de suas affinidades ethnologicas com os primeiros habitantes do Amazonas. A linguagem vem sobremaneira corroborar este modo de ver, pois o batoque é muitas vezes chamado entre aquelles povos "jametó", palavra evidentemente derivada de "tembetá", pois é sabido que naquellas linguas indigenas é frequente a alteração das lettras *timb* em *mb*, ficando assim *tembetá* alterado em *mbetá*. Por outro lado a desinencia *a* do Tupy e Guarany não raras vezes se adultera em *o*. Antepondo á palavra assim formada *mbetá* o possessivo *cha*, *chê* (meu, nosso) teremos *chambetá*, *chametó*, *jametó*.

Não é somente com pedras verdes, jade, nephrite, e beryllo que os povos primitivos (asiaticos e americanos) julgavam ter parentesco. Existia tambem um totemismo com certos animaes que se julgavam ser relacionados com as pedras verdes. Entre os aborigenas do Mexico e do Amazonas aquella veneração estendia-se tambem a animaes verdes, como a certas cobras, e mais especialmente aos batrachios.

O deus dos Aztecas, Quetzalcohuatl, tem, como já fica dicto, um nome composto de palavras que significam "cobra de pennas verdes", e bem pode ser que o culto das serpentes na India tenha uma origem similar.

Com respeito aos batrachios, como dissemos acima, é bem possivel que não fosse somente a côr que influísse n'aquella tão curiosa veneração, mas sim, por causa da sua vida aquatica em lagoas d'onde se julgava que se extrahia o lodo verde, que conforme dissemos, era crença que se tornam jade pela dissecação.

O amuleto batrachiforme, cuja photographia em tamanho natural reproduzimos aqui, proveniente da região amazonica, era tido em grande conta pela velha india que se despojou d'elle para o offerecer ao "Grande Padre", o então Bispo do Pará D. Antonio Macêdo Costa. Dizia elle

que era uma pedra *de felicidade*, que só pela muita amizade com o "Grande Padre" lhe offerecia.

Como se pode ver pelas photographias annexas, aquelle talisman tem cerca de 6 centímetros de comprimento, e quasi outro tanto na sua maior largura. E' de um polido primoroso que exigiu certamente muitos annos de vida ao artifice, se attendermos que não tinha outra maneira de polir senão areia e agua.

Do lado opposto, isto é, pela frente abdominal, o polido é por assim dizer ainda mais perfeito. Vêem-se além d'isso dois orificios lateraes na região correspondente ás chinfaduras que separam o tronco da cabeça, e que serviam para o atilho ou cipó de suspensão.

E' bem difficil calcular o trabalho insano que custou aos indios a perfuração daquelles orificios lateraes, os quaes tem cada um cerca de dous millímetros de diametro por um centimetro de comprimento. Martius julgava que a vida de um homem não podia bastar para pôr termo ao trabalho de fabricação de um tembetá cylindrico perfurado longitudinalmente. N'este caso, não foi uma, mas muitas vidas consecutivas que se passaram para perfurar e alisar a obra prima que estudamos.

O desgaste d'um silicato durissimo, como é a nephrite, de um tamanho bem superior ao dos maiores tembetás conhecidos como é a gia de que nos occupamos, não se podia fazer senão por meio de areia, para as superficies planas ou de varetas de quartzo para os orificios e os angulos reintegrantes, com um attrito incessante contra as paredes da pedra. Não é pois de admirar que estes talismans, chamados *mirakita* (pedra do chefe do povo segundo Ladislau Netto) fossem enfeites de subido valor, e que só os chefes principaes os podessem possuir.

O nosso eminente amigo Dr. Theodoro Sampaio, a quem consultamos sobre o assumpto forneceu-nos a respeito dos nomes indigenas "tembetá" e "mirakita" as notas interessantes que seguem:

"Os nomes tembetá e mirakita são tupis. Tembetá é vocabulo composto de duas partes: *tembé* que significa beijo, e *ita* que exprime "pedra". Na relação que guardam essas duas partes entre si, a traducção portugueza de "tembé-ita é *pedra de beijo*. *Mirakita* ou "myrakitan" tambem se compõe de duas palavras "mirá" ou myrá (as vezes murá, muirá) que significa "gente, povo", e "kyta"

que quer dizer "botão", nó, caroço", por tanto "mirakita" significa "botão da gente".

Por outro lado D. Antonio Macêdo Costa, e o seu irmão o Dr. Francisco, designavam o talismã de que tratamos pelo nome de "moureto", provavelmente por que assim o tinha recebido da velha india, que o offereceu, nome que tem todos os signaes de ser uma corrupção de "mirakytá".

Não acompanharemos o Dr. Ladislau Netto nas suas curiosas theorias do beijo que o tembetá tornavel impossivel aos Indios, facto que elle considera como um signal de inferioridade com respeito ás suas relações sociaes. Não nos consta que os chinas e os japonezes, apesar da ausencia do tembetá, façam uso do beijo nas suas relações familiares, nem por causa d'isso a sua sociabilidade, se chama inferior á nossa. Se houver inferioridade, como effectivamente ha, não será isso antes devido á falta de civilisação christã?

E' tambem interessante notar que o tembetá era igualmente usado pelas mulheres e que n'ellas se tornava quasi indispensavel como manto de pudicicia, ficando elle na sua mente intimamente ligado á idea de modestia. Bancroft faz notar que La Pérouse nas suas excursões pelas tribus da America Septentrional pediu a algumas mulheres que tirassem o seu tembetá; algumas julgaram-se offendidas com um pedido tão singular para elles e recusaram-se absolutamente de o fazer. Aquellas que lhe fizeram a vontade manifestaram o mesmo rubor que assalta uma mulher honesta da Europa que se vê surprehendida com o seio descoberto. (São palavras de La Pérouse).

De todo aquelle singular totemismo, uso do tembetá culto das pedras verdes e dos animaes das mesmas côres tão generalisados nas duas Americas e na Asia não deixa o espirito humano de tirar consequencias de muito provavel unidade das raças asiaticas e americanas.

O proprio Dr. Ladislau que no principio dos seus estudos d'anthropologia se julgava espirito superior por se ter libertado das ideas monogenicas, e manifestava franca tendencia em admittir a autochtonia do homem americano, não deixa de fazer transparecer aqui o abalo que taes factos produziram no seu espirito. (Loc. cit. I, p. 127). As feições do rosto, a linguistica, e muito mais ainda a ethnologia, tudo está conjugado para mostrar que

as theorias da authoctionia do homem americano não estão fundadas na realidade dos factos. Tem apenas para apoial-as os preconceitos de uma eschola philosophica que pretende a todo o transe prescindir de um Deus Creador e Omnipotente que preside á organização e evolução dos mundos.

Os verdadeiros crentes, livres d'estes preconceitos anti-scientificos, seguindo o exemplo de Quatrefagos, o sabio anthropologo contemporaneo de Ladislau Netto, e o dos maiores sabios e intellectuaes dos tempos d'agora, especialmente em questões de Geologia e Prehistoria o autor classico por excellencia, de Lapparent, sabem muito bem harmonisar a Sciencia e a Fé, admittindo Transformismo todas as vezes que a Sciencia verdadeira o demonstra com fóros de verdade, duvidando d'elle ou recusando de admittir as suas conclusões todas as vezes que se oppõem a factos certos da sciencia. Não se deixam levar por preconceitos, como succede á Escola Materialista, pois sabem muito bem que as theorias transformistas ainda quando fossem verdadeiras, e tivesse verdadeiramente havido passagem do reino inorganico para o reino organico, e do animal para o intellectual, sempre ficaria de pé a necessidade de um Deus creador da materia, e organisador d'ella, dando-lhe tantas forças evolutivas e destinando-a a tantos e tão diversos fins. Pelo contrario escravos de preconceitos se mostram a cada passo os materialistas que dogmatisam sobre a origem da vida, e a evolução d'este ou d'aquelle determinado ser, sem que as verdadeiras sciencias de observação lhes prestem o minimo apoio, ou mesmo quando ellas estão em plena opposição com estas extranhas theorias.

Estas são as considerações que me suggere o estudo das pedras verdes objecto de culto entre os aborigenes do Brasil. Se ellas tiverem o condão de lançar alguma luz sobre os problemas tão obscuros da prehistoria julgar-me-hei por feliz, nem houve outro motivo que me impellisse a percrustar questões, á primeira vista alheias da minha especialidade.

Collegio "Antonio Vieira", 28—IX—1919

C. TORREND S. J.

PARECER

acerca do projecto de legenda uniforme para mappas archeologicos da Republica Argentina e da America do Sul em geral pelos illustres scientistas Eric Boman e Luiz Maria Torres

Do Professor Eric Boman do Museu de Historia Natural de Buenos Aires recebeu o Instituto o projecto de legenda uniforme para mappas archeologicos da Republica Argentina e da America do Sul em geral, pedindo aquelle illustre scientista aos especialistas e aos institutos scientificos de formularem e lhe communicarem as observações e emendas que por ventura julgassem convenientes afim de, com a base dessas observações, estabelecer-se e publicar-se uma legenda definitiva.

Pelo presente parecer, si aprovado, o Instituto vem hoje satisfazer á solicitação do illustre auctor do projecto.

Os estudos prehistoricos na America do Sul reclamam, de ha muito, um conjuncto de signaes graphicos para a representação em mappas dos achados diversos, attinentes a monumentos indigenas, construcções, sepulturas, cemiterios, cavernas com inscripções, rochas trabalhadas, inscripções lapidares, sambaquis, artefactos diversos de procedencia indigena e pertencentes aos varios periodos da historia pre-colombiana desta parte da America.

A systematisação de signaes graphicos com esse fim, ao que se vê da memoria junta, é cousa já assentada desde 1874 pelo Congresso Internacional de Antrophologia e Archeologia prehistoricas, reunido em Stocolmo, obra de iniciativa de Ernesto Chantre, representante da França naquelle Congresso.

O trabalho agora de Eric Boman e Luiz Maria Torres, apresentado na primeira reunião nacional da Sociedade Argentina de Sciencias Naturaes, em 1916, em

Tucuman, é uma adaptação e desenvolvimento d'aquelle de Stocolmo ás peculiaridades da Prehistoria Sul-Americana que muito convem seja acceito e observado pelos que entre nós se dedicam a esses estudos, uniformisando-se assim conhecimentos em bem da sciencia.

Na Republica Argentina e nas regiões andinas, onde esses estudos, por mais favorecidos, têm-se desenvolvido mais do que entre nós, a coordenação e systematisação desses signaes graphicos já são exigencias de um progresso scientifico que as investigações, ali realisadas e tão bem succedidas, reclamam e justificam.

Entre nós, é certo, o investigador já não encontra campo tão vasto nem tão fértil onde agir na Prehistoria, desenvolvidas tão pouco como estavam antes da vinda dos europeus as nossas populações indigenas, e o que aqui, até o presente, temos logrado descobrir o escuro horizonte da nossa archeologia não nos dá modalidades especificas que justifiquem qualquer alteração ou introdução de signaes novos, consultando necessidades nossas.

Assim, o projecto Boman-Torres, como um derivado da primeira legenda internacional para os mappas de archeologia prehistorica, pode pelo Instituto ser acceito sem inconveniente algum antes até com vantagem, tanto mais quanto não discrepa elle da norma geralmente aceita que é a de serem os signaes propostos simples, mneumonicos, bem differenciados e distinctos dos signaes topographicos communs, susceptiveis de multiplicação e adaptaveis á imprensa.

O projecto contempla os dictos signaes como divididos em tres classes: *radicaes*, *derivados* e *complementares*, de accordo com a convenção de Stocolmo.

Os signos *radicaes*, os mais simples, são os que caracterizam a indicações geraes, isto é, as principaes categorias de vestigios da archeologia prehistorica, todos susceptiveis de multiplicações e combinação conforme as necessidades do auctor ou do assumpto em apreço.

Dos signos *derivados* faz o projecto Boman-Torres larga multiplicação, consultando as necessidades da prehistoria sul-americana, especialmente andina, todos muito acceitaveis, bem como os signos *complementares* de referencia ao numero dos objectos achados e á idade delles.

Os signos representativos dos periodos paleolitico e neolitico conservou-os o projecto os mesmos da legenda

internacional; mas, no que respeita aos periodos exclusivamente americanos, só os contemplou com signos derivados para representarem tão somente o *periodo incaico*, o *tiahuanaqueense* ou referente á civilização de Tiahuanaco e o *hispanico* ou *lusitano*, posterior á conquista.

A archeologia no Brasil, como se sabe, depois de um periodo de maior florescimento que foi aquelle do descobrimento e exploração dos aterros sepulchraes do lago Arary na ilha de Marajó pode-se dizer que declinou constante até fenecer quasi de todo, a despeito dos esforços de E. Goeldi do Museu do Pará e de seus auxiliares com aquellas suas descobertas de poços sepulchraes e da esplendida ceramica nelles encontrada em Maracá, na costa da Guyana Brasileira.

A despeito dos trabalhos tão sensacionaes do Dr. Guilherme Lund desde 1833, de Ferreira Penna, de Ladislau Netto, de Hartt, Derby, Capanema, e outros, a archeologia prehistorica entre nós é apenas um capitulo de simples ethnographia, como bem o diz o Dr. Roquette Pinto do Museu Nacional.

Deu-nos, como se sabe, o estudo espeleologico o *homem da Lagôa Santa*, valle do rio das Velhas, que o Dr. Lund tomou como o homem fossil e que Quatrefages acceitou como constituindo uma raça á parte, um tanto prematuramente; deu-nos aquella calotte craneana, achada por Capanema n'uma caverna da Serra Baturité no Ceará que muito se parece com a celebre calotte de Neanderthal.

A verêda nova, que Carlos Rath e C. F. Hartt abriram á archeologia brasileira com a exploração dos sambaquis e respectivos estudos, continuados por outros scientistas distinctos, pouco adiantou aos nossos conhecimentos na prehistoria indigena.

As investigações, procedidas nos aterros sepulchraes ou ilha do Pacoval do lago Arary, em Marajó, e que deram á essa localidade posição muito saliente na nossa archeologia, deram-nos a *tanga de barro*, uma originalidade na especie, um como que *folium vitis*, ou avental de pudencia, de valor caracteristico; estatuetas de barro, provavelmente idolos; pratos ricamente ornamentados; urnas funerarias e outros artefactos que de certo pertenceram a um povo mais adeantado do que o commum dos indios brasileiros da epoca da conquista.

A forma zoomorpha da ilha artificial, semelhante

a uma tartaruga, dá para filal-a á serie dos *mounds* zoolomorphos da America do Norte e para attribuir aos auctores della um proximo parentesco com as tribus que dominaram outr'ora o valle do Mississipe.

As urnas cylindricas de Maracás revelam um povo Carahyba-Aruak na costa da Guyana Brasileira.

Os estudos archeologicos no Brasil não deram mais que isso.

As inscrições lapidares indigenas, encontradas no paiz em grande numero, não foram estudadas systematicamente. São ellas material amorpho sem alcance archeologico apreciavel.

As cidades abandonadas, que se suppõem existir no imo dos sertões, são ainda hoje um mytho que ninguem ainda logrou explicar.

As construcções de pedra atribuidas aos indios são ainda duvidosas, não se tendo ainda verificado os entaipamentos de cavernas, á guisa de sepulchros, de que nos deu noticia um explorador da Serra do Cincorá. Pedras afincadas no solo em alinhamento certo, e assignalando perimetro, algumas de grandes dimensões, tem sido encontradas no alto da Serra Monte Alto, mas não foram ainda bem examinadas por competente.

A' vista do que deixamos dito, nada temos que exigir a mais do que o que está proposto quanto a signaes graphics para os mappas archeologicos, no projecto de de legenda Boman-Torres, por cuja acceitação opinamos.

Bahia, 20 de Setembro de 1919.

THEODORO SAMPAIO.



Lista das offerlas feitas ao Instituto, de Outubro de 1918 a Setembro de 1919

Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha:—Um mappa do Estado de Alagoas, publicado em Junho de 1917 pela Inspectoria de Obras contra as Seccas.

Dr. Miguel Nogueira:—Retrato a oleo do Cons. Ruy Barbosa, em ponto grande, ricamente emmoldurado e com um cartão de ouro onde se lê expressiva dedicatória.

Major Vitalino de Almeida:—Bello exemplar de minereo de ferro da margem do rio Brumado, no município do rio de Contas.

Dr. Celso Spinola:— Um passaporte de 1862, dado a Bernardo Dias Lima Sobrinho e outros documentos.

D. Adelaide de Castro Alves Guimarães:— Uma bala da guerra hollandeza na Bahia, encontrada nas escavações feitas no Rio Vermelho, Cidade do Salvador, por occasião do arrazamento do morro denominado Banco da Areia, hoje Praça Colombo do mesmo arrabalde, sendo então Presidente da Camara o Dr. Augusto Guimarães; 2 medalhas da abolição dos escravos, uma cunhada pelo Instituto Historico Brasileiro e outra da campanha abolicionista da Bahia, 1880-1888, ambas conferidas ao Dr. Augusto Guimarães, um dos proceres do abolicionismo na Bahia; um pente indigena feito de piassava.

Francisco Ferraro:—4 albuns de postaes com vistas da Europa, lembrança das suas viagens.

Dr. A. J. Souza Carneiro:—12 amostras de manganez que se encontra em varias zonas da Bahia.

Dr. Manoel Tapajoz:— medalha de prata do Imperial Lyceu de Artes e Officios.

Guttemberg Sampaio:—1 quadro emmoldurado com os retratos dos reservistas do Tiro do Commercio (284) do anno de 1918.

Dr. Joaquim Augusto Tanajura:—Cocar indígena usado pelos indios Ganatés das beiras do rio Machado, tributario do Madeira.

Julio Matheus dos Santos:—1 moeda brasileira de cobre de 3 patacas, anno de 1826.

Dr. Alvaro Reis:—1 carta de liberdade judicial passada no juizo em favor do africano Olympio por Agostinho Dias Lima em 1871.

Coronel Horminio José Martins (de Jaguaquara):—cachimbo de paz usado pelos indigenas, de pedra, encontrado na fazenda Riacho do Torres, do municipio de Areia.

Henrique Cancio:—Varias poesias em autographo do Barão de Villa Viçosa e uma poesia intitulada—Descrição curiosa do Brasil, escripta em 1804, por Joaquim José Lisbôa, Alferes do Regimento regular da Villa Rica, Lisbôa.

Dr. Alvaro Reis:—1 pilão oxalá e 1 santo africano. A respeito do pilão de oxalá diz o Professor Manoel Querino: no dia do *inhame novo*, o inicio das funcções do fetchismo o pilão é collocado na sala das danças, contendo gallinha e inhame cosinhados. Então, a começar pela mãe do terreiro, as demais pessoas da seita vão tirando a iguaria, comendo e distribuindo pelas pessoas presentes. A propósito do santo diz o mesmo Professor que é um symbolo fetchista—Iché de Xangô—e que as filhas de santo dansam com elle seguro na mão direita, como emblema do seu anjo da guarda.

Academico Pedro Bandeira, em nome de sua familia:—1 retrato a oleo (bastante estragado) do bahiano Pedro Rodrigues Bandeira que foi deputado ás Côrtes de Lisbôa como representante da Provincia da Bahia; 3 pratos antigos de Macau, do Hindostão e do Japão; 1 copo de crystal antiquissimo; 6 cartões de visita desenhados á mão; 1 banco antigo, com obra de talha e pertencente ao Deputado Pedro Bandeira.

Aurino Augusto Pereiras—Uma medalha commemorativa das bodas de ouro de S. S. Leão XIII—1838-1888; 1 medalha de bronze gravada em 1894 por occasião da exposição Agricola; 1 medalha de bronze em homenagem ao principe Maximiliano I em 1822; uma medalha commemorativa do Concilio Ecumenico de Roma de 1869 a

1870, sendo Papa Pio IX; uma medalha com a effigie de Maria Immaculada gravada em 1854.

Dr. Ruy Penalva de Faria:—1 quadro emmoldurado contendo o n. 32 do jornal "O Commercio" de Ilhéos, em setim, com uma homenagem do Dr. Severino Vieira.

Almirante Caio Pinheiro de Vasconcellos:—Retrato em ampliação photographica do Visconde de Monserrate.

Dr. Francisco Liberato de Mattos:—Varios documentos para o archivo.

Antonio Manso:—1 medalha commemorativa da jornada de Carovy, a 10 de Agosto de 1894, tendo a effigie do chefe revoltoso Gumercindo Saraiva.

Lindolpho Lellis:—Poemeto em manuscripto de 1804, feito em Villa Rica (Ouro Preto) por um official da tropa paga, discrevendo em quadras simples a flora e a fauna do Brasil.

D. Elisa Brasilia Teixeira:—1 commenda da Ordem Rosa, pertencente a um dos seus antepassados.

D. Elisa Pereira:—2 moedas brasileiras, de cobre; 1 imagem de Chisto, em marfim.

Major João J. de Souza Guimarães:—1 escudo de bronze com as armas do Imperio.

Dr. Frederico Bandeira:—1 grande chave, de casa forte, de um de seus antepassados; annuncios de espectaculos, em sêda, do anno de 1847.

Dr. Caio Moura:—14 flexas indigenas; 3 arcos enfeitados; 1 tacapé enfeitado de pennas; 1 bastão de commando, tambem enfeitado; 2 lanças de guerra com pennas e pontas de osso; 5 bellos cocâres; utensilios estes vindos das margens do Araguaya.

Dr. Alexandre Pedreira de Cerqueira:—1 carta individual de alimentação que lhe foi entregue em Paris, quando lá esteve, fazendo parte da missão medica brasileira, durante a guerra de 1914-1918.

Familia do Visconde de Monserrate:—1 riquissima coroa de ouro que pertenceu ao Visconde de Monserrate e lhe foi offerecida em homenagem a sua justiça immaculada.

Dr. Alexandre Porphirio Sampaio:—1 nota recolhida de 100\$000.

Empresa do Imparcial (da Bahia):—1 grande quadro a oleo do pintor italiano De-Servi representando o Barão do Rio Branco, em seu leito de morte.

Associação dos Empregados no Commercio da Bahia:—Acta da inauguração da estatua do Barão do Rio Branco, construida pela mesma associação, no Largo de S. Pedro, Cidade do Salvador, e inaugurada aos 13 de Maio de 1919.

Engenheiro Appollinario Frot:—1 santo africano.

Marechal Saturnino Ribeiro:—2 medalhas da campanha do Paraguay e do Uruguay.

Manoel Rodrigues:—Uma caneta feita de varias madeiras nacionaes, embutidas umas nas outras; obra do Paraná.

Coronel Arthur Athayde:—Varios objectos de candomblé de caboclo, variante do culto fetchista dos negros, isto é, arcos, rosarios, talhas, moringues, feitiços, pedras, roupas, enfeites de pennas de varias qualidades, orações escriptas, etc., etc.

Dr. José Wanderley de Araujo Pinho:—1 retrato do Dr. Cypriano Barbosa Bettamio, medico bahiano que se distinguio e morreu na epidemia do cholera em 1856, em Santo Amaro.

Dr. Francisco Lopes da Silva Lima:—58 moedas de cobre, nacionaes e estrangeiras; 12 moedas de prata estrangeiras; 1 nota falsa de 500\$000; 1 photographia da Bahia em 1624; 1 autographo do Dr. Silva Lima.

Dr. João da Costa Pinto Dantas:—Bala, isto é, uma granada de canhão Krupp, calibre 8, tiro lento.

Dr. João Pedro Cardoso (de S. Paulo):—Uma bandeira de S. Paulo, em algodão.

Major Julio Augusto de Mello:—Uma medalha da Independencia que foi conferida a seu pae o Major Angelo Simão da Silva, um dos heróes de 1823, por D. Pedro I. Esta medalha tem os seguintes dizeres: *P. I. Restauração da Bahia,—1823.* E' de ouro e prata, tendo pendente uma fita verde e amarella.

Visconde de Oliveira:—Um fardão de Veador da Imperatriz e um espadim, que foram do Sr. Pedro Antonio Calmon de Siqueira, e mais uma libré do lacaio do mesmo Veador.

Dr. Clovis Spinola:—em nome do Dr. Caio Spinola, seu irmão, membro da Comissão Rondon, fallecido na cachoeira de Monte Christo, no rio Jamary, quando vinha para a Bahia e tinha o intento de offerecer ao Instituto os mesmos objectos seguintes: 9 collares de

dentes e sementes indigenas, 1 collar de dente do comprimento de 3 metros e 40 centimetros, 5 ornatos diversos, um dos quaes é um diadema feito de pennas coloridas e outro é um adereço para dança. •

Arthur Ramos Costa:—2 moedas brasileiras de cobre e muito antigas.

Dr. José Carlos de Moscoso Bandeira:—1 moeda de prata de Portugal, 1 moeda de prata do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, de 1815, e valor de 960 réis.

Dr. Manoel Augusto Pirajá da Silva:—Uma colleção de 37 photographias da zona entre Propriá e Cachoeira de Paulo Affonso, tirada n'uma excursão scientifica realizada em Junho de 1919, em companhia do seu filho academico Paulo Pirajá da Silva e do Revmo. Padre Jesuida Camillo Torrend; 4 objectos de barro fabricados em Pranhas, rudimentos da ceramica desta cidade alagoana; 1 pedra de arapuá que é empregada na pescaria de ipueiras e lagos ou poços de rios; 2 fragmentos de ossos prehistoricos encontrados nos arredores da cachoeira de Paulo Affonso.

Dr. Antonio Bensabath:—4 notas de papel moeda da Republica Argentina e 1 moeda de cobre nacional.

Dr. Virgilio Reis:—1 arco indigena, 6 flechas, 3 cachimbos de pedra, objectos dos indios do Sul da Bahia.

Dr. Silio Boccanera:—Varios documentos autographos relativos ao Conservatorio Dramatico, entre os quaes cartas com as assignaturas de Bellarmino Barretto, Amaral Tavares e outros.

Dr. Antonio Pereira Moacyr:—12 notas de papel moeda recolhida.

919 *Affonso Costa*:—Uma igacaba para adulto, completa, com operculo ou tampa, contendo restos de uma ossada humana, encontrada na Cidade de Ilhéos n'uma escavação feita para alicerces de um predio na rua Santos Dumont. Esta urna funeraria é provavelmente dos indios Camacans, primitivos dominadores desta zona, conhecidos como muitos bons oleiros.

CADASTRO SOCIAL

EM 1 DE NOVEMBRO DE 1919

SOCIOS EFFECTIVOS

Contribuintes

Dr. Antonio Pacifico Pereira
Engenheiro Antonio Figueiredo de Souza
Dr. Antonio Garcia Medeiros Netto
Dr. Antonio Borja
Dr. Antonio Mariani Lopes
Padre Antonio de Menezes Lima
Dr. Antonino Baptista dos Anjos
Coronel Antonio Vianna
Antonio Francisco Brandão
Dr. Antonio do Prado Valladares
Dr. Antonio Marques dos Reis
Dr. Augusto Cesar Vianna
Engenheiro Amelio Dias de Moraes
Dr. Ajuricaba Aprigio de Menezes
Dr. Arthur Cesar Rios
Dr. Arthur Lustosa de Aragão
Dr. Adriano dos Reis Gordilho
Affonso Costa
Dr. Alvaro de Britto
Coronel Achilles Benjamin Cardoso
Dr. Augusto Cesar de Oliveira
D. Aurea Anna de Miranda
Dr. Almir Cardoso de Oliveira
Affonso Marques Monteiro
Coronel Arthur Gomes de Carvalho
Coronel Alfredo de Queiroz Monteiro
Padre Arthur Afranio Peixoto
Adhemar de Mello
Dr. Archimedes de Siqueira Gonçalves

Pharmaceutico Americo Jorge da Silva
Dr. Ariston Martinelli
Dr. Aristides Pereira Maltez
Anisio Ramos de Queiroz
Dr. Aurino Augusto Pereira
Dr. Americo Furtado de Simas
Coronel Dr. Alberto Teixeira Ribeiro
Capitão Dr. Augusto dos Santos Moreira
Dr. Alfredo do Couto Britto
Arthur Arezio
Dr. Arthur Palácio
Dr. Aurelio Rodrigues Vianna
Dr. Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque
Coronel Affonso Pedreira de Cerqueira
Alfredo Cardoso da Motta e Silva
Dr. Armando de Campos Pereira
Dr. Alfredo Gonçalves do Amorim
Pharmaceutico Alvaro Pimenta da Cunha
Engenheiro Augusto Maia Bittencourt
Dr. Alvino Pires Argollo
Engenheiro Adolpho Pinto de Vasconcellos
Conego Alberto Christiano Müller
Augusto Seixas Pereira
Dr. Armando Rebello Vieira Lima
Alvaro Augusto Bittencourt Leite
Dr. Alexandre Porphirio de Almeida Sampaio
Conego Appio Pereira da Silva
Pharmaceutico Alberto Rabello
Professor Alfredo Rocha
Anselmo Pires de Albuquerque
Dr. Americo Correia da Silva
Alvaro de Aboim Costa
Dr. Alberto Muyläert
Anisio Massorra
Professor Alberto de Assis
Coronel Antonio Muniz do Amaral
Engenheiro Arthur de Sá Menezes
Dr. Accacio Manoel de Campos França
Agretencio Pinto de Andrade
Antonio Jorge Franco
Dr. Bernardino Mafureira de Pinho
Dr. Bellarmino Passos da Costa
Dr. Braulio Xavier da Silva Pereira

Dr. Carlos Chenaud
Dr. Clodoaldo de Andrade
Dr. Candida Cesar da Silva Leão
Major Cincinato Melchiades
Dr. Caio Octavio Ferreira de Moura
Carlos Amoroso
Almirante Caio Pinheiro de Vasconcellos
Dr. Cleophano Meirelles
Dr. Claudelino Sepulveda
Dr. Cicero Dantas Martins
Padre Camillo Torrend—S. J.
Engenheiro Custodio Ferreira Bandeira
Dr. Clovis Spinola
Almirante Cleto Ladislau de Figueiredo Japiassu
Dr. Clementino Fraga
Coronel Carlos Pinto
Dr. Carlos Levindo de Moura Pereira
Pharmaceutico Domingos Candido de Oliveira
Dr. David Gonçalves Bastos
Dr. Deraldo Dias de Moraes
Dr. Descartes Drummond de Magalhães
Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho
Dr. Durval Gama
Dr. Dulvaltercio Bolivar de Aguiar
Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro
Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho
Coronel Eduardo Dias de Moraes
Dr. Eduardo Diniz Gonçalves
Dr. Eduardo Cesar Rios
Dr. Eduardo Guinle
Dr. Euvaldo Diniz Gonçalves
Dr. Egas Muniz Barretto de Aragão
Eduardo José Fernandes
Coronel Eudoro Tude de Souza
Coronel Epiphanyo Fernandes de Souza
Ezequiel Baptista da Silva
D. Elisa Pereira
Professor Elias de Figueiredo Nazareth
Dr. Ezequiel Pondé
Conego Elpidio Ferreira Tapyranga
Dr. Eduardo Vidal da Cunha
Dr. Eugenio Teixeira Leal
Dr. Ernesto Simões Filho

Dr. Ernesto Sá Bittencourt Camara
Dr. Eduardo Pinto de Vasconcellos
Dr. Eduardo dos Santos Maia
D. Eufrosina Miranda
Eduardo Augusto Camará
Dr. Edgard da Silva Travassos Pitangueira
Dr. Francisco Alexandre de Souza
Dr. Francisco Prisco de Souza Paraizo
Dr. Francisco Cardoso e Silva
Francisco Ferraro
Dr. Francisco de Assis Barros
Francisco José Rodrigues Pedreira
Dr. Francisco da Luz Carrascosa
Francisco Martins Junior
Dr. Fernando Caldas
Professor Francisco Henrique da C. Menezes
Francisco Marques
Engenheiro Francisco Lopes da Silva Lima
Engenheiro Francisco de Souza
Dr. Felipe Wanderley de Araujo Pinho
Dr. Frederico de Castro Rebello
Dr. Fernando Kock
Dr. Francisco Gomes de Oliveira
Monsenhor Dr. Flaviano Osorio Pimentel
Cirurgião-Dentista Fernando Reginaldo Teixeira
Dr. Francisco Gonzalez Montes de Oca
Dr. Fernando S. Paulo
Dr. Fernando Luz
Engenheiro Genesio Sampaio Neves
Dr. Guilherme Guinle
Dr. Gothardo Correia de Araujo Junior
Dr. Guilherme Lassance Marback
Dr. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão
Dr. Genesio Salles
Dr. Guilherme Muniz Barretto
Dr. Genesio Silva
Dr. Gonçalo Porto de Souza
Henrique Cancio
Dr. Homero Pires
Coronel Heron Augusto Mendes
Dr. Hermano de Sant,Anna
Engenheiro Helvecio Carneiro Ribeiro
Dr. Isaias Alves

Illidio Fortuna

Conego Ildefonso Nunes de Oliveira

Coronel Ignacio Paschoal Bastos

Dr. Josué Barretto de Almeida

Dr. José Nivaldo Allione

Dr. João da Costa Pinto Dantas

Coronel José Abraham Cohim

Dr. José Adeodato de Souza

José Augusto Ventim

Dr. João Pacheco de Oliveira

Dr. João Pedro dos Santos

Dr. João Americo Garcez Fróes

Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira

Dr. João Marques dos Reis

João Gama

Dr. João Martins da Silva

Dr. João Gonçalves Tourinho

Dr. João Noronha Santos

Dr. João Pondé

João Pires de Carvalho

Dr. João Ferreira de Araujo Pinho Junior

Dr. João Florencio Gomes

Padre João de Barros

Dr. João Ferreira Canna Brasil

Coronel Joaquim Carneiro de Campos

Dr. Joaquim Celso Moreira Spinola

Dr. José Olympio da Silva

Dr. José Rodrigues Mauricio

Dr. Joaquim Licinio de Souza Almeida

Dr. Joaquim Arthur Pedreira Franco

Dr. José Sabino Pereira Filho

Monsenhor Dr. José Basilio Pereira

Dr. José Gonçalves de Castro Cincurá

Dr. Joaquim Fabricio de Barros

José Teixeira de Barros

Dr. José Gabriel de Lemos Britto

Dr. José Carlos Junqueira Ayres

Dr. João da Rocha Ferreira Bastos

Dr. Joaquim da Silva Peixoto

Dr. José Botelho Benjamin

Dr. José Wanderley de Araujo Pinho

Dr. José de Aguiar Costa Pinto

Dr. José Pondé

Dr. José Pereira de Almeida
Dr. José Marques dos Reis Junior
Dr. José Fernandes Dias
Dr. João Antonio da Costa Dorea
Engenheiro Tenente José Bina Fonyat
José de Mesquita Serva
Julio Janot
Dr. José Rosendo da Silva
Jonas Hortelio da Silva
Monsenhor João Gonçalves da Cruz
Engenheiro Justino da Silveira Franca
Coronel João Paulo da Silva Carneiro
Dr. Julio Sergio Palma
Bacharel João Luiz Pimenta
João Moreira de Pinho
Dr. João Paulo de Mello Barretto Filho
Dr. Luiz Anselmo da Fonseca
Luiz Americo
Dr. Landulpho Caribé de Araujo Pinho
Dr. Leoncio Pinto
Conego Luiz Pinto Bastos
Luiz Lucas da Costa
Tenente Dr. Manoel Alexandrino da Luz
Dr. Mario Peixoto
Manoel Affonso da Cruz
Desembargador Manoel Jeronimo Gonçalves
Dr. Manoel Carlos Devoto
Coronel Manoel Duarte de Oliveira
Coronel Manoel Gonçalves da Costa Drummond
Manoel Rodrigues Pedreira
Manoel Dias da Silva
Manoel Jorge Dantas
Dr. Manoel Augusto Pirajá da Silva
Dr. Manoel Freire dos Santos
Dr. Martagão Gesteira
D. Maria Luiza de Souza Alves
Dr. Mario Andréa dos Santos
Conego Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas
Dr. Mario Pio Guimarães Tourinho
Coronel Manoel Geminiano dos Santos Vieira
Engenheiro Manoel Pedro Monteiro Tapajoz
Dr. Manoel Luiz Vieira Lima
Dr. Mario Torres

Dr. Maximiliano Machado
Manoel Conde Machado
Naylor Bastos Villas Bôas
Oscar Hermogens Palmeira
Dr. Octaviano Muniz Barretto
Dr. Odorico Octavio Odilon
Dr. Octaviano Rodrigues Pimenta
Dr. Octavio Accioly de Aguiar
Dr. Oscar Tantú
Dr. Odilon Machado de Araujo
Dr. Octavio de Castro Simões
Dr. Pedro Leal de Carvalho
Plinio Tude de Souza
Dr. Pedro Julio Barbuda
Dr. Pedro Joaquim dos Santos
Dr. Pedro Augusto de Mello
Dr. Ponciano Ferreira de Oliveira
Dr. Pamphilo Dutra Freire de Carvalho
Dr. Pedro Bastos de Seixas
Dr. Rogerio Gordilho de Faria
Pharmaceutico Rodolpho de Araujo Dorea
Dr Ruy Penalva de Faria
Professor Roberto Correia
Coronel Ricardo Teixeira da Silva Machado
Cirurgião-Dentista Sebastião de Queiroz Couto
Silio Boccanera Junior
Satyro Aquilino de Figuerôa
Engenheiro Themistocles de Menezes
Dr. Theotonio Martins de Almeida
Engenheiro Thyrso Simões de Paiva
Coronel Tancredo Pereira de Almeida
Engenheiro Tito Vespasiano A. C. Pires
Trajano Dias
Dr. Ulbaldino Gonzaga
Dr. Virgilio de Lemos
Dr. Vital Baptista Soares
Dr. Vital Cardoso do Rego
Wanderlino Nogueira
Zacharias da Nova Monteiro

Remidos

Dr. Americo Pinto Barretto
Agnello de Carvalho Britto

Coronel Aloysio L. de Carvalho
Dr. Antonio Augusto Machado
Dr. Angelo dos Santos Moreira
Antonio José Gonçalves Neves
Commendador Antonio da Costa Lino
Dr. Antonio Arthur Pereira França
Antonio Manso
Dr. Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque
Antonio Lopes Figueira
Alberto Martins Catharino
Bernardo Martins Catharino
Bernardo Martins Catharino Junior
Claudio Vieira dos Santos
Dr. Carlos Martins Vianna Junior
Domingos Silvino Marques
Pharmaceutico Durval Cardoso e Silva
Dr. Eduardo Espinola
Dr. Epaminondas Berbert de Castro
Dr. Epaminondas Santos Torres
Dr. Frederico Pontes
Dr. Francisco Marques de Góes Calmon
Dr. Fructuoso Pinto Rigaud
Coronel Francisco Magno Baptista
Coronel Frederico Rodrigues da Costa
Francisco José da Silva Fortuna
Dr. Guilherme d'Utra Guimarães
D. Henriqueta Martins Catharino
Coronel Henrique Alves dos Reis
Joaquim Pereira de Souza
Almirante Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos
Joaquim José Pinto Moreira
Engenheiro João Pimenta Bastos
Dr. José Pires do Rio
Dr. José Rodrigues da Costa Dorea
Coronel João Pedreira
Dr. José Baptista Pereira Marques
José Pereira Soares
José Baptista das Neves
José Canuto dos Passos
Coronel João da Silva Miranda
Coronel José Antonio da Silva Costa
Coronel João Audiface da Silva Freire
D. Marietta Gonçalves do Passo Cunha

Coronel Lourenço Costa
 Dr. Mario de Souza Dantas
 Dr. Manoel Luiz do Rego
 Coronel Manoel Ribeiro Pinto
 Coronel Manoel Joaquim de Carvalho
 Coronel Manoel Misael da Silva Tavares
 Coronel Miguel José Alves Dias
 Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida
 Dr. Olympeio Matheus dos Santos
 Coronel Otto Bittencourt
 Dr. Octavio Torres
 Conselheiro Pedro Mariani
 Dr. Pedro Vergne de Abreu
 Dr. Pedro Velloso de Lima Gordilho
 Coronel Ramiro Ildefonso de Araujo Castro
 Raul da Costa Lino
 Dr. Sebastião Cardoso
 Coronel Trajano Candido Rodrigues
 Themistocles da Rocha Costa
 Dr. Thomaz Guerreiro de Castro
 Dr. Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque
 Coronel Vicente Ferreira Lins do Amaral

SOCIOS HONORARIOS

Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha—Bahia
 Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha—Bahia
 Dr. Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque—Rio
 Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis—Bahia
 Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida—Bahia
 Major Achilles Pedreira Machado—Bahia
 Dr. Braz Hermenegildo do Amaral—Bahia
 Dr. Bernardino José de Souza—Bahia
 Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos—Bahia
 Dr. Isaías de Carvalho Santos—Bahia
 Padre Luiz Gonzaga Cabral, S. J.—Bahia
 Coronel Candido Mariano da Silva Rondon—Rio
 D. Jeronymo Thomé da Silva (Arcebispo da Bahia)
 Dr. Joaquim dos Reis Magalhães—Bahia
 Dr. Joaquim Pires Muniz de Carvalho—Bahia
 Principe D. Luiz de Saboia (Duque dos Abruzzos)—
 Italia
 Conselheiro Luiz Vianna—Bahia

Dr. D. Manoel Enrique de Araujo—Guatemala
 Professor Manoel Querino—Bahia
 D. Maria Elisa Valente M. de Aragão—Bahia
 Dr. Max Fleiuss—Rio
 Rogociano Pires Teixeira—Rio
 Dr. Theodoro Sampaio—Bahia

PRESIDENTES HONORARIOS

Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque
 Conselheiro Ruy Barbosa

SOCIO BENEMERITO

Commendador Luiz José Fernandes (Portugal)

SOCIOS CORRESPONDENTES

Anatolio Valladares—Rio
 Engenheiro Annibal Revault de Figueiredo—Rio
 Engenheiro Adolpho Morales de los Rios—Rio
 Dr. Antonio Rodrigues Lima—Rio
 Desembargador Augusto Borburema—Pará
 Engenheiro Aristides Galvão de Queiroz—Valença
 Engenheiro Apollinario Frot—Bahia
 Dr. Alcides Torres—S. Paulo
 Coronel Antonio Pessôa da Costa e Silva—Bahia
 Dr. Augusto Flavio Gomes Villaza—Bahia
 Dr. Arlindo Fragoso—Rio
 Conde Angelo de Gubernatis—Italia
 Commendador Antonio Padula—Italia
 Dr. D. Adolpho León Gómez—Colombia
 Professor Agnello Bittencourt—Amazonas
 D. S. Aybar y Nunez—S. Domingos
 Engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel—Rio
 Engenheiro Augusto Frederico de Lacerda—Rio
 Alberto dos Santos Dumont—Rio
 Alberto Ferreira Rodrigues—Rio Grande do Sul
 Dr. Antonio Augusto de Lima—Minas Geraes
 Dr. Alfredo Antonio de Andrade—Rio
 Dr. Antonio Barretto Prager—Bahia
 Dr. Antonio Carlos Simoens da Silva—Rio
 Dr. Antonio Olyntho Santos Pires—Rio

- Dr. Arthur da Costa Pinto—Bahia
 Dr. Antonio Baptista Barbosa Godois—Maranhão
 Dr. Annibal Amorim—Rio
 Dr. Agenor Augusto de Miranda—Piauhy
 Capitão de Fragata Antonio Alves Ferreira da Silva
 —Rio
 Dr. Alpheu Diniz Gonçalves—Rio
 Dr. Basilio de Magalhães—Rio
 Barão de Studart—Ceará
 Baião do Assú da Torre—Bahia
 Dr. Carlos Francisco Gonçalves—Espírito Santo
 Candido Vieira Costa—Amazonas
 Cristovam Ayres—Portugal
 Dr. Carlos Reis—S. Paulo
 Engenheiro Candido Lucas Gaffrée—Florianopolis
 Dr. Carlos Arthur da Silva Leitão—Bahia
 Dr. Carlos de Lima Pedreira—Bahia
 Padre Carlos Tehauer—Rio Grande do Sul
 Dr. Deocleciano Pires Teixeira—Bahia
 Dr. Domingos da Rocha Vianna—Minas Geraes
 Engenheiro Demetrio Ignacio Pires de Araujo—Bahia
 Dr. David Ricardo—Venezuela
 Dr. Deocleciano Ramos—Rio
 Dr. Eduardo de Caldas Britto—Rio
 Dr. Eric Boman—Argentina
 Dr. Elpidio Pereira de Mesquita—Rio
 Eugenio de Castro—Portugal
 Eduardo Rigaud—Bahia
 Dr. Eutychio Leal—Rio
 Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa—Recife
 Dr. Francisco Caribé da Rocha—Pará
 Dr. Francisco de Moraes Correia—Piauhy
 Dr. Francisco Puga Borne—Chile
 Capitão-tenente Frederico Villar—Rio
 General Dr. José Gabriel Pereira Botafogo—Rio
 Dr. Goran Bjorckmann—Suecia
 Professor Gaspar Regueira Costa—Pernambuco
 General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo—Rio
 H. Coelho Netto—Rio
 Hermann von Ihering—S. Paulo
 Almirante Henrique Boiteux—Rio
 Coronel Dr. Ivo do Prado
 Dr. Ignacio Baptista de Moura—Pará

Commendador João Augusto Neiva—Rio
 João Baptista Perdigão de Oliveira—Ceará
 Dr. John Gasper Branner—E. U. A.—California
 Dr. João Brigido dos Santos—Ceará
 Dr. João Lyra Tavares—Parahyba
 Dr. João Marques de Sant'Anna—Bahia
 Dr. João Pedro Cardoso—S. Paulo
 Dr. Joaquim Augusto Tanajura—Amazonas
 Dr. Joaquim Venancio de Castro—Bahia
 Coronel José Antonio Rodrigues Lima—Bahia
 João José Biedma—Argentina
 Dr. José Joaquim Seabra—Rio
 Dr. José Raymundo Telles de Menezes—Minas Geraes
 Engenheiro José Feliciano da Rocha—Pernambuco
 Dr. Francisco da Rocha Pombo—Rio
 Dr. José Pires Falcão Brandão—Rio
 Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira—Chile
 Dr. José Carlos Rodrigues—Rio
 Dr. José Boiteux—Santa Catharina
 Dr. José Basilio da Rocha—Bahia
 Dr. José Augusto de Seixas Pereira—S. Paulo
 Dr. José Bonifacio de Andrade e Silva—Minas
 Dr. José Clemente Soto—Argentina
 Dr. José Caieiro da Motta—Portugal-Coimbra
 Dr. Juliano Moreira—Rio
 Dr. Jacob Sarrain—Argentina
 Dr. Julio Afranio Peixoto—Rio
 Coronel Luiz Meirelles Vianna—Bahia
 Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto—S. Catharina
 Dr. Luiz Carlos de Lima Pereira—Rio
 Desembargador Licinio Alfredo da Silva—Rio
 General Dr. Landaeta y Rosales—Venezuela
 D. Leonardo Bazzano—Argentina
 Professor Leo Zenthner—Bahia
 Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria—Rio
 D. Manoel Gomes—Arcebispo do Ceará
 Dr. Luiz José da Costa Filho—Sergipe
 Dr. Lehman Nitzich—Argentina
 Cons. Manoel da Cunha Lopes Vasconcellos—Bahia
 Dr. Manoel de Oliveira Lima—Pernambuco
 Dr. Manoel Caldas Barretto Netto—Sergipe
 Dr. Manoel Dantas—Rio Grande do Norte
 D. Maria Amalia Vaz de Carvalho—Portugal

Dr. Mauricio Wanderley de Araujo Pinho—Monte-
vidéo

Mucio da Paixão—Rio

Frei Mathias Teves—Bahia

Professor Mariano de Oliveira—S. Paulo-S. Carlos

Dr. Mario Melo—Pernambuco

Moysés S. Bertoni—Paraguay

Dr. Nelson de Senna—Minas Geraes

Dr. Nestor dos Santos Lima—Rio Grande do Norte

Dr. Octaviano Suzart—Pará

Dr. Oscar Freire—S. Paulo

Professor Olympio de Menezes—Amazonas

Dr. Primitivo Moacyr—Rio

Dr. Pedro Escurra—Argentina

Paulo Brunette—França

Phileas Lebesgue—Paris

Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcante—Pernambuco

Dr. Pedro Francisco Rodrigues do Lago—Rio

Dr. Quintiliano Francellino da Silva—Bahia

Dr. Rodolpho Carranza—Argentina

Dr. Roquette Pinto—Rio

Dr. Raul Alves de Souza—Bahia

Coronel Raymundo C. Alves da Cunha—Pará

Dr. Severo Bomfim—Rio

Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão—Rio

Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil—Ceará

Dr. Theophilo Rodrigues—Venezuela

Tancredo de Barros Paiva—Rio

Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira—Pará

Viscondessa de Cavalcante—França



INDICE

ASSUMPTOS	Pgs.
O Brasil Religioso—Continuação do N. 45. Memoria do Revmo. Padre Fernando Pinto de Macedo, com 16 figuras no texto.....	1
Homenagem do Instituto Geographico e Histórico ao Visconde de Monserrate—Conferencia do Dr. Theodoro Sampaio.....	119
Notas de viagem atravez dos sertões do Nordeste de Goyaz e Noroeste da Bahia com um croquis da mesma região, pelo Eng ^o . Apollinario Frot.....	148
A Bahia e seus historiadores. (Sem commentarios) por Silio Boccanera.....	153
Chorographia do Municipio do Morro do Chapéo pelo Prof. Antonio Gabriel de Oliveira.....	165
1 ^o Centenario do nascimento do Visconde do Rio Branco: Discurso do Dr. João Marques dos Reis.....	173
Sessão Magna Anniversaria de 3 de Maio de 1919. Discurso do Dr. Theodoro Sampaio.....	179
Sessão Magna Anniversaria de 3 de Maio de 1919. Relatorio das principaes occurrencias da vida do Instituto de 3 de Maio de 1918 a 3 de Maio de 1919, apresentado pelo Primeiro Secretario Perpetuo Dr. Bernardino José de Souza.....	193
Tremores de terra no reconcavo da Bahia de Todos os Santos: memoria lida no Instituto pelo Dr. Theodoro Sampaio.....	211
Sesmarias de bahianos: communicação do Eng ^o . Palma Muniz.....	223
A figura symbolica da Bahia no monumento commemorativo do 1 ^o Centenario da Independencia Nacional em 1922—Parecer do Instituto.....	227
Candomblé de caboclo: notas do Prof. Manoel Queirino.....	235
Chorographia do Municipio de Maragogipe pelo Dr. Joakim Gonzalves.....	237
Ultimas emprezas da Commissão Rondon em Matto Grosso: communicado do General Candido Mariano da Silva Rondon.....	243

ASSUMPTOS

Pgs.

A' Memoria de Euclides da Cunha no decimo anniversario de sua morte: discurso do Dr. Theodoro Sampaio.....	247
Em torno da vida de Euclides da Cunha: communicacão feita ao Instituto pelo Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha a respeito da exploracão do rio Purús, com 7 figuras no texto.....	255
O culto das pedras verdes entre os amerindios do Brasil: communicacão do Revmo. Padre Camillo Torrend, com duas figuras.....	265
Parecer acerca do projecto de legenda uniforme para mappas archeologicos da Republica Argentina e da America do Sul em geral, apresentado ao Instituto pelo Dr. Theodoro Sampaio.....	277
Lista das Offertas feitas ao Instituto de Outubro de 1918 a 30 de Setembro de 1919....	281
Cadastro Social em 1 de Novembro de 1919.....	287

Indice das gravuras

Armas da Ordem Monastica de S. Bento.....	1
« « « Carmelitana.....	19
« « « dos Carmelitas Descalços.....	35
« « « Terceira do Carmo.....	37
« « « Frades Menores Capuchinhos....	38
« « « Terceira de S. Francisco....	70
« « « de Nossa Senhora das Mercês da Redempção dos Captivos.....	72
« « « da Congregação do Oratorio.....	76, 77
« « « dos Padres Agostinhos Re- collectos.....	82
« « « dos Irmãos Hospitalarios de S. João de Deus.....	89, 93, 94, 98
« « « da Congregação da Missão.....	99
Barracão em Curanja.....	104
Construcção de uma ubá no Purús.....	256
Encontro das duas expedições brasileira e peruana...	257
Naufragio no Purús.....	258
Bocca do rio Chandless.....	259
Bocca do rio Ituxy.....	260
Almoço peruano-brasileiro..	261
Amuleto batsachiforme.....	263
Idem Idem	269
Idem Idem	270



VISCONDE DE MONSERRATE